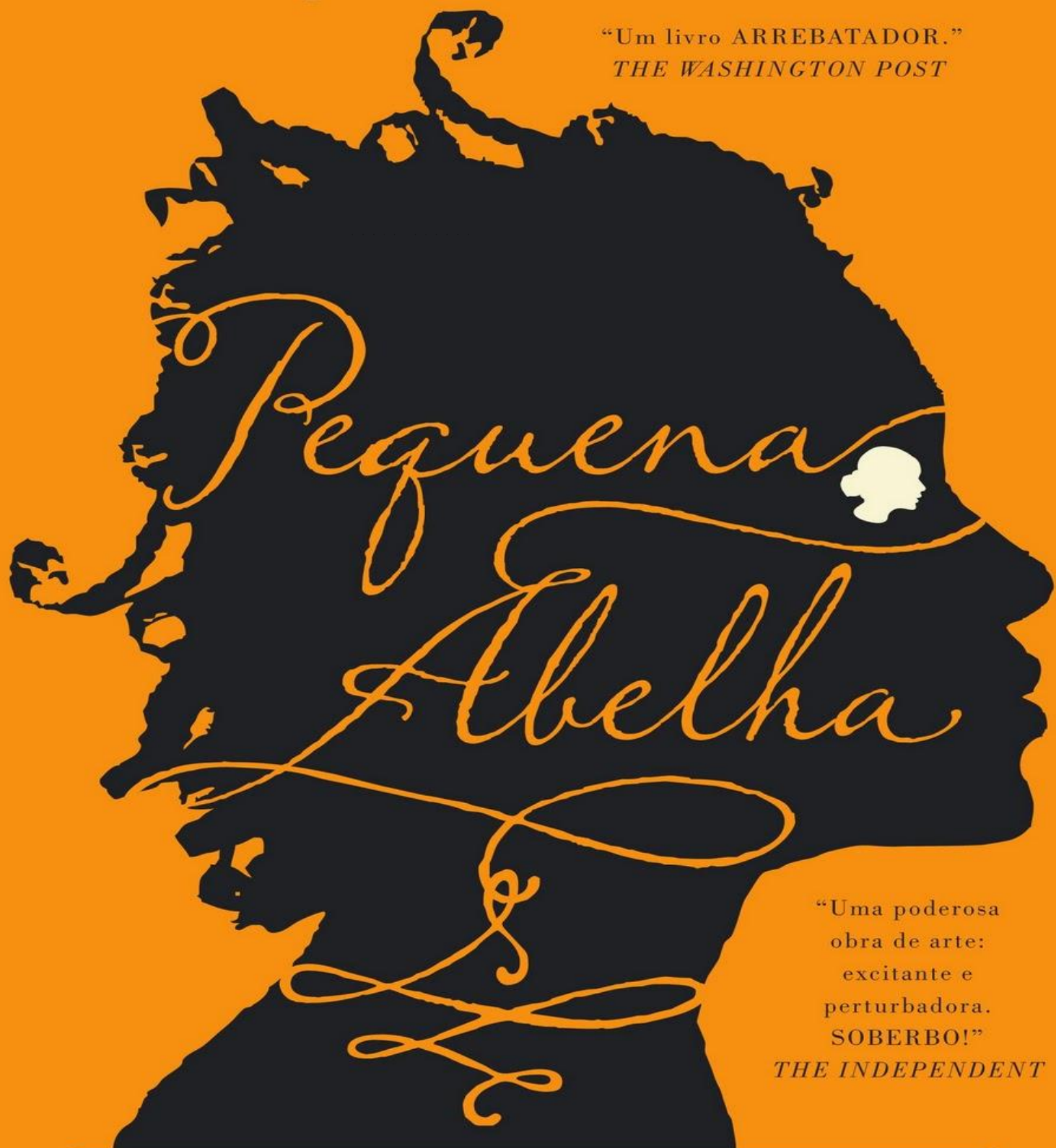
Nº1 no top THE NEW YORK TIMES

CHRIS CLEAVE

Pequena Abelha

CHRIS CLEAVE

Para Joseph

A Grã-Bretanha orgulha-se de sua tradição de proporcionar um abrigo seguro para pessoas que fogem de perseguições e conflitos.

De Vida no Reino Unido: uma jornada para a cidadania
(Ministério do Interior, Reino Unido, 2005)
Se o seu rosto está inchado pelas duras pancadas da vida,
sorria e finja ser um homem gordo.

Provérbio nigeriano

UM

ÀS VEZES EU PENSO que gostaria de ser uma moeda de uma libra esterlina em vez de uma menina africana. Todo mundo ficaria satisfeito ao me ver. Talvez eu fosse à sua casa no fim de semana e então, de repente, como sou muito inconstante, eu iria visitar o homem da loja da esquina — mas você não ficaria triste, porque estaria comendo um pãozinho doce com canela ou tomando uma lata de Coca-Cola gelada, e nunca mais pensaria em mim. Seríamos felizes, como amantes que se encontram num feriado e depois esquecem os nomes um do outro.

Uma moeda de uma libra pode ir aonde achar que vai ser mais seguro. Pode atravessar desertos e oceanos e deixar para trás o som dos tiroteios e o cheiro acre dos telhados de sapé queimando. Quando se sente aquecida e segura, vira-se para você e sorri, do jeito que minha irmã mais velha Nkiruka costumava sorrir para os homens de nossa aldeia naquele curto verão depois de ela ter virado moça mas antes de realmente se tornar uma mulher, e certamente antes da noite em que minha mãe a levou para um canto sossegado a fim de ter uma conversa séria com ela.

Claro que uma moeda de uma libra também pode ser uma coisa séria. Pode se disfarçar de poder, de propriedade, e não há nada mais sério do que uma moça com essas duas coisas. Você pode tentar pegar a libra e prendê-la dentro de seu bolso, de modo que ela só possa chegar a um país seguro, se levá-la junto. Mas uma libra sabe todos os truques, como um feiticeiro. Quando perseguida, já a vi estender sua cauda igual a um lagarto, de modo que você fica somente com pence na mão. E quando finalmente você vai pegá-la, a moeda britânica pode realizar a maior mágica de todas, que é se transformar não em uma, mas em duas cédulas idênticas de dólar americano. Seus dedos, então, vão segurar o ar, o vazio, estou lhe dizendo.

Eu adoraria ser uma libra esterlina. Uma libra pode viajar livremente para a segurança, e nós podemos assistir, também com liberdade, à sua viagem. Esse é o triunfo da humanidade. Chama-se globalização. Uma menina como eu é barrada na imigração, mas uma libra pode saltar por cima das roletas e se esquivar dos aparelhos daqueles homens grandalhões de uniforme com quepe e entrar direto num táxi de aeroporto que esteja à espera. Para onde, senhor? Para a civilização ocidental, meu amigo, e ligeiro.

Estão vendo como uma moeda de uma libra fala direitinho? Ela fala com a voz da Rainha Elizabeth Segunda da Inglaterra. O rosto da rainha está gravado na moeda e às vezes, quando olho bem de perto, vejo os lábios dela se mexendo. O que ela está dizendo? *Largue-me agora mesmo, mocinha, ou vou chamar meus seguranças.*

Se a rainha falasse com você assim com essa voz, acha que seria possível desobedecer? Li que as pessoas perto dela — até reis e primeiros-ministros — sentem seus corpos obedecendo às ordens que ela dá antes mesmo que os cérebros consigam sequer pensar num motivo para não o fazer. E vou lhes dizer uma coisa: isso não acontece por causa da coroa e do cetro. Eu poderia espetar uma tiara na minha carapinha curta e segurar um cetro do mesmo jeito que ela numa das mãos e ainda assim os policiais viriam andando na minha direção com seus sapatões e diriam: *Gostei muito do visual, madame, mas agora vamos dar uma espiada na sua carteira de*

identidade, certo? Não, não são a coroa e o cetro da rainha que mandam na sua terra. São a gramática e a voz dela. É por isso que as pessoas querem falar como ela. Para que se possa dizer ao policial, com uma voz tão clara quanto o diamante Cullinan: Ponha-se no seu lugar! Como se atreve a falar assim comigo?

Só estou viva porque aprendi a falar o Inglês da Rainha, o *Queen's English.* Talvez você pense que, afinal, não é tão difícil assim. O inglês é o idioma oficial do meu país, a Nigéria. De fato, mas o problema é que na minha terra falamos inglês muito melhor do que vocês. Para falar o Inglês da Rainha, tive de esquecer todos os melhores truques da minha língua natal. Por exemplo, a rainha jamais diria: *Foi uma encrenca danada, aquela garota se rebolou para agarrar meu filho mais velho, e dava para qualquer um adivinhar que ela ia se dar mal.* Não, a rainha teria falado assim: Minha falecida nora usou seus encantos femininos para ficar noiva de meu herdeiro, e era de se prever que isso não acabaria bem. É meio triste, não acha? Aprender o Inglês da Rainha é como tirar o esmalte vermelhão das unhas dos pés na manhã seguinte a um baile. Leva um tempo enorme, sempre fica um pouco nos cantos e, quando a unha cresce, a mancha vermelha faz lembrar como a gente se divertiu naquela noite. Portanto, você pode deduzir que demorei um bocado para aprender. Por outro lado, tive tempo de sobra. Aprendi sua língua num centro de detenção de imigrantes em Essex, no sudoeste do Reino Unido. Fiquei trancada lá dois anos. Tempo era tudo o que eu tinha.

Mas por que me dei todo esse trabalho? Algumas das garotas mais velhas me explicaram por quê: para sobreviver, você tem de ter boa aparência e falar melhor ainda. As moças sem graça e caladas, parece que a papelada delas nunca está em ordem. Vocês dizem: elas foram repatriadas. Nós dizemos: foram despachadas logo. Como se o seu país fosse uma festinha infantil — algo bom demais para durar para sempre. Mas as bonitinhas e falantes, nós ficamos. Dessa maneira, seu país se torna mais animado e mais bonito.

Vou contar o que aconteceu quando me deixaram sair do centro de detenção de imigrantes. O funcionário do centro pôs um vale em minha mão, um vale-transporte, e disse que eu poderia telefonar para chamar um táxi. Eu respondi: *Agradecida, senhor, que Deus permaneça em sua vida, trazendo alegria ao seu coração e prosperidade a seus entes queridos.* O funcionário olhou fixamente para o teto, como se houvesse algo de muito interessante lá em cima, e disse: *Jesus*… Depois, apontou com o dedo para o fim do corredor e disse: *O telefone é ali.*

Então, entrei na fila para telefonar. E pensei no meu íntimo, exagerei para agradecer àquele funcionário do centro de detenção. A rainha teria dito simplesmente Obrigada, e só. Na realidade, a rainha teria dito ao funcionário para ele próprio chamar a droga do táxi, ou teria mandado fuzilá-lo e depois separar a cabeça dele do tronco para ser exibida nas grades em frente à Torre de Londres. Percebi ali mesmo que uma coisa era aprender o Inglês da Rainha em livros e jornais em minha cela, outra bem diferente era falar a língua de verdade com os ingleses. Fiquei zangada comigo mesma. E pensei: Você não pode se dar ao luxo de sair por aí cometendo erros como esse, garota. Se falar como uma selvagem que aprendeu inglês no navio, os homens vão descobri-la e mandá-la direto para casa. Foi o que fiquei pensando.

Havia três moças na minha frente, na fila. Fomos soltas no mesmo dia. Era uma sexta-feira. Uma manhã de sol claro em maio. O corredor estava sujo mas cheirava a limpo. É um bom truque. Usam água sanitária, é assim que fazem.

O funcionário do centro de detenção estava sentado atrás de sua mesa. Não estava prestando atenção em nós, as moças. Lia um jornal. O jornal estava aberto em cima da mesa. Não era um dos jornais nos quais aprendi a falar a sua língua — The Times, o Telegraph ou o Guardian. Não, esse jornal não era para gente como você e eu. Havia uma moça branca numa foto do jornal e ela estava de topless. Vocês sabem o que quero dizer com isso porque é a sua língua que estamos falando. Mas se eu estivesse

contando essa história para minha irmã mais velha Nkiruka e para as outras moças da minha aldeia, lá na minha terra, então eu teria de parar nesse ponto para explicar a elas: topless não quer dizer que a moça do jornal não tinha a parte de cima do corpo. Quer dizer que ela não estava usando nada na parte de cima do corpo. Entenderam a diferença?

— Espere aí. Nem um sutiã?

— Nem um sutiã.

— Uau!

Então eu recomeçaria a contar a minha história, mas as moças da minha terra iriam cochichar umas com as outras. Dariam risadinhas escondendo a boca com as mãos. Então, quando eu recomeçasse a contar a história da manhã em que me liberaram do centro de detenção, elas me interromperiam novamente. Nkiruka diria:

— Espere aí, espere. Para a gente poder entender. Essa moça aí no jornal. Era uma prostituta, não era? Uma dessas que batalham à noite? Estava olhando para o chão, de tanta vergonha?

— Não, não estava olhando para o chão, com vergonha. Estava olhando direto para a câmera e sorrindo.

— O quê, no jornal, assim?

— É.

— Então, não é feio, na Grã-Bretanha, aparecer no jornal com os peitos de fora?

— Não, não é feio. Os homens gostam e não é vergonha nenhuma. Ou as moças de topless não ficariam sorrindo daquele jeito, não é?

— Quer dizer que todas as moças lá mostram os peitos assim? Andam de um lado para o outro com os peitos balançando? Na igreja, nas lojas, na rua?

— Não, só no jornal.

— Então, por que elas todas não mostram os seios, já que os homens gostam e não é feio?

— Não sei.

— Você morou naquela terra mais de dois anos, Dona Metida a Besta, como é que não sabe?

— Lá é assim, ora. A maior parte do tempo que passei na Inglaterra, vivi nessa confusão. Às vezes acho que nem os ingleses sabem responder a essas perguntas.

— Ah!

Seria desse jeito, sabe, caso eu tivesse de parar para explicar cada coisinha para as garotas lá em casa. Teria de explicar o que é linóleo, água sanitária, pornografia soft e a mágica da mudança de forma da moeda inglesa de uma libra, como se todas essas coisas do dia a dia fossem mistérios tão maravilhosos. E num instante minha história se perderia nesse grande oceano de maravilhas, porque seu país daria a impressão de ser uma confederação encantada de milagres e minha historinha dentro dele pareceria muito pequena e sem mágica nenhuma. Mas falar com você é muito mais fácil porque posso dizer, olhe aqui, na manhã em que nos soltaram, o funcionário de plantão no centro de detenção de imigrantes estava vendo uma foto de uma moça de topless no jornal. Você compreende logo a situação. Foi por este motivo que passei dois anos aprendendo o Inglês da Rainha, para podermos falar assim sem precisar interromper a conversa.

O funcionário do centro, o que estava olhando para a moça pelada no jornal — um homem baixinho de cabelo claro, igual à sopa de cogumelos enlatada que nos serviam às terças-feiras. Os pulsos dele eram finos e brancos como fios elétricos cobertos de plástico. O uniforme era de um número maior do que o dele. Os ombros do paletó subiam formando dois calombos, um de cada lado da cabeça dele, como se houvesse bichinhos escondidos ali dentro. Imaginei aquelas criaturas piscando contra a luz quando ele tirasse o paletó à noite. E fiquei pensando: Sim, senhor, se eu fosse sua mulher eu não tiraria o sutiã, com certeza.

E depois pensei: Por que o senhor está aí olhando para aquela garota no jornal, moço, e não para nós aqui na fila do telefone? E se nós todas

fugíssemos? Aí lembrei que estavam nos soltando. Era difícil de compreender, depois de tanto tempo. Dois anos, fiquei dois anos no centro de detenção. Estava com quatorze anos quando cheguei no seu país mas não tinha documentos para provar isso, de modo que me puseram em um centro de detenção de adultos. O problema é que havia homens e mulheres trancados juntos naquele lugar. À noite, eles mantinham os homens numa ala diferente do centro de detenção. Quando o sol se punha, eram enjaulados como se fossem lobos, mas durante o dia circulavam entre nós, comiam a mesma comida que nós. Eu achava que eles ainda continuavam famintos. Achava que olhavam para mim com fome nos olhos. Por isso, quando as moças mais velhas me cochichavam: Para sobreviver, precisa ter boa aparência ou tem de falar direito, decidi que falar direito seria mais seguro para mim.

Tornei-me repulsiva. Não me lavava, deixei minha pele ficar oleosa. Debaixo da roupa, enrolei uma larga faixa de algodão em torno do peito para fazer meus seios parecerem pequenos e achatados. Quando as caixas com doações chegavam, cheias de roupas e sapatos de segunda mão, algumas das outras moças tentavam se embelezar mas eu revirava as caixas de papelão procurando roupas que escondessem minhas formas. Usava jeans largões, camisas masculinas com estampas havaianas e botas pretas pesadas com as chapas das biqueiras brilhando através do couro rasgado. Procurei a enfermeira do centro e pedi para que cortasse meu cabelo bem curto com a tesoura cirúrgica. Durante os dois anos inteiros, nunca sorri nem olhei para a cara de homem nenhum. Estava apavorada. Só à noite, depois que trancavam os homens, eu voltava para minha cela, desenrolava a faixa de algodão que me apertava os seios e respirava fundo. Então, tirava minhas botas pesadas e dobrava as pernas, encostando os joelhos no queixo. Uma vez por semana, sentava no colchão de espuma da cama e pintava as unhas dos pés. Encontrei o vidrinho de esmalte de unhas no fundo de uma das caixas de doações. Ainda estava com a etiqueta do preço colada nele. Se algum dia descobrir a pessoa que o deu, vou contar a ela que, ao custo de

uma libra e noventa e nove pence, essa pessoa salvou minha vida. Porque foi isso o que eu fiz naquele lugar para me lembrar que estava viva por baixo daquilo tudo: sob as biqueiras de aço das minhas botas, eu usava um esmalte vermelhão nas unhas dos pés. Às vezes, quando tirava as botas, apertava os olhos para conter as lágrimas e balançava o corpo para frente e para trás, tiritando de frio.

Minha irmã mais velha Nkiruka, ela se tornou mulher na estação do plantio, sob o sol da África, e quem pode culpá-la se o grande calor vermelho a deixou imprudente e namoradeira? Quem não se encostaria no batente da porta e sorriria com ar indulgente, sem falar nada, ao ver minha mãe fazê-la sentar-se e lhe dizer: Nkiruka, filha querida, você não pode sorrir para os rapazes mais velhos dessa maneira?

Quanto a mim, virei mulher sob as lâmpadas compridas de luz fluorescente branca, num quarto no subsolo de um centro de detenção de imigrantes a setenta e quatro quilômetros a leste de Londres. Ali as estações não mudavam. Era frio, frio, frio, e eu não tinha ninguém para quem sorrir. Aqueles anos frios estão congelados dentro de mim. A menina africana que eles trancaram no centro de detenção de imigrantes, coitadinha, aquela nunca saiu realmente dali. Dentro da minha alma, ela ainda está presa lá, para sempre, sob as luzes fluorescentes, encolhida no piso de linóleo com os joelhos enfiados debaixo do queixo. E essa mulher que eles soltaram do centro de detenção de imigrantes, essa criatura que eu sou, essa é uma nova raça humana. Não há nada de natural em mim. Nasci — não, renasci — no cativeiro. Aprendi minha língua nos seus jornais, minhas roupas são o refugo das suas e é a sua libra que faz meus bolsos sofrerem com sua ausência. Imagine uma figura de mulher recortada de um anúncio de revista, um daqueles anúncios sorridentes de Salvem as Crianças, vestida com roupas gastas cor-de-rosa tiradas da lixeira de reciclagem do estacionamento do supermercado do seu bairro, e que fala inglês como o editorial do The Times. Eu mudaria de calçada para evitar um encontro. Sério, essa é uma coisa que as pessoas do seu país e as do meu têm em

comum. Elas dizem: Aquela refugiada não é uma de nós. Aquela moça não é daqui. Aquela moça é um ser híbrido, fruto de uma união antinatural, é a face oculta da lua.

Portanto, sou uma refugiada, e me sinto muito solitária. Tenho culpa se não me pareço com uma jovem inglesa e não falo como uma nigeriana? Ora, quem disse que uma jovem inglesa precisa ter a pele tão clara quanto as nuvens que flutuam nos seus verões? Quem disse que uma moça nigeriana tem de falar um inglês capenga, como se o inglês tivesse se chocado com o ibo, lá na atmosfera superior, e chovido dentro da boca da moça numa enxurrada que quase a afoga e a deixa engasgada com doces histórias sobre as cores vibrantes da África e o gosto de banana-da-terra frita? Não igual a uma contadora de histórias, mas como uma vítima resgatada do dilúvio, tossindo e expelindo a água colonial de seus pulmões?

Desculpem-me por aprender a falar direito a sua língua. Estou aqui para contar uma história verdadeira. Não vim para conversar sobre as cores vibrantes da África. Sou uma cidadã renascida do mundo em desenvolvimento e vou lhes provar que a cor da minha vida é o cinza. E caso eu adore em segredo banana-da-terra frita, então isto deve ficar entre nós e imploro a você que não conte para ninguém. Combinado?

Na manhã em que nos deixaram sair do centro de detenção de imigrantes, nos entregaram todos os nossos pertences. Eu guardava os meus numa sacola plástica transparente. Um Dicionário de Inglês Collins Gem de bolso, um par de meias cinzentas, duas calcinhas cinzentas, uma carteira de motorista do Reino Unido que não era minha e um cartão de visitas manchado de água que também não era meu. Se querem saber, essas coisas pertenciam a um homem branco chamado Andrew O'Rourke. Eu o conheci numa praia.

Essa sacolinha de plástico era o que eu estava segurando quando o funcionário do centro de detenção me mandou ir para a fila do telefone. A primeira moça da fila era alta e bonita. O negócio dela era beleza, não era saber falar. Fiquei pensando qual de nós duas teria feito a melhor escolha

para sobreviver. Essa moça tinha depilado as sobrancelhas e depois as desenhado de novo com um lápis. Era o que tinha feito para salvar sua vida. Estava usando um vestido arroxeado, um vestido evasê estampado com estrelas e luas cor-de-rosa. No cabelo, um belo lenço cor-de-rosa e sandálias rasteiras cor-de-rosa nos pés. Pensei comigo mesma que ela devia ter ficado muito tempo presa no nosso centro de detenção. É preciso passar por um número muito grande de caixas de doação, está me entendendo, para conseguir juntar um traje que forme realmente um conjunto.

Nas pernas escuras da moça havia muitas cicatrizes brancas pequeninas. E pensei: Será que essas cicatrizes estão no seu corpo inteiro, como as luas e estrelas no seu vestido? Achei que isso também seria bonito, e peço-lhe neste instante que faça o favor de concordar comigo que uma cicatriz nunca é feia. Isto é o que aqueles que produzem as cicatrizes querem que pensemos. Mas você e eu temos de fazer um acordo e desafiá-los. Temos de ver todas as cicatrizes como algo belo. Combinado? Este vai ser nosso segredo. Porque, acredite em mim, uma cicatriz não se forma num morto. Uma cicatriz significa: "*Eu sobrevivi.*"

Daqui a pouquinho vou falar umas palavras tristes para você. Mas você deve escutá-las da mesma maneira como combinamos ver as cicatrizes. Palavras tristes são apenas uma outra forma de beleza. Uma história triste quer dizer: essa contadora de histórias está viva. Daí a pouco, alguma coisa boa vai acontecer com ela, uma coisa maravilhosa, e ela vai se virar e sorrir.

A moça com o vestido roxo evasê e as cicatrizes nas pernas já estava falando ao telefone. Estava dizendo:

— *Oi, é do táxi? Vem me buscá aqui, tá bom? Tá. Ah, donde? Donde que eu sô? Sô da Jamaica, moço, é. Hã? O quê? Ah, pra donde que eu vô agora? Peraí, faz favor.*

Ela cobriu o bocal do telefone com a mão. Virou-se para a segunda moça da fila e perguntou:

— *Oi, tu sabe como é o nome desse lugar aqui onde que a gente tá?*

Mas a segunda moça só olhou para ela e deu de ombros. A segunda moça era magra, de pele muito escura, e os olhos eram verdes como uma jujuba depois que a gente chupa o açúcar em volta e levanta para olhar contra a lua. Era tão bonita que nem sei explicar. Estava vestida com um sári amarelo. Segurava uma sacola de plástico transparente igual à minha, mas não havia nada dentro. Primeiro, achei que estivesse vazia e pensei cá comigo: Por que você está carregando essa sacola, menina, se não tem nada dentro? Eu enxergava seu sári através da sacola, e assim concluí que ela segurava uma sacola cheia de amarelo-limão. Era tudo o que possuía, quando nos soltaram.

Eu conhecia um pouco aquela segunda moça. Certa vez, ficamos no mesmo quarto por duas semanas, mas nunca conversamos. Ela não falava uma palavra do inglês de quem quer que fosse. Por isso é que só encolheu os ombros e se agarrou com sua sacola de amarelo-limão. Aí, a moça ao telefone levantou os olhos para o teto do mesmo jeito que o funcionário do centro de detenção que estava sentado diante da mesa fizera.

Então, a moça ao telefone virou-se para a terceira da fila e perguntou:

— *Cê sabe o nome desse lugar aqui?*

Mas a terceira moça também não sabia. Ficou parada, e estava usando uma camiseta azul e uma calça jeans azul e tênis brancos Dunlop Green Flash, e só baixou os olhos para a sacola transparente dela, que estava cheia de cartas e documentos. Havia tanto papel naquela sacola, todos amassados e dobrados, que ela precisava pôr uma das mãos por baixo da sacola para que não rebentasse. E essa terceira moça, eu a conhecia um pouco também. Não era bonita nem falava bem, mas existe mais uma coisa que pode salvar a pessoa e impedir que ela seja mandada logo para casa. O negócio dessa garota é que ela possuía sua história toda por escrito e oficializada. Havia carimbos no final do papel dizendo em tinta vermelha que tudo era VERDADE. Lembro que ela me contou a história uma vez e que era mais ou menos assim:

Os-homens-vieram-e-eles-

-queimaram-minha-aldeia-

-amarraram-minhas-filhas-

-estupraram-minhas-filhas-

-levaram-minhas-filhas-embora-

-chicotearam-meu-marido-

-cortaram-meu-seio-

-eu-fugi-

-pelo-meio-do-mato-

-encontrei-um-barco-

-atravessei-o-mar-

-então-me-puseram-aqui-dentro. Ou algo parecido. As histórias daquele centro de detenção me deixaram confusa. Todas as histórias das moças começavam com *os-homens-vieram-e-eles.* E todas terminavam com então-me-puseram-aqui-dentro. Todas as histórias eram tristes, mas você e eu temos nossa combinação sobre palavras tristes. Quanto àquela moça — a moça número três da fila —, a história dela deixara-a tão triste que ela não sabia o nome do lugar onde estava, nem queria saber. A moça não estava nem curiosa.

Então, a moça ao telefone fez a pergunta outra vez.

— *Quê?* — disse ela. — *Tu tomém num sabe falá? Como é que pode num sabê o nome desse lugar onde nós tá?*

Aí, a terceira moça da fila só levantou os olhos para o teto, e a garota do telefone levantou pela segunda vez os olhos para o teto. O que me fez pensar: Muito bem, o funcionário do centro olhou para o teto uma vez, a moça número três olhou para o teto uma vez e a moça número um olhou para o teto duas vezes, portanto é capaz de ter mesmo alguma resposta lá no alto, afinal de contas. Vai ver que tem alguma coisa muito alegre lá em cima. Talvez haja histórias escritas no teto parecidas com *os-homens-vieram-e-eles-*

-nos-trouxeram-vestidos-coloridos-

-cataram-lenha-para-o-fogo-

-contaram-umas-piadas-malucas-

-beberam-cerveja-conosco-

-correram-atrás-de-nós-e-a-gente-deu-risada-

-não-deixaram-os-mosquitos-nos-morderem-

-e-nos-ensinaram-o-truque-para-pegar-a-moeda-inglesa-de-uma-libra-

-e-transformaram-a-lua-em-queijo.

Ah, e depois eles me puseram aqui dentro.

Olhei para o teto, mas só avistei tinta branca e lâmpadas fluorescentes compridas lá em cima.

A moça do telefone finalmente olhou para mim. Então eu disse a ela:

— *O nome deste lugar é Centro de Detenção de Imigrantes Black Hill.* — A moça ficou me olhando fixo.

— *Tá brincano comigo* — ela disse. — *Isso lá é nome?*

Apontei para a plaquinha de metal presa na parede acima do telefone. A garota olhou para ela, depois olhou de volta para mim e disse:

— *Disculpe, benzim, num sei lê.*

E eu li para ela, indicando as palavras, uma de cada vez. CENTRO DE DETENÇÃO DE IMIGRANTES BLACK HILL, HIGH EASTER, CHELMSFORD, ESSEX.

— *Brigada, quirida* — disse a primeira moça e pôs o telefone no ouvido. E falou ao telefone:

— *Pronto, moço, olha aqui, o nome desse lugar onde que eu tô é Centro de Detenção de Imigrantes Black Hill*. — E disse em seguida: — *Não, peraí, faz favor*. — E fez uma cara triste, pondo o telefone no gancho. E eu perguntei:

— *O que foi?*

E a primeira moça suspirou e disse:

— *O homi do táxi falô que num vem pegá ninguém nesse lugar aqui. Ele falô assim que a gente aqui é escória. Tu sabe quié isso?*

Respondi que não, que não tinha certeza, e peguei meu Dicionário de Inglês Collins Gem de bolso dentro da minha sacola transparente e procurei a palavra. E disse para a primeira moça:

— *A gente é uma película de impureza ou vegetação que se pode formar na superfície de um líquido.*

Ela olhou para mim e eu olhei para ela e começamos a rir porque não sabíamos o que fazer com a informação. Isto era sempre um problema para mim quando estava aprendendo a falar a língua de vocês. Todas as palavras sabem se defender. No momento em que você vai agarrá-las, elas se dividem em dois significados diferentes de modo que a compreensão se fecha no vazio do ar. Admiro vocês. Vocês são iguais a feiticeiros, tornaram sua língua tão segura quanto o seu dinheiro.

Sendo assim, a primeira moça na fila do telefone e eu ficamos ali rindo uma para a outra, e eu estava com a minha sacola transparente na mão, e ela com a sacola dela também na mão. Havia um lápis de sobrancelha preto, uma pinça e três rodelas de abacaxi desidratado dentro da dela. A primeira moça viu que eu estava olhando para a sacola e parou de rir.

— *Tá olhano o quê?* — perguntou ela.

Respondi que não sabia. E ela:

— *Sei o que cê deve tá pensano: agora que o táxi não vem mais, como é que ela vai se virá só com um lápis de sombrancelha, uma pinça e três rodela de abacaxi?*

E aí eu falei:

— *Quem sabe você pode usar o lápis para escrever uma mensagem —* PRECISO DE AJUDA *— e depois dar as rodelas de abacaxi para o primeiro que ajudar.*

A moça me olhou como se eu fosse maluca da cabeça e disse:

— *Oquei, meu bem, só que, primeiro, não tenho papel pra escrevê a mensagem, segundo, num sei escrevê, só sei desenhá minha sombrancelha, e três, eu é que vou comê esse abacaxi aí.*

E arregalou os olhos, me encarando com firmeza.

Enquanto isso estava acontecendo, a segunda moça da fila, a moça de sári amarelo-limão e a bolsa transparente cheia de amarelo, passara a ser a primeira moça da fila, porque agora estava ao telefone. E sussurrava para o

aparelho numa língua que soava como borboletas se afogando no mel. Dei-lhe um tapinha no ombro, puxei o sári dela e disse:

— *Olhe, você tem de falar em inglês com eles.*

A moça do sári olhou para mim e parou de falar na língua de borboleta. Bem devagar e com cuidado, como se estivesse lembrando as palavras de um sonho, ela disse para o aparelho de telefone:

— *Inglaterra, sim, por favor. Sim por favor obrigada, quero ir para a Inglaterra.*

Aí, a moça do vestido roxo evasê quase encostou o nariz no nariz da moça de sári amarelo-limão e aí bateu com o dedo na testa dela, fazendo ao mesmo tempo um barulhinho com a boca parecido com o de uma vassoura batendo num barril vazio.

— *Bong! Bong!* — disse para a outra. — *Tu já tá na Inglaterra, né não?* — E apontou com os dois indicadores para o piso de linóleo. E disse: — *Aqui é a Inglaterra, benzim, num tá vendo? Bem aqui, tá legal? É onde a gente já tá.*

A moça do sári amarelo calou a boca. Só ficou olhando para a outra com aqueles olhos verdes de lua de jujuba. Então a de vestido roxo, a moça da Jamaica, disse:

— *Me dá isso aqui* — e tirou o telefone da mão da garota de sári. E pôs o telefone ao ouvido e falou: — *Peraí um minutim, faz favô.* — Mas então ficou quieta e passou o telefone para mim. E só escutei o ruído de discar. E eu expliquei para a do sári:

— *Antes, você tem de discar um número. Entendeu? Primeiro, disca o número, depois é que diz para o homem do táxi para onde quer ir. Ouviu?*

Mas a moça do sári só fez apertar os olhos para mim e segurou mais junto ao corpo a sacola de amarelo-limão, transparente, como se eu fosse tirar a sacola dela igual a outra fizera com o telefone. A do vestido roxo suspirou e se virou para mim.

— *Num adianta, minha fia, Deus vai chamá seus fio de volta pra casa antes dessa aí chamá um táxi.* — E passou o telefone para mim. — *Toma. É melhor agora ocê tentá.*

Apontei para a terceira moça da fila, a que tinha um monte de documentos e estava de camiseta azul e os tênis Dunlop Green Flash.

— E ela? — disse eu. — Essa aí está na minha frente.

— *É* — disse a do vestido roxo —, *mas essa mulé num tem ninhuma mo-ti-va-ção. Não é, benzim?* — E olhou para a dos documentos, mas a moça só deu de ombros e olhou para baixo, para seus tênis Dunlop Green Flash. — *Tá vendo, é verdade* — disse a do vestido roxo, virando-se de novo para mim. — *Agora é contigo, lindinha. Tu tem de dá um jeito pra gente saí logo daqui, antes que eles mude de ideia e tranque a gente outra vez nessa droga.*

Olhei para o aparelho, cinzento, escuro, e fiquei com medo. Olhei de novo para a moça do vestido roxo.

— *Pra onde você quer ir?* — perguntei. E ela disse:

— *Sei lá, qualquer lugar serve.*

— *Como é?*

— *Pra qualquer lugar, lindinha.*

Disquei o número do táxi que estava escrito no telefone. Um homem atendeu. Com voz cansada.

— *Serviço de táxi* — disse. Falou como se estivesse me fazendo um grande favor só de responder.

— *Bom dia, gostaria de um táxi, por favor.*

— Quer um táxi?

— É, por favor, um táxi. Para quatro passageiros.

— De onde?

— Do Centro de Detenção de Imigrantes Black Hill, por favor. Em High Easter. Fica perto de Chelmsford.

— Sei onde fica. Agora, escute aqui…

— Por favor, já sei, sei que vocês não apanham refugiados. Mas não somos refugiadas. Somos faxineiras. Nós trabalhamos aqui.

— Vocês são faxineiras?

— É.

— E isso é verdade, não é? Porque se eu ganhasse uma libra para cada desgraçado de refugiado que entrasse num dos meus carros, que não soubesse para onde ir e que começasse a rezingar em suaíli com meu motorista, e que tentasse pagar a corrida com cigarros, eu estaria jogando golfe neste exato momento em vez de estar falando com você.

— Somos faxineiras.

— Tudo bem. É verdade que você não fala como as outras. Para onde querem ir?

Eu tinha decorado o endereço da carteira de motorista do Reino Unido que estava na minha sacola de plástico. Andrew O'Rourke, o homem branco que conheci na praia: ele morava em Kingston-upon-Thames, no condado inglês de Surrey. Falei ao telefone:

— Kingston, por favor.

A moça do vestido roxo agarrou meu braço e, com a voz sibilando, me disse:

— *Não, minina!* — disse ela. — *Tudo menos a Jamaica. Os homi me mata no minuto queu botá meus pé lá, pode tê certeza.* — Na hora, não compreendi por que ela estava tão assustada, mas agora eu sei. Existe uma Kingston na Inglaterra mas também tem uma na Jamaica, onde o clima é diferente. Esse é um outro grande trabalho de seus feiticeiros — até suas cidades têm duas caudas.

— Kingston? — disse o homem ao telefone.

— Kingston-upon-Thames — eu completei.

— É longe pra burro, não é? Fica em que condado mesmo?

— Surrey — disse eu.

— Surrey. Quer dizer que vocês são quatro faxineiras que moram em Surrey, no meio daquelas árvores todas. É isso o que está tentando me dizer?

— Não. Somos faxineiras que moram perto dali. Mas vamos fazer um serviço lá em Surrey.

— Vão pagar em dinheiro ou pôr na conta, então?

O homem parecia muito cansado.

— O quê?

— Vão pagar em dinheiro ou vai para a conta do centro de detenção?

— Vamos pagar em dinheiro, moço. Quando chegarmos lá.

— Acho bom.

Escutei por um minuto e depois apertei o botão de desligar o telefone. E disquei outro número. Era o do cartão de visitas que trazia na minha sacola de plástico. O cartão estava meio estragado pela água. Não tinha certeza se o último número era um 8 ou um 3. Tentei o 8, porque na minha terra números ímpares trazem má sorte, e de falta de sorte eu já estava cheia.

Um homem atendeu. Zangado.

— Quem é? São seis da manhã, que diabos.

— É o Sr. Andrew O'Rourke que está falando?

— Sou eu mesmo. Quem é?

— Posso ir até aí encontrar o senhor?

— Que diabos, quem está falando?

— Nós nos conhecemos na praia, na Nigéria. Lembro-me muito bem do senhor, Sr. O'Rourke. Estou na Inglaterra agora. Posso ir ver o senhor e Sarah? Não tenho para onde ir.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Então, o homem tossiu e começou a rir.

— Isso é uma armação, não é? Quem está falando? Vou lhe avisar, toda hora me aparecem malucas como você com essa história. Me deixe em paz, ou não vai conseguir se safar. Meu jornal sempre processa todo mundo. Vão localizar esta chamada, descobrir onde você está e vão aí prender você. Não é a primeira vez que isso acontece.

— Não está acreditando que sou eu?

— Me deixe em paz, está bem? Não quero saber de mais nada. Tudo isso aconteceu faz muito tempo e não foi culpa minha.

— Vou aí para a sua casa. Assim vai acreditar que sou eu.

— Não.

— Não conheço ninguém neste país, Sr. O'Rourke, me desculpe. Só estou lhe dizendo para o senhor ficar preparado.

O homem pareceu não estar mais zangado. Fez um barulhinho, como o de uma criança quando fica nervosa com o que vai acontecer. Desliguei o telefone e me virei para as outras moças. Meu coração batia tão depressa que pensei que fosse vomitar direto ali no piso de linóleo. As outras moças estavam olhando para mim, nervosas e esperançosas.

— E aí? — perguntou a do vestido roxo.

— Hã? — disse eu.

— O táxi, benzim? Como é que ficô a história do táxi?

— Ah, é mesmo, o táxi. O homem disse que um carro vem nos apanhar daqui a dez minutos. Disse para a gente ir esperar lá fora.

Aí a moça de vestido roxo sorriu.

— Me chamo Yevette. Da Jamaica, pois é. Tu é útil à beça, hein, meu bem. Como é que é teu nome?

— Meu nome é Pequena Abelha.

— Que nome mais isquisito é esse?

— É meu nome.

— Que lugar é esse donde tu veio que chamam as minina com nomi de inseto?

— Nigéria.

Yevette caiu na risada. Deu uma gargalhada daquelas, iguais às que o chefe dos maus dá nos filmes de pirata. Uá-ha-ha-ha! Fez até o aparelho do telefone sacolejar no gancho.

— Ni-GERA! — exclamou Yevette. Depois se virou para as outras, a garota do sári e a dos documentos. — Vambora, minha gente — disse ela. — Nós somo as Nações Unida, sabe cumé, e hoje nós tudo tá siguino a Ni-GERA! Uá-ha-ha-ha!

Yevette ainda estava rindo quando nós quatro passamos pela mesa do segurança a caminho da porta. O funcionário do centro de detenção levantou os olhos de seu jornal quando passamos por ele. A moça pelada já não estava mais lá, ele tinha virado a página. Dei uma espiada no jornal. A manchete da nova página dizia: REFUGIADOS EM BUSCA DE ASILO POLÍTICO ESTÃO COMENDO NOSSOS CISNES. Olhei para o funcionário, mas ele não me olhou de volta. Enquanto eu olhava, ele arrastou o braço para cima da página do jornal a fim de esconder a manchete. Fez parecer que estava com vontade de coçar o cotovelo. Ou talvez realmente precisasse coçar o cotovelo. Percebi que não sabia nada a respeito dos homens a não ser o medo. Um uniforme grande demais para você, uma mesa pequena demais para você, um turno de oito horas que é longo demais para você, e de repente aparece uma garota com três quilos de documentos e nenhuma motivação, outra com olhos verdes cor de gelatina e um sári amarelo-limão, tão bonita que você não pode olhar para ela muito tempo seguido senão seus olhos fazem ploft, uma terceira garota vinda da Nigéria com nome de abelha de mel e uma mulher barulhenta da Jamaica que ri igual ao pirata Barba-Azul. Talvez seja exatamente esse tipo de circunstância que faz o cotovelo de um homem coçar.

Virei para olhar o funcionário do centro de detenção pouco antes de sairmos pelas portas duplas. Ele estava nos vendo ir embora. Dava a impressão de ser muito pequeno e solitário ali, com seus pulsos finos e pequenos sob as luzes fluorescentes. A luz fazia a pele dele parecer esverdeada, da cor de um filhote de lagarta que acabou de sair do ovo. O sol da manhã brilhava através do vidro da porta. O funcionário apertou os olhos contra a luz do dia. Imagino que enxergasse apenas nossas silhuetas. Abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa mas parou no meio do caminho.

— O que foi? — falei. Achei que ele fosse nos dizer que tinha havido um engano. Ponderei se deveríamos sair correndo. Eu não queria voltar para

a unidade. Calculei até onde chegaríamos caso saíssemos correndo. E se eles viriam atrás de nós com cachorros.

O funcionário do centro se levantou. Ouvi sua cadeira arranhar o piso de linóleo. Lá estava ele de pé, parado, com as mãos caídas para baixo.

— Senhoritas? — ele chamou.

— Sim?

Ele olhou para o chão, depois para nós novamente.

— Boa sorte — disse ele.

Então nós demos meia-volta e andamos na direção da luz. Abri as portas duplas com um empurrão e em seguida fiquei paralisada. Foi a luz do sol que me deteve. Sentia-me tão frágil saindo do centro de detenção, tinha medo que aqueles raios brilhantes de sol fossem me partir ao meio. Não conseguia dar o primeiro passo lá fora.

— Quéqui tá pegano, Piquena Abelha?

Yevette estava atrás de mim. Eu estava bloqueando a passagem de todas.

— Só um momento, por favor.

Do lado de fora, o ar fresco cheirava a grama molhada. Soprou no meu rosto. O cheiro me fez entrar em pânico. Durante dois anos, só sentira cheiro de água sanitária, do meu esmalte de unhas e dos cigarros das outras detidas. Nada natural. Nada igual àquilo. Tive a sensação de que, se desse um passo à frente, a própria terra se levantaria e me rejeitaria. Não havia mais nada de natural em mim àquela altura. Fiquei ali, com minhas botas pesadas, meus seios apertados por um pano, nem mulher nem menina, uma criatura que esquecera a própria língua e tinha aprendido a sua, cujo passado se desfizera em pó.

— Qui diabo cê tá esperano, minina?

— Estou com medo, Yevette.

Yevette balançou a cabeça e sorriu.

— Pode sê que tu tenha razão de ficá cum medo, Piquena Abelha, purque tu é uma moça esperta. Vai vê que sô burra por demais pra ficá cum

medo. Só que passei dezoito mês trancada aí dentro desse lugar, e se tu tá pensando que sô tão burra assim que vô esperá mais um segundo que seja por causo de tua tremedeira e do teu medinho, tá muito enganada.

Girei nos calcanhares para olhar para ela e me agarrei no batente da porta.

— Não consigo me mexer — disse eu.

Então foi Yevette que me deu um empurrão no peito e eu voei para trás. E foi desse jeito que toquei pela primeira vez em solo inglês como mulher livre, não com as solas das minhas botas mas com o fundilho das minhas calças.

— Uá-ha-ha-ha! — riu Yevette. — Bem-vindas ao Reino Unido, num é uma maravilha?

Quando recuperei o fôlego, comecei a rir também. Sentei no chão, com o sol quente brilhando nas minhas costas, e me dei conta de que a terra não tinha me rejeitado nem o sol tinha me partido ao meio.

Levantei e sorri para Yevette. Nós nos afastamos um pouquinho para longe dos prédios do centro de detenção. Enquanto andávamos, e quando as outras não estavam olhando, enfiei a mão por debaixo da minha camisa havaiana e soltei a faixa de algodão que comprimia meus seios. Desenrolei a faixa, joguei-a no chão e afundei-a na terra com o salto da minha bota. Respirei fundo o ar fresco e limpo.

Quando chegamos ao portão principal, nós quatro paramos por um momento. Olhamos as colinas de Black Hill através da cerca alta de arame farpado. O campo inglês estendia-se até o horizonte. Uma névoa suave pairava nos vales e o topo das elevações menores estava dourado ao sol da manhã, e eu sorri porque o mundo inteiro era fresco, novo e reluzente.

DOIS

DA PRIMAVERA DE 2007 até o final daquele longo verão em que Pequena Abelha veio morar conosco, meu filho só tirou a fantasia de Batman na hora do banho. Encomendei uma fantasia idêntica que eu trocava pela suja enquanto ele brincava na espuma de sabão, de modo que pelo menos eu pudesse tirar o cheiro de suor e as manchas de grama e terra da primeira. Era um serviço sujo, ele ajoelhado no mato, lutando contra grandes criminosos. Se não era o Senhor Frio com seu covarde raio de gelo, era o Pinguim — o inimigo mortal do Batman — ou o Puffin, mais sinistro ainda, cuja perversidade absoluta os criadores originais da franquia Batman inexplicavelmente deixaram de registrar. Meu filho e eu vivíamos com as consequências — uma casa cheia de acólitos, asseclas e comparsas, espreitando-nos de trás do sofá, dando gargalhadas sombrias no vão estreito ao lado da estante e em geral surgindo de supetão no meio de nós, sem mais nem menos. Era um susto depois do outro, na verdade. Aos quatro anos, dormindo ou acordado, meu filho vivia em constante prontidão. Não havia possibilidade de se tirar dele a diabólica máscara de morcego, a roupa de lycra, o cinto de utilidades amarelo e brilhante e a capa negra como piche. E não adiantava chamar meu filho por seu nome de batismo. Ele se limitava a olhar para trás, inclinar a cabeça para o lado e dar de ombros — como se dissesse:

“Meus bat-sentidos não detectaram a presença de nenhum menino com esse nome aqui, madame.” O único nome pelo qual meu filho atendia naquele verão era “Batman”. Também não adiantava lhe explicar que seu pai tinha morrido. Meu filho não acreditava na possibilidade física da morte. A morte era algo que só poderia ocorrer se os planos diabólicos da turma do mal não fossem constantemente frustrados — e isso, é claro, era impensável.

Naquele verão — o verão em que meu marido morreu — todos tínhamos identidades que relutávamos em abandonar. Meu filho tinha sua fantasia de Batman, eu ainda usava o sobrenome de meu marido e Pequena Abelha, a nossa Abelhinha, apesar de estar relativamente em segurança conosco, ainda se agarrava ao nome que adotara numa época de terror. Éramos exilados da realidade, naquele verão. Éramos refugiados de nós mesmos.

Fugir da crueldade é a coisa mais natural do mundo, claro. E as circunstâncias que nos reuniram naquele verão foram extremamente cruéis. Abelhinha nos telefonou na manhã em que a soltaram do centro de detenção. Meu marido atendeu a ligação. Eu só soube muito mais tarde que tinha sido ela — Andrew nunca me contou. Aparentemente, ela lhe avisou que estava vindo, mas imagino que ele não estivesse preparado para vê-la outra vez. Cinco dias depois, se enforcou. Encontraram meu marido com os pés no ar, no vazio, sem tocar o solo de país nenhum. A morte, claro, é um refúgio. É para onde você vai quando um nome novo ou uma máscara e uma capa não conseguem mais escondê-lo de si mesmo. É para onde você corre quando nenhum dos principados da sua consciência lhe concede asilo.

Abelhinha bateu na minha porta da frente cinco dias depois da morte do meu marido, ou seja, dez dias depois de ter sido solta. Após uma viagem de oito mil quilômetros e dois anos, ela chegou tarde demais para encontrar Andrew vivo mas bem a tempo para o enterro dele.

— *Olá, Sarah* — disse ela.

Abelhinha chegou às oito da manhã e o agente funerário tocou a campainha às dez. Nem um segundo a menos ou a mais. Imagino que o agente funerário tenha ficado parado em silêncio na frente da nossa porta de entrada durante muitos minutos, olhando para o relógio, esperando que nossas vidas convergissem para a linha precisa da falha geológica em que nosso passado podia ser cortado e separado de nosso futuro com três batidas leves da aldraba de latão lustroso.

Meu filho abriu a porta e avaliou a altura do agente funerário, o terno impecável e as maneiras sóbrias. Imagino que o agente funerário fosse exatamente igual ao prosaico alter ego do Batman. Meu filho gritou para mim pelo corredor:

— Mamãe, é o Bruce Wayne!

Naquela manhã, saí para a rua e fiquei ali parada, olhando o caixão de Andrew através do vidro grosso e ligeiramente esverdeado da janela do carro funerário. Quando Abelhinha veio ao meu encontro trazendo Batman pela mão, o agente funerário conduziu-nos para uma limusine comprida e negra e fez um sinal com a cabeça para entrarmos. Eu lhe disse que preferíamos ir a pé.

Parecia que tínhamos sido montados no Photoshop, nós três, indo para o enterro do meu marido. Uma mãe branca de classe média, uma refugiada negra esquálida e um pequeno e sombrio cavaleiro de Gotham City. Era como se tivéssemos sido cortados e colados. Meus pensamentos disparavam, com imagens de pesadelo, sem nexo.

Eram só algumas centenas de metros até a igreja e nós três seguíamos pela rua na frente do carro fúnebre enquanto uma fila de motoristas irritados se formava atrás. Aquilo me incomodou terrivelmente.

Eu estava usando uma saia e um casaco cinza-escuros, luvas e meias cor de carvão. Abelhinha usava minha elegante capa de chuva preta por cima das roupas com as quais saíra do centro de detenção — uma camisa havaiana totalmente imprópria para um enterro e calças jeans. Meu filho exibia uma expressão de absoluta alegria. Ele, Batman, parara o trânsito.

Sua capa ondulava em seu rastro diminuto enquanto ele avançava orgulhosamente, o sorriso largo indo de bat-orelha a bat-orelha debaixo da máscara escura. Em algum momento, sua visão privilegiada detectaria um inimigo a ser golpeado e, quando isso ocorresse, meu filho simplesmente pararia, golpearia esse inimigo e continuaria andando. A preocupação dele era que as hordas invisíveis do Puffin pudessem me atacar. A minha era ele não ter feito xixi antes de sair de casa e portanto acabar fazendo nas suas bat-calças. Também me preocupava ficar viúva para o resto da vida.

A princípio, achei muito corajoso da minha parte insistir em ir a pé até a igreja, mas agora me sentia tonta e tola. Achei que poderia desmaiar. Abelhinha segurou meu cotovelo e disse num sussurro que eu respirasse fundo. Lembro-me de pensar: Que estranho ser exatamente você quem está me amparando.

Na igreja, sentei no banco da frente, com Abelhinha à minha esquerda e Batman à minha direita. A igreja estava entupida de gente enlutada, claro. Ninguém do trabalho — eu tentava manter minha vida e minha revista separadas uma da outra — mas, ainda assim, todo mundo que eu e Andrew conhecíamos estava presente. Era desconcertante, como se eu tivesse todos os nomes da minha agenda de endereços vestindo roupas pretas e distribuídos pelos bancos da igreja em ordem não alfabética. Tinham-se organizado de acordo com um protocolo tácito de pesar, com os parentes consanguíneos vampirescamente próximos do caixão, as antigas namoradas aglomerando-se com ar relutante perto da pia batismal. Não tive coragem de olhar para trás e testemunhar essa nova ordem natural das coisas. Tudo fora repentino demais. Uma semana antes, eu era uma profissional bem-sucedida e mãe. Agora, estava sentada assistindo ao funeral de meu marido, flanqueada por um super-herói e uma refugiada nigeriana. Parecia um sonho do qual eu poderia despertar com esforço relativamente pequeno. Contemplei o caixão de meu marido, coberto de lírios brancos. Batman olhava fixo para o sacerdote. Lançou um olhar de aprovação para sua estola e sua sobrepeliz. Fez-lhe um sinal solene com o polegar para cima, uma

saudação de um cruzado para outro, de um companheiro de capa para outro. O vigário devolveu o cumprimento, depois seu polegar voltou para a lombada de um dourado meio desbotado de sua Bíblia.

A igreja ia silenciando, cheia de expectativa. Meu filho olhou em torno, depois outra vez para mim.

— Onde está o papai? — perguntou.

Apertei a mão quente e suada de meu filho e escutei as tosses e fungadelas das pessoas ecoarem pela igreja. Perguntava a mim mesma como seria possível explicar a morte de meu marido para seu filho. Depressão fora o que matara Andrew, claro — depressão e culpa. Mas meu filho não acreditava em morte, muito menos na possibilidade de a morte ser causada por meras emoções. Talvez pelos raios do Senhor Frio. No máximo pelo poder letal da envergadura das asas do Puffin. Mas por causa de um simples telefonema de uma garota africana magricela? Impossível lhe explicar isso.

Dei-me conta de que um dia teria de contar toda a história a meu filho. Pensei por onde começaria. Fora dois anos antes, no verão de 2005, que Andrew iniciou seu longo e lento mergulho na depressão que finalmente o levou. Começou no dia em que encontramos Abelhinha pela primeira vez, numa praia deserta da Nigéria. A única lembrança que tenho desse primeiro encontro é uma ausência no lugar onde ficava meu dedo médio da mão esquerda. A amputação foi benfeita. No lugar do dedo, tenho um toco, um dedo fantasma que costumava ser responsável pelas teclas do E, do D e do C do meu laptop. Não posso mais confiar no E, no D nem no C. Eles somem quando mais preciso deles. Pleased se torna please. Ecstasies se torna stasis.

Sinto mais falta do meu dedo nos dias de fechamento, quando todos os copidesques já foram para casa e estou digitando os acréscimos de última hora de minha revista. Publicamos certa vez um editorial em que eu dizia que "homens sensíveis me deixavam cautelosa" [wary]. Queria dizer, claro, que me deixavam cansada [weary], e depois de centenas de cartas ressentidas de namorados mais zelosos que por acaso leram meu artigo na

mesa da sala de sua companheira (presumivelmente entre uma massagem nas costas e a lavagem dos pratos), comecei a perceber quão cansada estava. Foi um erro de digitação, disse a eles. Não acrescentei que fora o tipo de erro de digitação que é causado por um facão de aço numa praia nigeriana. Quer dizer, como definir um encontro em que se ganha uma moça nigeriana e se perde o E, o D e o C? Acho que vocês não têm uma palavra para isso em sua língua. É o que Abelhinha diria.

Sentada no banco da igreja, massageava o toco de meu dedo, quando admiti pela primeira vez que meu marido estava condenado desde o dia em que conhecemos Abelhinha. Os dois anos subsequentes, até o dia da morte dele, trouxeram uma série de premonições de piora que culminaram na fatídica manhã, dez dias antes, quando acordei com o som do telefone tocando. Meu corpo inteiro formigou de pavor. Foi numa dessas manhãs comuns de dias de semana. O número de junho de minha revista estava quase pronto para ir para a gráfica e a coluna de Andrew para o The Times também ia ser enviada. Apenas uma daquelas manhãs normais, e no entanto senti a penugem da parte de trás dos meus braços arrepiar-se.

Nunca fui uma dessas mulheres felizes que insistem que a desgraça acontece de uma forma inesperada. Para mim, existem incontáveis presságios, inúmeras pequenas falhas na normalidade. A barba por fazer de Andrew, uma segunda garrafa desarrolhada num dia de semana, o uso da voz passiva no texto do artigo na sexta-feira, último dia para entregá-lo. Certas atitudes adotadas por esta sociedade deixaram este comentarista um tanto perdido. Esta foi a última frase que meu marido escreveu. Em sua coluna no The Times, ele era sempre muito preciso em relação às palavras. Para um leigo, perdido seria sinônimo de desorientado. Vindo de meu marido, foi um adeus calculado.

Fazia frio dentro da igreja. Ouvi o vigário dizer:

— *Onde, ó morte, está teu aguilhão?*

Olhei os lírios e inalei a doce acusação deles. Meu Deus, como eu gostaria de ter prestado mais atenção em Andrew.

Como explicar a meu filho que os sinais de aviso eram sutis demais? Que a desgraça, quando está bem certa de sua força, anuncia-se quase sem mover os lábios? Dizem que, uma hora antes de um terremoto, nuvens cor de chumbo se acumulam no céu, o vento se reduz a um sopro quente e os pássaros se calam nas árvores da praça da cidade. Sim, mas esses são os mesmos fenômenos que precedem a hora do almoço, ora bolas. Se tivéssemos reações exageradas cada vez que o vento amaina, estaríamos sempre debaixo da mesa de jantar quando deveríamos é estar colocando os pratos em cima dela.

Será que meu filho aceitaria que foi assim com seu pai? Meu braço ficou todo arrepiado, Batman, mas eu tinha uma casa e uma família para cuidar. Nunca pensei que ele realmente faria o que fez. Tudo o que sinceramente posso dizer é que acordei com o telefone tocando e meu corpo prevendo algum acontecimento grave, embora eu nunca imaginasse que seria tão sério.

Charlie ainda estava dormindo. Andrew atendeu o telefone rapidamente em seu escritório, antes que o som da campainha acordasse nosso filho. A voz de Andrew foi ficando agitada. Escutava-o claramente do quarto de dormir.

— *Me deixe em paz* — disse ele. — *Tudo isso aconteceu faz muito tempo e não foi culpa minha.*

O problema é que meu marido não estava realmente convencido daquilo.

Encontrei-o aos prantos. Perguntei quem telefonara, mas ele não quis dizer. Então, como estávamos ambos acordados e Charlie ainda estava dormindo, fizemos amor. Às vezes eu fazia isso com Andrew. Mais para ele do que para mim, realmente. Àquela altura de nosso casamento, tornara-se uma tarefa de manutenção, como checar os aquecedores — apenas mais um dos cuidados domésticos. Eu não sabia — na verdade, ainda hoje não sei — que terríveis consequências podem resultar de não se fazer a manutenção

dos aquecedores. Não é algo que uma mulher precavida jamais se permitirá descobrir.

Não dissemos uma palavra. Levei Andrew para o quarto e nos deitamos na cama sob as altas janelas georgianas com cortinas de seda amarela. As cortinas tinham folhagens bordadas num tom claro. Pássaros de seda escondiam-se ali numa espécie de apreensão silenciosa. A manhã estava luminosa em Kingston-upon-Thames, mas a luz do sol passava através das cortinas em um tom de açafrão escuro e florido. Era febril, quase malárico. As paredes do quarto eram amarelas e ocre. Além do patamar cujo piso de madeira rangia, o escritório de Andrew era branco — cor de páginas em branco, imagino. Foi onde fui buscá-lo depois do terrível telefonema. Li algumas palavras de sua coluna por cima de seu ombro. Ele havia ficado acordado a noite inteira escrevendo um artigo sobre o Oriente Médio, uma região que nunca visitara e sobre a qual não era nenhum especialista. Era o verão de 2007, e meu filho estava lutando contra o Pinguim e contra Puffin, e meu país lutava contra o Iraque e o Irã, e meu marido estava formando a opinião pública. O tipo de verão em que ninguém tirava sua fantasia.

Afastei meu marido do telefone. Puxei-o para dentro do quarto pelo cinto do seu roupão, uma espécie de cordão com borlas na ponta, porque lera em algum lugar que isto poderia excitá-lo. Puxei-o até nos deitarmos em nossa cama.

Lembro da maneira como ele se mexia dentro de mim, como um relógio com o mecanismo principal começando a parar. Aproximei seu rosto do meu e sussurrei:

— Meu Deus, Andrew, você está passando bem?

Meu marido não respondeu. Só fechou os olhos cheios de lágrimas e começamos a nos mexer mais rápido enquanto deixávamos escapar pequenos gemidos involuntários e cada um se refugiava nos gemidos do outro em um desespero sem palavras.

No meio dessa pequena tragédia, surgiu meu filho, que se sentia mais à vontade combatendo o mal numa escala mais ampla e mais violenta. Abri os olhos e dei com ele parado junto à porta do quarto, observando-nos através das fendas ovais dos olhos de sua bat-máscara. Pela expressão da parte do seu rosto que estava descoberta, parecia estar conjeturando qual (ou se algum) dos instrumentos de seu cinto de utilidades poderia ajudar naquela situação.

Quando vi meu filho, empurrei Andrew para fora de mim e procurei freneticamente a beirada do edredom para nos cobrir. E disse:

— Oh, meu Deus, Charlie, desculpe.

Meu filho olhou para trás, depois olhou para mim outra vez.

— Charlie não está aqui. Sou o Batman.

Assenti e mordi o lábio.

— Bom dia, Batman.

— O que você e papai estão fazendo, mamãe?

— Ahn…

— Cês tão lutando contra os bandidos?

— "Vocês estão" lutando contra os bandidos, Charlie, e não "cês tão".

— Vocês estão?

— Estamos, Batman, é exatamente o que estamos fazendo.

Sorri para meu filho e esperei. Fiquei pensando o que Batman diria em seguida. E o que ele disse foi:

— Alguém fazeu cocô em meu uniforme, mamãe.

— Fez cocô, Charlie.

— É. Um cocô enorme.

— Ah, Batman. Foi você que fez cocô em seu uniforme?

Batman sacudiu a cabeça. Suas bat-orelhas estremeceram. Debaixo da máscara, uma expressão de grande astúcia estampou-se na parte visível de seu rosto.

— Não fui eu que fiz este cocô. Foi o Puffin.

(O grifo é de autoria dele).

— Está me dizendo que o Puffin veio à noite e fez cocô no seu bat-uniforme?

Batman balançou a cabeça concordando. Reparei que estava usando a máscara mas despira sua roupa de Batman. Estava nu, exceto pela capa e pela máscara. Levantou a roupa de Batman para eu examinar. Uma bolota de algo caiu de dentro e bateu no tapete. O cheiro era indescritível. Sentei na cama e vi uma trilha de bolotas pelo tapete até a porta do quarto. Em algum lugar dentro de mim, a moça que optou por ciências no ensino médio notou, com fascinação empírica, que as fezes tinham se espalhado por outros locais, que incluíam — mas não se limitavam a — as mãos de Batman, o batente da porta, a parede do quarto, meu rádio-despertador e, claro, o uniforme do Batman. A merda de meu filho estava em toda parte. Havia merda em suas mãos. Merda em seu rosto. Até no bat-escudo amarelo e preto de seu bat-uniforme havia merda. Tentei, mas não consegui acreditar que eram excrementos de Puffin. Aquilo era bat-merda.

Lembrei vagamente de algo que lera na página de pais e filhos.

— Tudo bem, Batman. Mamãe não está zangada.

— Mamãe limpa o cocô.

— Hã… É. Jesus…

Com ar sério, Batman sacudiu a cabeça.

— Não, Jesus, não. Mamãe.

O rancor ia começando a superar a sensação de constrangimento e de culpa. Olhei para Andrew, deitado com os olhos fechados e as mãos torcidas, uma das estranhas facetas de seu quadro depressivo, nosso sexo infeliz interrompido e o fedor muito intenso de merda.

— Batman, por que você não pede ao papai para limpar você?

Meu filho olhou o pai durante um longo tempo, depois se virou para mim. Pacientemente, como se explicasse algo para um imbecil, ele sacudiu a cabecinha outra vez.

— Mas por que não? (Falei dessa vez com voz suplicante.) Por que não pede ao papai?

Batman tinha um ar solene.

— Papai está lutando contra os bandidos — disse ele, a gramática irrepreensível. Olhei também para o pai dele e suspirei.

— É — concordei. — Acho que você tem razão.

Cinco dias depois, na última manhã em que vi meu marido vivo, acabei de vestir meu pequeno cruzado de capa, dei-lhe o café da manhã e levei-o para o clube dos Madrugadores da sua creche. Ao voltar para casa, tomei um banho de chuveiro. Andrew ficou me observando enquanto eu vestia minha meia-calça. Eu sempre caprichava nos dias de fechamento. Sapatos altos, saia, casaco verde elegante. A publicação de uma revista tem seus ritmos e, se a editora-chefe não os acompanha, não pode exigir que sua equipe o faça. Não faço reunião de pauta usando Fendi nem fecho uma edição usando tênis Puma. De modo que me vesti depressa, de olho no relógio, enquanto Andrew me observava deitado na cama, nu. Não disse uma palavra. Quando o olhei de relance pela última vez, antes de fechar a porta do quarto, ainda me seguia com os olhos. Como descrever para o filho a última expressão que vi no rosto do pai? Decidi que diria a meu filho que seu pai parecia muito sereno. Decidi que não lhe contaria que meu marido abriu a boca para dizer alguma coisa mas que eu estava atrasada e fui embora.

Cheguei ao escritório por volta das 9h30. A revista ficava em Spitalfields, na Commercial Street, a noventa minutos de Kingston-upon-Thames de transporte público. O pior momento é quando se sai da rede de superfície e se desce para o calor do metrô. Havia duzentas pessoas espremidas dentro de cada vagão. Com o corpo imprensado e imóvel, ouvimos o rangido estridente das rodas de metal nos trilhos. Durante três paradas, viajei apertada de encontro a um homem magro vestido com um casaco de veludo cotelê que chorava em silêncio. Normalmente, teria desviado o olhar, mas minha cabeça estava imobilizada numa tal posição que só podia olhar para ele. Gostaria de ter passado um braço pelos ombros daquele homem — até um afago simpático em seu ombro teria bastado. Mas

os outros passageiros não deixavam que movesse meus braços. Talvez alguns desses também tenham tido vontade de consolar o homem, mas estávamos todos comprimidos demais para nos movermos. O próprio número de pessoas bem-intencionadas tornava a compaixão algo embaraçoso. Um de nós teria de empurrar os outros para abrir caminho até ele e dar o exemplo para todos, o que teria sido uma atitude nada britânica. Eu não tinha certeza se seria capaz de manifestar ternura assim, num trem lotado, sob o olhar silencioso dos outros. Foi horrível para mim não ajudar o homem, mas eu estava dividida, oscilando entre dois tipos de vergonha. Por um lado, a vergonha de não cumprir uma obrigação humana. Por outro, a loucura de ser a primeira de uma multidão a ousar um gesto.

Sorri, impotente, para o homem que chorava e não consegui parar de pensar em Andrew.

Assim que se chega à superfície, claro, é fácil esquecer nossas obrigações humanas. Londres é uma bela máquina para fazer esse tipo de coisa. A cidade estava brilhante, fresca e convidativa naquela manhã. Eu estava animada com o fechamento do número de junho e praticamente corri os últimos dois minutos até o escritório. Do lado de fora de nosso prédio estava o nome da revista, NIXIE, com letras em néon cor-de-rosa de noventa centímetros de altura. Parei do lado de fora um instante, respirando fundo algumas vezes. O ar estava parado e dava para ouvir os estalidos do néon acima do ruído do tráfego. Pousei a mão na porta e me perguntei o que Andrew estaria prestes a dizer pouco antes de eu sair de casa.

Meu marido nem sempre ficou sem saber o que dizer. Os longos silêncios só começaram no dia em que conhecemos Abelhinha. Antes disso, ele não parava um minuto calado. Em nossa lua de mel, conversamos sem parar. Fomos para uma casa de veraneio na beira da praia e tomávamos rum e limonada, e conversávamos tanto que sequer notei qual era a cor do mar. Sempre que preciso parar e me lembrar de quanto amei Andrew um dia, basta pensar nisso. O fato de o oceano cobrir sete décimos da superfície da

terra e ainda assim meu marido ter conseguido me fazer não notar tal coisa. Era a dimensão dele em minha vida. Quando voltamos para nossa casa em Kingston, perguntei a Andrew de que cor era aquele mar da lua de mel. Ele disse:

— *Pois é, não era azul?*

E eu disse:

— *Ora, Andrew, vamos lá, você é um profissional, sabe fazer melhor do que isso.*

E Andrew disse:

— *Está bem, então, a vastidão espantosa do oceano era um esplendor de azul ultramarino coroado de carmesim e ouro, onde o sol radiante incendiava as cristas das ondas e as lançava nas depressões sombrias, que se aprofundavam em um azul-escuro e maligno.*

Ele prolongou a penúltima sílaba, a voz mais grave dando o tom de comicidade pomposa, e levantou as sobrancelhas. Ma-LIIG-no, trovejou ele.

— *Você sabe muito bem por que não reparei no mar. Foi porque passei duas semanas com minha cabeça na…*

Bem, onde estava a cabeça de meu marido só interessa a ele e a mim.

Nós dois ríamos sem conseguir nos conter e rolávamos na cama, e assim Charlie, o Charlie querido, foi concebido.

Abri a porta da rua e entrei no saguão da revista. O mármore negro italiano era o único ornamento que sobrevivera desde que alugáramos os escritórios. O resto era a nossa cara. Caixas de amostras de vestidos de aspirantes a grandes confecções de moda haviam sido empilhadas ao longo de uma parede. Algum estagiário fizera uma triagem e marcara as caixas com um grosso marcador azul: SIM, MANTER PARA FOTOS, ou AH, ACHO QUE NÃO, ou o triunfantemente categórico ISTO NÃO É MODA. Um bonsai de junípero seco jazia num vaso Otagiri dourado rachado. Três bolas de Natal cintilantes ainda pendiam dele. As paredes tinham sido pintadas de fúcsia e guarnecidas de luzinhas multicores, e até a tênue luz do sol atravessando os vitrais coloridos que davam para a

Commercial Street mostrava que a pintura estava manchada e gasta. Eu cultivava aquela aparência descuidada. Nixie não era para ser como as outras revistas femininas. Elas que continuassem com seus saguões impecáveis e suas pretensiosas cadeiras Eames. Quando se trata de opções editoriais, prefiro ter uma equipe de primeira e um saguão desleixado.

Clarissa, minha editora de matérias especiais, entrou logo depois de mim. Trocamos um, dois, três beijos — somos amigas desde o tempo de escola — e ela enfiou um braço no meu enquanto subíamos as escadas juntas. A redação ficava no último andar. Já na metade do caminho, reparei o que estava errado com Clarissa.

— Clarissa, você está com a mesma roupa de ontem.

Ela deu um sorriso afetado.

— Você também estaria se tivesse encontrado com o homem de ontem.

— Ah, Clarissa. O que vou fazer com você?

— Dar um aumento, um café forte e paracetamol.

Abriu um sorriso radiante enquanto enumerava as sugestões nos dedos. Lembrei a mim mesma de que Clarissa não possuía algumas das coisas maravilhosas que eu tinha em minha vida, como meu filho lindo, Batman, e portanto era indiscutivelmente menos realizada do que eu.

Eram 10h30, hora da entrada de minha equipe júnior, benditos sejam, e ninguém tinha chegado ainda. Os faxineiros ainda não tinham liberado a redação. Estavam passando o aspirador no chão, espanando os tampos das mesas e virando de cabeça para baixo todos os porta-retratos dos horríveis namorados da minha equipe para provar que tinham tirado o pó dali. Aquela era a parte sorria-e-aguente-sem-reclamar do trabalho na Nixie. Na Vogue ou na Marie-Claire, a equipe editorial tinha de estar a postos às oito, vestindo Chloé e bebericando chá verde. Por outro lado, à meia-noite ainda estariam lá, rabiscando CECI N'EST PAS PRÊT-À-PORTER em caixas de amostras a serem devolvidas para alguma venerável casa de moda de Paris.

Clarissa sentou-se na ponta de minha mesa e eu em minha cadeira, e lançamos um olhar para o espaço sem divisórias adiante, para o bando de rostos negros fazendo sumir amostras de tecido da véspera e copos de café Starbucks.

Falamos sobre o número da revista que estávamos fechando. O pessoal da publicidade saíra-se extraordinariamente bem naquele mês — talvez a subida vertiginosa do preço das drogas os tivesse forçado a passar mais tempo no escritório — e percebemos que dispúnhamos de mais material editorial do que espaço. Eu tinha uma matéria sobre "vida real" que, na minha opinião, deveria realmente entrar — era o perfil de uma mulher que tentava sair de Bagdá — e Clarissa tinha um artigo sobre um novo tipo de orgasmo que aparentemente só se podia ter com o chefe. Discutimos sobre qual deles sairia naquele número. Eu não estava totalmente concentrada naquela conversa. Mandei uma mensagem de texto para Andrew para saber o que ele estava fazendo.

A TV de tela plana na nossa extremidade da redação transmitia baixinho o News 24, da BBC. Era um bloco de notícias sobre a guerra. Subia fumaça acima de um dos países envolvidos. Não me perguntem qual — não acompanhava mais nada àquela altura. A guerra já durava quatro anos. Começara no mesmo mês do nascimento de meu filho e ambos tinham crescido juntos. No início, ambos foram um choque imenso e exigiam atenção constante, mas, a cada ano que passava, tornavam-se mais autônomos e podia-se tirar os olhos deles por períodos mais extensos. De vez em quando, um acontecimento em especial me fazia olhar para um ou para o outro — meu filho ou a guerra — com minha atenção integral, e em ocasiões como essas eu sempre pensava: Puxa, você não cresceu?

Estava interessada em como funcionava esse novo tipo de orgasmo. Levantei os olhos da mensagem de texto na tela do celular.

— Por que só se pode ter esse orgasmo com o chefe?

— É aquela coisa do fruto proibido, a pessoa tem um frisson a mais por estar quebrando o tabu do escritório. Causado por hormônios, neurotransmissores e outros tais. Sabe como é. Ciência.

— Hum. E isso já foi mesmo provado pelos cientistas?

— Deixe de ser pragmática, Sarah. Estamos falando de um novo universo inteiro de prazer sexual. Que estamos chamando de ponto C. De Chefe. Viu o que fizemos aqui?

— Fantástico.

— Obrigada, querida. Nós nos esforçamos.

Chorei intimamente ao pensar em mulheres pelo país afora sentindo prazer com gerentes do segundo escalão de ternos de calças lustrosas. Na tela plana, o News 24 passara do Oriente Médio para a África. Paisagem diferente, mesma coluna de fumaça negra espessa. Um par de olhos amarelados contemplando aquilo com a mesma expressão impassível de Andrew antes que eu me virasse para sair para o trabalho. Os pelos dos meus braços se eriçaram outra vez. Desviei o olhar da tela e andei os três passos até a janela que dava para a Commercial Street. Encostei a testa no vidro, o que costumo fazer quando estou tentando pensar.

— Você está bem, Sarah?

— Estou. Escute, pode me fazer o grande favor de ir buscar dois cafés para nós?

Clarissa foi até nossa excêntrica máquina de café, a equivalente ao que na redação da Vogue teria sido um salon de thé interno. Lá embaixo, na rua, um carro da polícia parou e estacionou nas linhas duplas amarelas defronte ao nosso prédio. De cada lado do carro, desceu um policial uniformizado. Entreolharam-se por cima da capota do carro. Um deles tinha cabelo curto cortado rente, e o outro tinha uma calva redonda e bem-definida como a de um monge. Vi-o inclinar a cabeça para o lado a fim de escutar o rádio em sua lapela. Sorri, pensando distraidamente num projeto no qual Charlie estava trabalhando em sua creche. “A Polícia: Pessoas que nos Ajudam”, era o nome do projeto. Meu filho, evidentemente, não estava

nem um pouco convencido disso. Num alerta máximo constante, com suas bat-capa e bat-máscara, Charlie acreditava que o presumido cidadão deve estar sempre pronto a ajudar a si mesmo.

Clarissa voltou com dois copos plásticos de café. Num deles, a máquina de café depositara uma colherzinha de acrílico transparente. No outro, resolvera não o fazer. Clarissa hesitava, sem saber qual me dar.

— A primeira grande decisão editorial do dia — disse ela.

— É fácil. Sou a chefe. Me dê o que tem a colher.

— E se eu não der?

— Então talvez a gente jamais consiga localizar seu ponto C, Clarissa. Estou avisando!

Clarissa fraquejou e me passou o café com a colher.

Eu disse:

— Gosto da matéria sobre Bagdá.

Clarissa suspirou e deixou cair os ombros.

— Eu também, Sarah, claro. É um ótimo artigo.

— Cinco anos atrás, era o que teríamos escolhido sem discutir.

— Cinco anos atrás, nossa tiragem era tão pequena que tínhamos de correr esses riscos.

— E foi assim que crescemos, sendo diferentes. É assim que somos.

Clarissa sacudiu a cabeça.

— Crescer é diferente de se manter grande. Você sabe tão bem quanto eu, não podemos oferecer histórias edificantes enquanto os outros grandes estão vendendo sexo.

— Por que acha que nossos leitores emburreceram?

— A questão não é essa. Acho que nossos antigos leitores não estão mais lendo revistas, só isso. Migraram para coisas maiores, como você também poderia fazer caso entrasse no jogo. Talvez não esteja percebendo quanto você cresceu, Sarah. Seu próximo emprego pode ser o de editora-chefe de um jornal de circulação nacional.

Suspirei.

— Que emocionante. Eu poderia pôr garotas de topless em todas as páginas.

Meu coto de dedo coçava. Espiei de novo o carro de polícia lá embaixo. Os dois policiais estavam colocando seus quepes. Bati de leve com meu celular no dente da frente.

— Vamos tomar um drinque depois do trabalho, Clarissa. Leve seu novo namorado, se quiser. Eu levo Andrew.

— Sério? Em público? Você vai com seu marido? Isso não ficou incrivelmente fora de moda este ano?

— Está incrivelmente fora de moda há cinco anos.

Clarissa inclinou a cabeça e olhou para mim.

— O que está querendo me dizer, Sarah?

— Não estou querendo dizer nada, Clar. Gosto demais de você para querer dizer alguma coisa. Só estou me perguntando, na verdade. Estou ponderando que, afinal de contas, as escolhas que fiz cinco anos atrás talvez não tenham sido tão más assim.

Clarissa sorriu com ar resignado.

— Ótimo. Mas não pense que vou deixar de apertar as pernocas dele por baixo da mesa só porque ele é seu marido.

— Se fizer isso, Clarissa, vou lhe manter como editora assistente da seção de horóscopo até o final de sua vida.

O telefone de minha mesa tocou. Vi a hora na tela: 10h25. É engraçado como esses detalhes ficam gravados na pessoa. Peguei o telefone e era da recepção, a voz da moça soando profundamente entediada. Na Nixie, usávamos a recepção como canto do castigo: quando uma das moças ficava rabugenta demais na redação, nós a mandávamos para o térreo, para passar uma semana atrás da escrivaninha mais reluzente do escritório.

— Há dois policiais aqui.

— Ah, foi aqui que entraram? O que eles querem?

— Certo, agora vamos adivinhar o motivo para ter ligado para seu número.

— Querem falar comigo?

— Não foi à toa que você se tornou chefe, Sarah.

— Ora, cale a boca. O que eles querem falar comigo?

Fez-se uma pausa.

— Posso perguntar, acho.

— Se não for muito incômodo.

Uma pausa ainda maior.

— Eles disseram que querem filmar um curta pornô na redação. Que não são policiais de verdade e que os pintos deles são simplesmente enormes.

— Ah, meu Deus do céu... Diga que já vou descer.

Desliguei o telefone e olhei para Clarissa. Os pelos dos meus braços arrepiaram-se de novo.

— É a polícia — eu disse.

— Relaxe — disse Clarissa. — Conspiração para publicar um artigo sério não dá cadeia nesse país.

Atrás dela, Jon Stewart estava rindo na TV. O convidado dele também ria. Senti um certo alívio. Era preciso arranjar algo do que rir, naquele verão, com tantas cidades pegando fogo. Rir, ou usar uma fantasia de super-herói, ou tentar algum tipo de orgasmo que a ciência ainda não definira.

Desci para o saguão pelas escadas, acelerando o passo cada vez mais. Os dois policiais estavam parados muito juntos um do outro, com os quepes nas mãos e seus grandes e práticos sapatos de couro em meu mármore negro. Um rubor intenso cobria o rosto do mais jovem.

— Desculpem — disse eu.

Fulminei a recepcionista com o olhar e ela me deu um largo sorriso forçado sob o cabelo louro meticulosamente partido na lateral.

— Sarah O'Rourke?

— Summers.

— Como, minha senhora?

— Sarah Summers é meu nome profissional.

O policial mais velho olhou-me com ar inexpressivo.

— É um assunto particular, senhora O'Rourke. Há algum lugar onde possamos conversar?

Levei-os para a sala de reunião no primeiro andar. Tons de rosa e violeta, mesa de vidro comprida, mais néon.

— Aceitam um café? Ou um chá? Embora eu não possa garantir com certeza se virá café ou chá. Nossa máquina é um pouco…

— É melhor se sentar, minha senhora.

Os rostos dos policiais brilhavam de modo pouco natural sob a luz rosada. Pareciam homens de filmes em preto e branco colorizados por computador. Um deles, mais velho, era calvo. Com uns quarenta e cinco anos. O mais novo, o do cabelo louro curto, talvez tivesse uns vinte e dois, vinte e quatro anos. Belos lábios. Bem cheios, parecendo suculentos. Não era bonito, mas fiquei fascinada pela maneira como se portava de pé e baixava os olhos de modo respeitoso ao falar. E é claro que o uniforme também sempre conta. Gostaria de saber se despem o protocolo junto com o casaco, ou algo assim.

Os dois colocaram seus quepes em cima do vidro fumê arroxeado. Rodaram-nos com seus dedos brancos e limpos. Ambos pararam exatamente no mesmo momento, como se algum ângulo crucial que tivessem praticado durante seu treinamento básico tivesse sido atingido com precisão naquele ponto.

Fitaram-me. Meu celular retiniu ruidosamente no tampo de vidro da mesa — uma mensagem de texto chegando. Sorri. Devia ser Andrew.

— Tenho más notícias para a senhora — disse o policial mais velho.

— O que quer dizer com isso?

Meu tom de voz saiu mais agressivo do que eu pretendia. Os policiais fixaram os olhos em seus quepes em cima da mesa. Eu precisava ler a mensagem de texto que acabara de chegar. Quando estendi a mão para pegar o telefone, vi os dois olhando para o toco de meu dedo cortado.

— Isso não foi nada. Perdi durante umas férias. Numa praia, aliás.

Os dois policiais se entreolharam. Viraram-se de novo para mim. O mais velho falou. A voz dele de repente soou rouca.

— Sentimos muito, senhora O'Rourke.

— Ah, por favor, não se preocupem. Não ligo para isso. Agora estou bem. Foi só um dedo.

— Não foi o que quisemos dizer, senhora O'Rourke. Lamento, mas recebemos instruções para dizer à senhora que…

— Olhe aqui, sinceramente, a gente se acostuma a passar sem um dedo. No começo parece uma coisa muito séria, mas depois a pessoa aprende a usar a outra mão.

Levantei a cabeça e vi os dois me olhando, pálidos e sérios. O néon crepitava. No relógio da parede, um minuto novo estalou sobre o velho.

— O mais engraçado é que ainda o sinto, sabiam? O meu dedo. O que está faltando. Às vezes, ele até coça. E, quando vou coçá-lo, não encontro nada, é claro. E sonho que meu dedo cresceu novamente, fico tão contente por tê-lo de volta, mesmo tendo aprendido a passar sem ele. Não é ridículo? Sinto falta dele, não é? E ele coça.

O policial mais jovem respirou fundo e olhou para seu bloco de anotações.

— Seu marido foi encontrado inconsciente em sua casa essa manhã, logo depois das nove horas, senhora O'Rourke. Um vizinho escutou gritos e ligou para o 999 informando que um indivíduo do sexo masculino parecia estar passando mal. A polícia foi até o local e forçou a entrada de um aposento do andar superior às nove e quinze, quando Andrew O'Rourke foi encontrado inconsciente. Nossos policiais fizeram tudo o que puderam, uma ambulância foi chamada e levou a vítima, porém lamento lhe informar, senhora O'Rourke, que seu marido foi declarado morto no local às... aqui está, nove horas e trinta e três minutos.

O policial fechou seu bloco.

— Lamentamos muito, minha senhora.

Apanhei meu telefone. A nova mensagem era realmente de Andrew. SINTO MUITO, dizia.

Ele sentia muito.

Coloquei o telefone e a minha pessoa no modo silencioso. O silêncio durou a semana inteira. Emitiu um ronco surdo no táxi para casa. Uivou quando apanhei Charlie na creche. Estralejou no telefonema para meus pais. Rugiu nos meus ouvidos quando o agente funerário me explicou os méritos relativos dos caixões de carvalho e de pinho. Pigarreou desculpando-se quando o redator de obituários do The Times telefonou para checar alguns detalhes. Agora, o silêncio me seguia dentro da igreja fria e cheia de ecos.

Como explicar a morte para um super-herói de quatro anos? Como anunciar a chegada súbita do luto? Nem eu mesma ainda a aceitei. Quando o policial me disse que Andrew estava morto, minha mente recusou-se a registrar a informação. Sou uma mulher bastante comum, acredito, e razoavelmente preparada para lidar com os problemas cotidianos. Sexo interrompido, decisões editoriais difíceis e máquinas de café que não funcionam bem — estas coisas minha cabeça pode aceitar prontamente. Mas meu Andrew, morto? Ainda me parecia fisicamente impossível. Em determinado momento da minha vida, ele ocupara mais de sete décimos da superfície da Terra.

Entretanto, lá estava eu, contemplando o caixão de Andrew, um caixão simples de carvalho (Uma escolha clássica, madame), e ele parecia bem pequeno na nave ampla da igreja.

— Mamãe, onde está o papai?

Sentada no primeiro banco da igreja com os braços em torno de meu filho, notei que começara a tremer. O vigário estava fazendo o elogio fúnebre. Falava sobre meu marido usando o verbo no passado. E o fazia muito bem. Ocorreu-me que ele nunca tivera de lidar com Andrew no presente, ou revisar suas colunas do jornal, ou senti-lo perdendo o ritmo lá dentro, como uma peça de mecanismo de relógio.

Charlie contorceu-se em meus braços e fez sua pergunta outra vez, a mesma que vinha fazendo dez vezes por dia desde que Andrew morrera.

— *Mamãe, onde está meu papai agorinha, neste minuto?*

Aproximei-me de sua orelha e sussurrei:

— *Está num lugar ótimo lá do céu agora, Charlie. Há uma sala linda e comprida para onde todos eles vão depois do café da manhã, com uma porção de livros interessantes e coisas boas para fazer.*

— Ah. E tem pintura e desenho lá?

— Tem, tem pintura e desenho.

— E meu papai está desenhando?

— Não, Charlie. Papai está abrindo a janela e olhando para o céu.

Estremeci e me perguntei por quanto tempo ainda teria de continuar narrando a vida além-túmulo de meu marido.

Mais palavras, os hinos em seguida. Mãos seguraram meus cotovelos e me levaram para fora. Observei a mim mesma parada num cemitério ao lado de um buraco fundo no chão. Seis coveiros de terno faziam descer um caixão ali, por meio de grossas e sedosas cordas verdes com borlas nas extremidades. Reconheci-o como sendo o caixão que estivera em cima do cavalete dentro da igreja, na frente dos bancos. O caixão pousou no fundo. Os coveiros recolheram as cordas com um movimento ágil do pulso. Lembro-me de ter pensado, aposto que fazem a mesma coisa todo dia o tempo todo, como se isso fosse um raciocínio brilhante. Alguém enfiou um punhado de barro na minha mão. Percebi que estava sendo convidada — pressionada, até — para jogar aquilo dentro do buraco. Tinham colocado grama fresca nas bordas da sepultura. Olhei para baixo e vi o brilho pálido do caixão no fundo. Batman estava firmemente agarrado à minha perna e espiou para dentro da cova escura junto comigo.

— Mamãe, por que os homens de roupa de Bruce Wayne botaram a caixa aí dentro desse buraco?

— Não vamos pensar nisso agora, meu querido.

Eu passara tantas horas explicando como era o céu para Charlie durante aquela semana: todos os quartos, prateleiras e caixas de areia do céu, que acabei não tratando da questão do corpo físico de Andrew em nenhum momento. Achei que seria demais querer que meu filho de quatro anos compreendesse a separação entre corpo e espírito. Refletindo agora a respeito acho que subestimei o menino que podia viver simultaneamente em Kingston-upon-Thames e Gotham City. Acho que se eu tivesse conseguido fazê-lo sentar e explicasse tudo com calma ele teria ficado plenamente satisfeito com a dualidade.

Ajoelhei-me e passei o braço em torno dos ombros de meu filho. Minha intenção era ser carinhosa, mas minha cabeça estava boiando e percebi que somente Charlie me impedia de cair dentro do buraco. Abracei-o com mais força. Charlie encostou a boca em minha orelha e cochichou:

— Onde está meu papai agora neste minuto?

Cochichei de volta:

— Seu papai está nas colinas do céu, Charlie, um lugar muito procurado nesta época do ano. Acho que ele está muito contente lá.

— Mmm. Meu papai vai voltar logo?

— Não, Charlie. As pessoas não voltam do céu. Já conversamos sobre isso.

Charlie apertou os lábios fazendo beicinho.

— Mamãe — repetiu ele —, por que eles botaram a caixa aí dentro?

— Acho que é para que fique bem guardada.

— Ah. E eles vão voltar pra pegar ela depois?

— Não, Charlie, acho que não.

Charlie piscou. Sob sua bat-máscara, ele franziu o rosto com o esforço de tentar compreender.

— Onde é que é o céu, mamãe?

— Por favor, Charlie, fique quieto. Agora, não.

— O que é que tem dentro daquela caixa?

— Mais tarde a gente fala sobre isso, querido, está bem? Mamãe está meio tonta.

Charlie me encarou.

— Meu papai está dentro daquela caixa?

— Seu papai está no céu, Charlie.

— AQUELA CAIXA É O CÉU? — disse Charlie em voz alta.

Todo mundo estava olhando para nós. Eu não conseguia falar. Meu filho olhou fixamente o interior do buraco. Depois olhou para mim com uma expressão de absoluto pavor.

— Mamãe, tira ele DAÍ! Tira meu papai do céu!

Segurei-o com força pelos ombros.

— Ah, Charlie, por favor, você não está compreendendo!

— TIRA ELE DAÍ! TIRA ELE DAÍ!

Meu filho se desvencilhou de meu abraço, soltou-se de mim. Aconteceu muito depressa. Ele foi até a extremidade do buraco. Olhou para trás, para mim, depois se virou e avançou, mas a grama que encobria a beirada do buraco cedeu sob seus pés e ele caiu, a bat-capa flutuando atrás dele, dentro do buraco. Aterrissou com um baque surdo em cima do caixão de Andrew. Houve um único grito agoniado de uma das pessoas presentes. Acho que foi o primeiro som, desde a morte de Andrew, que realmente quebrou o silêncio.

O grito reverberou várias vezes em minha mente. Senti náusea e o horizonte balançou loucamente. Ainda ajoelhada, inclinei-me na borda da cova. Lá embaixo, no escuro, meu filho estava socando o caixão e gritando:

— *Papai, papai! SAI DAÍ!*

Agarrado à tampa do caixão, firmou os pés na parede lateral da cova e puxava os parafusos que mantinham a tampa fechada. Estendi meus braços para baixo e implorei a Charlie que segurasse minhas mãos, para que eu pudesse puxá-lo de volta para cima. Tenho a impressão de que ele não escutou nada.

De início, meu filho se movia cheio de confiança, esbaforido. Afinal de contas, Batman estava invicto naquela primavera. Dominara o Pinguim, o Puffin e o Senhor Frio. A mente de meu filho simplesmente não cogitava a possibilidade de deixar de superar aquele novo desafio. Ele berrava, furioso, enraivecido. Não desistiria, mas, se eu quiser ser exata e me forçar agora a definir o momento preciso de toda essa história em que meu coração se partiu de modo irreparável, foi quando vi o cansaço e a dúvida começarem a se apossar dos pequenos músculos de meu filho enquanto seus dedos escorregavam, pela décima vez, na tampa de carvalho claro.

As pessoas aglomeraram-se em torno da beira da sepultura, paralisadas com o horror daquela situação, daquela primeira descoberta da morte que era pior do que a própria morte. Eu tentava me debruçar mas havia mãos em meus cotovelos me detendo. Eu lutava para me soltar, olhava todos os rostos horrorizados ao redor do túmulo e pensava: Por que ninguém faz nada?

Mas é difícil, muito difícil ser o primeiro.

Finalmente, foi Abelhinha que desceu, que entrou na sepultura e segurou meu filho para os outros o puxarem para fora. Charlie dava chutes, mordia e esperneava ferozmente, a máscara e a capa enlameadas. Queria voltar para baixo. E foi Abelhinha, depois que a tiraram de lá, quem o abraçou e o conteve enquanto ele gritava, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO e as pessoas mais próximas se aproximavam, pisando na faixa estreita de grama e jogavam seus pequenos punhados de barro na cova. Os gritos de meu filho pareceram continuar por um espaço dolorosamente longo de tempo. Lembro de me perguntar se minha mente iria se despedaçar com o barulho, como uma taça de vinho com a voz de uma soprano. Na realidade, um antigo colega de Andrew, um correspondente de guerra que estivera no Iraque e em Darfur, chegou a me telefonar dias mais tarde para recomendar o nome de um terapeuta especializado em neurose de guerra com quem ele se tratava.

— *É muita gentileza sua* — disse-lhe eu —, *mas não estive na guerra.*

Ao lado da sepultura, quando os gritos cessaram, segurei Charlie junto ao meu corpo, a cabeça apoiada em meu ombro. Ele estava exausto. Através dos furos de sua bat-máscara, eu via suas pálpebras se fechando. Vi as pessoas caminharem lentamente na direção do estacionamento. Guarda-chuvas de cores vivas destacavam-se contra os trajes escuros. Começava a chover.

Abelhinha ficou comigo. De pé ao lado da sepultura, nós nos entreolhamos.

— Obrigada — disse eu.

— Não foi nada — disse Abelhinha. — Só fiz o que qualquer um faria.

— É, só que ninguém fez — repliquei.

Abelhinha deu de ombros.

— É mais fácil quando se é de fora.

Estremeci. A chuva apertou.

— Isso nunca mais vai acabar — disse eu. — Não é, Abelhinha?

— Por mais tempo que a lua desapareça, um dia ela brilha outra vez. Era o que a gente costumava dizer na minha aldeia.

— As chuvas de abril trazem as flores de maio. É o que costumávamos dizer na minha.

Tentamos sorrir uma para a outra.

Acabei não jogando meu punhado de terra na cova. Não o joguei em nenhum outro lugar também. Duas horas depois, sozinha por um instante junto à mesa da cozinha de nossa casa, reparei que ainda o trazia na mão fechada. Deixei-o ali em cima da toalha da mesa, uma bolotinha bege sobre o tecido azul de algodão. Quando voltei, minutos mais tarde, alguém passara e o tirara dali.

Dias depois, o obituário do The Times comentou que tinham acontecido cenas pungentes no enterro de seu antigo colunista. O chefe de Andrew enviou-me o recorte, num grosso envelope bege, junto com uma breve nota de condolências em papel branco.

TRÊS

UMA COISA QUE EU teria de explicar às meninas lá de casa, se estivesse contando esta história para elas, seria uma simples palavra, uma palavra pequena: “terror”. Tem um significado diferente para as pessoas da minha aldeia.

Em seu país, quando vocês não são muito medrosos, podem ir assistir a um filme de terror. Depois, ao sair do cinema à noite, durante um certo tempo é possível encontrar o terror, o medo, o pavor, em qualquer coisa. Talvez haja assassinos à espreita na sua casa. Você acha isso porque há uma luz acesa lá dentro que tem certeza que apagou antes de sair. E quando tira a maquiagem diante do espelho, enfim, vê uma expressão esquisita nos próprios olhos. Aquela pessoa não é você. Por uma hora, aquilo a assombra, você não confia em ninguém, mas depois a sensação se dissipa. O terror, o medo, em seu país é algo do qual você toma uma dose de vez em quando para se lembrar de que não sofre daquilo.

Para mim e para as meninas de minha aldeia, o terror é uma doença e passamos mal com ele. Não é uma doença da qual você se cura assim que se levanta e deixa a poltrona grande e vermelha do cinema se dobrar atrás de você. Até que seria bom.

Caso eu pudesse fazer isto, acredite, já estaria sentada no saguão. Estaria rindo com o menino do quiosque e trocando moedas de uma libra por pipoca com manteiga quente, e dizendo: Ufa, graças a Deus acabou, foi o filme mais apavorante que já vi, acho que na próxima vez vou assistir a uma comédia, ou então a um filme romântico com muitos beijos. Mas o filme na sua memória, desse não se pode livrar assim com tanta facilidade. Onde quer que você vá, ele está sempre passando dentro da sua cabeça. Portanto, quando digo que sou uma refugiada, você deve compreender que não existe refúgio.

Tem dias em que me pergunto quantas pessoas existem iguais a mim. Milhares, imagino, boiando nos oceanos neste exato momento. Entre o nosso mundo e o de vocês. Se não podemos pagar atravessadores para nos transportarem, embarcamos como clandestinos em navios de carga. No escuro, dentro de contêineres. Respirando baixinho na escuridão, famintos, escutando os clangores estranhos dos navios, sentindo o cheiro de diesel e de tinta, escutando o bum-bum-bum dos motores. Totalmente acesos à noite, ouvindo o canto das baleias subindo das profundezas do mar e reverberando através do navio. Todos nós cochichando, rezando, pensando. E em que estamos pensando? Na segurança física, na paz de espírito. Em todos esses países imaginários que estão sendo servidos agora no saguão.

Embarquei como clandestina num grande navio de aço, mas o terror embarcou junto dentro de mim. Quando deixei minha terra natal pensei ter escapado, mas em alto-mar comecei a ter pesadelos. Fui ingênua ao imaginar que saíra de meu país sem nada. Era uma carga pesada, a que eu levava.

Desembarcaram minha carga num porto do estuário do rio Tâmisa. Não desci andando pela prancha de desembarque, fui carregada para fora do navio por seus funcionários da imigração e eles me prenderam. O centro de detenção não era nenhuma piada. O que vou dizer a respeito? Seu sistema é cruel, mas muitos de vocês foram bondosos comigo. Mandam caixas de doações. Vestiram meu terror com botas e uma camisa colorida. Mandaram

esmalte para meu terror pintar as unhas. Enviaram livros e jornais. Agora o terror sabe falar o Inglês da Rainha. É por isso que agora podemos estar aqui conversando sobre asilo político e refúgio. Por isso é que vou poder contar a vocês — logo, logo, como dizemos em meu país — algumas coisas sobre aquilo de que eu estava fugindo.

Existem coisas que os homens podem lhe fazer nesta vida, eu lhe garanto, que seria muito melhor se você se matasse antes. Depois que se passa a conhecer essas coisas, seus olhos estão sempre indo de um lado para o outro, vigilantes, esperando o momento em que os homens vão aparecer.

No centro de detenção de imigrantes, disseram-nos que precisávamos nos disciplinar para superar nossos medos. A disciplina que aprendi foi esta: sempre que vou para um lugar novo, procuro descobrir como poderia fazer para me matar ali. Certifico-me de que estou preparada, caso os homens apareçam de repente. A primeira vez em que entrei no banheiro de Sarah, pensei: É, Abelhinha, aqui dentro você pode quebrar o espelho daquele armário de remédios e cortar seus pulsos com os cacos. Quando Sarah me levou para um passeio de carro, pensei: Aqui, Abelhinha, você abaixaria o vidro e soltaria seu cinto de segurança e se atiraria pela janela, sem problemas, debaixo do próximo caminhão que viesse pelo outro lado. E quando Sarah me levou para passar o dia em Richmond Park, ela ficou contemplando a paisagem enquanto eu procurava um buraco no chão onde pudesse me esconder, ficar bem quietinha até virar uma caveirinha branca, que as raposas e os coelhos viriam farejar com seus focinhos úmidos e macios.

Se os homens vierem de repente, vou estar pronta para me matar. Você está com pena de mim porque penso nisso o tempo todo? Se os homens vierem e você não se preparar, então sou eu quem vai sentir pena de você.

Durante os primeiros seis meses no centro de detenção, eu gritava todas as noites e durante o dia imaginava mil maneiras de me matar. Planejei me matar em cada uma das situações em que uma moça como eu

poderia se encontrar no interior do centro de detenção. Na enfermaria, morfina. Na lavanderia, água sanitária. Na cozinha, gordura fervendo. Acha que estou exagerando? Algumas das imigrantes que estavam comigo, elas realmente fizeram essas coisas. Os funcionários do centro despachavam os corpos à noite, porque não seria bom a população local ver as ambulâncias saindo lentamente daquele lugar.

E se me soltassem? E eu fosse a um cinema e tivesse de me matar lá? Poderia me jogar do balcão do segundo andar. E num restaurante? Eu me esconderia na maior geladeira que eles tivessem e cairia num sono profundo, gelado. E na praia? Ah, na praia eu roubaria um caminhão de sorvete e entraria pelo mar com ele. Nunca mais me veriam. A única coisa que revelaria que uma garota africana apavorada um dia existira seriam dois mil sorvetes derretendo, balouçando dentro de suas embalagens nas frias ondas azuis.

Depois de uma centena de noites em claro, acabei por planejar como me matar em todos os cantos do centro de detenção e do campo lá fora, mas minha imaginação ainda continuava a trabalhar. Adoeci de tanto terror e me puseram na enfermaria. Afastada dos outros prisioneiros, deitada no meio dos lençóis grosseiros, passava o dia inteiro sozinha com meus pensamentos. Sabia que pretendiam me deportar, de modo que imaginei como me mataria em minha terra, na Nigéria. Era igual a me matar no centro de detenção, mas o cenário era mais bonito. Essa era uma pequena e inesperada felicidade. Nas florestas, nas aldeias tranquilas, nas encostas das montanhas, dei cabo de minha própria vida vezes sem conta.

Nos lugares mais bonitos, eu disfarçadamente prolongava o ato. Certa vez, numa selva fechada e quente que cheirava a musgo úmido e excremento de macacos, levei quase o dia inteiro para cortar árvores e construir uma torre alta onde me enforcar. Eu tinha um facão de mato. Imaginava a seiva pegajosa nas minhas mãos e seu doce cheiro de mel, a gostosa sensação de cansaço em meus braços pelo trabalho de cortar a madeira e os gritos esganiçados dos macacos, zangados quando eu derrubava

suas árvores. Trabalhei duro em minha imaginação e amarrei os troncos com cipós e trepadeiras, e usei um nó especial que minha irmã Nkiruka me ensinou. Foi um grande dia de trabalho para uma menina pequena. Fiquei orgulhosa. No final daquele dia inteiro em minha cama na enfermaria, trabalhando em minha torre de suicida, percebi que bastaria ter subido numa árvore da selva e pulado com a minha cabeça idiota apontando para uma pedra qualquer.

Essa foi a primeira vez que eu sorri.

Comecei a comer as refeições que me traziam. Pensei comigo, você precisa se tonar forte, ou vai ficar muito fraca para matar essa sua pessoa boba quando chegar a hora, e depois vai se arrepender. Comecei a andar da enfermaria até a cantina na hora das refeições para poder escolher minha comida em vez de ter de comer a que me traziam. Comecei a me fazer perguntas desse tipo: O que vai me tornar mais forte para o ato do suicídio? Cenoura ou ervilha?

Na cantina havia uma televisão que ficava sempre ligada. Comecei a aprender mais sobre a vida de seu país. Assistia a programas chamados Ilha do Amor, Cozinha do Inferno e Quem Quer Ser Milionário? e imaginava de que forma me mataria em todos aqueles programas. Afogamento, facas e pergunte à plateia.

Um dia, os funcionários da detenção deram para cada um de nós um exemplar de um livro chamado Vida no Reino Unido. Esse livro explica a história do seu país e como se adaptar a ele. Planejei como me mataria no tempo de Churchill (ficar sob as bombas), da rainha Vitória (me atirar sob as patas de um cavalo) e de Henrique Oitavo (casar com Henrique Oitavo). Imaginei como me matar sob o governo do Partido Trabalhista e sob o governo do Partido Conservador e percebi por que não era importante ter um plano de suicídio sob o governo Liberal-democrata. Comecei a compreender como seu país funcionava.

Fui tirada da enfermaria. Ainda gritava à noite, mas não mais todas as noites. Descobri que estava levando duas cargas. Sim, uma delas era o

terror, mas a outra era a esperança. Descobri que me matara de volta para a vida.

Li seus romances. Li os jornais que vocês mandaram. Nas colunas de opinião eu sublinhava as frases grandiosas e procurava cada palavra em meu Collins Gem. Treinei durante horas diante do espelho, até conseguir fazer as palavras imponentes parecerem naturais em minha boca.

Li um bocado sobre sua Família Real. Gosto mais de sua rainha do que do inglês dela. Sabe como uma pessoa pode se matar durante uma recepção ao ar livre com a Rainha Elizabeth Segunda, no enorme gramado do palácio de Buckingham em Londres, caso seja convidada? Eu sei. Eu me mataria com uma taça quebrada de champanhe, ou talvez com uma pata afiada de lagosta, ou até com um pedacinho de pepino que eu iria aspirar e me engasgar com ele caso os homens aparecessem de repente.

Penso muito no que a rainha faria caso os homens aparecessem de repente. Não venha me dizer que ela jamais pensa nisso. Quando li em Vida no Reino Unido sobre algumas das coisas que aconteceram com as mulheres que se tornaram rainhas, compreendi que ela deve pensar nisso o tempo todo. Acho que se a rainha e eu nos encontrássemos veríamos que temos muitas coisas em comum.

A rainha às vezes sorri, mas se você atentar para os olhos dela naquele retrato no verso da nota de cinco libras vai ver que sua carga também é pesada. A rainha e eu estamos preparadas para o pior. Em público, você vai nos ver sorrindo e às vezes até rindo, mas se você fosse um homem que nos olhasse de um certo modo, nós duas daríamos um jeito de estar mortas antes que você conseguisse encostar um dedo que fosse em nosso corpo. Nós duas, eu e a Rainha da Inglaterra, não iríamos dar essa satisfação a você.

É bom viver assim. A partir do momento em que você está preparada para morrer, não sofre tanto com o terror. Por isso eu estava sorrindo apesar do nervosismo; porque estava preparada para morrer, naquela manhã em que nos soltaram.

Vou contar o que aconteceu quando o motorista de táxi chegou. Nós quatro estávamos esperando do lado de fora do centro de detenção de imigrantes. De costas para ele, porque é assim que se faz com um monstro cinzento grande que o guardou dentro da barriga durante dois anos quando ele de repente o cospe. Você fica de costas para ele e fala cochichando, porque ele pode se lembrar de você e ter a brilhante ideia de engoli-lo de novo.

Olhei para Yevette, a moça alta e bonita da Jamaica. Todas as vezes que olhei para ela antes, estava dando risada e sorrindo. Mas agora o sorriso dela parecia tão nervoso quanto o meu.

— O que foi? — cochichei.

Yevette aproximou a boca da minha orelha.

— Não tô me sentino segura aqui fora.

— Mas eles nos soltaram, não foi? Podemos ir embora daqui, estamos livres. Qual é o problema?

Yevette sacudiu a cabeça e cochichou de novo.

— Num é tão simples assim, meu bem. Tem a liberdade que é cês pode ir embora e tem a liberdade que é *cês pode ir embora* até nós *pegá ocês de novo*. Disculpe, mas a liberdade que nós temo é essa outra aí, Belhinha. *Tô falano sério*. Eles chamam isso de imigrante ilegal.

— Não estou entendendo, Yevette.

— É, e num posso explicá isso procê aqui.

Yevette lançou um olhar para as outras duas moças, depois para o centro de deteção lá atrás. Quando se voltou para mim, falou bem perto de minha orelha outra vez.

— Armei uma história pra deixarem a gente saí dali.

— Que história?

— Xiu, minina. Tem gente demais escutano aqui, Belha. Ouve bem o que eu tô dizeno, temo de achá um lugar qualquer pra nós se escondê. Aí exprico melhor procê a situação.

Agora as duas outras moças estavam olhando para nós. Sorri para elas e tentei não pensar no que Yevette dissera. Estávamos acocoradas junto ao portão principal do centro. As cercas se estendiam para os dois lados a partir daquele ponto. Eram da altura de quatro homens e tinham arame farpado na parte de cima, formando assustadores rolos pretos. Olhei para as outras três moças e comecei a dar risadinhas. Yevette levantou-se, pôs as mãos nos quadris e me fitou com os olhos arregalados.

— Qual é a graça, Musquitinha?

— Meu nome é Pequena Abelha, pode me chamar de Abelhinha, Yevette, e estou rindo por causa dessa cerca.

Yevette olhou para cima.

— Credo, garota, ocês lá da Nigera são inda pior do que parece. Cê tá achando essa cerca aí engraçada, então eu é que nunca quero vê uma cerca que tu considera que é coisa séria mesmo, pra valê.

— É o arame farpado, Yevette. Quero dizer, repare só em nós quatro. Eu com minha roupa de baixo numa sacola transparente, você de sandália rasteira, essa moça com o bonito sári amarelo dela e a outra com os documentos. Temos cara de quem pode subir naquela cerca? Vou lhe dizer, nem que eles tirassem aquele arame farpado e pusessem moedas de uma libra e mangas frescas no alto da cerca a gente não conseguiria subir nela para fugir.

Então foi a vez de Yevette começar a rir, Uá-ha-ha-ha, e ralhar comigo sacudindo o dedo indicador para mim.

— Ô garota boba! Tu tá achano que eles construíro essa cerca aí pra não deixá nós saí? Tá maluca? Eles construíro essa cerca foi pra não deixá todos os moço entrá. Os moço sabe a qualidade das mulé que eles tranca aí dentro desse lugar, e se deixá eles quebra as porta tudo!

Eu estava rindo, mas então a moça com os documentos falou. Ela estava de cócoras e contemplando seus tênis Dunlop Green Flash.

— Pra onde que a gente vai?

— Pra onde o táxi *nos levá, num tá veno?* E depois a gente toma rumo dali em diante. Se anima, criatura, num faz essa cara, benzim! É pra lá que nós vai, pra Inglaterra.

Yevette apontou o dedo para fora, além do portão aberto. A moça com os documentos olhou para onde ela apontava, a moça do sári também, e eu também.

Era uma dessas manhãs claras e bonitas, já contei isso antes. Era o mês de maio e havia um sol quente passando através das nuvens, como se o céu fosse uma tigela azul quebrada e uma criança tentasse guardar mel dentro dela. Estávamos no alto da colina. Havia uma comprida estrada asfaltada serpenteando de nosso portão até sumir no horizonte. Não havia tráfego nela. O ponto onde nos encontrávamos era onde a estrada terminava — não ia para mais lugar nenhum. Havia campos dos dois lados da estrada. E eram campos lindos, com capim verde tão fresquinho que até dava fome. Olhei para aqueles campos e pensei: eu seria capaz de ficar de quatro e enfiar meu rosto naquele capim e comer, comer, comer sem parar. E era isso mesmo que uma grande quantidade de vacas fazia à esquerda da estrada, e uma quantidade maior ainda de carneiros à direita.

Nas plantações mais próximas, um homem branco num trator pequeno azul ia puxando uma ferramenta qualquer pela terra do chão, mas não me pergunte qual era a função dela. Outro homem, com aquela roupa azul que acho que vocês chamam de macacão, estava fechando uma porteira com uma corda cor de laranja vivo. As plantações eram muito arrumadinhas e bem tratadas, e a cerca viva entre eles era baixa e em linha reta.

— É grande — disse a moça com os documentos.

— É nada — disse Yevette. — A gente só tem é de chegá em Londres. Lá eu conheço umas pessoa.

— Eu não conheço pessoa nenhuma — disse a moça com os documentos. — Não conheço ninguém.

— Bom, mas vai ter de fazer uma forcinha, né, benzim?

A moça com os documentos franziu a testa.

— Como é que pode não ter ninguém aqui para nos ajudar? Por que minha assistente social não veio me buscar? Por que eles não nos deram nenhum alvará de soltura?

Yevette sacudiu a cabeça.

— Tu já num tem papel à beça aí dentro dessa tua sacola, minina? Tem gente que quando *ocê dá o dedo eles qué* logo o braço todo, que coisa.

Yevette riu, mas seu olhar parecia desesperado.

— E cadê o diacho desse táxi, que num chega? — disse.

— O homem no telefone falou dez minutos.

— Parece que já passô dez anos, verdade.

Yevette se calou. Voltamos a olhar para o campo. A paisagem se estendia ao longe, ampla. Uma brisa soprou. Sentadas em nossos calcanhares, observávamos as vacas e os carneiros e o homem branco amarrando e fechando as porteiras ao redor dos bichos.

Depois de algum tempo, avistamos nosso táxi se aproximando. Nós o acompanhamos desde o momento em que surgiu como um cisquinho branco no ponto mais distante da estrada. Yevette virou-se para mim e sorriu.

— Esse motorista de táxi, ele parecia bunitão no telefone?

— Não falei com o motorista, só com o atendente da central de táxis.

— Faz dezoito mês que tô sem homi, Musquita. É bom esse motorista sê o próprio Rei do Pedaço, tá me entendeno? Gosto de homi alto, com umas gurdurinha. Num gosto desses fedelhim magricelo, não. E tem de vir todo chique, arrumado. Não vô perdê meu tempo cum homi fudido, tô certa ou num tô?

Dei de ombros. Vi o táxi se aproximando. Yevette olhou direto para mim.

— Qui tipo de homi que tu gosta, Musquitinha?

Olhei para o chão. Havia capim ali, crescendo através do asfalto, e eu o arranquei com as mãos. Quando pensava em homens, sentia um medo na

minha barriga, tão forte que era como se houvesse facas me furando. Não queria falar, mas Yevette me empurrou com o cotovelo.

— Vamo lá, Musquita, que tipo de garoto é o da madame aí?

— Ah, o comum, sei lá.

— Quê? Mas que comum é esse? Alto, baixo, magro, gordo?

Fitei minhas mãos.

— Acho que meu homem ideal tem de falar uma porção de línguas. Tem de falar ibo e iorubá e inglês e todas as outras línguas. Tem de poder falar com qualquer pessoa, até com os soldados, e se eles tiverem violência nos corações ele tem de poder mudar isso. Sem precisar lutar, entende? Talvez ele não seja muito bonito, mas ficaria lindo quando falasse. Teria de ser muito gentil e bondoso, mesmo que a gente queimasse a comida dele porque estava conversando com as amigas em vez de tomar conta do fogão. Ele só diria: Ah, não faz mal.

Yevette me encarou.

— Me discurpe, Musquita, mas esse seu homi ideal num parece que é muito rialixco.

A moça dos documentos levantou o olhar de seus tênis Dunlop Green Flash.

— Deixe ela em paz. Não está vendo logo que ela é virgem?

Fitei o chão. Yevette, essa me olhou fixo um tempo enorme e depois pousou a mão na minha nuca. Enterrei o salto de minha bota no chão e Yevette se virou para a moça dos documentos.

— Cumé que tu sabe disso, benzim?

A moça encolheu os ombros e apontou para os documentos na sacola transparente.

— Já passei por muita coisa. Conheço as pessoas.

— Então pur que tu é tão quieta, já que sabe tanta coisa?

A moça encolheu os ombros de novo. Yevette continuava se dirigindo a ela.

— E cumé quiocê se chama, minina?

— Não digo meu nome para as pessoas. É mais seguro.

Yevette revirou os olhos.

— Aposto que também num dá seu telefone pros moço.

A dos documentos encarou Yevette. Depois cuspiu no chão. Estava tremendo.

— Você não sabe de nada — disse. — Se soubesse alguma coisa nessa vida, não ia achar nada tão engraçado.

Yevette pôs as mãos nos quadris. Balançou a cabeça devagar.

— Minha fia — disse —, a vida tirô as bênção de mim e de tu numa ordem diferente, foi só isso. Na verdade, pra mim só deixô mesmo o engraçado, mais nada. E procê, fia, só deixou essa papelada aí.

Elas pararam de falar, porque o táxi estava chegando. Ele parou bem na nossa frente. A janela do carona estava aberta e deixava escapar uma música alta. Vou contar que música era aquela. Era uma canção chamada “We Are the Champions”, de um conjunto inglês chamado Queen. Sei disso pelo seguinte: um dos funcionários do centro de detenção de imigrantes adorava esse conjunto. Ele costumava levar o aparelho de som dele e tocar a música para nós quando estávamos trancadas em nossas celas. Se a pessoa dançasse e sacudisse o corpo para mostrar que gostava da música, ele trazia mais comida para ela. Certa vez, ele me mostrou uma foto do conjunto. Era a fotografia que aparecia na caixa do CD. Um dos músicos tinha um bocado de cabelo. Era preto com cachos muito enrolados, e se amontoava em cima da cabeça dele como se fosse um grande peso, e descia pelo pescoço até os ombros. Eu sei o que significa moda na sua língua, mas aquele cabelo não parecia moda coisa nenhuma, acredite — parecia mais uma punição, um castigo.

Um dos outros funcionários do centro de detenção passou enquanto estávamos olhando a foto na caixa do CD, apontou para o músico com aquele cabelo todo e disse: Que galinha. Lembro que fiquei muito satisfeita, porque ainda estava aprendendo a falar direito a sua língua naquela época e estava começando a compreender que uma palavra pode ter dois

significados. Compreendi aquela palavra na mesma hora. Percebi logo que ele se referia ao cabelo do músico. Que era parecido com uma crista de galinha, sabe, e aquelas penas todas. Portanto, galinha era a ave propriamente dita e também um homem com aquele tipo de cabelo.

Estou lhe contando isso porque o motorista do táxi tinha exatamente aquele tipo de cabelo.

Quando o táxi parou do lado de fora do portão principal do centro de detenção, o motorista não saiu do carro. Ele nos olhou pela janela aberta. Era um homem branco, magro e usava óculos escuros com lentes verdes e armação dourada brilhante. A moça do sári amarelo, ela ficou impressionada com o carro em si. Acho que era como eu, nunca tinha visto um carro assim, branco, tão grande, novo e brilhante. Ela deu a volta em torno dele, e passou a mão na lataria enquanto murmurava: *Mmmmm*. Ainda segurava a sacola transparente vazia. Soltou uma das mãos da sacola e traçou com um dedo as letras na traseira do carro. Pronunciou cada letra muito devagar e com muito cuidado, da maneira como tinha aprendido no centro de detenção: *F…O…R…D…hummm! Fod!* Quando chegou na frente do carro, olhou para os faróis e piscou. Inclinou a cabeça para um lado, depois a endireitou, depois olhou o carro nos olhos e deu uma risadinha. O motorista acompanhou-a com o olhar esse tempo todo. Então, virou-se para nós, as outras moças, e a expressão do seu rosto era a de um homem que acabou de se dar conta de que engoliu uma granada de mão porque pensou que fosse uma ameixa.

— Sua amiga não é muito boa da cabeça — disse ele.

Yevette cutucou meu estômago com seu cotovelo.

— É melhor ocê falá, Musquitinha — cochichou ela.

Olhei para o motorista. “We Are the Champions” ainda tocava no estéreo dele, muito alto. Percebi que precisava dizer ao motorista alguma coisa que mostrasse a ele que não éramos refugiadas. Queria mostrar que éramos inglesas, que falávamos a sua língua e compreendíamos todas as sutilezas da cultura de vocês. Também queria que ele ficasse feliz. Foi por

isso que sorri e me encaminhei para a janela aberta e disse para o motorista de táxi:

— Olá, estou vendo que você é galinha.

Acho que o motorista não me compreendeu. A expressão na cara dele ficou ainda mais azeda. Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro bem devagar. E disse:

— Lá na selva não ensinam boas maneiras para vocês, não, suas macacas?

Arrancou muito depressa com o carro e foi embora, fazendo os pneus de seu táxi guincharem alto como faz um bebê quando se tira o leite dele. Nós quatro ficamos paradas vendo o táxi desaparecer outra vez pela colina abaixo. Os carneiros do lado direito da estrada e as vacas do esquerdo também ficaram olhando. Depois voltaram a pastar o capim e nós voltamos a nos sentar sobre nossos calcanhares. O vento soprou e os rolos de arame farpado chacoalharam no alto da cerca. As sombras de pequeninas nuvens altas deslizaram pelo campo.

Passou-se um bom tempo antes que uma de nós falasse.

— Vai ver a gente devia ter deixado a Moça do Sári falar.

— Desculpe.

— Africanas desgraçada. Sempre acham que são muito das esperta mas cês são é inguinorantes.

Levantei e andei até a cerca. Segurei num dos aros de metal e olhei para fora, para a descida da colina e para os campos. Lá embaixo, os dois fazendeiros ainda estavam trabalhando, um dirigindo o trator e o outro amarrando as porteiras.

Yevette veio para o meu lado.

— Quéqui nós vai fazê agora, Musquita? Num dá pra ficá aqui de jeito nenhum. Vamos andano, então, tá bom?

Sacudi minha cabeça.

— E aqueles homens ali embaixo, como vai ser?

— Tá achano que eles num vão deixá a gente passá?

Agarrei a cerca com mais força.

— Sei lá, Yevette. Estou com medo.

— Tá cum medo de quê, Musquita? Pode ser que eles nem liga pra gente. A não ser que tu xingue eles tomém, como xingou o homi do táxi.

Sorri e sacudi a cabeça.

— Tá certo, então. Fica cum medo não. Eu vô junto contigo, pra onde tu quisé. Pra tomá conta dessas tua maneiras de macaca.

Yevette virou-se para a moça dos documentos.

— E ocê, mocinha sem nome? Vem tomém?

A moça virou a cabeça e olhou para o centro de detenção.

— Por que não nos deram mais ajuda? Por que não mandaram nossas assistentes sociais virem nos encontrar?

— Ora, purque eles num quiseram, benzim. E quéqui tu vai fazê agora? Vai voltá lá pra dentro, pedi a eles pra te arranjá um carro, um namorado e quem sabe inté umas joiazinha?

A moça sacudiu a cabeça. Yevette sorriu.

— Benza Deus, minina. E agora tu, Moça do Sári. Vou facilitá as coisa pra tu. Tu vem junto, benzim. Se tá de acordo, num diz nada.

A moça do sári piscou para ela e inclinou a cabeça para o lado.

— Ótimo. Vamu nós tudo, Musquita. Vambora daqui desse lugar a pé mesmo.

Yevette se virou para mim mas eu ainda estava olhando para a moça. O vento soprou no sári amarelo e vi uma cicatriz na garganta dela, de um lado a outro, grossa como um dedo mindinho. Branca igual a um osso na pele escura dela. Encalombada e enrolada em torno da traqueia dela como se não quisesse soltá-la. Como se achasse que ainda tinha uma chance de acabar com ela. Ela me viu olhando e escondeu a cicatriz com a mão, e aí olhei para a mão. Havia cicatrizes na mão também. Combinamos aquilo sobre cicatrizes, eu sei, mas dessa vez desviei o olhar porque às vezes a beleza é demais.

Passamos pelos portões e seguimos pela estrada de asfalto descendo a colina. Yevette ia na frente, eu era a segunda e as outras duas vinham atrás de mim. Não tirei os olhos dos calcanhares de Yevette. Não olhava nem para a direita nem para a esquerda. Meu coração batia com força quando chegamos ao fim da descida. O ronronar do trator aumentou até abafar o som das sandálias rasteiras de Yevette. Quando o barulho do trator diminuiu atrás de nós, voltei a respirar aliviada. Está tudo bem, pensei. Passamos por eles, e, claro, não teve problema nenhum. Que bobagem ficar tão assustada. Então o barulho do trator parou. Um pássaro cantou ali perto, no silêncio repentino.

— Esperem — disse uma voz de homem.

Cochichei para Yevette:

— Continue andando.

— ESPEREM!

Yevette parou. Tentei passar para a frente dela mas ela segurou meu braço.

— Fala sério, garota. Pra onde tu vai corrê?

Parei. Estava tão apavorada que mal conseguia respirar. Acho que as outras moças também. A moça sem nome cochichou no meu ouvido:

— Por favor, deixa a gente voltar e subir correndo a ladeira. Esse pessoal não gosta de nós, não está vendo?

O homem do trator desceu de seu assento. O outro homem, o que estava amarrando as porteiras, aproximou-se e veio para perto do outro. Estavam no meio da estrada, entre nós e o centro de detenção. O que dirigia o trator usava um casaco verde e um boné. Ficou parado com as mãos nos bolsos. O que estava amarrando as porteiras — o de macacão azul — era muito grandalhão. O homem do trator batia no peito dele. O homem era tão alto que as calças terminavam na altura das meias, e era muito gordo também. Tinha uma camada de gordura rosada no pescoço e a gordura saltava entre a bainha de seu macacão e o cano das meias. Usava um chapéu de lã enterrado na cabeça. Tirou um pacote de tabaco do bolso e

enrolou um cigarro sem tirar o olho de nós. Não estava barbeado e tinha o nariz vermelho e inchado. Os olhos também eram vermelhos. Acendeu o cigarro, soprou a fumaça e cuspiu no chão. Quando falou, sua gordura balançou.

— Vocês fugiram, não foi, meninas?

O motorista do trator deu uma risada.

— Não liguem para o Albert — disse ele.

Nós ficamos de cabeça baixa. Eu e Yevette na frente, a moça do sári amarelo e a moça sem nome atrás de nós. A moça sem nome cochichou de novo no meu ouvido:

— Por favor. Deixa a gente voltar. Essas pessoas não vão nos ajudar, não está vendo?

— Não podem nos fazer mal. Estamos na Inglaterra agora. Não é igual ao lugar de onde viemos.

— Por favor, deixa a gente voltar.

Olhei ela saltitando num e noutro pé com seus tênis Dunlop Green Flash. Eu não sabia se corria ou se ficava.

— Foi ou não foi? — perguntou o homem alto e gordo. — Vocês fugiram?

Sacudi a cabeça.

— Não, senhor. Fomos soltas. Somos refugiadas oficiais.

— E tem como provar isso, com certeza?

— Nossos documentos estão com nossas assistentes sociais — disse a moça sem nome.

O homem alto e gordo olhou ao redor. Olhou a estrada de cima a baixo. Esticou o corpo para olhar por cima da cerca viva para o campo ao lado.

— Não estou vendo nenhuma assistente social — disse ele.

— Ligue para elas se não acredita em nós — disse a moça sem nome. — Ligue para o Departamento de Fronteiras e Imigração. Diga a eles para procurarem nos arquivos. Vão lhe dizer que somos legais.

Ela procurou em sua sacola plástica cheia de documentos até encontrar o papel que desejava.

— Aqui — disse ela. — O número está aqui. Ligue e vai ver.

— Não. Por favor. Num faz isso não — disse Yevette.

A moça sem nome encarou-a.

— Qual é o problema? — perguntou. — Eles nos soltaram, não soltaram?

Yevette apertou as mãos uma na outra.

— Num é tão simples assim como tu pensa — murmurou.

A moça sem nome olhava fixo para Yevette. Havia fúria em seus olhos.

— *O que foi que você fez?* — perguntou.

— O que era preu fazê — respondeu Yevette.

A princípio, a moça sem nome pareceu zangada, em seguida confusa e depois, lentamente, vi o terror surgir em seus olhos. Yevette estendeu as mãos para ela.

— Disculpe, minina. Bem que eu queria que num fosse desse jeito.

A moça empurrou as mãos de Yevette.

O motorista do trator deu um passo à frente, olhou para nós e suspirou.

— É sempre assim, Albertinho, sempre.

Olhou para mim com tristeza e senti um nó no estômago.

— As senhoritas estão numa situação muito vulnerável sem documentos, não é? Certas pessoas podem querer se aproveitar disso.

O vento soprou nos campos. Minha garganta estava tão apertada que eu não conseguia falar. O motorista do trator tossiu.

— É bem típico desse governo — ele disse. — Não ligo a mínima se vocês são legais ou ilegais. Mas como podem soltar vocês sem documentos? A mão esquerda nem sabe o que a direita está fazendo. Vocês só têm isso aí?

Levantei minha sacola plástica transparente e, quando as outras me viram fazer isso, também levantaram as delas. O motorista do trator sacudiu a cabeça.

— Isso é bem típico, não é, Albert?

— Não sei dizer, não, seu Ayres.

— O governo não se importa com ninguém. Vocês não são as primeiras pessoas que vemos perambulando por esses campos feito uns marcianos. Vocês nem sabem em que planeta estão, não é verdade? Maldito governo. Não liga para vocês, refugiados, não liga para o campo, não liga para os fazendeiros. O desgraçado do governo só quer saber de raposas e de gente da cidade.

Olhou para o arame farpado do centro de detenção atrás de nós, depois olhou para nós, uma por uma.

— Vocês não deviam nem ao menos estar nessa situação, para começar. É uma vergonha, é isso que é, manter moças como vocês trancadas num lugar como aquele. Não é mesmo, Albert?

Albert tirou o chapéu de lã e olhou para o centro de detenção lá no alto. Soprou a fumaça do cigarro pelo nariz. Não disse nada.

O senhor Ayres virou-se para nós.

— Pois bem, o que vamos fazer com vocês? Querem que eu volte lá e diga a eles para ficarem com vocês até suas assistentes sociais serem contactadas?

Os olhos de Yevette se arregalaram muito ao escutar o senhor Ayres dizer isso.

— De jeito nenhum, moço. Num volto nunca mais praquele inferno. Nem por um minutim, prifiro morrê.

— Estou achando que eles deixaram que vocês saíssem por engano — disse ele. — É, é isso mesmo que estou pensando. Estou certo?

Encolhi os ombros. A moça do sári e a moça sem nome, essas só esperavam para ver o que iria acontecer.

— Vocês têm para onde ir? Algum parente? Gente esperando vocês em algum lugar?

Virei-me para as outras moças, depois para ele outra vez e neguei com a cabeça.

— Vocês têm como provar que são legais? Posso ter problemas se deixar que entrem nas minhas terras e depois ficar provado que estou acobertando imigrantes ilegais. Tenho mulher e três filhos. Isso é muito sério, o que estou perguntando.

— Desculpe, seu Ayres. Não vamos entrar nas suas terras. Só estamos de passagem.

O senhor Ayres assentiu e tirou seu boné achatado, espiou dentro e girou-o nas mãos uma porção de vezes. Reparei nos dedos dele se mexendo no tecido verde. As unhas eram grossas e amarelas. Os dedos estavam sujos de terra.

Um grande pássaro preto passou batendo as asas por cima de nossas cabeças e voou na direção em que nosso táxi desaparecera. O senhor Ayres, esse respirou fundo e estendeu o interior do boné para eu ver. Havia um nome costurado no forro do chapéu. Tinha sido escrito à mão numa etiqueta branca. A etiqueta estava amarelada de suor.

— Você sabe ler inglês? Está vendo qual é o nome na etiqueta?

— Estou vendo, é AYRES, senhor.

— Isso mesmo, é isso. Ayres sou eu, e este chapéu é meu, e essa terra onde vocês estão é a Fazenda Ayres. Trabalho esta terra mas não sou eu quem faz a lei para ela, só passo o arado na primavera e no outono e coisas que o valham. Você não acha que isso me dá o direito de dizer que essas moças podem ficar aqui, Albert?

O vento foi o único som que se ouviu por algum tempo. Albertinho cuspiu no chão.

— Bom, seu Ayres, num sou advogado. Sou homem de tratar vaca e porco, afinal de contas, num é?

O senhor Ayres deu uma risada.

— As senhoritas podem ficar — disse.

Alguém começou a chorar atrás de mim. Era a moça sem nome. Agarrou-se à sua sacola de documentos e chorou, então a moça do sári amarelo abraçou-a. E cantou para ela numa voz suave, como se canta para um bebê que foi acordado no meio da noite pelo barulho de tiros à distância e que precisa ser consolado. Não sei se vocês têm uma palavra para esse tipo de canto.

Albert tirou o cigarro da boca. Segurou-o pela ponta entre o polegar e o indicador. Enrolou-o formando uma bolinha que jogou no bolso de seu macacão. Cuspiu na terra outra vez e pôs o chapéu de lã de volta na cabeça.

— Por que ela está choramingando?

Yevette deu de ombros.

— Vai vê que a moça num tá acustumada com gentileza.

Albert ponderou a questão. Depois assentiu, balançando a cabeça devagar.

— Posso botar elas no celeiro das colhedoras, seu Ayres?

— Obrigado, Albert, pode, sim, leve-as para lá e as acomode. Vou pedir à minha mulher para vir saber se precisam de alguma coisa. — Virou-se para nós: — Temos um dormitório onde nossos trabalhadores temporários dormem. Está vazio no momento. Só é usado durante a colheita e a tosquia. Podem ficar lá uma semana, não mais. Depois disso, não são mais problema meu.

Sorri para o seu Ayres, mas ele fez um gesto com a mão dispensando o meu sorriso. Talvez seja assim que se enxota uma abelha antes que ela chegue perto demais. Nós quatro seguimos Albert através dos campos. Andávamos em fila indiana. Albert ia na frente com seu chapéu de lã e seu macacão azul. Levava uma grande bola de corda plástica cor de laranja. Depois vinha Yevette com seu vestido roxo evasê e sandálias rasteiras, depois eu, de jeans azul e camisa havaiana. Atrás de mim vinha a moça sem nome, e ela ainda estava chorando, e depois vinha a moça do sári amarelo, que ainda ia cantando para ela. As vacas e os carneiros saíam do caminho

para nos observar enquanto atravessávamos seu pasto. Dava para vê-los pensando: Lá vai o Albert levando umas criaturas estranhas novas.

Ele nos levou para uma construção comprida ao lado de um rio. O prédio tinha paredes baixas de tijolo da altura do meu ombro, mas com um teto alto de metal que se erguia em arco a partir das paredes, de modo que a construção parecia um túnel. O teto de metal não era pintado. Não havia janelas nas paredes, mas sim claraboias de plástico no teto. O prédio ficava num terreno capinado onde havia porcos e galinhas escarafunchando a terra. Quando aparecemos, os porcos pararam onde estavam e olharam para nós. As galinhas se afastaram com um andar nervoso, olhando para trás a fim de verificar se não as seguíamos.

As galinhas estavam preparadas para correr se fosse necessário. Levantavam cada pé com um movimento abrupto e, quando o apoiavam de novo no chão, dava para ver as unhas tremendo. Andavam perto umas das outras e faziam um barulhinho que parecia um resmungo. O barulho aumentava cada vez que uma de nós dava um passo na direção delas, e diminuía toda vez que as galinhas recuperavam a distância entre nós. Ver aquelas galinhas me deixou muito infeliz. A maneira como andavam e o barulho que faziam, foi exatamente como quando Nkiruka e eu finalmente saímos da aldeia, lá na nossa terra.

Era de manhã, nós nos juntamos a um grupo de mulheres e meninas e corremos para a floresta e andamos até escurecer, e então nos deitamos ao lado da trilha para dormir. Não nos atrevemos a acender uma fogueira. No meio da noite, escutamos tiros. Ouvimos homens dando gritos iguais aos dos porcos presos na pocilga antes que lhes cortem a garganta. Havia lua cheia naquela noite, e se a lua tivesse aberto a boca e começado a gritar eu não teria ficado mais apavorada. Nkiruka me abraçava com força. Havia bebês no nosso grupo e alguns acordaram, e foi preciso cantar para eles a fim de acalmá-los. Pela manhã, vimos uma linha de fumaça, alta e agourenta, acima dos campos onde estava nossa aldeia. Era uma fumaça negra que se encrespava e borbulhava enquanto subia para o céu azul. Algumas das

crianças bem pequenas de nosso grupo perguntavam de onde saía aquela fumaça, e as mulheres sorriam e diziam a elas: É só a fumaça de um vulcão, crianças. Não precisam se preocupar. E eu via o jeito como o sorriso sumia do rosto delas quando desviavam do olhar dos filhos e voltavam a contemplar o céu azul escurecendo.

— Você está bem?

Albert estava olhando para mim. Pisquei.

— Estou, obrigada, moço.

— Sonhando acordada, não é?

— É, sim, senhor.

Albert sacudiu a cabeça e riu.

— Vocês, jovens, francamente, vivem com a cabeça no mundo da lua.

Destrancou a porta do prédio e nos deixou entrar. No interior, havia duas fileiras de camas, uma fileira ao longo de cada parede comprida. As camas eram feitas de metal e pintadas de verde-escuro. Havia colchões brancos e limpos nas camas e travesseiros sem fronhas. O piso era de concreto pintado de cinza, e estava varrido e brilhando. A luz do sol descia em faixas largas das claraboias, que tinham correntes compridas penduradas. As correntes iam até o teto, que no centro do prédio era da altura de cinco homens. Albert nos mostrou como puxar por um lado de cada corrente para abrir a claraboia, e pelo outro para fechar. Mostrou-nos os pequenos banheiros no final do prédio onde poderíamos tomar um banho ou usar os toaletes. Então, deu uma piscadela para nós.

— É isso, moças. As acomodações não são iguais às de um hotel, garanto, mas nunca vão achar um hotel onde vinte moças polonesas dividem o quarto com você e a gerência não dá nem um pio. Tinham de ver as coisas que nossas moças contratadas para a colheita inventam depois que as luzes se apagam. Estou lhes dizendo, eu devia mesmo era largar esse trabalho com os bichos da fazenda e fazer um filme.

Albert estava rindo, mas nós quatro só ficamos ali olhando para ele. Não entendi por que ele estava falando sobre filmes. Na minha aldeia, todo

ano, quando as chuvas paravam, os homens iam à cidade e traziam um projetor e um gerador a diesel, depois amarravam uma corda entre duas árvores e assistíamos a um filme num lençol branco que eles penduravam na corda. O filme não tinha som, só se ouvia o barulho surdo do gerador e os guinchos das criaturas na selva. Foi assim que aprendemos sobre o seu mundo. O único filme que tínhamos se chamava Top Gun, e nós o vimos cinco vezes. Lembro a primeira vez que foi exibido, os meninos da aldeia estavam todos excitados achando que seria um filme sobre um revólver, mas o filme não era sobre um revólver. Era sobre um homem que tinha de viajar para todo lado muito depressa, às vezes numa motocicleta, às vezes num avião que ele próprio pilotava, e às vezes de cabeça para baixo. Nós, as crianças da minha aldeia, discutimos isso e concluímos duas coisas: primeiro, que o filme deveria se chamar mesmo era O Homem que Estava com Muita Pressa, e, segundo, que a moral do filme é que ele deveria se levantar mais cedo, para não ter de correr para fazer tudo caber no seu dia, e não ficar deitado na cama com a mulher de cabelo louro que chamávamos de "Mulher-que-Fica-na-Cama". Esse foi o único filme que eu tinha visto na vida, de modo que não entendi quando Albert disse que tinha era de fazer um filme. Ele não parecia do tipo que sabe voar num avião de cabeça para baixo. Na verdade, notei que o seu Ayres nem ao menos o deixou dirigir seu trator azul. Albert nos viu olhando para ele e sacudiu a cabeça.

— Ah, deixem isso pra lá — disse ele. — Olhem, naqueles armários ali adiante tem cobertores e toalhas e o que precisarem mais. Acho que a senhora Ayres vai vir trazer comida para vocês mais tarde. Vejo vocês depois por aí, na fazenda, imagino.

Nós quatro ficamos paradas no meio do prédio e acompanhamos Albert com os olhos enquanto ele saía, passando entre as duas fileiras de camas. Ainda ria sozinho quando chegou lá fora. Yevette virou-se para nós e bateu com um dedo num lado da cabeça.

— Num liguem pra ele. Os homi branco é tudo maluco.

Sentou-se na beirada da cama mais próxima, apanhou uma fatia de abacaxi seco dentro de sua sacola plástica transparente e começou a comê-la. Sentei ao lado dela, enquanto a moça do sári levava a moça sem nome para se deitar mais adiante porque ela ainda estava chorando.

Albert deixara a porta aberta, e algumas galinhas entraram e começaram a procurar comida debaixo das camas. A moça sem nome deu um grito quando viu as galinhas entrando e puxou os joelhos para o peito, segurando um travesseiro na sua frente. E ficou sentada, com os olhos arregalados espiando por cima do travesseiro e seus tênis Dunlop Green Flash aparecendo por baixo dele.

— Re-LAXE, minina. Elas num vão te machucá, não, é tudo só galinha, num tá veno?

Yevette suspirou.

— Lá vamu nós de novo, né, Musquitinha?

— É. Lá vamos nós.

— Essa moça aí tá mal, hein, coitada?

Lancei um olhar para a moça sem nome. Ela fitava Yevette e fazia o sinal da cruz.

— É — respondi.

— Acho que a pior parte é agora, depois que eles nos solta. Naquele centro de detenção, eles tava sempre falando: faz isso, faz aquilo. Num dava tempo de pensá. Mas agora eles calaro a boca de repente, né? Isso é um pirigo, sabia? Faz tudo que é lembrança ruim voltar.

— Você acha que é por isso que ela está chorando?

— Tenho certeza, benzim. Agora nós temu de cuidá da nossa cabeça, vê bem o que tô te dizeno.

Encolhi os ombros e puxei meus joelhos até o queixo.

— E agora, Yevette, o que a gente vai fazer?

— Menor ideia, benzim. Qué sabê, acho que esse vai ser nosso pobrema númiro um aqui nesse país. Donde nós veio, nós num tem paz mas tem um que cochicha daqui, outro que cochicha dali. Tem sempre um pra

dizê onde dá pra arranjá uma coisa e outra. Mas aqui o pobrema é o contraro, Musquita. A gente tem paz, mas num tem in-fo-mar-ção, tá me entendeno?

Encarei Yevette.

— O que está acontecendo, Yevette? O que foi que você fez? Como é que nos deixaram sair daquele lugar sem documentos?

Yevette suspirou.

— Fiz um favorzim prum daqueles homi da imigração, né? Ele mudô umas coisa lá no computador, umas marca no lugar certo, sabe, e — PIMBA! — saiu os nome tudo de quem era pra sortá. Tu, eu e mais duas moça. Os funcionário da detenção nem perguntaram nada. Só olharam os nome aparecer no computador hoje de manhã e pronto: tiraram ocê do seu quarto e mostraram o caminho da porta. Nem querem sabê se a tua assistente social vai tá lá pra te pegar ou não. Tão ocupado bizoiando peito de mulé pelada no jornal. E aí nós tá aqui agora. Sortinha da silva.

— Só que sem documentos.

— É, mas num tô com medo, não.

— Mas eu estou.

— Num fica.

Yevette apertou minha mão e eu sorri.

— Isso aí, minina!

Olhei em torno. A moça do sári e a sem nome estavam seis camas adiante. Cheguei perto de Yevette e cochichei para ela:

— Você conhece alguém neste país?

— Craro, bem. Williyam Sheikespir, princesa Daiana, Batalha da Britânia. Conheço eles tudo. Aprendi os nome pra minha Prova de Cidadania. Pode me perguntá pra me testá.

— Não é isso. Quero saber se você tem para onde ir caso a gente consiga sair daqui.

— Craro, benzim. Tem um pessoal meu em Londres. Metade da Jamaica tá lá morando em Cole Harbour Lane. E vai vê que reclamam o tempo todo dos vizinho que viero da Nigera! E tu? Tu tem famia lá?

Mostrei a ela a carteira de motorista do Reino Unido dentro da minha sacola plástica transparente. Era um cartão pequeno plastificado com o retrato de Andrew O'Rourke. Yevette levantou-o para enxergar melhor.

— Que negócio é esse?

— É uma carteira de motorista. Tem o endereço do homem nela. Vou visitar esse homem.

Yevette aproximou a carteira do rosto e examinou a foto. Depois afastou-a até a altura do nariz e espiou-a meio de lado. Em seguida olhou-a de perto outra vez. Piscou.

— Isso é um homi branco, Musquita.

— Eu sei.

— Tá bem, tá bem, era só pra sabê. Pra vê se tu é cega ou burra.

Sorri, mas Yevette não achou graça.

— A gente tem de ficar unida, benzim. Pur que tu num vem pra Londres junto comigo? E aí a gente deve de encontrá um pessoal da sua terra por lá, com certeza.

— Mas eu não vou conhecer ninguém, Yevette. Não vou saber se posso confiar nessas pessoas.

— E tu confia nesse homi aí?

— Já encontrei ele uma vez.

— Mi disculpe, Musquita, mas esse cara parece que num combina muito com o teu tipo.

— Conheci ele no meu país.

— E que diacho ele tava fazendo na Ni-gera?

— Encontrei com ele numa praia.

Yevette jogou a cabeça para trás e bateu com as mãos nas coxas.

— Uá-ha-ha-ha! Tô sabeno! E a outra me dizeno que tu era virge!

Sacudi a cabeça.

— Não foi nada disso.

— Conta outra, dona Musquitinha Assanhada! Tu deve ter feito alguma coisa pro cara te dar esse adicumento valioso aí.

— A mulher dele estava lá também, Yevette. É uma senhora bonita. O nome dela é Sarah.

— Então pra quê qui ele te deu a cartera dele de motorista? Purque a mulé dele é tão bunita que aí ele pensô: Ora, num vô mais precisá dessa droga, minha patroa é tão bunita que nunca mais vou dirigi pra lugar nenhum, agora só vô ficá em casa sentado olhano prela?

Desviei o olhar.

— Foi o quê, então? Tu roubô esse adicumento?

— Não.

— Então foi o quê? Cumé que foi?

— Não posso falar sobre isso. Aconteceu numa outra vida.

— Acho que tu passô tempo demais aprendeno esse teu inglês chique aí, Musquitinha, purque isso é conversa de maluco. A gente só tem uma vida pra vivê, minina. Tu pode até num gostá de uns pedaço dela, mas num deixa de ser tudo parte da tua vida.

Encolhi os ombros e deitei de costas na cama, os olhos na corrente mais próxima que descia do teto. Cada elo era ligado ao anterior e ao seguinte. Forte demais para uma menina como eu arrebentar. A corrente inteira balançava para lá e para cá e refletia a luz do sol que vinha das claraboias. Como se a gente pudesse puxar na ponta adulta e mais cedo ou mais tarde chegar à criança, igual a puxar um balde de dentro de um poço. Como se a gente nunca fosse ficar segurando uma ponta partida, sem nada preso a ela.

— É difícil para mim pensar no dia em que conheci Andrew e Sarah, Yevette. Agora estou em dúvida se devo ou não ir visitá-los.

— Então me conte, Musquita. E eu te digo se acho que vai ser bom tu ir ou não ir.

— Não quero falar sobre isso com você, Yevette.

Yevette pôs as mãos nos quadris e arregalou os olhos para mim.

— Vou te pegá, hein, miss África!

Sorri.

— Devem existir partes de sua vida de que você também não gosta de falar, Yevette.

— Só se for pra tu num ficar com ciúme, Musquita. Se eu te contá umas coisa que eu fiz na minha vida de luxo e abundança, é capaz de tu explodi de tanto ciúme, a aí a Moça do Sári ali é que vai ter de limpá a sujeira, tadinha, e acho que ela já tá cansada por demais, sabia.

— Não, estou falando sério, Yevette. Você costuma falar sobre o que aconteceu com você, sobre o que fez você vir para o Reino Unido?

Yevette parou de sorrir.

— Que nada. Se eu falar pras pessoa o que aconteceu comigo, elas num vai acreditá. Todo mundo pensa que na Jamaica só tem sol, ganja e Jah Rastafari. Né assim não. Se tu tá do lado errado da pulítica, Musquita, eles faz tu sofrê. E faz tua famia sofrê tomém. E sofrê num qué dizê passá uma semana sem tomá sorvete, não. Tô falando de sofrê pra valê, de acordá no meio do sangue dos teus fio, e de repente a tua casa tá muito quieta, quieta pra sempre, pros seclos dos seclos, amém.

Yevette ficou sentada completamente imóvel e olhou para as suas sandálias. Pousei minha mão na mão dela. Acima de nossas cabeças, as correntes oscilavam de um lado para outro, e Yevette suspirou.

— Mas as pessoa nunca acha que isso acuntece no meu país.

— Então, o que você disse ao homem do Ministério do Interior?

— Na minha entrevista pra pedi asilo? Tu qué sabê quiequeu disse prele?

— É.

Yevette deu de ombros.

— Eu disse que caso ele desse um jeito pra me sortá daquele lugar, ele podia fazê o que quisesse comigo.

— Não entendi.

Yevette revirou os olhos.

— Inda bem que o homi do ministero era um tantim mais esperto que tu, Musquita. Tu nunca notô que as sala das entervista num tem janela? Ti juro, a mulé daquele homi deve tá de perna cruzada faz uns dez ano, pelo jeito que ele aceitô logo a minha oferta. E num foi um dia só, não, sabia. O homi precisou de quatro entervista pra ter certeza que tava tudo que é papel em ordem, tá me entendeno?

Acariciei a mão dela.

— Ô, Yevette.

— Num foi nada, Musquita. Comparado com o que eles me fazia se eu vortasse pra Jamaica? Nada.

Yevette sorriu para mim. As lágrimas desciam dos cantos dos olhos dela pelas curvas da face. Comecei a enxugar suas lágrimas e acabei chorando também, e Yevette teve de enxugar as minhas. Foi engraçado, porque não conseguíamos parar de chorar. Yevette desandou a rir, aí eu ri também, e quanto mais ríamos mais difícil era parar de chorar, até que fizemos tanto barulho que a moça do sári fez um psiu para a gente ficar quieta e não perturbar a mulher sem nome, que estava falando umas coisas malucas para si própria numa língua qualquer.

— Ah, olha só de que jeito nós fiquemo, Musquita. E agora, quéqui nós faz da vida?

— Não sei. Acha mesmo que você foi solta por causa do que fez com o homem do Ministério?

— Acho, não, eu sei, Musquita. Ele me disse inté a data.

— Mas não deu seus documentos?

— Hã-hã. Nenhum documento. Ele falou que tem limite pro podê dele, entende? Que fazer uma marquinha no computador dele pra mandá os funcionário nos sortá, é uma coisa, ele pode dizer: Meu dedo escorregô. Mas aprová o pidido de asilo é outra coisa, uma história muito diferente.

— Quer dizer que agora você é ilegal?

Yevette assentiu.

— Eu e tu tomém, Musquita. Eu e tu e essas outra aí. Eles deixaro nós quatro sair por causo do que eu fiz pro homi do ministero.

— Por que nós quatro, Yevette?

— Ele falou que os outro ia desconfiá se só fosse eu a sair.

— Como foi que ele escolheu nós três?

Yevette deu de ombros.

— Num sei, fechô o olho e apontou pra lista, sei lá.

Sacudi a cabeça e baixei os olhos.

— Que foi? — disse Yevette. — Tu não gostou, Musquita? Cês três devia dar valor pra isso que eu fiz procês.

— Mas a gente não pode fazer nada sem documentos, Yevette, não está vendo? Se tivéssemos ficado, se tivéssemos feito todos os procedimentos, talvez eles nos soltassem com os documentos.

— Hã-hã, Musquita, hã-hã, num é bem assim que as coisa funciona, não sinhora. Não pro povo da Jamaica, nem pro povo da Ni-gera muito menos. Enfia isso na tua cabeça, benzim: tem só um lugar onde os porcedimento certo acaba, que é na der-po-ta-ção.

Ela bateu com a palma da mão na minha testa à medida que pronunciava cada sílaba e depois sorriu para mim.

— Se eles nos derpotá, a gente morre assim que chegá em casa, certo? Desse jeito, pelo menos a gente tem uma chança, benzim, né não?

— Mas ilegal a gente não pode trabalhar, Yevette. Não podemos ganhar dinheiro. Não podemos viver.

— Tu tomém num pode vivê se tu tiver morta, né. Vai ver tu é esperta demais pra percebê isso.

Suspirei e sacudi a cabeça. Yevette abriu um sorriso largo.

— Dá gosto ver — ela disse. — Uma mocinha nova que nem ocê caindo na real. Agora, escuta aqui. Tu acha que esses pessoal inglês que tu conhece pode ajudá a gente?

Olhei para a carteira de motorista.

— Não sei.

— E tu num cunhece mais ninguém, né?

— Não.

— E quéqui a gente vai fazê quando chegá lá, no caso deu ir junto contigo?

— Não sei. Quem sabe a gente pode encontrar trabalho, talvez em algum lugar onde não exijam documentos.

— Procê é fácil. Tu é esperta, tu fala direito. Tem um monte de trabalho pruma moça feito tu.

— Você também fala direito, Yevette.

— Eu, não, eu falo que nem uma mulé que inguliu outra mulé que fala direito. Sou burra, sabia?

— Você não é burra, Yevette. Todas nós que chegamos até aqui, que sobrevivemos, como é que podemos ser burras? As burras não teriam chegado até esse ponto, pode ter certeza.

Yevette se curvou na minha direção e cochichou:

— Tu tá falano sériu? E tu num viu o jeito que a Moça do Sári começô a dar risada praquele táxi lá, naquela hora?

— Certo, talvez a Moça do Sári não seja muito inteligente mesmo. Mas é mais bonita que todas nós.

Yevette arregalou os olhos e puxou depressa sua sacola transparente para perto do corpo.

— Ô, Musquita, essa doeu. Como é que tu vem me dizê que ela é a mais bonita? E eu que ia dividir contigo meus pedaço de abacaxi, agora tu vai é ficá aguando, minina.

Eu ri e Yevette sorriu, esfregando o alto da minha cabeça.

Então, nós nos viramos muito depressa porque a moça sem nome deu um grito. Ela estava de pé em cima da cama segurando com as duas mãos sua sacola de documentos de encontro ao peito, e começou a gritar outra vez.

— Não deixem eles virem mais! Vão matar nós todas, vocês não estão entendendo!

Yevette levantou-se e aproximou-se dela. Levantou os olhos para a moça sem nome. As galinhas ciscavam e cacarejavam em torno das sandálias rasteiras de Yevette.

— Escuta aqui, meu bem, isso aí num são os homi vindo te matá, já te falei isso antes. Isso aí é galinhas. Que tão com mais medo da gente do que nós delas. Olha só!

Yevette abaixou a cabeça e correu na direção de um grupo de galinhas. Houve uma grande explosão de asas batendo e de penas voando, e as galinhas pularam em cima dos colchões, e a moça sem nome gritava, e gritava, e chutava as galinhas com seus tênis Dunlop Green Flash. Súbito, ela parou de gritar e apontou. Eu não conseguia enxergar para onde ela estava apontando porque havia penas de galinha por toda parte, caindo nas faixas brilhantes de luz do sol vindo das claraboias. O dedo dela que apontava estava tremendo e ela murmurava:

— Olhem! Olhem! Minha filha!

Todas nós olhamos, mas quando as penas acabaram de cair não havia nada ali. A moça sem nome apenas sorria para um raio de sol refletido no piso limpo pintado de cinzento. Lágrimas escorriam dos seus olhos.

— Minha filha — ela dizia, estendendo os braços para a faixa de luz. Vi que os dedos dela tremiam.

Olhei para Yevette e para a moça do sári. A moça do sári tinha os olhos pregados no chão. Yevette encolheu os ombros para mim. Eu me virei para a moça sem nome e perguntei a ela:

— Qual é o nome da sua filha?

A moça sem nome sorriu. Seu rosto se iluminou.

— É Aabirah. Ela é a minha mais nova. Não é linda?

Olhei para onde ela estava olhando.

— É. Ela é linda.

E me virei para Yevette e abri bem os olhos enquanto falava:

— Ela não é linda, Yevette?

— Ah, se é, uma belezura de minina. Como é que tu disse que ela se chama mesmo?

— Aabirah.

— Nome bunito. Escuta aqui, Aa-BI-rah, por que tu num vem me ajudá a espantá essas galinha toda lá pra fora?

E assim Yevette, a moça do sári e a filha mais nova da moça sem nome começaram a espantar as galinhas para fora do dormitório. Eu fiquei sentada segurando a mão da moça sem nome. E dizia para ela:

— Sua filha é muito prestativa, olhe só como ela espanta essas galinhas.

A moça sem nome sorria. Eu também sorria. Acho que foi bom para nós duas ela ter a filha de volta.

Se eu estivesse contando essa história para as moças lá da minha terra, então uma das palavras novas que eu teria de explicar a elas seria "eficiência". Nós refugiados somos muito eficientes. Não temos as coisas de que precisamos — nossos filhos, por exemplo —, mas somos capazes de tirar proveito de tudo que temos. Basta ver o que essa moça sem nome conseguiu criar com uma pequena faixa de luz do sol. Ou como a moça do sári conseguiu fazer caber a cor amarela inteira dentro de uma sacola vazia de plástico transparente.

Deitada na cama, eu olhava para as correntes. E pensava: Esse sol, essa cor amarela, talvez daqui em diante eu não os veja muitas vezes mais. Talvez a nova cor da minha vida seja o cinzento. Dois anos naquele centro de detenção cinzento, e agora eu me tornara uma imigrante ilegal. Ou seja, livre até me pegarem de novo. Ou seja, viver numa zona cinzenta. Pensei em como eu iria viver. Pensei nos anos todos em que viveria com o máximo de discrição. Escondendo minhas cores e vivendo no crepúsculo e nas sombras. Suspirei, depois tentei respirar fundo. Quis chorar quando olhei para aquelas correntes lá em cima e pensei na cor cinza.

E pensei, se o chefe das Nações Unidas telefonasse um dia de manhã e dissesse: Salve, Pequena Abelha, a você reservamos a grande honra de

desenhar uma bandeira nacional para todos os refugiados do mundo, a bandeira que eu faria seria cinzenta. Não seria necessário nenhum tecido especial para fabricá-la. Eu diria que a bandeira poderia ter qualquer formato e ser feita com qualquer coisa que se tivesse. Um sutiã velho, por exemplo, lavado tantas vezes que ficou cinzento. Poderia ser amarrado na ponta de um cabo de vassoura, se não tivesse um mastro disponível. Apesar de que, se houvesse um mastro sobrando, por exemplo, naquela fileira de mastros altos e brancos do lado de fora do prédio das Nações Unidas em Nova York, então acho que o velho sutiã cinzento daria um belo espetáculo, ondulando ao vento no meio daquela longa série de bandeiras coloridas. Eu o colocaria entre a bandeira dos Estados Unidos e a grande bandeira vermelha da China. Seria uma boa travessura. Pensar nisso me deu vontade de rir.

— Tá rino de quê, Musquita?

— Eu estava pensando na cor cinzenta.

Yevette franziu a testa.

— Vê se tu num vai ficar maluca tomém, faz favô, Musquita — pediu ela.

Deitei na cama novamente e olhei para o teto, mas lá só havia aquelas correntes compridas penduradas. E pensei: podia me enforcar numa delas, sem problema.

À tarde, a mulher do fazendeiro apareceu. Ela trouxe comida. Havia pão e queijo numa cesta e uma faca afiada para cortar o pão. Pensei: posso cortar as veias de meus pulsos com aquela faca se os homens vierem. A mulher do fazendeiro era uma pessoa bondosa. Perguntei-lhe por que estava nos ajudando. Ela respondeu que era porque todos somos seres humanos. E aí eu disse:

— Desculpe, moça, mas não acho que Yevette seja um ser humano. Acho que ela é de uma outra espécie mais faladeira.

Yevette e a mulher do fazendeiro então começaram a rir, e conversamos um pouco sobre os lugares de onde cada uma tinha vindo e

para onde estávamos indo. Ela me ensinou o caminho para Kingston-upon-Thames, mas também me recomendou que não fosse para lá.

— Você não vai gostar desse bairro, minha filha — disse ela. — Não são nem uma coisa nem outra, esses subúrbios. Lugares esquisitos, cheios de gente esquisita.

Eu ri. E disse a ela:

— Pode ser então que eu me adapte bem lá.

A mulher do fazendeiro ficou surpresa quando pedimos cinco pratos em vez de quatro, mas os trouxe mesmo assim. Dividimos a comida em cinco porções e demos a maior para a filha da mulher sem nome, que ainda estava em fase de crescimento.

Naquela noite sonhei com a minha aldeia antes da chegada dos homens. Havia lá um balanço feito pelos meninos. Era um pneu velho de um carro, e os meninos tinham amarrado cordas em volta dele e prendido as pontas no galho alto de uma árvore. Essa árvore era uma grande e antiga limba, que crescera um pouco afastada de nossas casas, perto da escola. Mesmo quando eu ainda era pequena demais para me balançar, minha mãe me sentava na terra vermelha e escura junto ao tronco da limba para que eu pudesse ver as crianças maiores se balançando. Duas, três, quatro crianças de cada vez, subindo de qualquer jeito, com pernas e braços e cabeças todos embaralhados e arrastando consigo a poeira vermelha ao roçar no chão no ponto mais baixo da oscilação. Ai! Ui! Sai de cima de mim! Não empurra! Havia sempre um bocado de conversas e brincadeiras em torno do balanço, e acima de minha cabeça, nos galhos da limba, havia calaus resmungões que gritavam para nós. Nkiruka às vezes descia do balanço e me segurava no colo, e me dava pedacinhos de massa de farinha crua para eu apertar nos meus dedos gorduchos.

Tudo era felicidade e cantoria quando eu era pequena. Havia tempo de sobra para isso. Não precisávamos nos apressar. Não tínhamos eletricidade nem água corrente nem tristezas porque nada disso ainda tinha chegado à nossa aldeia. Eu me sentava entre as raízes de minha limba e ria

vendo Nkiruka se balançando para lá e para cá, para lá e para cá. As cordas do balanço eram muito compridas, de modo que levava um tempo enorme para ela viajar de um extremo ao outro. Aquele balanço nunca parecia estar com pressa. Eu costumava olhá-lo o dia inteiro e nunca me dei conta de que estava vendo um pêndulo que contava as últimas temporadas de paz de minha aldeia.

Em meu sonho, eu contemplava aquele pneu balançando para lá e para cá, para lá e para cá, naquela aldeia que ainda não sabíamos ter sido construída em cima de um campo petrolífero, que em breve seria disputado por homens com uma pressa doida de perfurá-lo para tirar o petróleo. Esse é o problema da felicidade — ela é toda construída em cima de alguma coisa que os homens querem.

Sonhei com Nkiruka se balançando para lá e para cá, para lá e para cá, e quando acordei havia lágrimas em meus olhos. E, à luz da lua, eu via outra coisa se balançando para lá e para cá, para lá e para cá. Não conseguia distinguir o que era. Enxuguei as lágrimas dos olhos e os abri direito, e então vi o que era que se balançava na ponta de minha cama.

Era um pé de tênis Dunlop Green Flash. O outro caíra do pé da mulher sem nome. Ela se enforcara em uma das correntes compridas que pendiam do teto. Seu corpo estava nu exceto pelo pé de sapato. Ela era muito magra. Suas costelas e os ossos de seus quadris eram pontudos. Seus olhos estavam esbugalhados e virados para a pálida claridade azul. Eles cintilavam. A corrente esmagara seu pescoço e o fizera ficar tão fino quanto seu tornozelo. Olhei o tênis Dunlop Green Flash e o pé descalço marrom escuro com sua sola cinzenta balançando para lá e para cá na ponta de minha cama. O tênis Green Flash brilhava ao luar, como um vagaroso peixe prateado reluzente, e o pé descalço o perseguia como se fosse um tubarão. Eles nadavam em círculos ao redor um do outro. A corrente rangia baixinho.

Toquei a perna nua da moça sem nome. Estava gelada. Olhei para Yevette e para a moça do sári. Estavam dormindo. Yevette murmurava algo

enquanto dormia. Comecei a me dirigir para a cama de Yevette para acordá-la, mas meu pé escorregou em algo molhado. Ajoelhei-me e toquei o chão. Era urina. Estava tão fria quanto o piso de concreto pintado. Uma poça se formara debaixo da moça sem nome. Olhei para cima e vi uma gota única de urina pender do dedo grande de seu pé descalço e brilhar ao cair no chão. Levantei-me depressa. Aquela urina me deixou muito deprimida. Não quis acordar as outras duas porque elas também acabariam vendo-a, e aí todas nós a teríamos visto e então ninguém mais poderia fingir que não existia. Não sei por que a pequena poça de urina me fez começar a chorar. Não sei por que a cabeça da gente escolhe essas pequenas coisas para nos fazer desmoronar.

Dirigi-me à cama onde a moça sem nome fora dormir e apanhei sua camiseta. Pretendia usar a camiseta para enxugar a urina, mas eu vi a sacola plástica transparente de documentos na ponta da cama. Abri a sacola e comecei a ler a história da moça sem nome.

Os-homens-vieram-e-eles... Eu ainda estava chorando, e foi difícil ler sob a tênue luz da lua. Botei os documentos outra vez em cima da cama e fechei a sacola com cuidado. Apertei-a nas mãos. E pensei: Eu podia ficar com a história dessa moça para mim. Podia levar esses documentos e ficar com essa história com um selo vermelho oficial no final dizendo que é tudo VERDADE. Talvez eu pudesse conseguir meu asilo político com esses papéis. Pensei sobre o assunto durante um minuto, mas, enquanto segurava a história da moça em minhas mãos, o rangido da corrente dela pareceu ficar mais alto, e tive de deixar a história em cima da cama porque sabia como acabava. Uma história é uma coisa poderosa em meu país, e que Deus ajude a moça que se apossar de uma que não seja sua. De modo que a deixei na cama da moça, cada palavrinha dela, inclusive os clipes de papel e todas as fotografias da cicatriz e os nomes das filhas desaparecidas, e toda a tinta vermelha que dizia que aquilo estava CONFIRMADO.

Quanto a mim, dei um beijinho no rosto de Yevette, que ainda estava dormindo e saí sem fazer barulho pelos campos afora.

Deixar Yevette para trás foi a coisa mais difícil que tive de fazer desde que saí de minha aldeia. Mas quando se é uma refugiada e quando a morte chega não se fica nem um minuto no lugar que ela visitou. Muitas coisas vêm depois da morte — tristeza, perguntas e policiais — e para nada disso se tem resposta quando os documentos não estão em ordem.

É verdade, não existe bandeira para nós, pessoas flutuantes. Somos milhões, mas não somos uma nação. Não podemos ficar juntas. Talvez uma ou duas fiquemos juntas por um dia, um mês ou até um ano, mas uma hora o vento muda e leva a esperança embora. A morte veio e eu me fui cheia de medo. Agora tudo o que tenho é minha vergonha e a lembrança de cores alegres e o eco da risada de Yevette. Às vezes me sinto tão sozinha quanto a rainha da Inglaterra.

Não foi difícil saber que rumo tomar. Londres iluminava o céu. As nuvens tinham um tom laranja, como se a cidade que me esperava estivesse em chamas. Subi a colina cortando campos plantados com um tipo qualquer de cereal e um bosque alto de um tipo qualquer de árvores, e quando me virei para olhar a fazenda pela última vez, vi um holofote se acender do lado de fora do celeiro onde haviam nos colocado. Acho que era uma lâmpada automática e, parado no meio do facho de luz, havia um único ponto de intenso amarelo-limão, que era a moça do sári. Estava longe demais para distinguir o rosto dela, mas imaginei que devia ter piscado, surpresa, quando a luz se acendeu. Como uma atriz que entrou no palco por engano. Como uma moça que não tem nenhuma fala na peça e está pensando: Por que acenderam essa luz forte em cima de mim agora?

Eu estava muito assustada mas não me senti sozinha. Durante a noite toda, tive a impressão de que minha irmã Nkiruka andava ao meu lado. Quase via o rosto dela, brilhando sob a tênue luz alaranjada. Caminhamos a noite inteira, cruzando campos e atravessando bosques. Evitávamos as luzes dos povoados. Sempre que avistávamos uma fazenda, nós a contornávamos também. Uma vez, os cães de uma fazenda nos escutaram e latiram, mas não tivemos problemas. Continuamos a andar. Minhas pernas estavam

cansadas. Passara dois anos dentro daquele centro de detenção, sem ir a lugar nenhum, e estava fraca. No entanto, apesar de meus tornozelos e as batatas de minhas pernas doerem, era muito boa a sensação de estar me movimentando, e de estar livre, e do ar da noite no rosto e do capim úmido de orvalho em minhas pernas. Sei que minha irmã estava feliz também. Ela ia assobiando baixinho. E uma vez em que paramos para descansar, ela enfiou os dedos dos pés na terra à margem de um campo e sorriu. Quando vi seu sorriso, aquilo me deu ânimo para prosseguir.

O brilho alaranjado da noite perdeu a intensidade e comecei a enxergar os campos e as cercas vivas ao redor de nós. Tudo era cinzento no princípio, mas depois começaram a surgir cores na terra — azul e verde, porém muito suaves, como se as cores não tivessem nenhuma felicidade dentro delas. Então o sol se levantou e o mundo inteiro ficou dourado. O ouro estava em toda parte e eu andava através de nuvens de ouro. O sol resplandecia na bruma branca que pairava sobre os campos e a bruma ondulava em torno de minhas pernas. Procurei minha irmã com os olhos mas ela desaparecera com a noite. Sorri mesmo assim, porque percebi que ela me deixara sua força. Olhei em torno de mim para o belo amanhecer e pensei: É, é, tudo vai ser lindo assim agora. Nunca mais vou ter medo. Nunca mais vou passar outro dia presa na cor cinzenta.

Ouvi um ronco baixo, um trovejar adiante. O ruído cresceu e caiu na bruma. É uma cachoeira, pensei. Preciso tomar cuidado para não cair num rio no meio desta bruma.

Continuei a andar, agora com mais cautela, e o ruído ficou mais alto. Agora não soava mais como um rio. Havia sons individuais dentro da trovoada. Cada som foi ficando mais alto, retumbando e sacolejando e depois se dissipando. Havia um cheiro forte, acre, no ar. Agora eu ouvia o barulho dos carros e dos caminhões. Cheguei ao topo de uma subida coberta de grama verde e lá estava ela, à minha frente. A estrada era incrível. No meu lado havia três mãos de tráfego indo da direita para a esquerda. Via-se então uma pequena barreira de metal e depois vinham outras três mãos de

tráfego da esquerda para a direita. Os carros e caminhões iam muito depressa. Fui até a margem da estrada e estendi a mão a fim de parar o tráfego para poder atravessar, mas o tráfego não parou. Um caminhão buzinou para mim e tive de dar um passo atrás.

Esperei uma brecha no trânsito e corri até o meio da estrada. Passei por cima da barreira de metal. Dessa vez, uma porção de carros buzinou para mim. Atravessei, subi o barranco de grama verde do outro lado da estrada. Sentei. Estava sem fôlego. Contemplei o tráfego passando por mim a toda velocidade, três mãos numa direção e três mãos na outra. Se estivesse contando essa história para as moças da minha aldeia, elas estariam dizendo: Certo, era de manhã, portanto as pessoas estavam viajando para ir trabalhar nos campos. Mas por que as que dirigiam da direita para a esquerda não trocavam de campo com as que iam da esquerda para a direita? Dessa maneira, todo mundo poderia trabalhar nos campos próximos às suas casas. Então eu apenas encolheria os ombros, porque não haveria respostas que não levassem a mais perguntas idiotas, como: O que é um escritório, e o que você pode plantar e colher nele?

Só gravei a autoestrada na minha cabeça como um lugar para onde eu poderia correr de volta e me matar com muita facilidade caso os homens viessem de repente, depois me levantei e continuei em meu caminho. Andei por mais uma hora atravessando campos. Então cheguei a umas estradas pequenas, e havia casas nessas estradas. Fiquei espantada quando as vi. Eram de dois andares e feitas de resistentes tijolos vermelhos. Tinham telhados inclinados com fileiras ordenadas de telhas. Tinham janelas brancas, todas com vidros. Nada estava quebrado. Todas as casas eram muito elegantes e parecidas umas com as outras. Na frente de quase todas havia um carro. Percorri uma das ruas e admirei as fileiras reluzentes desses carros. Eram carros bonitos, polidos e lustrosos, não o tipo de veículos que víamos no lugar de onde vim. Na minha aldeia havia dois carros: um Peugeot e um Mercedes. O Peugeot estava lá antes de eu nascer. Sei disso porque o motorista era meu pai, e a minha aldeia foi o lugar onde o Peugeot

engasgou duas vezes e morreu na poeira vermelha. O motorista entrou na primeira casa da aldeia para perguntar se eles tinham um mecânico ali. Mecânico eles não tinham, o que tinham era a minha mãe, e meu pai percebeu que, afinal, precisava mais dela do que de um mecânico, e assim ficou por lá. O Mercedes chegou quando eu tinha cinco anos. O motorista estava bêbado e bateu no Peugeot de meu pai, que ainda estava parado exatamente como meu pai o deixara, a não ser por um pneu, que os meninos tinham tirado para servir de assento no balanço da limba. O motorista do Mercedes saltou e dirigiu-se à primeira casa, onde encontrou meu pai:

— *Desculpe.* — disse ele.

E meu pai sorriu para ele e disse:

— *Nós deveríamos agradecer ao senhor, pois colocou realmente nossa aldeia no mapa* — esse foi o nosso primeiro acidente rodoviário.

E o motorista daquele Mercedes riu e também ficou por lá, e se tornou grande amigo de meu pai, tanto que eu o chamava de tio. E meu pai e meu tio viveram muito felizes até os homens chegarem e os matarem a tiros.

De modo que foi assombroso ver todos aqueles carros novos, lindos, brilhando, estacionados diante daquelas casas grandes, perfeitas. Andei por muitas ruas iguais àquela.

Andei a manhã inteira. As construções foram ficando maiores e mais pesadas. As ruas ficaram mais largas e movimentadas. Eu olhava tudo, sem me importar com a fome apertando meu estômago nem com a dor em minhas pernas porque me espantava com cada nova maravilha. Cada vez que eu via alguma coisa pela primeira vez — como a moça quase nua no anúncio em um outdoor, ou um ônibus vermelho de dois andares, ou um edifício deslumbrante e tão alto que deixava a gente tonta — a excitação em meu estômago era tão feroz que doía. O barulho era demais — o rugido do tráfego e a gritaria. Em breve havia tamanha multidão nas ruas que parecia que eu era nada. Empurravam-me e esbarravam em mim em todas as calçadas, e ninguém prestava atenção na minha pessoa. Procurava ir em

linha reta sempre que podia, seguindo por uma rua depois por outra e, quando os prédios ficaram tão grandes que parecia impossível que estivessem de pé, e a barulheira aumentou tanto que tive a impressão de que meu corpo seria sacudido até se despedaçar, dobrei uma esquina e perdi a respiração e dei com uma última rua movimentada, com as buzinas dos carros soando alto e os motoristas berrando, me debrucei num muro baixo de pedra branca e fiquei parada olhando, olhando, porque bem ali na minha frente estava o rio Tâmisa. Barcos cortavam a água castanha e barrenta, fazendo soar suas sirenes debaixo das pontes. À esquerda e à direita, ao longo de todo o rio, havia torres enormes que se projetavam muito alto no céu azul. Algumas ainda estavam sendo construídas, com enormes gruas amarelas movimentando-se acima delas. *Eles treinaram até as aves do céu para ajudá-los nas construções? Puxa vida!*

Fiquei ali na beira do rio olhando sem parar aquelas maravilhas. O sol brilhava no céu muito azul. Estava quente, e uma brisa suave soprou pela margem do rio. Cochichei para minha irmã Nkiruka, porque me pareceu que ela estava ali no rio fluindo e na brisa que soprava.

— Olhe este lugar, mana. Vamos ficar bem aqui. Há de haver espaço para duas moças como nós num país tão bom assim. Não vamos mais sofrer.

Sorri e segui pela calçada junto ao muro de contenção do rio na direção oeste. Sabia que se acompanhasse o rio chegaria em Kingston — é por isso que aquele lugar se chama Kingston-upon-Thames[1]. Queria chegar lá o mais depressa possível, porque àquela altura as multidões em Londres estavam começando a me assustar. Na minha aldeia, nunca víamos mais de cinquenta pessoas num lugar só. Se alguém visse mais do que isso, significava que a pessoa tinha morrido e ido para a cidade dos espíritos. É para lá que os mortos vão, para uma cidade, para viverem juntos aos milhares porque não precisam de espaço para cultivarem seus campos de mandioca. Quando você morre, não precisa de mandioca, só de companhia.

---

[1] "Kingston-junto-ao-Tâmisa". (N. da T.)

Havia um milhão de pessoas ao meu redor. Os rostos delas passavam correndo. Eu olhava, olhava. Jamais vi rostos de gente da minha família, mas quando se perde todos não se abandona o hábito de procurar. Minha irmã, minha mãe, meu pai e meu tio. Todo rosto que vejo, procuro o de um deles nesse rosto. Se eu encontrasse você, a primeira coisa que você notaria seriam meus olhos fitando seu rosto, como se tentassem ver uma outra pessoa em você, como se estivessem desesperados para transformar você num fantasma. Se nos encontrarmos mesmo, espero que não leve isso a mal.

Corri pela margem do rio, através das multidões, através de minhas lembranças, através dessa cidade dos mortos. Uma vez, ao lado de uma agulha alta de pedra entalhada com símbolos estranhos, minhas pernas ardiam e precisei descansar, de modo que fiquei parada um momento e os mortos fluíram em torno de mim, assim como o Tâmisa barrento e castanho flui em torno de uma coluna de ponte.

Se eu estivesse contando essa história para as moças lá da minha terra, teria de explicar a elas como foi possível me afogar num rio de gente e ao mesmo tempo me sentir tão imensamente sozinha. Mas, de verdade, não acho que teria palavras.

QUATRO

DE MANHÃ CEDO, NO dia do enterro de Andrew, antes da chegada de Abelhinha, lembro-me de ter olhado pela janela do quarto de dormir na nossa casa de Kingston-upon-Thames. Lá fora, junto ao lago, Batman estava cutucando os bandidos com um taco de golfe júnior feito de plástico, e parecia muito magrinho e desamparado. Perguntei a mim mesma se não deveria esquentar um pouco de leite e dar a ele uma xícara com alguma coisa. Lembro-me de me perguntar se existiria algo que pudesse ser posto dentro de uma xícara que fosse de fato ajudar. Minha cabeça se encontrava naquele estado cristalino e interiorizado decorrente da falta de sono.

Além do nosso jardim, via os jardins dos fundos da rua inteira, curvando-se aos poucos como uma espinha dorsal verde inclinada, com churrasqueiras e balanços plásticos desbotados fazendo as vezes das vértebras. Através das vidraças duplas fechadas, veio o alarido de um alarme de carro e o ronco dos aviões decolando de Heathrow. Encostei meu nariz na vidraça e pensei: esses malditos subúrbios são um purgatório. Como foi que viemos todos parar aqui? Como é que tantos acabaram sendo arrastados para tão longe?

No jardim da casa ao lado, naquela manhã do enterro, meu vizinho estava pendurando suas cuecas azuis no varal. O gato dele enroscava-se em suas pernas. No meu quarto, o rádio estava ligado no programa Today. John Humphrys dizia que a bolsa estava em queda acentuada.

Sim, mas perdi meu marido. Eu disse isso em voz alta, enquanto uma mosca presa dentro do quarto voava debilmente e batia na vidraça. Eu disse: Meu marido morreu, lamento. Meu marido Andrew O'Rourke, o famoso colunista, tirou a própria vida. E eu me sinto…

Na realidade, eu não sabia como me sentia. Os adultos não sabem como expressar o pesar. Os programas diurnos da televisão o fazem muito melhor. Sabia que deveria me sentir arrasada, é claro. Minha vida perdera o sentido. Não é esta a frase que se usa? Mas fazia quase uma semana que Andrew morrera e lá estava eu, de olhos secos, com a casa inteira recendendo a gim e lírios. Ainda tentando me sentir triste como deveria. Ainda remoendo as lembranças de minha vida breve e ambivalente com o pobre Andrew. Buscando o ponto crucial, a lembrança que desencadearia algum sintoma de angústia quando fosse resgatada. Lágrimas, talvez, sob uma pressão indescritível. Minha vida entrou numa espiral descendente perversa, Trisha. Não conseguia imaginar passar o dia sem ele.

Era exaustiva essa sondagem da tristeza, sem ao menos saber se havia tristeza a ser encontrada no fundo. Talvez fosse somente porque ainda era muito cedo. No momento, sentia mais pena da mosca presa que zumbia de encontro à vidraça. Abri a janela e lá se foi ela voando, vulnerável e fraca, de volta à luta.

Do outro lado do vidro, o dia cheirava a verão. Meu vizinho havia se deslocado um metro para a esquerda diante de seu varal de roupas. Acabara de pendurar as cuecas. Agora estava pendurando as meias. A roupa lavada pendia como bandeiras de oração, rogando a deuses do cotidiano: Pelo jeito, me mudei para fora da cidade. Existe alguma solução?

A ideia de fugir dali apresentou-se, marota e inesperada. Eu poderia simplesmente ir embora naquela mesma hora, não poderia? Levar Charlie,

meu cartão de crédito e meus sapatos favoritos cor-de-rosa e entrarmos todos num avião. A casa, o trabalho e a tristeza se reduziriam a um ponto atrás de mim. Lembro que me dei conta, com uma excitação culpada, de que não havia uma única razão para eu estar ali — longe do centro de meu coração, exilada no subúrbio.

Mas a vida tende a não deixar nenhum de nós fugir. Foi naquele momento que ouvi uma batida na porta. Abri para Abelhinha e, durante um tempo enorme, fiquei apenas olhando fixamente para ela. Nenhuma das duas falou nada. Depois de uns instantes, eu a fiz entrar e sentar-se no sofá. Uma menina negra vestindo uma camisa havaiana estampada de vermelho e branco e manchada com o barro do Surrey. Sofá da Habitat. Lembranças do inferno.

— Não sei o que dizer. Pensei que você tivesse morrido.

— Não morri, Sarah. Mas talvez fosse melhor se eu tivesse morrido.

— Não diga isso. Você parece exausta. Precisa de um descanso, eu acho.

Seguiu-se um silêncio excessivamente longo.

— É, você tem razão. Preciso mesmo descansar.

— Mas que foi que… quero dizer, como é que você conseguiu sobreviver? Como foi que chegou aqui?

— Vim a pé.

— Da Nigéria?

— Por favor… estou cansada demais.

— Ah, claro, é, isso mesmo. É. Quer tomar uma xícara de…

Não esperei a resposta. Saí correndo. Deixei Abelhinha sentada no sofá, recostada nas almofadas da John Lewis e corri para cima. Fechei os olhos e apoiei minha testa na vidraça fria da janela do quarto, virando a cabeça de um lado para o outro. Telefonei para alguém. Para um amigo. Na realidade, Lawrence era mais do que um amigo para mim.

— Quem é? — perguntou Lawrence.

— Sua voz não está nada boa.

— Ah, Sarah, é você. Puxa, me desculpe. Pensei que fosse a babá. Ela está atrasada. E o bebê acabou de vomitar na minha gravata. Merda.

— Aconteceu uma coisa, Lawrence.

— O quê?

— Apareceu alguém aqui que eu não esperava de jeito nenhum.

— Enterros são sempre assim. Todos os velhos esqueletos saem de dentro dos armários da maneira mais teatral. Não se consegue ficar longe deles.

— Pois é, mas desta vez é pior do que isso. É a… a… — gaguejei e não disse mais nada.

— Desculpe, Sarah, sei que parece horrível falar desse jeito, mas estou no meio de um turbilhão doméstico. Tem alguma coisa que eu possa fazer para realmente ajudar?

Apertei o rosto afogueado contra a vidraça fria.

— Desculpe. Estou meio confusa.

— É o enterro. Você vai se sentir um pouco aérea, sabe? Sinto muito, não há como evitar isso. Gostaria que me deixasse estar presente. Como está se sentindo de modo geral?

— Com relação ao enterro?

— Com relação à situação toda.

Suspirei.

— Não estou sentindo nada. Estou anestesiada.

— Ah, Sarah…

— Estou só esperando pelo agente funerário agora. Talvez esteja meio nervosa, só isso. Como a gente fica na sala de espera do dentista.

— É isso mesmo — disse Lawrence, cauteloso.

Uma pausa. Ao fundo, o barulho dos filhos de Lawrence brigando à mesa do café da manhã. Percebi que não poderia falar com Lawrence sobre a chegada de Abelhinha. Não naquele momento. De repente, não parecia justo acrescentar mais um problema à lista dele: atrasado para o trabalho, bebê vomitando na gravata, babá fora de hora… e, ainda por cima, uma

garota nigeriana supostamente morta que ressurge no sofá de sua amante. Achei que não podia fazer aquilo com ele. Porque é assim, com os amantes. Não é igual a quando se está casada. Para continuar no jogo, a pessoa tem de ser atenciosa com o outro. Precisa reconhecer um certo direito-à-vida do outro. Por isso fiquei calada. Escutei Lawrence respirar fundo, à beira da irritação.

— Então, o que está deixando você confusa? O fato de não estar sentindo muita coisa e achar que deveria?

— É o enterro do meu marido. Deveria pelo menos estar triste.

— Você está controlada. Não é uma pessoa expansiva. Parabenize-se se controlando.

— Não consigo chorar por Andrew. Não paro de pensar naquele dia na África. Na praia.

— Sarah…

— O que é?

— Acho que combinamos que seria melhor você esquecer aquilo tudo. O que passou, passou. Combinamos que você iria seguir em frente, não olhar mais para trás, foi ou não foi? Hein?

Pousei a mão direita aberta na vidraça e olhei para o toco de meu dedo perdido.

— Acho que "seguir em frente" não vai mais dar certo, Lawrence. Não sei se posso continuar negando o que aconteceu. Não sei se vou conseguir. Eu… — minha voz se extinguiu aos poucos.

— Sarah? Respire fundo.

Abri os olhos. Lá fora, Batman ainda estava golpeando ferozmente a água do laguinho. O programa Today continuava suas imprecações no rádio. Na casa ao lado, o vizinho acabara de pendurar sua roupa molhada e agora estava simplesmente parado no mesmo lugar, olhos semicerrados. Logo passaria a uma outra tarefa: coar um café, talvez, ou trocar o fio de náilon do aparador de grama. Problemas pequenos. Problemas definidos.

— Agora que Andrew, hã, se foi, Lawrence, você acha que nós dois vamos…

Uma pausa do outro lado do telefone. Então, Lawrence — o cauteloso Lawrence — falou, sem se comprometer.

— Andrew não foi empecilho enquanto estava vivo — disse. — Acha que existe alguma razão para as coisas mudarem agora?

Suspirei de novo.

— Sarah?

— Sim?

— Concentre-se no dia de hoje por enquanto, está bem? Concentre-se no enterro, fique firme, vá até o fim do dia de hoje. Pare de esfregar a droga da torrada no computador!

— Lawrence?

— Desculpe, foi o bebê. Ele está segurando uma torrada com manteiga e lambuzando o computador inteiro… desculpe, tenho de desligar.

Lawrence desligou. Afastei-me da janela e sentei na cama. Esperei. Estava adiando o momento de descer e encarar Abelhinha. Em vez de sair dali, olhei-me no espelho como uma viúva. Tentei encontrar algum sinal físico do falecimento de Andrew. Nenhuma ruga a mais na testa? Nenhuma olheira? De verdade? Nada mesmo?

Como estavam calmos os meus olhos desde aquele dia na África. Quando ocorre uma perda tão fundamental, suponho que perder apenas uma coisa a mais — um dedo, talvez, ou um marido — não tem a menor importância. No espelho, meus olhos verdes estavam plácidos — parados como uma massa de água que é ou muito profunda ou muito rasa.

Por que eu não conseguia chorar? Logo teria de sair e enfrentar uma igreja cheia de pessoas enlutadas. Esfreguei meus olhos, com mais força do que aconselham nossas especialistas em beleza. No mínimo eu precisava exibir olhos vermelhos para as pessoas. Precisava mostrar a elas que havia gostado de Andrew, gostado de verdade. Mesmo que, desde a África, não acreditasse muito na ideia de amor como algo permanente, mensurável por

questionários de pesquisas autoministrados, presente se a maioria de suas respostas fosse B. Portanto, enfiei os polegares na pele debaixo de meus cílios. Se não conseguia mostrar tristeza ao mundo, pelo menos podia mostrar ao mundo o que a tristeza fazia com os olhos das pessoas.

Finalmente, desci e fiquei olhando para Abelhinha. Ela ainda estava lá sentada no sofá, de olhos fechados, a cabeça apoiada nas almofadas. Tossi, e ela acordou de imediato. Olhos castanhos, almofadas de seda com estampas laranja. Ela piscou para mim e olhei para ela, com a lama ainda grudada nas botas. Não senti nada.

— Por que veio para cá? — perguntei.

— Não tinha nenhum outro lugar para onde ir. As únicas pessoas que conheço neste país são você e Andrew.

— Você mal nos conhece. Só nos vimos uma vez, só isso.

Abelhinha deu de ombros.

— Você e Andrew são os únicos diferentes que eu já vi — disse ela.

— Andrew morreu. Vamos enterrá-lo esta manhã.

Abelhinha apenas piscou para mim, o olhar vidrado.

— Está entendendo? — disse eu. — Meu marido morreu. Vamos fazer um enterro. É uma espécie de cerimônia. Numa igreja. É assim que fazemos neste país.

Abelhinha assentiu.

— Sei como é que vocês fazem neste país — disse ela.

Havia algo na voz dela — uma velhice, um cansaço — que me aterrorizou. Foi quando bateram à porta outra vez, Charlie abriu-a para o agente funerário e gritou de lá: Mamãe, é o Bruce Wayne!

— Vá brincar no jardim, querido — disse eu.

— Mas, mamãe, quero ver o Bruce Wayne!

— Por favor, querido, me obedeça.

Quando cheguei à porta, o agente funerário lançou um olhar de soslaio para o toco do meu dedo. As pessoas geralmente o fazem, mas não com aquele olhar profissional que registra: *Mão esquerda, segundo dedo,*

primeira e segunda falanges, sim, poderíamos dar um jeito nisso com uma prótese de cera, uma fina, com um leve tom de pele branca europeia, e poderíamos usar base Kryolan para cobrir a junção, e poderíamos dobrar a mão direita por cima da esquerda no caixão, e tudo se resolveria de maneira rápida e simples, madame.

E eu pensava: Eficiente, esse agente funerário. Se eu estivesse morta, você poderia fazer de mim uma mulher inteira.

— Meus pêsames mais sinceros, senhora. Podemos sair quando a senhora decidir.

— Obrigada. Vou só buscar meu filho e… bem, minha amiga.

Notei que o agente funerário fingiu ignorar o cheiro de gim em meu hálito. Olhou outra vez para mim. Havia uma cicatriz pequenina na testa dele. Tinha o nariz achatado e torto. Seu rosto não revelava coisa alguma. Era tão vazio quanto minha mente.

— Leve o tempo que achar necessário, senhora.

Fui até o quintal. Batman estava desenterrando algo debaixo da roseira. Aproximei-me dele. Tinha uma pá de jardineiro na mão e estava levantando um dente-de-leão, puxando sua raiz até a ponta. Nosso tordo de estimação estava faminto e acompanhava a cena a seis metros de distância. Batman tirou o dente-de-leão do solo e trouxe-o para perto do rosto a fim de examinar sua raiz. Ajoelhado, ergueu os olhos para mim.

— Mamãe, isto é uma erva daninha? — perguntou.

— É, querido. Da próxima vez, quando não tiver certeza, pergunte antes de desenterrar.

Batman encolheu os ombros.

— Posso jogar no canteiro selvagem? — perguntou.

Assenti, e Batman levou o dente-de-leão para um pequeno trecho do jardim onde Andrew reservara um espaço para esses patifes, na esperança de que atraíssem borboletas e abelhas. Em nosso jardinzinho, criei um espaço selvagem para me lembrar do caos, Andrew escreveu certa vez em sua coluna. Nossas vidas modernas são muito ordenadas, muito antissépticas.

Isso foi antes da África.

Batman plantou o dente-de-leão entre as urtigas.

— Mamãe, as ervas daninhas são bandidas?

Respondi que dependia de você ser um menino ou uma borboleta. Batman revirou os olhos, como um repórter entrevistando um político ambíguo. Não pude deixar de sorrir.

— Quem é aquela mulher que está lá no sofá, mamãe?

— O nome dela é Abelhinha.

— Que nome mais engraçado.

— Se você for uma abelha, não é.

— Mas ela não é uma abelha.

— Não. Ela é uma pessoa. Veio de um país chamado Nigéria.

— Hum. Ela é do bem?

Fiquei de pé.

— Temos de ir agora, querido — eu disse. — O agente funerário chegou para nos buscar.

— O Bruce Wayne?

— É.

— A gente vamos para a bat-caverna?

— A gente vai para a bat-caverna.

— A gente vai?

— Mais ou menos.

— Hã-hã. Tô indo daqui a um minuto.

Senti o suor brotar nas minhas costas. Estava vestindo um conjunto de lã cinzento e um chapéu que não era preto mas quase, próprio para um fim de tarde. Eu não desdenhava as tradições mas também não me submetia cegamente à escuridão. Dobrado por cima do chapéu havia um véu negro, pronto para ser abaixado quando chegasse o momento certo. Esperava que alguém fosse me dizer qual seria esse momento.

Usava luvas azul-marinho, que eram suficientemente escuras para um enterro. O dedo médio da luva da mão esquerda havia sido cortado e

costurado. Eu fizera isso duas noites antes, assim que fiquei bêbada o suficiente para aguentar, em um momento indulgente entre a falta de sobriedade e a incapacidade. O dedo cortado da luva ainda estava em cima da minha mesa de costura. Era difícil jogá-lo fora.

No bolso do casaco estava meu telefone, já no modo silencioso para o caso de eu esquecer de fazer isso mais tarde. Também trazia ali uma nota de dez libras para a coleta, caso houvesse uma. Não me parecia provável, numa cerimônia fúnebre, mas eu não tinha certeza. (E, se houvesse coleta, dez libras estaria bom? Cinco pareciam uma mesquinharia ridícula; vinte, uma ostentação vergonhosa.)

Não havia ninguém com quem pudesse tirar dúvidas sobre essas banalidades. Abelhinha não ajudaria em nada. Não podia perguntar a ela: Essas luvas azuis ficam bem? Ela se limitaria a olhar fixo para as luvas como se fosse o primeiro par que via na vida, o que seria bastante provável. *(Sim, mas você acha que são bastante escuras, Abelhinha? Cá entre nós — você sendo a refugiada do horror e eu a editora de uma revista mensal sofisticada —, chamaríamos esse tom de azul de corajoso ou de irreverente?)*

As coisas comuns seriam as mais difíceis, percebi. Isso era algo inegável, agora que Andrew se fora: não restara ninguém com uma opinião forte sobre a vida num país civilizado.

Nosso tordo veio saltitando de dentro do canteiro de dedaleiras com uma minhoca no bico. A pele da minhoca era marrom-arroxeada, da mesma cor de um hematoma.

— Ande logo, Batman, temos de ir embora.

— Só mais um minuto, mamãe.

No jardim sossegado, o tordo sacudiu a minhoca e mandou sua vida da luz para a escuridão com o ar de distante indiferença de um deus. Não senti nada. Olhei para meu filho, pálido e confuso no jardim bem-cuidado, e lá adiante, Abelhinha, cansada e suja de lama, esperando por nós para entrar em casa.

E percebi, então — a vida irrompera ali finalmente. Como me parecia tolo o meu cuidadoso conjunto de defesas contra a natureza: minha revista audaciosa, meu marido bonito, minha linha Maginot entre a maternidade e os negócios. O mundo, o mundo real, encontrara um jeito de entrar. Sentara-se no meu sofá e não podia mais ser negado.

Passei por dentro da casa até a porta de entrada para dizer ao agente funerário que não iríamos demorar. Ele assentiu. Atrás do agente, avistei seus funcionários, pálidos e com cara de ressaca, vestidos de casaca. Eu mesma também tinha bebido gim quando era da idade deles e reconheci aquela expressão solene que exibiam. Uma parte de piedade, três de nunca-mais-vou-beber. Os homens me cumprimentaram inclinando a cabeça. É uma sensação engraçada, sendo uma mulher com um emprego muito bom, ver homens com tatuagens e dor de cabeça sentindo pena de mim. A partir de agora, será sempre assim que as pessoas olharão para mim, imagino, como uma estrangeira nessa pátria do meu coração onde nunca deveria ter chegado.

Na rua defronte de nossa casa, o carro fúnebre e a limusine esperavam. Saí pela entrada de carro pra espiar através do vidro verde do carro fúnebre. O caixão de Andrew estava lá, apoiado em rodízios cromados reluzentes. Andrew, meu marido há oito anos. Pensei: Eu deveria estar sentindo alguma coisa agora. Pensei: rodízios. Que prático.

Em nossa rua, a sucessão de casas semigeminadas estendia-se ao infinito em ambas as direções. As nuvens deslizavam pelo céu, brandamente opressivas, todas muito parecidas, todas ameaçando chuva. Olhei de novo para o caixão de Andrew e pensei no rosto dele. Pensei no rosto dele morto. Em como ele morrera lentamente nesses dois últimos anos. Como fora imperceptível aquela transição em sua expressão facial, de mortalmente sério para seriamente morto. Esses dois rostos já se confundiam em minha cabeça. O do meu marido vivo e o do meu marido morto — eles agora pareciam apenas semigeminados, como se debaixo da tampa do caixão eu fosse encontrar os dois se fundindo como irmãos siameses, os olhos

arregalados de espanto, olhando para o infinito em ambas as direções.

E então um pensamento me veio à cabeça com a plena clareza do horror: Andrew foi um dia um homem entusiasmado, amoroso, brilhante.

Fitando o caixão de meu marido, agarrei-me a esse pensamento. Levantei-o diante de minha memória como uma bandeira provisória de trégua. Lembrei de Andrew, no jornal em que ambos trabalhávamos quando nos conhecemos, discutindo aos berros com seu editor por causa de uma elevada questão de princípios que lhe custou uma demissão gloriosa, naquele mesmo instante, e o fez sair furioso e lindo pisando duro pelo corredor. A primeira vez em que pensei: Esse é um homem do qual se orgulhar. E então Andrew praticamente tropeçou em mim, que estava escutando tudo do corredor, boquiaberta, fingindo que passava por lá a caminho da redação. E Andrew me deu um largo sorriso, sem hesitar, e disse: Que tal convidar um ex-colega para um jantarzinho? Era uma chance em um bilhão. Como a de conseguir guardar um relâmpago dentro de uma garrafa.

O casamento esfriou quando Charlie nasceu. Como se aquele relâmpago que nos fulminou fosse só o que tínhamos e o calor dele tivesse de ir para nosso filho. A Nigéria acelerou o declínio e agora a morte o concluíra, mas minha insatisfação e o caso com Lawrence tinham vindo primeiro. Era por isso que minha mente estava emperrada, percebi então. Não houvera dor imediata e rápida por Andrew porque eu o perdera lentamente. Primeiro em meu coração, depois em minha cabeça e só no fim em minha vida.

Foi aí que o verdadeiro sofrimento chegou. Foi esse o choque que me fez começar a tremer, como se algo sísmico tivesse se desencadeado no fundo de mim e avançasse aos poucos para a superfície. Tremi, mas não derramei nenhuma lágrima.

Voltei para dentro de casa e chamei meu filho e Abelhinha. Descombinados, atordoados e semigeminados, seguimos a pé para o enterro

de meu marido. Ainda tremendo, sentada no banco da igreja, compreendi que não é pelos mortos que choramos. Choramos por nós mesmos, e eu não merecia ter pena de mim mesma.

Quando tudo terminou, alguém nos levou de carro para casa. Abracei Charlie no banco de trás de um carro. Lembro que o carro cheirava a cigarro. Afaguei a cabeça de Charlie e fui apontando as coisas do dia a dia pelas quais passávamos, invocando o consolo de casas e lojas e carros com a mágica promissora de sussurrar seus nomes. Nomes de coisas comuns era do que precisávamos, decidi. As coisas do dia a dia nos ajudariam a superar aquela fase. Não importava que a fantasia de Batman de Charlie estivesse coberta de lama de sepultura. Quando chegamos em casa, botei a roupa suja para lavar e dei a limpa para ele. Quando doeu demais fazer força para abrir a tampa da caixa de sabão em pó, usei a outra mão.

Lembro de ter sentado com Charlie e olharmos a água encher a máquina, subindo atrás da porta redonda de vidro. A máquina sacolejou, em seu preâmbulo familiar de centrifugação, e Charlie e eu tivemos uma conversa absolutamente corriqueira. Aquele era o pior momento para mim. Conversamos sobre o que ele queria para o almoço. Charlie disse que queria batatas fritas. Eu objetei. Ele insistiu. Eu concordei. Eu era uma presa fácil naquele momento e meu filho sabia. Concordei com ketchup e sorvete também, e enxerguei triunfo no rosto de Charlie e pavor em seus olhos. Percebi que para Charlie — e para mim — existia uma dor extraordinária por trás dos nomes das coisas comuns.

Comemos, depois Abelhinha levou Charlie para brincar lá fora no jardim. Eu estivera tão concentrada em meu filho que me esquecera dela por completo, e realmente me surpreendi por ela ainda estar ali.

Fiquei sentada à mesa da cozinha, completamente estática. Minha mãe e minha irmã tinham voltado conosco da igreja e gravitavam em torno de mim num afã de preocupação e arrumação, a tal ponto que, se alguém nos fotografasse com uma exposição muito longa, só eu apareceria nítida na foto, circundada por um halo fantasmagórico que tirava a cor azul do casaco

de minha irmã e a excentricidade da tendência de minha mãe para chegar perto de mim ao final de sua órbita para perguntar se eu estava bem. Eu mal a escutava, creio. Elas continuaram girando em torno de mim por uma hora, respeitando meu silêncio, lavando as xícaras de chá sem fazê-las tilintar desnecessariamente, colocando os cartões de condolências em ordem alfabética com um mínimo de ruído, até eu pedir a elas, se realmente me amavam, que fossem para casa.

Depois que elas se foram, com abraços carinhosos e apertados que me deixaram arrependida por tê-las mandado embora, sentei-me à mesa da cozinha e fiquei olhando Abelhinha brincar no jardim com Batman. Acho que foi uma temeridade nossa sair de casa e passar a manhã inteira num enterro. Durante a nossa ausência, alguns bandidos da pior espécie tinham ocupado o arbusto de loureiros e agora era preciso expulsá-los de lá com pistolas de água e varas de bambu. Aparentemente, tratava-se de um trabalho perigoso e que exigia dedicação. Primeiro, Abelhinha avançava sorrateiramente para o arbusto andando de quatro, a bainha de sua enorme camisa havaiana arrastando na terra. Quando localizava um dos vilões à espreita, ela se lançava sobre ele com um grito, fazendo-o sair do esconderijo. E lá estava meu filho preparado com a pistola de água para desferir o tiro de misericórdia. Admirei-me da rapidez com que eles tinham se entrosado. Não tinha certeza se isso me agradava. Mas o que podia fazer? Ir até o jardim e dizer: Abelhinha, por favor, pare de fazer amizade com meu filho? O menino iria exigir uma explicação aos berros e não adiantaria dizer a ele que Abelhinha não estava do nosso lado. Sobretudo agora, que ele e ela tinham matado tantos bandidos juntos.

Não, não iria mais dar certo negar a existência dela ou negar o que acontecera na África. Uma lembrança pode ser banida, até indefinidamente, pode ser deportada da consciência pela atividade cotidiana incessante de se dirigir uma revista de sucesso, ser mãe de um menino ou enterrar um marido. Um ser humano, porém, é coisa completamente diferente. A existência de uma garota nigeriana, viva e

presente no nosso jardim — os governos podem negar essas coisas, ou varrê-las para longe como anomalias estatísticas, mas os seres humanos não podem.

Sentada à mesa da cozinha, olhei com olhos repentinamente úmidos o toco onde antes ficava meu dedo. Percebi que finalmente chegara a hora de enfrentar o que acontecera naquela praia.

Pela ordem natural das coisas, é claro, nunca deveria ter acontecido. Existem países no mundo e regiões de nossa mente para onde não é prudente viajar. Sempre pensei assim, e sempre me considerei uma mulher sensata. De temperamento independente, sim, mas sem ser temerária. Adoraria ter a capacidade de manter o mesmo relacionamento distante com países estrangeiros que outras mulheres sensatas parecem possuir.

Que esperta eu sou, fui passar as férias num lugar diferente. Naquela ocasião, havia uma guerra por petróleo na Nigéria. Andrew e eu não sabíamos ainda. O conflito durou pouco tempo, foi confuso e muito pouco divulgado. Os governos britânico e nigeriano até hoje afirmam que sequer ocorreu. Deus sabe que não são os únicos que tentaram negá-lo.

Ainda me pergunto por que me veio à cabeça aceitar passar férias na Nigéria. Gostaria de poder alegar que foi por causa de um único prospecto com brindes de uma secretaria de turismo que chegou à revista naquela primavera, mas tínhamos caixas cheias deles — caixotes de envelopes não abertos vazando hemorragicamente protetor solar Piz Buin de sachês de amostras furados. Eu poderia ter escolhido a Toscana ou Belize. As antigas repúblicas soviéticas estavam em alta na época. Mas não. Aquela minha maldita veia — a que me fez lançar a Nixie em vez de ir trabalhar em alguma dessas revistas glamorosas, o que teria me domesticado; a que me fez iniciar um caso com Lawrence em vez de resolver minhas pendências com Andrew — aquela minha inclinação permanente para ir para longe desencadeou em mim uma emoção adolescente quando um pacote aterrissou em minha mesa enfeitado com a pergunta: EM SUAS FÉRIAS DESTE ANO, POR QUE NÃO EXPERIMENTAR A NIGÉRIA? Algum

engraçadinho da minha equipe editorial rabiscara embaixo a resposta óbvia com um pilot preto. Mas fiquei intrigada e abri o pacote. Caíram de dentro duas passagens aéreas em aberto e uma reserva de hotel. Simples como ir para o aeroporto de biquíni.

Andrew me acompanhou a contragosto. O Ministério das Relações Exteriores estava desaconselhando viagens para certas partes da Nigéria, mas não achamos que o lugar para onde íamos estivesse incluído. Custou-me um pouco convencê-lo, mas lembrei-lhe de que tínhamos passado nossa lua de mel em Cuba, e que havia lugares horrorosos lá. Andrew cedeu. Refletindo agora sobre isso, imagino que ele deva ter pensado que era a única opção, se não quisesse me perder.

A secretaria de turismo que enviou os brindes observou que a Praia de Ibeno era um "destino para quem gosta de aventuras". Na realidade, na ocasião em que fomos, era um cataclismo com fronteiras. Ao norte, havia uma selva malárica e, a oeste, um largo delta de águas marrons, iridescentes de petróleo. Hoje sei que estava entulhado de cadáveres de petroleiros. Ao sul, havia o oceano Atlântico. Nessa extremidade do sul encontrei uma moça que não fazia parte do público-alvo de leitores de minha revista. Abelhinha fugira com os pés sangrando para o sudoeste vinda do lugar que um dia fora sua aldeia e que em breve se transformaria em um campo de petróleo. Fugia dos homens que a matariam porque eram pagos para isso, e das crianças que a matariam porque lhes tinham dito que assim deveriam fazer. Sentada à mesa de minha cozinha, imaginei-a fugindo através dos campos e da selva o mais rápido que podia até chegar à praia onde Andrew e eu estávamos sendo anticonvencionais. Aquela praia foi o lugar mais distante que ela conseguiu alcançar.

Meu dedo ausente coçou só de pensar no assunto.

Quando eles vieram do jardim, mandei Batman ir brincar em sua bat-caverna e mostrei a Abelhinha onde podia tomar um banho de chuveiro. Procurei algumas roupas para ela. Mais tarde, quando Batman já fora para a cama, preparei dois copos de gim com tônica. Abelhinha sentou-se com o

dela na mão, fazendo os cubos de gelo tilintarem. Bebi o meu de uma vez, como se fosse remédio.

— Muito bem — disse eu. — Estou pronta. Pronta para ouvir você me contar o que aconteceu.

— Quer saber como eu sobrevivi?

— Comece do começo, está bem? Conte como foi que você chegou à praia.

Então ela me contou como se escondeu, no dia em que chegou à praia. Havia seis dias que estava correndo, percorrendo os campos à noite e escondendo-se na selva e nos pântanos ao nascer do dia. Desliguei o rádio da cozinha e fiquei sentada muito quieta enquanto ela me contava como se escondera num prolongamento da selva que ia até a areia. Ela permaneceu ali durante a parte mais quente do dia contemplando as ondas. Contou que nunca vira o mar antes e não acreditava muito na sua existência.

No final da tarde, a irmã de Abelhinha, Nkiruka, saiu da floresta e encontrou o esconderijo dela. Sentou-se ao seu lado. Abraçaram-se por um bom tempo. Estavam contentes porque Nkiruka conseguira seguir a pista de Abelhinha, mas ao mesmo tempo assustadas porque isso significava que outros também poderiam fazê-lo. Nkiruka olhou nos olhos da irmã e disse que precisavam inventar nomes novos. Não era seguro usarem seus nomes verdadeiros, tão próprios de sua tribo e de sua região. Nkiruka disse que agora seu nome seria "Bondade". A irmã mais nova quis dar uma resposta a Bondade, mas não atinou com um nome para si própria.

As duas irmãs esperaram. As sombras se adensavam. Um par de calaus veio quebrar sementes nas árvores acima das cabeças delas. Então — sentada à mesa da minha cozinha, ela disse que se lembrava disso com tanta clareza que quase podia estender a mão e acariciar o dorso negro e felpudo da ave — uma abelha veio voando na brisa marinha e pousou entre as duas irmãs. A abelha era pequena e pousou numa flor clara — frangipana, disse ela, embora não tivesse certeza de que fosse esse o nome europeu —, depois voou para longe sem alvoroço. A menina não tinha reparado na flor antes

da chegada da abelha, mas então viu que a flor era bonita. Virou-se para Bondade.

— Meu nome agora é Pequena Abelha — declarou.

Ao ouvir esse nome, Bondade sorriu. Abelhinha me contou que a irmã mais velha era uma moça muito bonita, o tipo de moça que os homens dizem ser capaz de fazê-los esquecer seus problemas. E o tipo de moça que as mulheres dizem ser o problema. Abelhinha se perguntava qual dos dois tipos a irmã iria ser.

As duas irmãs permaneceram imóveis e em silêncio até o pôr do sol. Então se esgueiraram pela areia para lavar os pés na arrebentação. O sal fez seus cortes arderem, mas elas não deram um grito sequer. Mandava a prudência que ficassem caladas. Os homens que as perseguiam podiam ter desistido ou não. A questão é que as irmãs tinham visto o que fora feito em sua aldeia. Não podia haver sobreviventes para contar a história. Os homens estavam caçando as mulheres e crianças em fuga e enterrando seus corpos debaixo de galhos e pedras.

De volta ao esconderijo, as moças envolveram os pés uma da outra com folhas verdes frescas e esperaram o amanhecer. Não estava frio, mas fazia dois dias que não comiam. Elas tremiam. Macacos gritavam à luz da lua.

Ainda penso nas duas irmãs ali, tremendo pela noite afora. Enquanto as vejo em minha mente, pequenos caranguejos rosados seguem o leve cheiro de sangue no lugar onde os pés delas pousaram havia pouco na beira da água, mas não encontraram nada morto ali ainda. Os caranguejos rosados e macios emitem pequenos estalidos secos sob as brilhantes estrelas brancas. Um por um, enterram-se de novo na areia para esperar.

Gostaria que minha mente não completasse a cena com esses detalhes horrorosos. Gostaria de ser uma dessas mulheres que se preocupam intensamente com sapatos e creme corretivo para disfarçar olheiras. Gostaria de não ser o tipo de mulher que acaba sentada diante da mesa de

sua cozinha escutando uma refugiada falar sobre seu medo terrível do amanhecer.

Segundo o que Abelhinha contou, ao nascer do sol havia uma névoa branca e espessa sobre a mata derramando-se para a areia. As irmãs avistaram um casal de brancos caminhando pela praia na direção delas. A língua que falavam era a língua oficial do país de Abelhinha, mas aqueles eram os primeiros brancos que ela via na vida. Ela e Bondade os espiaram por trás de um grupo de palmeiras. Recuaram quando o casal chegou perto de seu esconderijo. Os brancos pararam para olhar o mar.

— Escute essas ondas quebrando, Andrew — disse a mulher branca. — Esse lugar é incrivelmente tranquilo.

— Ainda estou um pouco assustado, francamente. Devíamos voltar para a área cercada do hotel.

A mulher branca sorriu.

— Áreas cercadas foram feitas para se sair de dentro delas. Também fiquei assustada com você na primeira vez que o vi.

— Claro. Um pedaço de irlandês feito eu. Nós éramos selvagens, sabia?

— Bárbaros.

— Vagabundos.

— Babacas.

— Ah, não, por favor, minha querida, agora você está falando igual à sua mãe.

A mulher branca riu e aproximou-se do corpo do homem. Beijou-o no rosto.

— Amo você, Andrew. Estou contente por termos vindo para cá. Desculpe a bobagem que eu fiz. Não vai acontecer outra vez.

— Mesmo?

— Mesmo. Não amo Lawrence. Como poderia? Vamos recomeçar do zero, humm?

Na praia, o homem branco sorriu. Nas sombras, Abelhinha pôs a mão em concha no ouvido de Bondade. E sussurrou:

— O que é babaca?

Bondade devolveu-lhe o olhar e revirou os olhos.

— Lá embaixo, garota, perto do seu vagabundo.

Abelhinha mordeu a mão para não rir.

Mas então as irmãs escutaram latidos de cães. Dava para ouvir tudo dali porque havia uma brisa fresca da manhã, uma brisa vinda da terra que carregava todos os sons. Os cães ainda estavam longe, mas as irmãs escutaram os latidos. Bondade agarrou o braço de Abelhinha. Na praia, a mulher branca levantou os olhos para a mata.

— Ouça, Andrew — disse ela —, cachorros!

— Provavelmente é o pessoal do lugar caçando. Deve haver um bocado de caça nessa floresta.

— Ainda assim, não imaginava que usariam cães.

— E o que acha então que poderiam usar?

A mulher branca deu de ombros.

— Sei lá — disse ela. — Elefantes, quem sabe?

O homem branco riu.

— Sua inglesa insuportável — disse ele. — O império ainda está vivo para você, não é? Basta fechar os olhos.

Então um soldado surgiu correndo pela praia do mesmo ponto de onde viera o casal. O homem estava sem fôlego. Vestia calças verde-oliva e uma túnica cinza-claro escurecida com o suor. Usava botinas militares, pesadas da areia molhada. Trazia um fuzil pendurado nas costas e o cano da arma balançava, apontando para o céu.

— Ah, que chateação — resmungou o homem branco —, lá vem aquele palerma daquele segurança outra vez.

— É o trabalho dele.

— Certo, mas será que não podem nos deixar fazer o que nos der na telha nem por um minuto?

— Ah, relaxe. As férias são de graça, esqueceu? Nunca vamos poder fazer só o que nos der na telha.

O segurança aproximou-se do casal de brancos e parou. Estava tossindo. Pôs as mãos nos joelhos.

— Por favor, sinhora, sinhô — disse ele. — Desculpa, faz favor de voltar pro hotel.

— Mas por quê? — perguntou a mulher branca. — Só estamos dando um passeio pela praia.

— Não é seguro, dona — disse o segurança. — Não é seguro pra sinhora nem pro sinhô. Desculpa, patrão.

— Mas por quê? — perguntou o homem branco. — Qual é o problema, realmente?

— Nenhum pobrema — disse o segurança. — Este lugar aqui é muito bom. Muito bom mesmo. Mas todos os turista por favor tem de ficar dentro do terreno do hotel.

Invisíveis dentro da selva, os cães latiam mais alto agora. As irmãs escutaram os gritos dos homens que corriam com eles. Bondade tremia. As duas irmãs se abraçaram. Um dos cães uivou e os outros o acompanharam. No esconderijo, um ruído de líquido caindo nas folhas secas e o cheiro de urina — a realidade do medo de Bondade. Abelhinha olhou nos olhos dela. Parecia que a irmã nem sequer a enxergava.

Na praia, o homem branco dizia:

— Tem a ver com dinheiro?

E o segurança respondeu:

— Não sinhô.

O segurança aprumou o corpo e olhou para a mata, de onde vinham os latidos dos cachorros. Tirou o fuzil do ombro. Abelhinha viu a maneira como ele o segurou. Soltou a trava de segurança e estendeu a mão para se certificar da presença do pente. Dois pentes de balas — eu mesma me lembro bem disso — presos um no outro com fita isolante azul.

O homem branco disse:

— Ora, deixe disso, chega de teatro. Diga só quanto quer, vamos lá. Minha mulher já está enjoada de tanto ficar presa naquele hotel. Quanto quer para nos deixar dar uma volta sozinhos? Um dólar?

O segurança sacudiu a cabeça. Não estava olhando para o homem branco. Acompanhava com os olhos um bando de pássaros vermelhos que levantara voo da mata uns duzentos metros adiante.

— Não, dólar, não — disse o segurança.

— Dez dólares, então — disse a mulher branca.

— Ah, pelo amor de Deus, Sarah, não exagera. Isso equivale a uma semana de salário aqui.

— Deixe de ser pão-duro — replicou a mulher branca. — Que são dez dólares para nós? É bom poder fazer alguma coisa por essa gente. Deus sabe o que eles passam.

— Está bem, então, cinco dólares — disse o homem branco.

O segurança observava as copas das árvores. A uns cento e cinquenta metros de distância, no topo de um pequeno barranco, as pontas das samambaias se agitavam.

— Vocês voltam comigo agora — disse o segurança. — No hotel é melhor para vocês.

— Escute aqui — disse o homem branco —, desculpe se o ofendemos oferecendo dinheiro, e eu o respeito por não aceitar. Mas meu editor passa cinquenta e uma semanas do ano me dizendo o que é melhor para mim. Não vim aqui para ter outra pessoa editando minhas férias.

O segurança levantou o cano de sua arma. Deu três tiros para o ar, bem acima da cabeça do homem branco. Os latidos dos cães e os gritos dos homens cessaram por um momento. Depois recomeçaram, mais altos ainda. O casal de brancos ficou paralisado. Estavam de boca aberta. Chocados, talvez, com as balas que não os tinham atingido.

— Por favor, sinhora e sinhô — disse o segurança. — Vem encrenca aí. Vocês não conhecem o meu país.

As irmãs escutaram os golpes dos facões abrindo caminho na folhagem. Bondade agarrou a mão de Abelhinha e puxou a irmã menor, colocando-a de pé. As duas irmãs saíram do esconderijo na mata e andaram para a areia da praia. De mãos dadas, ficaram ali paradas olhando para o homem e a mulher brancos — Andrew e eu — com expectativa e esperança. Suponho que no mundo em desenvolvimento não havia mais nada que pudessem fazer.

Paradas na areia da praia, agarradas uma na outra, procurando manter-se eretas em cima das pernas bambas, Bondade esticando o pescoço para ver os cães que se aproximavam, Abelhinha, contudo, olhando com firmeza para mim, ignorando Andrew, ignorando o segurança.

— Faz favor, dona — disse ela — leva a gente pro hotel com vocês.

O segurança olhou para ela, depois olhou de volta para a mata. Sacudiu a cabeça.

— O hotel é pros turistas — disse ele —, não pra vocês, garotas.

— Faz favor — disse Abelhinha, olhando direto para mim. — Uns homens estão atrás de nós. Vão nos matar.

Falou comigo como mulher, sabendo que eu compreenderia. Mas eu não compreendi. Três dias antes, pouco antes de sairmos para Heathrow, eu estava de pé em cima de uma laje de concreto em nosso jardim perguntando a Andrew quando é que ele iria se decidir a construir a porcaria da estufa ali, que droga. Aquela era a questão mais importante da minha vida — a estufa, ou a falta dela. Aquela estufa ausente e todas as estruturas passadas e futuras que poderiam ser construídas com grande proveito na muito mais ampla ausência emocional entre mim e meu marido. Eu era uma mulher moderna e a frustração era algo que eu compreendia mais que o medo. Os milicianos iriam matá-la? Meu estômago se contraiu, mas minha mente ainda assim me garantiu que aquela expressão era uma figura de retórica.

— Ora, faça-me o favor — disse eu. — Você é uma criança. Por que alguém iria querer matar você?

Abelhinha devolveu-me o olhar e respondeu:

— Porque a gente viu eles matando todo mundo.

Abri a boca, mas Andrew falou primeiro. Acho que estava sofrendo do mesmo jetlag intelectual que eu. Como se nossos corações tivessem chegado à praia, mas nossas mentes ainda estivessem em outro fuso horário. Os olhos de Andrew estavam cheios de pavor, mas sua voz disse:

— Deixe de besteira, isso é um clássico golpe nigeriano. Vamos, estamos voltando para o hotel.

Andrew começou a me puxar pela praia de volta para o hotel. Fui com ele, virando a cabeça para olhar as irmãs. O segurança vinha atrás de nós e mirava sua arma para a selva. Abelhinha e Bondade nos seguiam a dez metros de distância.

O segurança disse:

— Cês duas aí, para de seguir nós.

Apontou a arma para as irmãs. Elas o encararam. O segurança era um pouco mais velho do que as meninas, talvez tivesse dezesseis ou dezessete anos, e exibia um bigode ralo. Imagino que tivesse orgulho daquele bigode. Usava uma boina verde e havia suor escorrendo por baixo. Eu enxergava as veias em suas têmporas. O branco dos seus olhos era amarelado.

Abelhinha perguntou:

— Qual é o seu nome, soldado?

Ele respondeu:

— Meu nome é "Atiro nocê se num pará de vim atrás".

Abelhinha deu de ombros e bateu no peito.

— Meu nome é Pequena Abelha — disse ela. — Aqui está o meu coração. Pode atirar nele se quiser.

E Bondade disse:

— Bala é melhor. Bala mata logo de uma vez.

Elas continuaram nos seguindo pela praia. Os olhos do segurança se arregalaram.

— Quem é qui tá caçano ocês?

— Os homi mesmo que queimaro noss'aldeia. Os homi da compania de petrolho.

O fuzil começou a tremer na mão do segurança.

— Meujesuscristu — disse ele.

Os gritos dos homens e os latidos dos cães agora eram muito altos. Não conseguia mais escutar o barulho das ondas.

Cinco cães marrons saíram correndo da mata. Uivavam como loucos. As patas e os lados do corpo deles sangravam, feridos pelos espinhos da selva. As irmãs gritaram e correram para a frente do segurança. Ele parou, levantou a arma e atirou. O primeiro cão deu um salto e rodopiou na areia. O tiro arrancara uma de suas orelhas e acho que também um pedaço de sua cabeça. A matilha derrapou e parou, atirando-se em seguida sobre o animal caído. Arrancaram nacos de carne do pescoço enquanto as pernas traseiras ainda se debatiam e tremiam. Eu gritei. O segurança tremia.

Seis homens saíram correndo da mata. Usavam calças de malha para atividades esportivas, todas rasgadas, coletes, tênis de corrida e correntes de ouro. Aproximaram-se rapidamente de nós. Ignoraram os cães. Um deles segurava um arco em posição de tiro. Os outros agitavam seus facões, desafiando o segurança a atirar. Vieram direto até nós.

Havia um líder. Ele tinha um ferimento no pescoço. Estava infeccionado e gangrenando — senti o cheiro. Percebi que ele morreria em breve. Um dos outros homens usava um cordão de arame ao pescoço onde havia coisas secas e marrons que pareciam cogumelos. Quando viu Bondade, esse homem apontou para ela, depois fez círculos com os dedos em torno dos próprios mamilos e riu mostrando os dentes. Estou tentando contar isso da maneira mais objetiva possível.

O segurança disse:

— Vão andano, sinhô e sinhora.

Mas o homem com a ferida no pescoço — o líder — disse:

— Não. Fica aí.

— Vou atirar — disse o segurança.

— Pode ser que tu pegue um de nós, até dois.

O homem com o arco mirava o pescoço do segurança, e disse:

— E pode ser que tu num pegue ninhum. Tu devia era ter atirado quando nós tava longe.

O segurança parou de andar de costas e nós paramos também. Abelhinha e Bondade vieram se postar atrás de nós, colocando meu marido e eu entre elas e os milicianos.

Os milicianos passavam de um para o outro uma garrafa de algo que pensei ser vinho. Cada um deles dava um gole antes de passá-la. O homem com o arco e flecha estava tendo uma ereção. Dava para ver debaixo de suas calças de malha. Mas sua expressão não mudou nem seus olhos se despregaram do pescoço de nosso segurança. Usava uma bandana negra. Na bandana, estava escrito EMPORIO ARMANI. Olhei para Andrew. Tentei falar com calma, mas as palavras estavam apertadas em minha garganta.

— Andrew, por favor, dê a eles o que quiserem.

Andrew dirigiu-se ao homem com a ferida no pescoço.

— O que vocês querem?

Os milicianos se entreolharam. O homem com a ferida no pescoço deu um passo na minha direção. Seus olhos cintilaram, reviraram-se nas órbitas, depois voltaram rápidos e fitaram-me com loucura, as pupilas minúsculas, as íris duras como um projéteis e brilhando como cobre. A boca se retorceu de um sorriso para uma careta, depois para uma linha fina e cruel e em seguida para uma expressão de desdém cáustico e irônico. As emoções se sucediam em seu rosto como as imagens de canais de uma televisão trocados com impaciência. Senti o cheiro de seu suor e o da putrefação da ferida. Ele emitiu um som, um gemido involuntário que pareceu surpreendê-lo — seus olhos se arregalaram — e ele arrancou a canga que eu usava como saída de praia. Baixou os olhos para o claro tecido lilás em sua mão com ar de curiosidade, e parecia estar se perguntando como fora parar ali. Dei um grito e apertei os braços sobre meus seios. Encolhi-me para me afastar do homem, da maneira como olhava para mim — ora com paciência, como se

incentivasse uma pessoa com dificuldade; ora furioso; ora com uma calma expectante, vespertina.

Eu estava usando um biquíni verde muito pequeno. Vou dizer isto tudo outra vez e então talvez possa começar a compreender. Na disputada área de um delta em um país africano, no meio de uma guerra por petróleo entre três oponentes, pelo fato de haver uma praia ao lado da guerra, pelo fato de a secretaria de turismo daquele país ter enviado pelo correio pacotes de viagens para aquela praia a todas as revistas listadas no Anuário dos Jornalistas e Artistas, pelo fato de o modelo do biquíni estar na moda naquele ano e pelo fato de, sendo a editora, eu ser a primeira da fila quando os distribuidores enviavam seus brindes para o escritório de minha revista, eu estava usando um biquíni Hermès verde sem alças e muito pequeno. Parada ali com os braços cruzados sobre o peito, ocorreu-me que me aproveitara de mordomias que me levariam à destruição.

O homem ferido chegou tão perto de mim, que senti a areia afundar sob meus pés com o peso dele. Correu um dedo pelo meu ombro, pela minha pele nua e disse:

— O que nós queremos? Nós queremos… praticar… nosso inglês.

Os milicianos explodiram em gargalhadas. Passaram outra rodada de bebida. Por um momento, quando um deles levantou a garrafa, vi algo com uma pupila olhando lá de dentro. Estava comprimida no vidro. Depois o homem baixou a garrafa e a coisa desapareceu outra vez no líquido. Digo líquido porque não achava mais que fosse vinho.

Andrew disse:

— Temos dinheiro, e podemos conseguir mais depois.

O homem ferido deu uma risadinha e produziu um ruído como o de um porco, o que o fez rir mais. Então, seu rosto adquiriu de repente uma expressão de total seriedade. Ele disse:

— Você me dá agora o que tem aí. Nada de depois.

Andrew tirou a carteira do bolso. Passou-a para o homem ferido. O homem apanhou-a — sua mão tremia — e ele tirou as cédulas e jogou a

carteira no chão. Passou o dinheiro para os homens atrás de si sem olhar nem contar. Respirava com dificuldade e o suor escorria pelo seu rosto. A ferida do pescoço estava toda aberta. Era verde-azulada. Era repugnante.

Eu disse:

— Você precisa de um médico. Poderíamos conseguir ajuda para você no hotel.

O homem disse:

— Remédio não conserta o que essas garotas viram. Elas têm de pagar pelo que viram. Entreguem as garotas.

Eu disse:

— Não.

O homem ferido olhou para mim, espantado.

— O que foi que disse?

— Eu disse que não. Essas meninas estão vindo conosco para o hotel. Se tentar impedir, nosso segurança vai atirar em você.

O homem ferido arregalou os olhos brindando-nos com um indulgente simulacro de medo. Pôs as duas mãos no alto da cabeça e deu duas voltas na areia arrastando os pés. Quando ficou de frente para mim outra vez, ele arreganhou os dentes num sorriso forçado e disse:

— De onde você é, dona?

— Nós moramos em Kingston — respondi.

O homem inclinou a cabeça de lado e olhou para mim com interesse.

— Kingston-upon-Thames — expliquei. — Em Londres.

O homem concordou, balançando a cabeça.

— Sei onde fica Kingston — disse ele. — Estudei engenharia mecânica lá.

Baixou os olhos para a areia. Ficou em silêncio por um instante. Então se mexeu, e muito depressa. Vi seu facão subir, vi a lâmina reluzir ao sol da manhã, vi uma contração minúscula — foi só o que o segurança teve tempo de fazer. A lâmina entrou na garganta do segurança e retiniu. Retiniu quando atingiu os ossos do pescoço. O metal ainda retinia quando o homem

a arrancou e o segurança caiu na areia. A lâmina retiniu, eu me lembro, como se o facão fosse um sino e a vida do segurança fosse o badalo do sino.

O assassino perguntou:

— Já ouviu um barulho igual a esse em Kingston-upon-Thames?

Parecia haver mais sangue do que era possível caber dentro de um menino africano magrinho. Não parava de escorrer. Aquele segurança deitado ali, com areia cobrindo seus olhos e o pescoço aberto como se estivesse pendurado numa dobradiça, todo aberto. Igual a uma boca. Uma voz muito calma, uma voz de pessoa de classe média dentro de minha cabeça, disse: Pac-man. Pac-man. Puxa vida, ele está igualzinho ao Pac-man. Todos permanecemos em silêncio vendo o segurança se esvair em sangue. Levou um tempo enorme. Lembro-me de ter pensado: Graças a Deus deixamos Charlie com meus pais.

Quando levantei a cabeça, o assassino olhava para mim. Não olhava com uma expressão maldosa. Já vi funcionárias de check-in em aeroportos me olharem desse modo quando esqueço meu cartão de milhagem. Já vi Lawrence me olhar assim quando lhe digo que estou menstruada. O assassino me olhava com uma expressão de leve aborrecimento, realmente.

— Esse segurança morreu por sua causa — ele disse.

Eu devia sentir as coisas naquela época, porque desciam lágrimas pelo meu rosto.

— Você é louco — disse eu.

O assassino sacudiu a cabeça. Formou uma torre com os dedos em torno do cabo do facão, segurou-o de tal modo que a ponta se alinhou com a minha garganta e olhou-me com ar pesaroso ao longo do eixo trêmulo da lâmina.

— Eu vivo aqui — disse ele. — Vocês é que foram loucos de vir para cá.

Comecei a chorar então, de medo. Andrew tremia. Bondade começou a rezar na língua de sua tribo.

— Ekenem-i Maria, gratia ju-i obi Dinweni nonyel-i, I new ngozi kali ikporo nine na ngozi dili nwa afo-i bu Jesu.

O matador voltou os olhos para Bondade e disse:

— Você vai ser a próxima a morrer.

Bondade devolveu-lhe o olhar.

— Nso Maria Nne Ciuku — continuou ela —, yo nyel'anyi bu ndi njo, kita, n'ubosi nke onwu anyi. Amém.

O matador assentiu com a cabeça. Respirou. Escutei a espuma fria das ondas ir e voltar. Os cães marrons abandonaram a carcaça do cão morto e se aproximaram. Pararam com as pernas tremendo e o pelo do pescoço eriçado, com sangue coagulado pelo corpo. O matador deu um passo na direção de Bondade mas achei que minha mente não sobreviveria se visse o facão cortá-la.

— Não, por favor. Por favor… não faça isso com ela — eu disse.

O matador parou, virou-se para mim e disse:

— Você outra vez?

Estava sorrindo.

Andrew disse:

— Sarah, por favor, acho que a melhor coisa que podemos fazer aqui é…

— É o quê, Andrew? Calar a boca e torcer para ele não acabar nos matando também?

— Só acho que não é da nossa conta e…

— Ah — disse o matador. — Não é da sua conta.

Virou-se para os outros milicianos e abriu os braços.

— Não é da conta dele, ele diz. Ele diz que isso é da conta dos negros. Ha, ha, ha, ha!

Os milicianos riram. Bateram nas costas uns dos outros e os cães começaram a nos rodear. Quando o matador se virou outra vez para nós, o rosto dele estava sério.

— É a primeira vez que ouço um homem branco dizer que o que é da minha conta não é da conta dele. Vocês ficaram com o nosso ouro. Vocês ficaram com o nosso petróleo. O que há de errado com as nossas mulheres?

— Nada — disse o pobre Andrew. — Não foi isso o que eu quis dizer.

— Você é racista?

Rachista, foi como ele pronunciou a palavra.

— Não, claro que não.

O matador olhou fixo para Andrew.

— E aí? — disse ele.

— Quer salvar essas garotas, cara?

Andrew tossiu. Fiquei olhando para ele. As mãos de meu marido se contorciam — aquelas mãos fortes, bonitas, que eu vira tantas vezes segurando xícaras de café, batendo nas teclas dos computadores, cumprindo seus prazos. Meu marido, que enviara sua coluna dominical do salão de embarque do aeroporto no dia anterior, em cima da hora, como sempre. Eu a estava revisando quando chamaram nosso voo. O último parágrafo dizia: Somos uma sociedade autocentrada. Como nossos filhos vão aprender a priorizar os outros se nós não o fazemos?

— E então? — repetiu o matador. — Quer salvá-las?

Andrew baixou os olhos para suas mãos. Ficou assim um bom tempo. Acima de nós, aves marinhas voavam em círculo e se comunicavam daquela forma aflita que lhes é comum. Tentei controlar a tremedeira de minhas pernas.

— Por favor — eu disse —, se nos deixar levar as meninas, faremos o que você quiser. Deixe-nos voltar para o hotel, por favor, e daremos qualquer coisa a você. Dinheiro, remédios, qualquer coisa.

O matador produziu um ganido alto e estridente e um tremor sacudiu seu corpo inteiro. Deu uma risadinha e uma gota de saliva com sangue escapou através de seus dentes brancos e regulares, indo respingar no náilon verde e sujo de seu agasalho esportivo.

— Pensa que eu tô ligando pra isso? — disse. — Não tá vendo esse buraco no meu pescoço? Daqui a dois dias, vou estar morto. Pensa que ligo para dinheiro e remédio?

— Então, o que você quer? — disse Andrew.

O matador passou o facão da mão direita para a esquerda. Ergueu a mão direita com o dedo médio esticado. Colocou-o a três centímetros do rosto de Andrew e tremendo, disse:

— O homem branco me mostrou esse dedo a minha vida inteira. Hoje você pode me dar o seu para eu guardar. Agora, corte o seu dedo médio, cara, e dê ele pra mim.

Andrew encolheu-se, sacudiu a cabeça e fechou as mãos, apertando-as. Dobrou os polegares por cima dos outros dedos. O matador pegou seu facão pela lâmina e apresentou o cabo para meu marido.

— Ande — disse ele. — Corte logo. Me dê seu dedo que lhe dou as garotas.

Uma longa pausa.

— E se eu não der?

— Então pode ir embora à vontade. Mas primeiro vai ouvir os barulhos que essas crianças fazem morrendo. Já ouviu alguma vez uma garota morrendo devagar?

— Não.

O matador fechou os olhos e sacudiu a cabeça lentamente.

— É uma música desagradável — ele disse. — Você não vai esquecer. Talvez um dia você acorde em Kingston-upon-Thames e repare que perdeu mais do que o seu dedo.

Abelhinha agora estava chorando. Bondade segurava a mão dela.

— Não fica com medo, não — disse ela. — Se eles nos matarem hoje, de noite a gente vai tá comendo pão com Jesus.

O matador abriu os olhos bruscamente e fitou Andrew.

— Por favor, cara — disse ele. — Não sou um selvagem. Não quero matar essas garotas.

Andrew estendeu a mão e pegou o facão do matador. Havia sangue no cabo, o sangue do segurança. Andrew olhou para mim. Aproximei-me dele e pousei a mão em seu peito, com delicadeza. Eu estava chorando.

— Ah, Andrew, acho que você vai ter de fazer isso.

— Não consigo.

— É só um dedo.

— Não fizemos nada de errado. Estávamos só andando pela praia.

— Só um dedo, Andrew, e depois a gente volta para onde veio.

Andrew caiu de joelhos na areia. E disse:

— Não consigo acreditar que isto está acontecendo. — Olhou para a lâmina do facão e esfregou-a na areia para limpá-la. Pousou a mão esquerda na areia com a palma para cima e dobrou todos os dedos exceto o do meio. Depois segurou o facão na mão direita mas não o abaixou. E disse: — Como podemos ter certeza de que ele não vai matar as meninas de qualquer maneira, Sarah, depois que eu fizer isso?

— Você vai saber que fez o que pôde.

— Posso pegar Aids com essa lâmina. Posso morrer.

— Vou estar com você. Tenho muito orgulho de você.

Estava tudo calmo na praia. As aves marinhas voavam baixo no quente céu azul, sem bater asas, sustentadas pela brisa do mar. O ritmo das ondas não mudara, embora o intervalo entre uma onda e a seguinte parecesse infinito. Esperei, com as meninas e os homens e os cachorros ensanguentados, para ver o que meu marido iria fazer, e naquele momento parecia que éramos todos iguais, apenas criaturas na natureza pairando sem grande esforço no vasto vento quente de acontecimentos que eram maiores do que nós.

Andrew gritou, então, e desceu o facão. A lâmina produziu um ruído de açoite no ar quente. E cortou a areia. Bem longe da mão dele.

— Não vou fazer isso — disse ele. — Vai ser uma grande besteira. Não acredito que ele vá liberar as garotas. Olhe para ele. Vai matá-las de qualquer maneira.

Andrew levantou-se e largou o facão na areia. Olhei para ele, e foi quando parei de sentir as coisas. Percebi que não estava mais com medo. E não estava zangada com Andrew. Quando olhei para ele, quase não enxerguei mais um homem. Achei que agora seríamos todos mortos naquele momento, e isso me preocupava muito menos do que eu pensava. Incomodava-me não termos conseguido construir a estufa no fundo do nosso jardim. Um pensamento sensato me ocorreu: Que sorte eu ter pai e mãe saudáveis que vão poder tomar conta de Charlie.

O matador suspirou, deu de ombros e disse.

— Muito bem, o cavalheiro aí fez sua escolha. Agora, meu senhor, corra de volta para a Inglaterra. Pode dizer a todo mundo que foi à África e encontrou um selvagem de verdade.

Quando o matador nos deu as costas, caí de joelhos. Olhei direto para Abelhinha. Ela viu o que o matador não viu. Ela viu a mulher branca apoiar sua própria mão na areia dura, e a viu apanhar o facão, e a viu decepar seu dedo médio com um golpe simples, como uma moça qualquer cortando a ponta de uma cenoura, com precisão, num sábado sossegado no Surrey, entre a gincana e o almoço. Ela a viu largar o facão e sentar-se nos calcanhares segurando a mão. Tenho a impressão de que a mulher branca só parecia surpresa.

— Ah — acho que foi o que eu disse. — Ah, ah, ah.

O matador girou o corpo e me viu com o sangue jorrando do meu punho fechado. Na areia à minha frente, estava meu dedo. O dedo parecia ridículo e nu. Ele me encabulava. Os olhos do matador se arregalaram.

— Ah, puta que pariu! — exclamou Andrew. — O que foi que você fez, Sarah, o que foi que você fez?

Ele se ajoelhou e me abraçou mas eu o empurrei com minha mão boa. Escorria muco de minha boca e meu nariz.

— Está doendo, Andrew. Está doendo, seu merda.

O matador assentiu. Abaixou-se e pegou meu dedo morto. Apontou-o para Abelhinha.

— Você vai viver — ele disse. — A dona pagou pela sua vida.

Então apontou meu dedo para Bondade.

— Mas você vai morrer, pequena — disse ele. — O moço não quis pagar por você. E meus rapazes, sabe como é, eles precisam ter um gostinho de sangue.

Bondade agarrou a mão de Abelhinha. Mantinha a cabeça erguida.

— Não tenho medo — disse. — O Senhor é meu pastor.

O matador suspirou.

— Então ele é um pastor leviano e descuidado — replicou o homem.

E aí, mais alto do que o barulho das ondas, veio o som dos soluços do meu marido.

Dois anos depois, sentada diante de minha mesa em Kingston-upon-Thames, descobri que ainda era capaz de escutá-los. Fitei minha mão mutilada, pousada com a palma para baixo na toalha de mesa azul.

Abelhinha adormecera no sofá, seu gim-tônica intocado a seu lado. Percebi que não conseguia lembrar em que ponto ela havia parado de contar a história e eu começara a lembrá-la. Levantei-me para preparar outro drinque para mim. Os limões tinham acabado e improvisei com uma esguichada de suco do limão Jif de plástico que estava na geladeira. Quando segurei meu copo, os cubos de gelo chocalhavam de modo incontrolável. O gim-tônica estava com um gosto horroroso, mas me deu coragem. Peguei o telefone e disquei o número do homem que suponho ter de chamar "meu amante", embora essa palavra me cause mal-estar.

Dei-me conta de que era a segunda vez que ligava para Lawrence naquele dia. Uma coisa que eu vinha tentando não fazer. A resolução durara quase a semana inteira, desde a morte de Andrew. Foi o mais longo período de tempo em que fui fiel a meu marido em anos.

— Sarah? É você?

A voz de Lawrence veio num sussurro. Minha garganta se apertou. Descobri que não conseguia responder de imediato.

— Sarah? Pensei em você o dia inteiro. Foi horrível? Você tinha de ter me deixado ir ao enterro.

Engoli.

— Seria inconveniente.

— Oh, Sarah, quem iria saber?

— Eu saberia, Lawrence. Minha consciência é quase apenas o que me resta.

Silêncio. A respiração lenta dele ao telefone.

— Não tem problema você ainda amar o Andrew, sabe. Pelo menos para mim.

— Você acha que ainda o amo?

— Estou sugerindo. Pode ajudar.

Eu ri — uma exalação de ar quase inaudível.

— Todo mundo hoje está tentando me ajudar. Até Charlie foi para a cama sem o menor estardalhaço.

— É normal as pessoas quererem ajudar. Você está sofrendo.

— Estou é insuportável. Me surpreende que pessoas como você ainda se preocupem comigo.

— Você está sendo muito dura consigo mesma.

— Será? Vi o caixão de meu marido hoje sendo empurrado em cima de rodízios. Se não for em dias como este, quando é que a gente se olha de frente?

— Humm — disse Lawrence.

— Não existem muitos homens capazes de cortar o próprio dedo, não é, Lawrence?

— O quê? Não. Eu com certeza não conseguiria.

Minha garganta queimava.

— Esperei demais de Andrew, não foi? Não só naquela praia. Esperei demais da vida.

Um longo silêncio.

— O que você esperou de mim?

A pergunta me pegou desprevenida e havia raiva na voz dele. Minha mão tremia segurando o telefone.

— Você está falando no tempo passado — disse eu. — Gostaria que não fizesse isso.

— Não?

— Não. Por favor, não.

— Ah. Pensei que você tivesse ligado por esse motivo. Eu pensei: foi por isso que ela não quis que eu aparecesse no enterro. Porque é assim que você agiria, é ou não é, se fosse acabar tudo comigo? Haveria um preâmbulo para me lembrar que pessoa difícil você é e depois você comprovaria isso.

— Por favor, Lawrence, pare, que coisa horrível.

— Ah, meu Deus, eu sei, é mesmo. Desculpe.

— Por favor, não fique zangado comigo. Estou telefonando para pedir um conselho seu.

Uma pausa. Em seguida, uma risada ao telefone. Não uma risada amarga, mas desanimada.

— Você não costuma pedir conselhos, Sarah.

— Não?

— Não, nunca. Não sobre coisas importantes, pelo menos. Você pergunta se suas meias ficam bem com seus sapatos. Que pulseira combina mais com seu pulso. Você não pede uma informação. Faz isso para obter de seus admiradores uma prova de que estão prestando atenção.

— Sou tão ruim assim?

— Pior, na verdade. Porque se eu disser que ouro fica lindo com seu tom de pele, você faz questão de usar prata.

— Eu faço isso? Nunca sequer notei. Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Adoro o fato de você sequer notar. Há mulheres demais preocupadas com o que os outros acham de suas joias.

Mexi meu gim-tônica e tomei um gole com cautela.

— Você está tentando fazer com que eu me sinta melhor, não é?

— Só estou dizendo que você não é o tipo de mulher que se encontra todo dia.

— E isso é elogio, não é?

— É um elogio relativo, sim. Agora pare de cavar elogios.

Sorri, acho que pela primeira vez em uma semana.

— Nunca conversamos assim antes, não é? — disse eu. — Com essa franqueza toda.

— Quer uma resposta franca?

— Evidente que não.

— Eu sempre falei com franqueza e você nunca escutou.

Ao redor de mim, a casa estava escura e silenciosa. O único som era o chocalhar dos cubos de gelo em minha bebida. Quando falei, minha voz falhou.

— Estou escutando agora, Lawrence. Deus sabe como, estou escutando agora.

Um breve silêncio. Então outra voz surgiu na linha. Era a mulher de Lawrence, Linda, gritando ao fundo: Quem está ao telefone? E Lawrence gritou de volta: Só uma pessoa do trabalho.

Ah, Lawrence. Como se alguém fosse dizer esse "só" caso fosse realmente uma pessoa do trabalho. Você teria dito apenas É do trabalho, não é mesmo? Pensei em Linda, então, em como seria ter de dividir Lawrence comigo. A raiva controlada dela — não por causa da necessidade de dividir, mas pela ingenuidade de Lawrence em imaginar que Linda não soubesse de absolutamente nada. Pensei em como a mentira teria adquirido certa simetria desigual entre eles. Imaginei o amante insípido e medíocre que Linda teria arranjado para se vingar — por despeito e pressa. Ah, era horrível demais. Por respeito a Linda, desliguei.

Firmei a mão que segurava o gim-tônica e lancei um olhar para Abelhinha, que dormia. As lembranças da praia giravam em minha mente, incompletas, sem sentido, terríveis. Liguei outra vez para Lawrence.

— Você pode vir aqui?

— Adoraria, mas hoje não posso. Linda vai sair com uma amiga e tenho de ficar com as crianças.

— Não pode arranjar uma baby-sitter?

Reparei que minha voz soara melancólica e amaldiçoei-me por isso. Lawrence também havia reparado.

— Querida? — disse ele. — Sabe que eu iria se pudesse, não sabe?

— Claro.

— Vai conseguir lidar com a situação sem mim?

— Claro que sim.

— Como?

— Ora, acho que do mesmo jeito que as mulheres inglesas sempre fizeram antes da invenção da fragilidade.

Lawrence riu.

— Ótimo. Escute, você disse que queria pedir um conselho. Dá para ser por telefone?

— Dá. Claro. Olhe. Tenho de contar uma coisa a você. É que ficou tudo meio complicado. Abelhinha apareceu aqui em casa hoje de manhã.

— Quem?

— Uma das moças nigerianas. Daquele dia na praia.

— Jesus! Pensei que você tivesse dito que ela havia sido morta pelos homens.

— Eu tinha certeza de que sim. Vi os homens a levarem arrastada. Ela e a outra. Vi as duas serem arrastadas se debatendo e gritando pela praia. Fiquei olhando até virarem uns pontinhos ao longe e então alguma coisa dentro de mim simplesmente morreu.

— Mas e agora? Ela surgiu do nada à sua porta?

— Hoje de manhã. Duas horas antes do enterro.

— E você a deixou entrar?

— Quem não deixaria?

— A maioria das pessoas, Sarah.

— Foi como se ela voltasse do mundo dos mortos, Lawrence. Eu não podia bater a porta na cara dela.

— Mas onde ela estava, então, se não estava morta?

— Parece que num navio. Ela saiu do país e veio para cá. Depois passou dois anos num centro de detenção de imigrantes em Essex.

— Um centro de detenção? Deus do céu, o que foi que ela fez?

— Nada. Aparentemente, quem pede asilo fica trancado nesses lugares assim que chega aqui.

— Mas por dois anos?

— Você não acredita em mim?

— Não acredito nela. Dois anos no centro de detenção? Ela deve ter feito alguma coisa.

— Ela era africana e não tinha dinheiro. Devem ter lhe dado um ano referente a cada coisa.

— Deixe de brincadeira fora de hora. Como ela encontrou você?

— Parece que ela estava com a carteira de motorista de Andrew. Ele jogou a carteira na areia.

— Ah, meu Deus. E ela ainda está aí?

— Dormindo no meu sofá.

— Você deve estar completamente biruta.

— Essa manhã eu achei que estava enlouquecendo. A situação não parecia ser real.

— Por que você não ligou para mim?

— Eu liguei, não lembra? Sua babá estava atrasada. Você estava com pressa.

— Ela está ameaçando você? E, me diga uma coisa, você chamou a polícia, não chamou?

— Não, não é nada disso. Ela brincou com Charlie a tarde inteira de um jeito que foi realmente encantador. Ele era Batman, ela era Robin. Fizeram uma ótima dupla.

— E isso não deixa você desnorteada?

— Se eu ficar desnorteada agora, não vou saber quando parar.

— Mas o que ela está fazendo aqui? O que ela quer?

— Tenho a impressão de que ela quer ficar aqui por uns tempos. Disse que não conhece mais ninguém.

— Sério? E ela pode ficar? Legalmente, quero dizer.

— Não tenho certeza. Não perguntei. Ela está exausta. Acho que veio do centro de detenção até aqui a pé.

— Ela é maluca.

— Ela não tinha um tostão que fosse. Não podia nem tomar um ônibus.

— Olhe aqui, não estou gostando disso. Estou preocupado com você aí sozinha com ela.

— E então o que acha que eu deveria fazer?

— Acho que deveria acordá-la e pedir que fosse embora. Estou falando sério.

— Ir para onde? E se ela se recusar?

— Então quero que chame a polícia e faça com que a levem.

Fiquei calada.

— Está me ouvindo, Sarah? Quero que chame a polícia.

— Ouvi muito bem. Não gosto desse seu “quero”.

— É em você que estou pensando. E se ela se mostrar inconveniente, perigosa?

— Abelhinha? Acho que ela não tem nada de perigosa.

— Como é que você sabe? Você não sabe nada a respeito dela. E se ela entrar em seu quarto à noite com uma faca de cozinha? E se ela for louca?

Sacudi a cabeça.

— Meu filho saberia, Lawrence. Os bat-sentidos dele perceberiam.

— Que merda, Sarah! Não tem graça nenhuma! Chame a polícia.

Olhei para Abelhinha, dormindo profundamente em meu sofá com a boca um pouco aberta e os joelhos dobrados junto ao peito. Calei-me.

— Sarah?

— Não vou chamar a polícia. Vou deixá-la ficar aqui.

— Mas por quê? Qual a possível vantagem disso?

— Não pude ajudá-la da última vez. Quem sabe agora eu possa.

— E o que iria provar com isso, exatamente?

Suspirei.

— Acredito que provaria que você tem razão, Lawrence, quando diz que não sou boa em aceitar conselhos.

— Você sabe muito bem que não foi isso o que eu quis dizer.

— Pois é. O que nos leva de volta ao meu ponto de partida.

— Que era…?

— Que às vezes sou difícil.

Lawrence riu, mas acho que foi um riso forçado.

Desliguei o telefone e fitei durante um tempo enorme as tábuas compridas, brancas, lisas, do piso da cozinha. Depois subi para dormir no chão do quarto do meu filho. Queria estar perto dele. Reconheci que Lawrence estava certo num ponto: eu não sabia o que Abelhinha poderia fazer à noite.

Sentada com as costas apoiadas no aquecedor frio do quarto de Charlie, com minhas pernas embrulhadas em um edredom, tentei me lembrar do que vira em Lawrence. Terminei meu gim-tônica e fiz uma careta por causa do gosto artificial do limão. Tratava-se de um problema pequeno a ter: a falta de limões de verdade. O que se tornava quase um consolo. Venho de uma família cujos problemas eram quase sempre pequenos e superáveis.

Não tínhamos casos extraconjugais na minha família. Mamãe e papai amavam-se muito, ou então contrataram atores falidos para desempenhar o papel de amáveis pombinhos na nossa casa durante vinte e cinco anos, e depois mantiveram esses atores a seu serviço para que pudessem ser convocados de imediato sempre que um dos filhos de seus clientes ameaçasse fazer uma visita de fim de semana ou para um almoço-de-

domingo-com-pais-e-namorado. Na minha família, passávamos todas as férias em Devon e escolhíamos nossos companheiros para toda a vida. Eu me perguntava como fora que eu havia rompido o modelo.

Olhei para meu filho, dormindo debaixo do edredom, imóvel e pálido em sua roupa de Batman. Escutei o som de sua respiração, regular, contínua, de alguém que está totalmente adormecido. Não me lembrava de quanto tempo fazia que eu não dormia assim, pelo menos desde que me casara com Andrew. No primeiro mês, soube que ele não era o homem certo. Depois disso, foi aquela sensação crescente de insatisfação que deixa uma pessoa acordada à noite. O cérebro se recusando a abrir mão daquelas vidas alternativas que poderiam ter sido. Gente que dorme pesado não dorme com todo mundo que aparece.

Mas fui uma criança feliz, pelo menos, e meu nome era Sarah Summers. Ainda uso Summers como nome profissional, mas na minha vida particular eu o perdi. Quando menina, gostava de tudo o que as meninas gostam: pulseiras de plástico cor-de-rosa e mais tarde as de prata; uns poucos namorados para treinar e em seguida, sem nenhuma grande pressa, homens. A Inglaterra era feita das névoas das madrugadas, que chegavam à altura do ombro de um cavalo, de bolos que esfriavam em cima de bandejas de arame para serem cortados, de suaves despertares. Minha primeira opção verdadeira foi o que fazer na universidade. Meus professores diziam que eu deveria estudar direito, portanto escolhi jornalismo, evidentemente. Conheci Andrew O'Rourke quando ambos trabalhávamos para um jornal vespertino de Londres. Nosso jornal parecia expressar perfeitamente o espírito da cidade. Trinta e uma páginas da movimentação das celebridades na cidade e uma página de notícias do mundo que existia além do perímetro urbano de Londres — o jornal oferecia essa página como uma espécie de memento mori.

Londres era divertida. Os homens a atravessavam como se fossem grandes navios, alguns deles já naufragados, destroçados. Gostei de Andrew porque ele não era como os outros. Talvez fosse por causa do seu sangue

irlandês, mas ele não se deixava arrastar. Andrew era o editor da área internacional do jornal, o que mais ou menos equivalia a ser as rodas de um barco. Foi despedido por pura obstinação, e levei-o à minha casa para conhecer meus pais. Depois adotei o nome dele para que ninguém mais pudesse fazê-lo.

O'Rourke é um nome áspero, e imaginei que minha felicidade fosse amaciá-lo. Mas como Sarah O'Rourke perdi o hábito da felicidade. No lugar dela veio um sentimento de assombrosa divisão. O casamento foi muito repentino. Acredito que se tivesse parado para pensar a respeito, teria percebido que Andrew era parecido demais comigo — que um era tão teimoso quanto o outro; que nossa admiração pelo outro inevitavelmente se transformaria em atrito. A única razão de nos casarmos com tanta pressa foi minha mãe ter me implorado que não me casasse com Andrew de jeito nenhum. No casamento, um de vocês tem de ser maleável, disse ela. Um de vocês tem de saber dizer: "Faça como você quer." E não vai ser você, minha querida, de modo que vai ter de ser o homem.

Adotar o nome de Andrew O'Rourke foi a segunda decisão de verdade da minha vida, e foi errada. Imagino que Abelhinha me compreenderia. Assim que nós abrimos mão de nossos nomes verdadeiros, ela e eu, estávamos perdidas.

Peça a ela para ir embora, disse Lawrence. Não, não, nada disso, não posso. Fomos unidas pelo que aconteceu naquela praia. Livrar-me dela seria como perder uma parte de mim. Seria o mesmo que me desfazer de um dedo da mão, ou de um nome. Eu não queria deixar que isso acontecesse outra vez. Sentada no chão, contemplava meu filho dormindo um sono sereno. Invejei-o por ele ser capaz de dormir assim.

Não dormi nada durante uma semana inteira depois da África. Os milicianos simplesmente saíram andando pela praia e Andrew e eu voltamos para o hotel, em silêncio, e nos empenhamos em arrumar nossa bagagem depois de uma angustiante meia hora com o médico do complexo hoteleiro,

que embrulhou o toco do meu dedo com gaze e enfaixou-o bastante apertado. Eu estava entorpecida. Lembro-me de, no voo de volta para Londres, estar vagamente surpresa, exatamente como ficara no fim de minha infância, pelo fato de uma história tão importante como aquela poder simplesmente continuar sem mim. Mas com os assassinos é assim, suponho. O que é o fim de toda a inocência para você é apenas outra manhã de terça-feira para eles, que voltam a pé para seu planeta da morte sem pensar mais nada sobre o mundo dos vivos além do que pensaríamos com relação a qualquer outro destino turístico: um lugar para uma breve visita, do qual se volta com suvenires e uma incômoda sensação de que poderíamos ter pagado menos por eles.

No avião, voltando para casa, mantive minha mão ferida levantada, o que a fazia latejar de forma menos dolorosa. Através da névoa de analgésicos, veio-me o pensamento imprevisto e inesperado de que seria sensato não deixar Andrew tocar meu ferimento, naquela ocasião e nunca mais. Em minha mente, eu via os milicianos levarem Abelhinha e Bondade pela praia. Eu os vi desaparecer. Eu os vi transpor o horizonte de meu mundo para aquele país perigoso onde eu ficava acordada à noite, pensando nas coisas que aqueles homens devem ter feito com elas.

A cena nunca esmaecia. Mas voltei para a revista. Começar a Nixie havia sido a terceira decisão de verdade de minha vida, e eu me recusava terminantemente a me arrepender dela. Muito menos iria desistir da decisão quatro — Charlie, minha melhor decisão de todas — nem da decisão cinco, Lawrence, a quem eu pretendia sinceramente renunciar até o horror da Nigéria me fazer ver que isso era desnecessário. Atirei-me ao propósito de fazer minha vida funcionar e forcei-me a deixar a praia parecer distante e impessoal. Havia problemas na África, claro que havia. Mas não tinha sentido eu me prender a um incidente em particular e perder a visão geral da situação. Lawrence insistia nisso, e dessa vez segui seu conselho. Programei débitos automáticos em minha conta bancária para duas instituições beneficentes africanas. Quando as pessoas perguntavam o que

acontecera com meu dedo, eu dizia que Andrew e eu tínhamos alugado uma motoneta lá e nos envolvido num pequeno acidente. Minha alma entrou numa espécie de animação suspensa. Em casa, estava calma. No trabalho, era a chefe. À noite eu não dormia, mas achava provável poder fazer os dias funcionarem indefinidamente.

Agora, porém, me levantei do chão do quarto de Charlie. Fui me olhar de novo no espelho. Havia bolsas debaixo de meus olhos e vincos novos e profundos em minha testa. A máscara estava finalmente rachando. E pensei: Isto não tem mais a ver com as decisões que você tomou. Porque a coisa mais importante de sua vida, a que matou Andrew e que não deixa você dormir, é algo que aconteceu sem a sua presença.

Percebi, mais do que tudo, que naquele exato momento precisava saber. Precisava saber o que acontecera depois que os milicianos levaram aquelas meninas pela praia. Precisava saber o que acontecera em seguida.

CINCO

ACORDEI NO SOFÁ DE SARAH. Inicialmente, não sabia onde estava. Tive de abrir os olhos e examinar tudo ao meu redor. Havia almofadas no sofá, e eram feitas de seda cor de laranja. As almofadas tinham bordados de pássaros e flores. O sol entrava pelas janelas, e essas janelas tinham cortinas que iam até o chão. Eram feitas de veludo cor de laranja. Havia uma mesa de centro com tampo de vidro, tão grosso que parecia verde visto de lado. Na prateleira debaixo do tampo da mesa, havia revistas. Uma era sobre moda e outra se referia a como tornar a casa mais bonita. Sentei-me e pousei meus pés no chão. O piso era coberto de madeira.

Se eu estivesse contando essa história para as meninas lá da minha terra, elas estariam me perguntando: Como pode uma mesa ser feita de vidro, e o que é essa coisa chamada veludo, e como é possível essa mulher com quem você estava não ter empilhado a madeira ao lado da casa como todo mundo faz? Como é possível ela ter deixado a lenha toda espalhada pelo chão, será que era muito preguiçosa? E eu teria de dizer a elas: uma mesa de centro é feita de vidro, e veludo é um pano tão macio quanto a parte de baixo das nuvens pequenas, e a madeira do piso de Sarah não era lenha para o fogo, mas

PISO SUECO ESTRUTURADO COM TRÊS LÂMINAS LACA ANTIGA E FOLHEADO COM O MÍNIMO DE 3MM DE MADEIRA NATURAL CERTIFICADA PELO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL (FSC) FABRICADA DE ACORDO COM PRÁTICAS FLORESTAIS ÉTICAS, e sei disso porque vi um piso exatamente igual anunciado na revista que estava debaixo da mesa de centro, especializada em casas bonitas. E as meninas da minha terra, essas iriam arregalar os olhos e dizer Uau, porque então compreenderiam que eu havia finalmente chegado num lugar além do fim do mundo — um lugar onde a madeira era feita por máquinas — e se perguntariam a que feitiçaria eu teria sobrevivido depois disso.

Imaginem como seria cansativo para mim contar minha história para as garotas da minha terra. Essa é a verdadeira razão por que ninguém conta nada para nós, africanos. Não é porque desejem manter meu continente na ignorância. É porque ninguém tem tempo de sentar e nos explicar o Primeiro Mundo desde os princípios básicos. Ou talvez vocês tivessem vontade de fazer isso, só que não conseguem. Sua cultura tornou-se sofisticada, como os computadores, ou como os remédios que vocês tomam para dor de cabeça. Vocês sabem usá-los mas não sabem explicar como funcionam. Muito menos para moças que empilham a lenha ao lado da parede de casa.

Se eu comentar com você, despreocupadamente, que a casa de Sarah ficava perto de um grande parque cheio de veados que eram muito mansos, você não vai pular de seu assento gritando: Meu Deus! Pegue minha espingarda que vou lá caçar esses bichos idiotas! Não, você continuaria sentado, e coçaria o queixo com ar inteligente, dizendo para si mesmo: Humm, deve ser Richmond Park, na periferia de Londres.

Esta é uma história para pessoas sofisticadas, como você.

Não preciso descrever para você o gosto do chá que Sarah fez para mim quando desceu e entrou na sala de estar naquela manhã. Nunca provamos chá na minha aldeia, embora o cultivem no leste do meu país,

onde a terra sobe até as nuvens e as árvores criam longas barbas macias de musgo por causa da umidade do ar. Lá, no leste, as plantações sobem pelas colinas verdes e desaparecem na bruma. O chá que cresce ali também desaparece. Acho que é todo exportado. Eu mesma nunca provei chá até ser exportada junto com ele. O navio no qual viajei para seu país estava carregado de chá, empilhado no porão de carga em sacas de papel grosso e pardo. Escavei o interior das sacas para me esconder. Depois de dois dias, estava fraca demais para ficar escondida, então saí do porão. O capitão do navio me trancou numa cabine. Disse que não seria seguro me pôr junto com a tripulação. Assim, durante três semanas e cinco mil milhas náuticas, eu espiei o mar através de uma pequena janela redonda de vidro e li um livro que o capitão me deu. O livro se chamava Grandes Esperanças e era sobre um menino chamado Pip, mas não sei como acaba porque o navio chegou ao Reino Unido e o capitão me entregou às autoridades da imigração.

Três semanas e cinco mil milhas num navio de chá — quem sabe, se você me arranhar, ainda vá sentir o cheiro do chá na minha pele. Quando me puseram no centro de detenção de imigrantes, deram-me um cobertor marrom e chá numa xícara de plástico branco. E quando o provei, tudo o que eu queria era voltar para o navio e ir para casa outra vez, para o meu país. Chá tem o mesmo gosto da minha terra: é amargo e quente, forte e carregado de lembranças. Tem gosto de saudade. Tem o gosto da distância entre onde você está e de onde você veio. E também desaparece — o gosto desaparece da língua enquanto os lábios ainda estão quentes da xícara. Desaparece, como as plantações se estendendo para dentro da bruma. Ouvi dizer que em seu país se toma mais chá do que em qualquer outro. Imagino como isso deve deixar vocês tristes — iguais a crianças que anseiam pelas mães ausentes. Sinto muito.

De modo que tomamos chá na cozinha de Sarah. Charlie ainda estava dormindo em seu quarto lá em cima. Sarah pousou sua mão na minha.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu — ela disse. — Está preparada para falar sobre isso? Sobre o que aconteceu depois que os homens levaram vocês pela praia?

Não respondi logo. Sentada à mesa, meus olhos percorreram a cozinha em volta, assimilando todas as visões novas e maravilhosas. Por exemplo, havia uma geladeira na cozinha de Sarah, uma enorme caixa prateada com uma máquina de fazer gelo embutida. A frente dessa máquina era de vidro transparente e dava para ver o que acontecia dentro. Ela estava fazendo um cubo de gelo pequeno e brilhante. Estava quase pronto. Vocês vão rir de mim — menina boba de aldeia — por olhar assim um cubo de gelo. Vocês vão rir, mas foi a primeira vez que vi água transformar-se em sólido. Era lindo — porque, se isso era possível, então talvez se pudesse fazer o mesmo com tudo o que estava sempre fugindo e escorrendo e sumindo na areia ou no nevoeiro. Tudo poderia voltar a ser sólido outra vez, sim, até o tempo em que eu brincava com Nkiruka na poeira vermelha sob o balanço de corda. Naquela época, eu acreditava que tais coisas eram possíveis em seu país. Sabia que havia grandes milagres esperando que eu os descobrisse, era só encontrar o centro, a fonte de todas essas pequenas maravilhas.

Por trás do vidro frio, o cubo de gelo tremia em seu pequeno braço de metal. Resplandecia como uma alma humana. Sarah olhou para mim. Seus olhos brilhavam.

— Abelhinha, eu preciso realmente saber. Você está preparada para falar a respeito?

O cubo de gelo estava pronto. TUNC, lá se foi, caiu dentro da bandeja coletora. Sarah piscou. A máquina de gelo começou a fazer outro cubo.

— Sarah, você não precisa saber o que aconteceu. Não foi sua culpa.

Sarah segurou minhas mãos nas suas.

— Por favor, Abelhinha — disse ela —, preciso saber.

Suspirei. Eu estava zangada. Não queria falar sobre aquilo, mas se essa mulher ia me forçar, então eu seria rápida e não a pouparia.

— Está bem, Sarah — eu disse. — Depois que vocês foram embora, os homens nos levaram pela praia. Andamos pouco tempo, talvez uma hora. Chegamos a um ponto onde havia um barco na areia. Estava virado para baixo. Algumas das tábuas estavam quebradas. Dava a impressão de ter-se quebrado em uma tempestade, sido jogado na praia e abandonado lá. A parte de baixo do casco do barco estava branca de tanto sol. A tinta rachara toda e descascara. Até as cracas estavam se desmanchando e caindo da madeira do barco. Os milicianos me empurraram para baixo do barco e me disseram para escutar. Disseram que me deixariam ir embora quando tudo acabasse. Estava escuro debaixo do barco, e havia caranguejos andando lá dentro. Eles estupraram minha irmã. Jogaram-na em cima do lado do barco e a estupraram. Eu ouvia seus gemidos. Não podia ouvir tudo através das tábuas do barco. O som chegava abafado. Ouvi minha irmã sufocando, como se estivesse sendo estrangulada. Ouvi o barulho do corpo dela batendo nas tábuas. Durou um tempo enorme. Continuou durante a parte quente do dia, mas estava escuro e frio debaixo do barco. No início, minha irmã gritava versículos das Escrituras, porém mais tarde sua mente começou a variar e ela começou a gritar as canções que cantávamos quando éramos crianças. No final, eram só gritos. Primeiro eram gritos de dor mas finalmente mudaram e pareciam os gritos de um bebê recém-nascido. Não havia dor neles. Eram automáticos. Não paravam. Cada grito era exatamente o mesmo, como se fosse uma máquina que os produzisse.

Levantei os olhos e vi Sarah olhando fixamente para mim. O rosto dela estava completamente branco e os olhos estavam vermelhos e as mãos cobriam a boca. Ela estava tremendo e eu também, porque eu nunca tinha contado isso a ninguém.

— Eu não vi o que fizeram com minha irmã. Era do outro lado do barco que as tábuas estavam quebradas. Só daquele lado é que eu podia enxergar lá fora. O matador, o que tinha a ferida no pescoço, esse eu conseguia ver. Ele estava bem longe dos seus homens. Estava andando na beira do mar. Fumava cigarros de um maço que havia tirado do bolso do

segurança que matara. Olhava para o oceano. Parecia que estava esperando alguma coisa vir de lá. Às vezes, erguia a mão e tocava a ferida no pescoço. Tinha os ombros caídos. Como se carregasse um peso.

O corpo inteiro de Sarah sacudia, tanto que a mesa da cozinha tremia. Ela chorava.

— Sua irmã — ela dizia —, sua irmã tão linda, ah, meu Deus, ah, Jesus, eu…

Não era minha intenção fazer Sarah sofrer mais ainda. Não queria contar a ela o que havia acontecido, mas agora tinha de contar. Não conseguia parar de falar porque, agora que eu começara minha história, essa história queria ser concluída. Não podemos escolher onde começar e onde parar. Nossas histórias é que são as contadoras de nós.

— Perto do fim, ouvi Nkiruka implorar para morrer. Ouvi os milicianos rindo. Depois escutei os ossos de minha irmã serem quebrados um por um. Foi assim que minha irmã morreu. É verdade, ela era uma moça linda, você tem razão. Na minha aldeia, diziam que ela era o tipo de moça que faz um homem esquecer seus problemas. Mas às vezes as coisas não acontecem como as pessoas dizem. Quando os homens e os cães acabaram com minha irmã, os únicos pedaços dela que eles jogaram no mar foram os que não podiam ser comidos.

Sarah parou de chorar e de tremer então. Estava imóvel. Segurava-se na sua xícara de chá como se pudesse ser soprada para longe caso não se agarrasse a ela.

— E você — disse ela num sussurro. — O que aconteceu com você?

Balancei a cabeça.

— À tarde, fez muito calor, mesmo debaixo do barco. Uma brisa começou a soprar do mar. Soprou areia na lateral do barco. A areia sibilava de encontro as tábuas. Olhei pelas fendas para ver o que estava acontecendo. Lá adiante, além da arrebentação, havia gaivotas deslizando no vento. Eram muito calmas. De vez em quando, mergulhavam no mar e voltavam para cima com peixes prateados no bico. Olhei bastante para elas,

porque pensei que o que acontecera com minha irmã iria acontecer comigo em seguida, e queria fixar meus pensamentos em algo bonito. Mas os homens não foram me buscar. Depois que acabaram com minha irmã, os milicianos e seus cães entraram na mata para dormir. Mas o líder, esse não voltou para junto de seus homens. Ficou na beira-mar. As ondas quebravam em torno dos joelhos dele. Ele se inclinava para o vento. Mais tarde, ficou tão quente que as gaivotas pararam de pescar. Apenas boiavam nas ondas com as cabeças enfiadas no peito, assim. Então, o líder entrou no mar. Quando a água chegou ao seu peito, ele começou a nadar. Seguiu direto mar adentro. As gaivotas voaram para sair do caminho dele e depois pousaram na água outra vez. Só queriam dormir. O homem continuou nadando, em linha reta, e daí a pouco eu já não o avistava mais. Ele desapareceu e eu só via aquela linha, a linha entre o mar e o céu, e depois ficou tão quente que até a linha desapareceu. Foi quando saí de debaixo do barco, porque sabia que os homens estariam dormindo. Olhei tudo em torno. Não havia ninguém na praia e não havia sombra. Estava tão quente que achei que fosse morrer de calor. Fui até a água, molhei minha roupa e corri na direção do hotel. Corri pela água rasa a fim de não deixar marcas na areia que os homens pudessem seguir. Cheguei ao lugar onde eles haviam matado o segurança. Havia ainda mais gaivotas ali. Estavam brigando pelo corpo do segurança. Levantaram voo quando me aproximei. Não conseguia olhar para o rosto do segurança. Havia aqueles caranguejos pequenos entrando e saindo da perna da calça dele. Uma carteira estava jogada no chão e eu a apanhei. Era a carteira de Andrew, Sarah, me desculpe. Espiei o interior. Havia uma porção de cartões de plástico dentro. Num deles estava escrito CARTEIRA DE MOTORISTA e tinha uma foto do seu marido. Era o que trazia o seu endereço. Foi o que eu peguei. Havia outro cartão também, o cartão de visita, o que tinha o número do telefone, e peguei esse também. O vento soprou, os cartões voaram da minha mão dentro da água mas eu os apanhei de volta. Então fui me esconder na mata, mas fiquei onde ainda dava para ver a praia. Foi refrescando, e um caminhão veio da direção

do hotel. Um caminhão com teto de lona, militar. Seis soldados pularam de trás dele e ficaram olhando para o segurança morto. Cutucaram o corpo dele com o bico das botas. O caminhão tinha um rádio ligado na cabine, e estava tocando “One” com o U2. Eu conhecia a canção. Estava sempre tocando na nossa casa. Isso porque os homens vieram da cidade um dia e nos deram rádios de corda, um para cada família da aldeia. Queriam que déssemos corda neles para escutar o World Service da BBC, mas minha irmã Nkiruka sintonizou o nosso nas músicas da estação de rádio de Port Harcourt. Costumávamos lutar pela caixinha à corda porque eu gostava de escutar as notícias e os assuntos da atualidade. Mas naquele momento em que estava escondida na mata atrás da praia desejei nunca ter brigado com minha irmã. Nkiruka adorava música, e então vi que ela tinha razão, porque a vida é extremamente curta e não dá para dançar escutando os assuntos da atualidade. Foi aí que comecei a chorar. Não chorei quando mataram minha irmã mas chorei quando ouvi a música vindo do caminhão dos soldados porque pensei: Essa é a canção favorita de minha irmã e ela nunca mais vai escutá-la. Acha que sou maluca, Sarah?

Sarah sacudiu a cabeça, negando. Ela estava roendo as unhas.

— Todo mundo na minha aldeia gostava do U2 — disse eu. — Todo mundo em meu país, talvez. Não seria engraçado se os rebeldes do petróleo estivessem ouvindo U2 em seus acampamentos na selva e os soldados do governo, ao mesmo tempo, estivessem escutando U2 em seus caminhões? Acho que todo mundo estava se matando e escutando a mesma música. E sabe de uma coisa? Na minha primeira semana no centro de detenção, o U2 também era o número um lá. Isso é uma coisa interessante sobre este mundo, Sarah. Ninguém gosta dos outros, mas todos gostam do U2.

Sarah entrelaçou as mãos sobre a mesa. Olhou para mim.

— Você está bem para continuar? — perguntou ela. — Pode me dizer como fugiu?

Suspirei.

— OK — eu disse. — Os soldados batiam os pés no chão acompanhando o ritmo da música. Fizeram o corpo rolar para cima de um lençol. Pegaram o lençol pelas pontas e o puseram dentro do caminhão. Pensei em correr para eles e pedir ajuda. Mas estava com medo, e não saí do lugar. Os soldados voltaram no caminhão pela praia e tudo ficou muito quieto outra vez. Quando o sol se pôs, resolvi não ir para o hotel, não queria ir para lá. Estava com muito medo dos soldados, de modo que segui na direção contrária. Morcegos voavam por todo lado. Esperei ficar escuro para passar pelo lugar onde tinham matado minha irmã. Não havia luar, somente um brilho azulado das pequenas criaturas marinhas. Às vezes encontrava um riacho de água doce desaguando na praia, e eu podia beber água. Andei a noite inteira e, quando o dia amanheceu, voltei para dentro da selva. Encontrei uma fruta vermelha para comer. Não sabia o nome dela, mas eu estava com fome. Era amarga, fiquei muito enjoada. Tinha muito medo de os homens aparecerem e me encontrarem outra vez. Quando precisei ir ao toalete, enterrei minhas fezes para não deixar rastro nenhum. Todo ruído que escutava, pensava que eram os homens voltando. Dizia para mim mesma: Abelhinha, os homens vêm aí arrancar suas asas. Foi assim durante mais duas noites, e na última noite cheguei a um porto. Havia luzes vermelhas e verdes faiscando lá adiante na água e havia um quebra-mar comprido de concreto. Fui andando por cima desse quebra-mar e o percorri de ponta a ponta. As ondas me molharam toda, mas não havia seguranças ali. Perto do final do quebra-mar, no lado da terra, dois navios estavam ancorados um ao lado do outro. O mais próximo tinha uma bandeira italiana. O outro era inglês, então subi no navio italiano para chegar a ele. Desci para o porão de carga. Foi fácil de encontrar porque havia placas escritas em inglês. E o inglês, como sabe, é a língua oficial do meu país.

Parei de falar e baixei os olhos para a toalha da mesa. Sarah aproximou-se de mim, sentou-se na cadeira ao meu lado e abraçou-me durante um bom tempo. E ficamos ali sentadas, segurando nossas xícaras de chá frio. Descansei minha cabeça no ombro de Sarah. Lá fora, o dia clareou

um pouco. Não dizíamos nada. Depois de algum tempo, ouvimos passos na escada e Charlie entrou na cozinha. Sarah enxugou os olhos, respirou fundo e endireitou rapidamente o corpo. Charlie estava vestido com sua roupa de Batman, mas sem a máscara e sem o cinto de utilidades no qual guardava os instrumentos do Batman. Pelo jeito, ele não esperava encrencas naquela manhã. Quando me viu, deu uma piscadela. Estava surpreso por eu ainda estar ali, imagino. Esfregou os olhos, sonolento, e comprimiu o alto da cabeça no lado do corpo da mãe.

— Indtá nor adi dr'mi — falou ele.

— O que foi que você disse, Batman? — perguntou Sarah.

— Eu disse que ainda está na hora de dormir. Por que você está acordada?

— É que Abelhinha e mamãe acordaram cedo hoje.

— Mmm?

— Tínhamos muito o que conversar.

— Mmm?

— Ah, meu Deus, Batman, isso quer dizer que você não compreendeu ou que não concorda?

— Mmm?

— Ah, já entendi, querido, você é igual a um morceguinho com seu sonar. Vai continuar mandando esses "Mmms" até um deles repercutir em alguma coisa sólida, não é?

— Mmm?

Charlie encarou sua mãe. Ela devolveu o olhar e depois se virou para mim e sorriu. As lágrimas estavam começando a escorrer novamente.

— Charlie tem uns olhos incríveis, não tem? São iguais a ecossistemas entrelaçados.

— São nada — disse Charlie.

Sarah riu.

— Oh, meu amor, quero dizer: é que dá para ver que tem muita coisa acontecendo aí dentro.

E deu um tapinha no lado da cabeça de Charlie.

— Mmm — disse Charlie. — Pur quê você está chorando, mamãe?

Sarah deu um soluço grande e fez um gesto com a mão no ar.

— É por quê, Charlie, não pur quê — corrigiu ela.

— Por que você está chorando, mamãe?

Sarah desabou. Foi como se toda a energia abandonasse seus ossos. Afundou de tal modo que a cabeça caiu sobre os braços em cima da mesa e ela chorou.

— Oh, Charlie — disse ela —, mamãe está chorando porque tomou quatro gins-tônicas ontem à noite. Mamãe está chorando por causa de uma coisa em que mamãe estava tentando não pensar. Desculpe, Charlie. Mamãe está crescida demais para ter sentimentos tão fortes, e então, quando tem, isso a pega de surpresa.

— Mmm? — disse Charlie.

— Ah, Charlie! — exclamou Sarah.

Ela abriu os braços e Charlie subiu no seu colo e eles se abraçaram. Não estava certo eu ficar ali com eles, de modo que saí para o jardim e sentei-me junto do laguinho de peixes. Pensei em minha irmã durante muito tempo.

Mais tarde, quando o sol já ia alto no céu e o barulho do tráfego nas ruas crescera e se tornara um zumbido constante, Sarah foi me procurar no jardim.

— Desculpe — disse ela. — Tive de levar Charlie para a creche.

— Tudo bem.

Sentou-se ao meu lado e pousou a mão no meu ombro.

— Como está se sentindo?

Encolhi os ombros.

— Bem — respondi.

Sarah sorriu, mas foi um sorriso triste.

— Não sei o que dizer — falou.

— Eu também não.

Ali sentadas, ficamos vendo um gato rolar na grama do outro lado do jardim, num trecho batido de sol.

— Esse gato parece feliz — disse eu.

— Mmm — disse Sarah. — É do vizinho.

Assenti. Sarah respirou fundo.

— Escute, quer ficar aqui por uns tempos? — perguntou ela.

— Aqui? Com você?

— É. Comigo e com Charlie.

Esfreguei os olhos.

— Não sei. Sou ilegal, Sarah. Os homens podem vir a qualquer momento e me mandar de volta para meu país.

— Por que deixaram você sair do centro de detenção, se não pode ficar no país?

— Eles cometeram um engano. Quando você tem boa aparência ou fala direito, eles às vezes cometem esse tipo de engano.

— Mas você está livre agora. Eles não podem simplesmente vir buscá-la, Abelhinha. Isto aqui não é a Alemanha nazista. Deve haver algum procedimento legal que a gente possa seguir. Alguma autoridade a que se possa recorrer. Posso contar a eles o que aconteceu com você lá. O que vai acontecer com você, se você voltar.

Sacudi a cabeça.

— Eles vão lhe dizer que a Nigéria é um país seguro, Sarah. Gente como eu, eles só vêm pegar e levar direto para o aeroporto.

— Tenho certeza de que podemos encontrar alguma solução, Abelhinha. Eu edito uma revista. Conheço pessoas. Poderíamos armar uma boa confusão.

Olhei para o chão. Sarah sorriu. Pôs sua mão na minha.

— Você é jovem, Abelhinha. Ainda não sabe como o mundo funciona. Só viu problemas até agora, e por isso pensa que é só isso que vai ter.

— Você também teve problemas, Sarah. Está enganada se pensa que isso não é comum. Vou lhe dizer: os problemas são como o oceano — cobrem dois terços do mundo.

Sarah se retraiu como se alguém tivesse lhe dado um tapa no rosto.

— O que foi? — perguntei.

Ela segurou a cabeça nas duas mãos.

— Não foi nada — disse. — É uma bobagem.

Não consegui pensar em nada para dizer. Olhei o jardim todo à procura de algo com que me matar para o caso de os homens surgirem de repente. Havia um depósito de material de jardinagem no final do terreno com um grande ancinho encostado nele. Uma ótima ferramenta, pensei. Se os homens vierem de repente, corro com aquele ancinho e me atiro em cima daquelas pontas afiadas e brilhantes.

Enfiei as unhas na terra do canteiro ao nosso lado e apertei a terra pegajosa entre meus dedos.

— Em que está pensando, Abelhinha?

— Mmm?

— Em que você está pensando?

— Ah. Em mandioca.

— Por que mandioca?

— Em minha aldeia, cultivávamos mandioca. Nós a plantávamos, regávamos e, quando crescia — dessa altura —, arrancávamos as folhas para que a raiz pudesse crescer mais, e quando estava no ponto nós a arrancávamos e descascávamos e ralávamos e espremíamos e a fermentávamos e a fritávamos e a misturávamos com água e fazíamos massa com ela e comíamos, comíamos, comíamos, comíamos. À noite, quando eu dormia, sonhava com mandioca.

— O que mais vocês faziam?

— Às vezes brincávamos num balanço de corda.

Sarah sorriu. Correu o olhar pelo jardim.

— Não há muita mandioca por aqui — disse. — Temos montes de clematites. Uma porção de camélias.

Assenti.

— Mandioca não cresceria neste solo.

Sarah sorriu, mas estava chorando ao mesmo tempo. Segurei sua mão. As lágrimas desciam por seu rosto.

— Ah, Abelhinha, como me sinto culpada!

— Não é sua culpa, Sarah. Perdi meus pais e minha irmã. Você perdeu seu marido. Nós duas sofremos perdas.

— Não perdi o Andrew, minha Pequena Abelha. Eu o destruí. Eu o traí com outro homem. Foi só por isso que fomos para aquela Nigéria desgraçada. Achamos que precisávamos de umas férias. Para acertar os ponteiros, entende?

Apenas encolhi os ombros. Sarah suspirou.

— Aposto que vai dizer que nem sabe o que são férias.

Baixei os olhos para minhas mãos.

— Na realidade, nem sei o que é um homem.

Sarah pestanejou.

— Ah, é, claro. Esqueço às vezes que você é muito novinha.

Ficamos quietas durante algum tempo. O celular de Sarah tocou. Ela atendeu e falou. Quando a ligação terminou, ela tinha um ar muito cansado.

— Era da creche. Querem que eu vá buscar Charlie. Ele está brigando com as outras crianças. Disseram que ninguém consegue controlá-lo. — Ela mordeu o lábio. — Ele nunca fez isso antes.

Ela pegou o telefone novamente e apertou alguns botões. Segurou o telefone junto ao ouvido enquanto seu olhar se perdia por cima do meu ombro, por cima do jardim. Ainda mastigava o lábio. Segundos depois, pôde-se ouvir outro telefone tocar. Um som baixo, distante, vindo de dentro da casa. O rosto de Sarah imobilizou-se. Então, lentamente, ela tirou o

celular do ouvido e apertou um dos botões. Na casa, o outro telefone parou de tocar.

— Oh, Deus, não — disse Sarah.

— O que foi? O que houve?

Sarah respirou fundo. Um arrepio percorreu todo o seu corpo.

— Liguei para o Andrew. Não sei por quê. Foi completamente automático, nem pensei antes. É que, sabe, toda vez que tenho um problema com Charlie, ligo para o Andrew. Só que esqueci que ele estava... você sabe. Ah, meu Deus, acho que estou mesmo perdendo a cabeça. Pensei que estava preparada para ouvir o que aconteceu com você… e com sua irmã. Mas não estava. Não estava preparada para isso. Ah, meu Deus…

Segurei a mão dela enquanto ela chorava. Depois, Sarah passou o telefone para mim. Apontou para a tela.

— Ele ainda está na minha agenda. Está vendo aqui?

Na tela do telefone estava escrito ANDREW com um número em seguida. Somente ANDREW — nenhum sobrenome.

— Você o deleta para mim, Abelhinha? Eu não consigo.

Segurei o telefone em minhas mãos. Já tinha visto pessoas falando em telefones celulares mas sempre achei que deviam ser muito complicados. Vocês vão rir de mim — lá vai ela de novo, a garotinha boba com cheiro de chá na pele e os dedos ainda manchados das pontas da mandioca —, mas sempre pensei que houvesse uma frequência para encontrar. Pensei que fosse preciso girar um botão até achar o sinal do seu amigo, muito longe e fraco, como se estivesse sintonizando o World Service da BBC num rádio à corda. Imaginava que telefones celulares fossem difíceis assim. A pessoa giraria o botão em meio aos assobios e estalidos e primeiro escutaria a voz do amigo soando muito esquisita, quase abafada por uivos — como se o amigo tivesse sido achatado como um biscoito e jogado numa lata cheia de macacos —, mas aí a pessoa giraria mais o botão, um pouquinho de nada, e subitamente o amigo diria algo como Deus Salve a Rainha! e contaria tudo sobre as condições do tempo nas áreas navegáveis em torno das águas

costeiras do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Depois disso, você poderia falar.

Descobri, no entanto, que usar um telefone celular era muito mais fácil. Tudo é tão fácil em seu país. Ao lado do nome, Andrew, havia um negócio onde estava escrito OPÇÕES, e eu o apertei. A Opção 3 era DELETAR, portanto a apertei, e Andrew O'Rourke se foi.

— Obrigada — disse Sarah. — Eu não tinha conseguido fazer isso até agora.

E seu olhar se fixou no telefone por um tempo enorme.

— Estou tão assustada, Abelhinha. Não tenho quem chamar. Andrew era absolutamente insuportável às vezes, mas sempre tinha muito bom-senso. Tenho a impressão de que foi uma loucura da minha parte mandar Charlie de volta à creche depois de tudo o que aconteceu ontem. Mas achei que seria bom para ele voltar à rotina. Não há mais ninguém a quem perguntar as coisas, Abelhinha, está me entendendo? Não sei se vou dar conta disso sozinha. Tomar todas as decisões referentes a Charlie sozinha. Durante anos, compreende? O comportamento certo, as escolas certas, os amigos certos, a universidade certa, a mulher certa. Ah, meu Deus, coitado do Charlie!

Pousei minha mão na dela.

— Se quiser, posso ir à creche com você — eu disse.

Sarah inclinou a cabeça de lado e me encarou por um bom tempo. Então, deu um sorriso e disse:

— Não com essa roupa.

Dez minutos depois, saí de casa com Sarah. Usava um vestido cor-de-rosa de verão que ela me emprestou. Era a coisa mais bonita que eu já vestira na vida. Tinha lindas flores brancas costuradas em torno do pescoço, muito delicadas e elegantes. Me senti igual à rainha da Inglaterra. Era uma manhã ensolarada com uma brisa fresca soprando, e eu saltitava pela calçada atrás de Sarah, e toda vez que passávamos por um gato, ou pelo carteiro, ou por uma mulher empurrando um carrinho de criança, eu sorria

e dizia: Como vai? Todos olhavam para mim como se eu fosse doida, não sei por quê. E eu pensava: Isso não é maneira de devolver um cumprimento de sua soberana.

Não gostei da creche. Ficava numa casa grande com janelas altas, mas as janelas não estavam abertas apesar de estar um dia lindo. Dentro, o ar era abafado. Cheirava a banheiro e tinta guache, exatamente o mesmo cheiro da sala de terapia ocupacional no centro de detenção de imigrantes, e era por causa dessa lembrança que eu estava me sentindo triste. No centro de detenção, eles não abriam as janelas porque as janelas não se abriam. Na sala de terapia nos davam tinta guache e pincéis e diziam que precisávamos nos expressar. Usei um bocado de tinta vermelha. Quando a terapeuta viu o que eu pintei, disse que seria bom para mim tentar seguir em frente. Eu disse: Sim, minha senhora, com todo o prazer. Se a senhora fizer o favor de abrir uma janelinha para mim, ou, melhor ainda, uma porta, ficarei feliz de seguir em frente agora mesmo. Sorri, mas a terapeuta não achou graça na piada.

Na creche de Charlie, a chefe de recreação também não achou graça em mim. Eu soube que ela era a chefe de recreação porque trazia um crachá em seu avental verde que dizia CHEFE DE RECREAÇÃO. Ela olhou para mim mas não se dirigiu a mim, falou com Sarah: Desculpe, não permitimos visitantes, é política nossa. Ela é a babá da criança? Sarah olhou para mim, depois se virou de novo para a chefe de recreação. E disse: Escute, é meio complicado de explicar, certo? A chefe da recreação franziu a testa. Finalmente, deixou que eu permanecesse à porta enquanto Sarah entrava na sala e tentava acalmar Charlie.

Coitado do Charlie. Fizeram-no tirar a roupa de Batman — foi assim que tudo começou. Fizeram-no tirar a roupa porque ele havia urinado nela. Queriam que ele ficasse limpo, mas Charlie não queria ficar limpo. Preferia ficar fedorento com sua máscara e capa em vez de estar cheirando bem no macacão branco de algodão que tinham vestido nele. Seu rosto estava vermelho e sujo de tinta guache e lágrimas. Uivava de tanta raiva. Quando

alguém se aproximava ele batia na pessoa, socando-a nos joelhos com seus pequenos punhos. Mordia, arranhava e berrava. Estava de costas para uma quina da parede. Virado para o resto da sala, gritava: NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO!

Sarah foi até ele. Ajoelhou-se para que seu rosto ficasse perto do rosto dele. E disse: Oh, querido… Charlie parou de gritar. Olhou para Sarah. Seu lábio inferior começou a tremer. Então seu queixo ficou firme outra vez. Inclinou-se para a mãe e cuspiu. E disse: VÁ EMBORA QUERO MEU PAPAI!

Tinham feito as outras crianças se sentar de pernas cruzadas no chão do lado oposto da sala. Estavam ouvindo histórias. As crianças estavam de costas para Charlie, mas não paravam de se virar para trás para espiar por cima do ombro, os rostos pálidos e assustados. Uma mulher lia histórias para elas. Vestia calça jeans, tênis brancos e uma suéter turquesa. E falava: E Max dominou-o com o truque de VIRE PARA A FRENTE, CAITLIN, com o truque de olhar dentro dos olhos deles e dizer, EMMA, FAÇA O FAVOR DE SE CONCENTRAR AQUI, JAMES, PARE DE COCHICHAR, de olhar dentro dos olhos deles e dizer, QUER OLHAR PARA A FRENTE, OLLIE, NÃO ESTÁ ACONTECENDO NADA ATRÁS DE VOCÊ.

Sarah ajoelhou-se e limpou a cusparada de Charlie em seu rosto. Ela estava chorando. E estendendo os braços para Charlie. Charlie deu-lhe as costas e escondeu o rosto na parede. A mulher que lia a história dizia: Quietos.

Andei na direção de Sarah. A chefe da recreação me lançou um olhar que significava: Eu disse a você para ficar na porta. Lancei outro olhar para ela que significava: Como se atreve? Era um olhar muito bom. Aprendi com a Rainha Elizabeth Segunda no verso da nota de cinco libras. A chefe da recreação deu um passo para trás e eu me aproximei de Sarah. Toquei seu ombro. Sarah levantou os olhos para mim.

— Ah, meu Deus — ela disse. — Coitadinho do Charlie, não sei o que fazer.

— O que você costuma fazer quando ele está assim?

— Eu enfrento a situação e a resolvo. Sempre resolvo. Oh, meu Deus, Abelhinha, não sei o que está acontecendo comigo. Esqueci como resolver as coisas.

Sarah cobriu o rosto com as mãos. A chefe da recreação veio buscá-la e a fez sentar-se.

Fui até o canto da sala com Charlie. Fiquei de pé ao lado dele e também virei o rosto para a parede. Não olhei para ele, olhei para os tijolos sem falar nada. Sou boa em olhar para tijolos sem falar nada. Fiz isso no centro de detenção de imigrantes durante dois anos, foi meu recorde.

E pensei no que faria naquela sala da creche se os homens surgissem de repente. Não era uma sala fácil, acreditem. Por exemplo, não havia nada com que se cortar. Todas as tesouras eram feitas de plástico e suas pontas eram arredondadas e macias. Se eu de repente precisasse me matar naquela sala, não sei como faria.

Depois de muito tempo, Charlie levantou os olhos para mim.

— O que você tá fazeno? — perguntou ele.

Encolhi os ombros.

— Estou pensando em como vou fugir deste lugar.

Silêncio. Charlie suspirou.

— Elas tiraro minha roupa de Batman.

— Por que elas fizeram isso?

— Porque eu fez pipi na minha roupa de Batman.

Ajoelhei-me e olhei dentro dos olhos de Charlie.

— Somos iguais, você e eu. Passei dois anos num lugar como este. Eles obrigam a gente a fazer coisas que a gente não quer fazer. Você não fica muito zangado?

Charlie balançou a cabeça, concordando.

— Isso também me deixa muito zangada — eu disse.

Atrás de nós, ouvi o resto da creche voltando às suas ocupações normais. As crianças conversavam e gritavam outra vez, as mulheres

ajudavam, riam e repreendiam as crianças. No nosso canto, Charlie olhava para o chão.

— Quero meu papai — disse.

— Seu papai morreu, Charlie. Sabe o que isso quer dizer?

— Sei. Foi pro céu.

— É.

— Onde é o céu?

— É um lugar como este aqui. Como uma creche, ou um centro de detenção, ou um país estranho distante. Seu pai quer voltar para casa e para você, mas não pode. Seu papai é igual ao meu papai.

— Oh. Seu papai morreu também?

— Morreu, Charlie. Meu papai morreu, minha mamãe morreu e minha irmã morreu também. Todos eles morreram.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Os bandidos pegaram eles, Charlie.

Charlie entrelaçou as mãos e abaixou-se para apanhar um pedacinho de papel vermelho no chão. Ele o rasgou, depois colocou-o na língua para ver que gosto tinha, e então o papel ficou preso em seus dedos por causa da umidade da saliva. Charlie prendeu a língua entre os dentes para se concentrar em arrancar o papel de seus dedos. Depois levantou os olhos.

— Você tá tiste igual a eu?

Fiz meu rosto dar um sorriso.

— Tenho cara de triste, Charlie?

Charlie olhou para mim. Fiz cócegas debaixo de seus braços e ele começou a rir.

— Temos cara de tristes, hein, Charlie? Você e eu? Estamos tristes agora?

Charlie estava finalmente dando risadas e se contorcendo, de modo que o puxei para perto de mim e o encarei.

— Nós não vamos ficar tristes, Charlie. Nem você nem eu. Principalmente você, Charlie, porque você é o menino mais sortudo do mundo. E sabe por quê?

— Por quê?

— Porque você tem uma mamãe, Charlie, e ela adora você, e isso já é muita coisa, não é?

Dei um empurrãozinho em Charlie na direção de sua mãe e ele correu para ela. Enfiou o rosto no vestido dela e os dois se abraçaram. Sarah chorava e ria ao mesmo tempo. Falava ao ouvido de Charlie, dizia Charlie, Charlie, Charlie. Então veio a voz de Charlie, abafada pelo vestido da mãe: NÃO SOU Charlie, mamãe, sou o Batman.

Sarah olhou para mim por cima do ombro de Charlie e disse apenas Obrigada sem produzir som nenhum, só mexendo os lábios.

Voltamos a pé para casa com Charlie se balançando entre nós duas. O dia estava bonito. O sol estava quente e o ar zumbia de tantas abelhas e havia perfume de flores por toda parte. Junto à calçada havia os jardins da frente das casas, cheios de cores suaves. Era difícil não ficar cheia de esperanças.

— Acho que vou ensinar a você os nomes de todas as flores inglesas — disse Sarah. — Essa é brinco-de-princesa, aquela é rosa, essas aqui são madressilvas. O que foi? Por que está rindo?

— Não há cabras aqui. É por isso que vocês têm todas essas flores lindas.

— Havia cabras na sua aldeia?

— Havia, e elas comiam as flores.

— Que pena.

— Não precisa ter pena. Nós comíamos as cabras.

Sarah franziu a testa.

— Mesmo assim — disse. — Acho que prefiro ter madressilvas.

— Um dia vou levar você lá no lugar de onde eu vim, e você só vai comer mandioca por uma semana inteira, e então vai me dizer se prefere madressilvas ou se prefere cabras.

Sarah sorriu e se inclinou para sentir o perfume das flores de madressilva. E eu vi que ela estava chorando de novo.

— Oh, desculpe — disse Sarah. — Não consigo parar. Oh, olhe só para mim, estou me desmanchando.

Charlie levantou os olhos para a mãe e eu esfreguei o alto da cabeça dele para mostrar que estava tudo bem. Recomeçamos a andar. Sarah assoou o nariz num lenço de papel.

— Quanto tempo acha que ainda vou ficar assim? — perguntou.

— Eu levei um ano, depois que mataram minha irmã.

— Para você conseguir voltar a pensar direito?

— Para voltar a pensar. Primeiro, eu estava só correndo, correndo, correndo… saindo do lugar onde aconteceu, sabe? Depois, foi o centro de detenção. Foi muito ruim. Não é possível raciocinar com clareza lá dentro. Você não cometeu um crime, portanto só o que pensa é: Quando vão me deixar sair? Mas eles não lhe dizem nada. Depois de um mês, de seis meses, você começa a pensar: Talvez eu vá envelhecer aqui. Talvez eu vá morrer aqui. Talvez eu já esteja morta. Durante o primeiro ano, eu só pensava em me matar. Quando todo mundo já morreu, às vezes você acha que seria mais fácil ir se juntar a eles, sabe? Mas você tem de seguir em frente. Vá em frente, Vá em frente, eles dizem para você. Como se você fosse teimosa. Como se estivesse mastigando as flores deles igual a uma cabra. Vá em frente, vá em frente. Às cinco da tarde eles dizem a você para ir em frente e às seis trancam você outra vez na sua cela.

— Ninguém ajuda vocês em nada naquele lugar?

Suspirei.

— Eles tentaram nos ajudar, sabe? Havia gente boa. Psiquiatras, voluntários. Mas era muito pouco o que podiam fazer por nós lá dentro. Uma das psiquiatras me disse: Psiquiatria neste lugar é o mesmo que servir

uma refeição a bordo no meio de um acidente aéreo. Se eu quisesse curá-los, como médica, deveria dar a vocês um paraquedas, não um sanduíche de queijo com picles. Para a cabeça ficar boa, a pessoa primeiro precisa estar livre, não é?

Sarah comprimiu o lenço de papel nos cantos dos olhos.

— Não tenho muita certeza se aqui fora é mais fácil, Abelhinha.

— Mas vou ajudar você.

Sarah sorriu.

— Você tem dezesseis anos. É uma refugiada. É uma órfã, meu Deus do céu. Eu é que deveria ajudar você.

Puxei o ombro de Sarah para fazê-la parar. Segurei sua mão esquerda e a mostrei a ela. Charlie parou e ficou nos olhando com os olhos muito abertos.

— Escute aqui, Sarah, você já me ajudou bastante. Você cortou fora seu próprio dedo por mim. Você salvou minha vida.

— Eu deveria ter feito mais. Deveria ter salvado sua irmã também.

— Como?

— Eu deveria ter pensado em alguma coisa.

Sacudi a cabeça.

— Você fez tudo o que podia, Sarah.

— Mas nunca deveríamos ter estado naquela situação, Abelhinha, não vê? Fomos de férias para um lugar onde não tínhamos o direito de estar.

— E se você não estivesse lá, Sarah? Se você e Andrew não estivessem lá, então Nkiruka e eu estaríamos mortas. — Virei-me para Charlie. — Sua mãe salvou minha vida, sabia disso? Ela me salvou dos bandidos.

Charlie olhou para a mãe.

— Igual ao Batman? — perguntou.

Sarah sorriu daquele jeito a que eu já ia me acostumando, com as lágrimas voltando a encher seus olhos.

— Igual à Batmãe.

— É por isso que cê num tem esse seu um dedo?

— É por isso que eu não tenho um dedo. É, querido.

— Foram os bandidos que tiraram ele? Foi o Pinguim?

— Não, querido.

— Então foi o Puffin?

Sarah deu uma risada.

— Foi, querido, foi aquele Puffin horrível.

Charlie arreganhou os dentes.

— Puffin malvado, Puffin malvado — disse, e saiu correndo pela calçada na nossa frente, dando tiros nos bandidos com um revólver que não era visível a meus olhos.

Sarah virou-se para mim.

— Deus abençoe você — disse.

Segurei firme o braço dela e encostei a palma da mão esquerda dela no dorso da minha mão esquerda. Ajeitei meus dedos sob os dela de modo que o único dos meus dedos que se podia ver era o que faltava na mão de Sarah. Vi como poderia ser. Vi como poderíamos voltar a viver. Sei que era uma loucura pensar naquilo, mas meu coração batia forte, forte, forte.

— Vou ajudar você — eu disse. — Se quer que eu fique, então é assim que vai ser conosco. Talvez eu só possa ficar um mês, talvez só uma semana. Algum dia, os homens virão. Mas enquanto estou aqui, vou ser como uma filha para você. Vou amar você como se fosse minha mãe e vou amar Charlie como se ele fosse meu irmão.

Sarah me encarou.

— Meu Deus — disse ela.

— O que foi?

— Bom, é que, quando volto da creche para casa com as outras mães, geralmente só falamos sobre como ensinar as crianças a usar o penico ou sobre bolos.

Soltei a mão de Sarah e baixei a cabeça.

— Oh, Abelhinha, desculpe — disse ela. — É que foi tudo um pouco repentino e um pouco sério, só isso. Estou muito confusa. Preciso de um pouco mais de tempo para pensar.

Olhei de novo para Sarah, e vi no seu olhar que aquilo era novidade para ela, aquela sensação de não saber de imediato o que fazer. O olhar dela era o de uma criatura que acabou de nascer. Que, antes de se acostumar com seu mundo, só sente pavor. Eu conhecia muito bem aquela expressão. Depois de ver, como eu vi, tanta gente ser empurrada para dentro do centro de detenção de imigrantes, é fácil reconhecer esse olhar. Me deu vontade de remover aquele sofrimento da vida de Sarah o mais depressa que eu pudesse.

— Desculpe, Sarah. Esqueça isso, por favor. Eu vou embora. Está vendo? A psiquiatra do centro tinha razão, ela não podia fazer nada por mim. Ainda estou maluca.

Sarah não disse nada. Só continuou segurando meu braço, e seguimos Charlie pela rua. Charlie estava correndo e arrancando as rosas dos jardins das casas. Arrancava-as com golpes de caratê. Elas caíam no chão, numa queda repentina e com uma silenciosa explosão de pétalas. Como minha história com Nkiruka, como minha história com Yevette. Meus pés esmagavam as pétalas ao passarem, e percebi que minha história era feita só de finais.

Quando chegamos em casa, sentamos na cozinha de Sarah. Tomamos chá outra vez e me perguntei se seria a última vez. Fechei os olhos. Minha aldeia, minha família, aquele gosto que ia desaparecendo. Tudo desaparece e se esvai em névoa ou areia. Esse é um bom truque.

Quando reabri os olhos, Sarah me observava.

— Sabe de uma coisa, Abelhinha, eu estava pensando no que você disse, sobre você ficar aqui. Sobre nós duas nos ajudarmos. Acho que você tem razão. Talvez tenha chegado a hora de ter seriedade. Talvez estes sejam tempos difíceis.

SEIS

OS TEMPOS DIFÍCEIS começaram num dia cinzento, aziago, em Londres. Eu não queria nada de difícil. Para ser franca, era justamente o contrário o que estava procurando. Charlie tinha quase dois anos e eu começava a emergir do introvertido estágio de crisálida do início da maternidade. Cabia outra vez em minhas saias favoritas. Sentia vontade de exibir minhas asas.

Decidi que passaria um dia em trabalho de campo, longe do escritório. A ideia era lembrar às meninas da redação que era possível escrever uma matéria de comportamento sem ajuda de ninguém. Esperava que, ao inspirar a equipe a fazer um pouco de reportagem, meu orçamento de produção fosse diminuir. Era uma simples questão, declarei displicentemente no escritório, de pôr as observações de alguém em ordem no papel de modo conciso e substancial, em vez de rabiscá-las uma por uma em caixas de brindes.

Só queria realmente ver minha equipe feliz. Com a idade deles, eu tinha acabado de me formar em jornalismo e estava encantada com o trabalho.

Denunciando a corrupção, brandindo a verdade. De que me servira aquela liberdade absoluta para me dirigir aos malfeitores e indagar quem, o quê, onde, quando e por quê?

Naquele momento, porém, no saguão do edifício do Ministério do Interior na Marsham Street, esperando por uma entrevista às dez horas, percebi que a perspectiva do que viria pela frente não me entusiasmava. Talvez aos vinte anos seja natural ter curiosidade sobre a vida, mas aos trinta simplesmente se desconfia de todo mundo que ainda tem uma. Segurei meu bloco de anotações e meu gravador novos em folha na esperança de que me transmitissem um pouco de sua pré-desilusão juvenil.

Estava zangada com Andrew. Não conseguia me concentrar. Nem a aparência de uma repórter eu tinha — meu bloco de anotações era de uma brancura virginal. Enquanto esperava, conspurcava-o com notas sobre uma entrevista fictícia. Pelo saguão do Ministério, o funcionalismo público passava arrastando seus sapatos gastos, equilibrando o café da manhã em bandejas de papelão "para viagem". As mulheres usando conjuntos de calças compridas da Marks & Spencer que revelavam suas protuberâncias, as papadas sacolejando, as pulseiras chacoalhando. Os homens pareciam flácidos e hipoxêmicos — meio garroteados por suas gravatas. Todo mundo andava curvado, ou corria, ou tinha tiques nervosos. Comportavam-se como apresentadores de previsão meteorológica que vão diminuir as expectativas gerais para o feriado bancário do fim de semana.

Tentei me concentrar no artigo que desejava escrever. Uma matéria otimista era do que eu precisava; alguma coisa animada e positiva. Algo absolutamente diferente do que Andrew escreveria em sua coluna do Times. Andrew e eu vínhamos brigando. Suas colunas estavam ficando cada vez mais melancólicas. Acho que ele começava a acreditar verdadeiramente que a Grã-Bretanha estava afundando no mar. O crime se espalhava, as escolas fracassavam, a imigração avançava furtivamente e a moral pública estava descambando. Era como se tudo estivesse vazando e se espalhando e se esvaindo, e eu detestava aquilo. Agora que Charlie estava com quase dois anos, acho que eu olhava para o futuro em que meu filho teria de viver e percebia que reclamar desse futuro talvez não fosse a estratégia mais construtiva.

— Por que você tem de ser sempre tão negativo? — eu perguntava a Andrew. — *Se o país está realmente em decadência, então por que não escrever sobre as pessoas que estão fazendo alguma coisa para remediar isso?*

— Ah, é? Quem?

— Ora, o Ministério do Interior, por exemplo. Eles é que estão na linha de frente, afinal de contas.

— Ah, essa é genial, Sarah, realmente. Porque todo mundo confia de fato no Ministério do Interior, não confia? E como vai se chamar sua maravilhosa e edificante matéria?

— Qual vai ser o título? Ora, que tal A Batalha pela Grã-Bretanha?

Eu sei, eu sei. Andrew explodiu numa gargalhada. Tivemos uma briga feia. Eu disse a ele que finalmente iria fazer da minha revista algo construtivo. Ele me disse que eu finalmente iria conseguir leitores mais maduros. Não só eu estava ficando velha, em outras palavras, mas tudo em que eu trabalhara na última década era pueril. Uma avaliação que me feria quase cirurgicamente.

Ainda estava furiosa quando cheguei ao prédio do Ministério. Você continua sendo a mocinha do Surrey, não é? Foi a última farpa que ele me lançou. Exatamente o que você quer que o Ministério do Interior faça com este desgraçado deste país, Sarah? Bombardeie a molecada com Spitfires? Andrew tinha um enorme talento para aprofundar as incisões que abria. Não era nossa primeira briga depois do nascimento de Charlie, e ele sempre acabava fazendo isso — puxando o assunto para a forma como fui criada, o que me irritava porque eu não podia fazer nada a respeito.

Fiquei parada no saguão enquanto um mar de funcionários malvestidos passava por mim. Pisquei, baixei os olhos para os meus sapatos e tive o meu primeiro pensamento sensato em dias. Percebi que não saíra do escritório naquela manhã para provar algo à minha equipe editorial. Editores seniores não costumam voltar ao trabalho de reportagem para economizar algumas libras de seu orçamento de produção. Eu estava ali, percebi, para provar algo a Andrew.

E então Lawrence Osborn desceu e se apresentou às dez horas em ponto — alto, sorridente, discretamente bonito — e compreendi que o que eu provaria a Andrew não seria necessariamente algo de caráter editorial.

Lawrence olhou para a prancheta que trazia na mão.

— Estranho — observou ele —, classificaram esta entrevista como "não hostil".

Dei-me conta de que estava olhando para ele com ar enfurecido. Enrubesci.

— Ah, meu Deus, desculpe. Tive uma manhã difícil.

— Nem me conte. Diga apenas que vai tentar ser gentil comigo. Todos os jornalistas parecem estar contra nós ultimamente.

Sorri.

— Vou ser gentil. Acho que vocês aqui fazem um ótimo trabalho.

— Ah, isso é porque você não tem acesso a nossas estatísticas.

Dei uma risada e Lawrence levantou as sobrancelhas.

— Acha que estou brincando? — disse ele.

A voz dele soou monótona e comum. Não a de alguém que passou por uma escola particular cara. Havia uma certa aspereza em suas vogais, ou a sensação de algo selvagem contido, como se ele estivesse fazendo um esforço. Era difícil classificar aquela voz. Levou-me para uma visita pelo prédio. Passamos pelo Departamento de Recuperação de Ativos e pelo Escritório de Registros Criminais. A impressão era de eficiência mas também de descontração. Desestimular um pouco o crime, tomar um pouco de café — o tom parecia ser esse. Percorremos galerias estranhas com pisos de materiais naturais banhadas por luz natural.

— Então, Lawrence — perguntei —, o que acha que há de errado com a Inglaterra?

Lawrence parou e se virou. Seu rosto brilhou sob um raio suave de claridade amarela, filtrado através do vitral colorido.

— Não está perguntando à pessoa certa — ele respondeu. — Se eu soubesse a resposta, daria um jeito na situação.

— Não é o que se espera que vocês façam aqui neste ministério? Que deem um jeito na situação?

— Não trabalho realmente em nenhum dos departamentos. Tentaram me colocar em vários lugares, mas acho que não me encontrei em nenhum deles. Portanto, cá estou eu agora no Assessoria de Imprensa.

— Mas você com certeza tem alguma opinião sobre o assunto?

Lawrence suspirou.

— Todo mundo tem uma opinião, não é mesmo? Talvez seja isso o que está errado com este país. O que foi? Por que está sorrindo?

— Gostaria que dissesse isso ao meu marido.

— Ah. Ele tem opiniões formadas, não tem?

— Sobre diversos assuntos.

— Bem, então talvez ele devesse trabalhar aqui. Eles adoram uma discussão política neste lugar, realmente adoram. Seu primeiro entrevistado, por exemplo... — Lawrence deu uma olhadela em sua prancheta, procurando um nome.

— Desculpe, mas, como assim? — eu disse. — Pensei que você fosse meu entrevistado.

Lawrence levantou a cabeça.

— Ah, não, sou apenas o sujeito que faz o aquecimento. Desculpe, deveria ter explicado.

— Ah.

— Ora, não fique tão decepcionada. Preparei um ótimo dia para você, bom mesmo. Você vai ter três chefes de departamento, um depois do outro, e um subsecretário de verdade e ao vivo. Tenho certeza de que vão lhe fornecer mais do que o necessário para sua matéria.

— Mas estava gostando tanto de conversar com você.

— Você vai superar isso.

— Acha que sim?

Lawrence sorriu. Tinha o cabelo negro e encaracolado, bastante lustroso mas, surpreendentemente, cortado rente na nuca e dos lados. O

terno dele, também — um terno bom, Kenzo, acho eu, e lhe caía bem —, mas havia algo esquisito na maneira como ele o usava. Mantinha os braços um pouco afastados do corpo — como se o terno fosse o couro malcurtido de um animal mais delicado recém-abatido cuja crueza sangrenta lhe desse arrepios.

— Não gostam muito que eu converse com os visitantes — confessou Lawrence. — Acho que ainda não me adaptei à linha do ministério.

Surpreendi-me com meu próprio riso. Seguimos por um corredor. Num ponto qualquer entre o Escritório de Registros Criminais e o Serviço de Ciência Forense, a atmosfera mudou. Passou gente correndo por nós. Uma multidão aglomerava-se em torno de um monitor de TV. Notei a maneira protetora como Lawrence pôs a mão na base das minhas costas ao guiar-me através do repentino acúmulo de pessoas. Não achei o gesto inadequado. Percebi que estava diminuindo o passo para sentir a pressão da mão dele nas minhas costas.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS, dizia a TV. MINISTRO DO INTERIOR RENUNCIA. Exibiram então um plano do homem, a aparência fatigada, acompanhado de seu cão-guia e entrando no banco de trás de um suplício que por enquanto ainda se parecia com um carro oficial.

Lawrence inclinou a cabeça apontando para os outros, que olhavam fascinados para a tela da TV. Falou junto à minha orelha.

— Olhe só esses cretinos — cochichou ele. — O homem está sendo crucificado e essa gente só quer saber do que vai ser dos seus empregos.

— E você? Você não se importa?

Lawrence deu um sorriso largo.

— Ah, para mim, a notícia é ruim — murmurou ele. — Por causa do meu brilhante histórico profissional, eu estava cotado para ser o cão-guia do homem.

Lawrence me levou para seu escritório. Disse que precisava verificar suas mensagens. Eu estava nervosa, não sei por quê. Não havia nas paredes

nada que pertencesse a Lawrence — somente uma foto genérica da ponte de Waterloo e um cartão plastificado mostrando as saídas de emergência do prédio em caso de incêndio. Dei por mim conferindo meu reflexo na janela e depois pensando, Ah, deixe de ser boba. Deixei meus olhos mudarem de foco até pousarem na parede lisa e cinzenta do edifício de escritórios vizinho. Esperei enquanto Lawrence examinava seus e-mails.

Ele levantou a cabeça.

— Desculpe — disse. — Vamos ter de remarcar suas entrevistas. Isso aqui vai ficar um caos nos próximos dias.

O telefone tocou, Lawrence atendeu e escutou por uns instantes.

— O quê? — disse. — Não seria melhor alguém mais graduado fazer isso? É mesmo? Ah, que ótimo. Quando tenho de entregar?

Pôs o telefone de volta no lugar e deitou a cabeça na escrivaninha. Lá fora, no corredor, ouviam-se risadas, gritos, portas batendo.

— Canalhas — disse Lawrence.

— O que foi?

— Aquele telefonema? Extraoficialmente?

— Claro.

— Tenho de escrever uma carta para o ministro demissionário expressando o profundo pesar que nosso departamento sentiu de sua saída.

— Eles não parecem muito pesarosos.

— E pensar que, não fosse por sua sensibilidade jornalística para os detalhes, eu nunca teria notado.

Lawrence esfregou os olhos e virou-se para a tela de seu computador. Pousou os dedos no teclado, depois hesitou.

— Deus do céu — disse ele. — O que é que se escreve numa situação destas?

— Não pergunte a mim. Você não conhecia o homem?

Lawrence balançou a cabeça.

— Estive em salas em que ele também estava, só isso. Era um panaca, na verdade, só que não se podia dizer isso porque ele era cego. Deve ter sido

o que o fez ir tão longe. Costumava inclinar-se ligeiramente para a frente, com a mão na coleira de seu cão-guia. Inclinava-se assim, desse jeito, e a mão dele parecia tremer. Acho que era encenação. Ele não tremia quando estava lendo em Braille.

— Pelo jeito, você também não vai sentir muita falta dele.

Lawrence deu de ombros.

— Eu o admirava bastante. Era um fraco que transformou sua fraqueza em força. Um modelo para perdedores como eu.

— Oh — disse eu. — Você está se depreciando.

— E daí?

— E daí que não funciona. Há estudos mostrando. Só nas pesquisas as mulheres fingem que gostam disso.

— Talvez eu esteja só fingindo me depreciar. Talvez eu seja um vencedor. Talvez me tornar o capacho da Assessoria de Imprensa do Ministério tenha sido meu Everest pessoal.

Ele falou tudo sem uma inflexão facial. Olhava dentro dos meus olhos. Eu não sabia para onde olhar.

— Vamos voltar ao meu artigo — disse eu.

— Boa ideia — disse Lawrence. — Porque senão isso vai acabar tomando outro rumo, não é?

Senti a adrenalina doendo em meu peito. O que estava acontecendo, então, aparentemente escapulira de modo bem sutil junto com alguma frase. Tornara-se algo reconhecido, se bem que sob uma forma relativamente controlada que ainda nos permitia recuar. Lá estava, se quiséssemos, pendendo como um umbigo esticado entre nós: um caso amoroso entre adultos, minúsculo mas já inteiramente formado, com todos os seus encontros proibidos e paroxismos abafados e traições dilacerantes já presentes, como dedinhos em botão.

Lembro-me de ter olhado para as placas do carpete do escritório de Lawrence. Ainda as vejo, com uma clareza hiper-realista, cada uma das pequeninas fibras de acrílico cinzentas, reluzindo à luz fluorescente, ásperas

e brilhantes e fortemente encaracoladas, lascivas, obscenas, o pelo pubiano de um órgão administrativo idoso. Olhei-as fixamente como se nunca tivesse visto um carpete em placas antes. Não queria encontrar o olhar de Lawrence.

— Pare com isso, por favor — eu disse.

Lawrence bateu as pestanas e inclinou a cabeça com ar inocente.

— Parar com quê? — disse.

E, sem mais nem menos, temporariamente, o clima se dissipou.

Respirei de novo. Acima de nós, uma das lâmpadas fluorescentes emitia um zumbido alto.

— Por que o ministro teve de renunciar? — perguntei.

Lawrence levantou uma sobrancelha.

— Não me diga que não sabe. Pensei que fosse jornalista.

— Não sou uma jornalista séria. A Nixie trata dessas questões da mesma forma como The Economist trata de sapatos. Só sei o indispensável isso-aí-preciso-saber.

— O ministro do Interior teve de se demitir porque acelerou a emissão de um visto para a babá de sua amante.

— E você acredita nisso?

— Não me importo realmente se é verdade ou não. Mas ele nunca me pareceu burro a esse ponto. Ah, escute só essa gente.

Do lado de fora da porta de Lawrence ainda havia risadas e gritos. Ouvi o som de papel sendo amassado. Pés roçaram o carpete. Uma bola de papel ressoou numa cesta de lixo de metal.

— Estão jogando futebol no corredor — disse Lawrence. — É uma verdadeira comemoração.

— Acha que eles armaram tudo?

Ele suspirou.

— Nunca vou saber o que fizeram com ele, Sarah. Não foi para isso que frequentei boas escolas. Meu trabalho é apenas escrever uma carta de despedida para o homem. O que você poria na carta?

— É difícil, sem tê-lo conhecido. Acho que você vai ter de se limitar a generalidades.

Lawrence deu um gemido.

— Sou péssimo nisso — disse. — Sou o tipo de pessoa que precisa saber do que está falando. Não posso apenas escrever um discurso cheio de palavras vazias.

Olhei em torno de seu escritório.

— Estou na mesma posição — declarei. — E, goste você ou não, pelo jeito se transformou em meu entrevistado.

— E...?

— E você não está facilitando as coisas para mim.

— Como assim?

— Bom, você não personalizou nem um pouco esse escritório, não é mesmo? Não vejo aqui nenhum troféu de golfe, nenhuma foto de família, nada que me forneça a menor pista sobre quem você é.

Lawrence levantou os olhos para mim.

— Então, acho que você vai ter de se limitar a generalidades — disse ele.

Sorri.

— Ótimo — eu disse.

— Obrigado.

Senti a adrenalina doendo outra vez.

— Você não tem nada a ver com este lugar, hein?

— Escute, duvido muito que ainda vá estar trabalhando aqui amanhã se não pensar numa coisa convenientemente neutra para escrever para o ex-chefe nos próximos vinte minutos.

— Então escreva alguma coisa.

— Sério, não consigo pensar em nada.

Suspirei.

— Que pena. Você me pareceu simpático demais para ser um perdedor.

Lawrence abriu um largo sorriso.

— E você me pareceu bonita demais para estar tão enganada.

Percebi que lhe devolvia o sorriso.

— Banquei a loura burra, não é?

— Humm. Acho que a raiz do seu cabelo está aparecendo.

— Bem, não acho que você seja mesmo um perdedor, se quer saber. Acho que está apenas infeliz.

— Ah, é? E descobriu isso com seu olhar de lince para captar dicas emocionais?

— Isso mesmo.

Lawrence pestanejou e baixou os olhos para o teclado. Notei que enrubescera.

— Ah, desculpe — disse eu —, meu Deus, eu não deveria ter dito isso. Perdi o controle, nem conheço você, me desculpe. Acho que ficou realmente magoado.

— Talvez eu esteja só bancando o vulnerável.

Lawrence encolheu os cotovelos junto ao corpo — encolheu-se todo, na verdade, de tal modo que tive a impressão de que ele se retirara para dentro de seu corpo no tecido azulão do estofamento da cadeira giratória. Fez uma pausa e digitou uma linha no computador. O teclado era daqueles baratos, do tipo que tem teclas altas que rangem quando são pressionadas. Ficou sentado tanto tempo ali parado que fui olhar por cima de seu ombro para ler o que ele tinha escrito.

O senhor deu o máximo de si e o futuro vai mostrar...

Foi essa a frase inacabada que ficou na tela do computador, sem resolução nem embargo. O cursor piscava no final da linha. Na rua lá fora, sirenes da polícia soavam em conjunto ou isoladas. Ele se virou para mim. A engrenagem da cadeira guinchou.

— Então, me diga uma coisa — disse ele.

— Sim?

— É seu marido que faz você infeliz?

— O quê? Você não sabe nada a respeito do meu marido.

— Foi uma das primeiras coisas que você me disse. Sobre seu marido e as opiniões dele. Por que motivo me falaria dele?

— Porque o assunto veio à tona.

— O assunto do seu marido? Foi você que o levantou.

Parei, de boca aberta, tentando lembrar por que ele estaria errado. Lawrence sorriu, um sorriso amargo mas sem maldade.

— Acho que foi porque você também não está feliz — ele disse.

Saí depressa de onde estava, de trás da escrivaninha dele — era a minha vez de enrubescer — e me aproximei da janela. Encostei um lado e outro da cabeça na vidraça fria e contemplei a vida comum na rua embaixo. Lawrence veio postar-se ao meu lado.

— Agora sou eu que peço desculpas. Imagino que vá me dizer para deixar as observações íntimas para vocês, jornalistas.

Sorri a contragosto.

— Que frase era aquela que você estava escrevendo? — perguntei.

— O senhor deu o máximo de si e o futuro vai mostrar... — Não sei, acho que vou dizer que o futuro vai mostrar que grandes frutos seu trabalho terá produzido, ou o futuro vai mostrar os resultados de sua grande dedicação. Algo assim em aberto.

— Ou você pode deixar a frase exatamente desse jeito — eu disse.

— Não está terminada — objetou Lawrence.

— Mas está bastante boa — repliquei. — E nos fez chegar até aqui, não foi?

O cursor piscava e meus lábios se entreabriram e nos beijamos e beijamos e beijamos. Agarrei-me a ele e sussurrei em seu ouvido. Mais tarde, apanhei minhas calcinhas no carpete de placas cinzentas e as vesti de novo por baixo da saia. Alisei minha blusa e Lawrence sentou-se novamente em sua escrivaninha.

Espiei pela janela um mundo diferente daquele que eu deixara lá fora.

— Nunca fiz isso antes — disse eu.

— Não, não fez — disse Lawrence. — Eu teria me lembrado.

Durante um minuto inteiro ele fitou a tela com a frase inacabada e, em seguida, com os lábios ainda manchados pelo meu batom, pespegou-lhe um ponto parágrafo. O senhor deu o máximo de si e o futuro vai mostrar. Vinte minutos depois, a carta estava transcrita em Braille e colocada no correio. Os colegas de Lawrence não se deram o trabalho de revisá-la.

Andrew ligou. Meu celular tocou dentro do escritório de Lawrence e nunca vou esquecer a primeira coisa que Andrew disse:

— Aconteceu uma coisa fantástica, Sarah. Essa história vai render durante semanas na mídia. Fui encarregado de fazer uma matéria longa sobre a queda do ministro do Interior. É um achado, Sarah. Deram-me uma equipe de pesquisadores. Mas vou ficar no escritório até tarde da noite desta vez. Você vai dar conta de cuidar de Charlie, não vai?

Desliguei o telefone com muito cuidado. Era mais simples do que anunciar a Andrew a mudança de nosso modo de vida. Mais fácil do que explicar a ele: nosso casamento acabou de ser ferido de morte, meio por acaso, por uma gangue de valentões que perseguiam um cego.

Larguei o telefone e olhei para Lawrence.

— Gostaria mesmo de ver você outra vez — disse eu.

Nosso relacionamento era do tipo "no horário de trabalho". Um caso de almoços compridos e saias curtas. De tardes furtivas em hotéis simpáticos. E até de uma ou outra noite juntos. Andrew estava pernoitando nos escritórios do jornal e, quando eu conseguia uma baby-sitter, Lawrence e eu podíamos fazer o que quiséssemos. De vez em quando, numa daquelas horas de almoço que se estendiam até a hora do chá, com uma taça de vinho branco na mão e Lawrence nu ao meu lado, eu pensava em todas as jornalistas que não estavam fazendo visitas guiadas, todos os cafés da manhã para a imprensa que não estavam sendo planejados e todos os press releases que estavam à espera no computador de Lawrence, com o cursor piscando no final da última frase inacabada. Esta nova meta representa mais um avanço significativo no programa atual do governo...

Distribuição de refeições de bordo num desastre aéreo. Era o que o nosso relacionamento estava destinado a ser. Lawrence e eu escapamos de nossas próprias tragédias e fugimos para dentro um do outro, e, durante seis meses, a Grã-Bretanha andou continuamente mais devagar durante o horário comercial. Gostaria de poder dizer que foi só isso. Nada sério. Nada sentimental. Apenas uma interrupção misericordiosa. Um breve piscar do cursor antes de retomarmos nossas velhas histórias.

Mas foi maravilhoso. Entreguei-me completamente a Lawrence, de uma maneira como nunca fiz com Andrew. Aconteceu com facilidade, sem nenhum esforço de minha parte. Eu chorava quando fazíamos amor. Apenas acontecia: não era uma encenação. Abraçava-o até meus braços doerem e tinha surtos de ternura. Nunca deixei que ele soubesse disso. Também nunca deixei que ele soubesse que naveguei pelo seu Blackberry, li seus e-mails, li sua mente enquanto ele dormia. Quando comecei o relacionamento, acho que poderia ter sido com qualquer pessoa. O relacionamento é que foi inevitável, não aquele homem específico. Mas aos poucos comecei a adorar Lawrence. Ter um caso, comecei a perceber, era uma transgressão relativamente pequena. Mas para de fato fugir de Andrew, para de fato me tornar eu mesma, precisava ir até o fim e me apaixonar. E, mais uma vez, não precisei de nenhum esforço para me apaixonar por Lawrence. Só o que tinha de fazer era me permitir cair. É seguro, eu dizia a mim mesma: a psique tem capacidade de absorver o choque dessas quedas.

Eu ainda chorava quando fazíamos amor, mas agora também chorava quando não podíamos fazer amor.

Esconder o relacionamento tornou-se uma fonte de preocupação. Os encontros eram simplesmente escondidos de Andrew, é claro, e eu fazia questão de nunca falar de Andrew ou seu trabalho quando estava com Lawrence para que ele próprio não ficasse curioso demais. Levantei uma cerca alta em torno do relacionamento. Em minha mente, declarei que se tratava de outro país e patrulhava as fronteiras de modo implacável.

Mais difícil de disfarçar foi a inegável mudança em mim. Eu me sentia ótima. Nunca me senti menos ajuizada, menos séria, menos Surrey. Minha pele começou a brilhar. Era algo tão ostensivo que tentei esconder usando base de maquilagem, mas não adiantou: eu irradiava joie de vivre. Comecei a ir a festas outra vez, como não fazia desde os meus vinte anos. Lawrence me levava a todos os eventos do ministério. O novo ministro adorava encontrar a imprensa para contar, entre rodadas de canapés, como ele iria ser durão. Havia noitadas intermináveis, e sempre com esticadas. Conheci gente nova. Atores, pintores, homens de negócios. Sentia uma excitação que não experimentava desde antes de encontrar Andrew — a excitação de perceber que eu era atraente, de me saber irresistível, de ficar meio bêbada com champanhe e olhar ao redor para os rostos alegres e animados, dando risadinhas ao me dar conta de que de repente qualquer coisa poderia acontecer.

Portanto, não deveria ter-me espantado quando aconteceu. Como era de esperar, numa daquelas festas acabei dando de cara com meu marido, amarfanhado, de olhos vermelhos, vindo direto do escritório. Andrew detestava festas — deve ter ido àquela somente para buscar fatos, numa missão qualquer. Lawrence até nos apresentou. Uma sala cheia de gente. Música — o melhor da música inglesa —, uma banda que fizera um sucesso enorme na internet. Lawrence, radiante, o rosto corado pelo champanhe, a mão perigosamente apoiada na base das minhas costas.

— Oh, olá! Olá, Andrew O'Rourke, esta é Sarah Summers. Sarah é a editora da Nixie. Andrew é colunista do The Times, um tremendo redator, de opiniões fortes. Tenho certeza de que vocês dois vão se dar bem.

— O padre também tinha certeza — disse Andrew.

— Não entendi?

— Ele tinha certeza de que nos daríamos bem. Quando nos casou.

Andrew, jovial, quase sorridente. Lawrence — pobre Lawrence — tirando depressa a mão das minhas costas. Andrew, percebendo, de repente sério.

— Não sabia que você estaria aqui, Sarah.

— Pois é. Bom, eu... É que... Foi uma coisa de última hora. A revista... sabe como é.

Meu corpo me traindo, eu enrubescendo dos tornozelos até o topo da cabeça. Minha infância, meu Surrey interior despertado e vingativo, redesenhando suas fronteiras de seu condado de modo a anexar minha nova vida. Concentrei o olhar em meus sapatos. Levantei os olhos. Andrew ainda estava lá, completamente estático, em total silêncio — sem nenhuma opinião pelo menos uma vez na vida.

Naquela noite, em cima da base vazia no fundo de nosso jardim, onde Andrew estava planejando construir sua estufa, conversamos sobre salvar nosso casamento. A frase em si já é aflitiva. Tudo o que Andrew dizia soava como a coluna dele do Times, e tudo o que eu dizia poderia ter sido destacado da página de consultas sentimentais da minha revista.

— Em que momento esquecemos que o casamento é um compromisso para toda a vida?

— Eu estava me sentindo tão frustrada, tão oprimida.

— A felicidade não é uma coisa que se apanha numa prateleira, é algo que se precisa conquistar.

— Você me intimidava. Nunca me senti amada nem apoiada.

— A confiança entre adultos é uma coisa difícil de conquistar, uma coisa frágil, muito difícil de reconstruir.

Foi menos uma discussão do que algo como uma terrível confusão nas impressoras. Só parei quando lhe atirei um vaso de plantas. Passou raspando pelo ombro dele e despedaçou-se no piso de concreto, e Andrew esquivou-se e foi embora. Entrou no carro e saiu dirigindo e passou seis dias sem dar notícias. Mais tarde, soube que ele voara para a Irlanda a fim de ficar devidamente bêbado na companhia do irmão.

Charlie começou na creche naquela semana e Andrew não estava presente. Uma noite, fiz um bolo para Charlie a fim de comemorar solitariamente a ocasião. Não estava acostumada a ficar sozinha em casa.

Com Charlie dormindo ficava tudo silencioso. Dava para ouvir os melros cantando ao crepúsculo. Era agradável, sem a constante ladainha de queixas e comentários políticos de Andrew. Como a nota grave das gaitas de foles, que a gente só percebe estar sendo tocada quando ela cessa, e então o silêncio emerge, uma coisa tangível por si só: um supersilêncio.

Lembro-me de estar espalhando Smarties amarelos por cima da cobertura úmida do bolo enquanto escutava o Livro da Semana na Rádio 4, e então de repente me senti tão confusa que comecei a chorar. Olhei para o meu bolo: três camadas de bananas com lascas de banana desidratada e cobertura de banana. Isso foi dois anos antes do verão de Batman de Charlie. Aos dois anos, banana era o que Charlie mais gostava no mundo. Lembro de olhar para o bolo e pensar: Adoro ser mãe de Charlie. O que quer que aconteça agora, isso é uma coisa de que posso me orgulhar.

Contemplei o bolo na bandeja de tela em cima do balcão da cozinha. O telefone tocou.

Lawrence disse:

— Posso ir até aí?

— O quê, agora? Para a minha casa?

— Você disse que Andrew não estava.

Estremeci.

— Oh, meu Deus do céu. Mas... você nem sabe onde eu moro.

— Muito bem, e onde é que você mora?

— Em Kingston.

— Chego aí em quarenta minutos.

— Não, Lawrence... não.

— Mas por quê? Ninguém vai saber, Sarah.

— Pois é, mas... espere um minuto, por favor, me deixe pensar.

Ele esperou. No rádio, o locutor da emissora prometia grandes coisas para o programa seguinte. Existiam aparentemente muitos equívocos sobre o sistema de crédito fiscal e o programa deles esclareceria uma boa parte deles. Cravei as unhas na palma de minha mão livre e lutei

desesperadamente contra uma parte de mim que me dizia que uma noite na cama com Lawrence e uma garrafa de Pouilly-Fumé seria muito mais excitante do que a Rádio 4.

— Não, sinto muito. Não vou deixar você vir à minha casa.

— Mas por que não?

— Porque minha casa sou eu, Lawrence. Sua casa é sua família e minha casa é minha família, e no dia em que você vier à minha casa nossas vidas vão ficar ainda mais embaralhadas do que estou preparada para enfrentar.

Desliguei o telefone. Fiquei parada uns minutos olhando para o aparelho. Estava agindo daquela maneira para proteger Charlie, mantendo distância entre mim e Lawrence. A coisa certa a ser feita. Tudo já era complicado demais. Aí estava algo que eu nunca poderia explicar à minha mãe, imagino: que existem circunstâncias em que permitimos que os homens entrem em nosso corpo mas não em nossa casa. Meu corpo ainda ansiava pelo som da voz de Lawrence, e a frustração cresceu dentro de mim a tal ponto que peguei o telefone e bati com ele uma porção de vezes em meu bolo confeitado à perfeição, esmagando-o. Quando o bolo estava suficientemente destruído, respirei fundo e acendi o forno novamente para começar a preparar outro.

No dia seguinte — o primeiro de Charlie na creche — meu trem atrasou e cheguei tarde do trabalho. Charlie estava chorando quando fui buscá-lo. Era a última criança lá, urrando no meio da sala de assoalho encerado, socando com seus punhos pequenos as pernas da chefe de recreação. Quando me aproximei de Charlie, ele não quis olhar para mim. Levei-o para casa no carrinho de bebê, sentei-o à mesa, diminuí as luzes e trouxe o bolo de banana com vinte velas acesas. Charlie esqueceu que estava emburrado e começou a sorrir. Beijei-o e ajudei-o a apagar as velas.

— Faça um pedido! — eu disse.

O rosto de Charlie anuviou-se outra vez.

— Qué Papai — disse ele.

— Quer mesmo, Charlie? De verdade?

Charlie balançou a cabeça. Seu lábio inferior tremeu e meu coração tremeu com ele. Depois do bolo, ele desceu de sua cadeirinha alta e saiu com seu andar atabalhoado para brincar com carrinhos. Um andar engraçado, esse dos bebês. Uma espécie de vaivém, na realidade — meu filho aos dois anos —, cada passo um improviso apressado, uma queda evitada mais por sorte do que ponderação. Uma espécie de vida de pernas curtas.

Mais tarde, com Charlie já acomodado em sua cama, telefonei para meu marido.

— Charlie quer que você volte, Andrew.

Silêncio.

— Andrew?

— Charlie quer, é?

— É.

— E quanto a você? Você quer que eu volte?

— Eu quero o que Charlie quer.

A risada de Andrew ao telefone — amarga, zombeteira.

— Você realmente sabe como fazer um homem se sentir especial.

— Por favor. Sei que magoei muito você. Mas agora vai ser diferente.

— Ah, tem razão, vai ser diferente mesmo.

— Não posso criar nosso filho sozinha, Andrew.

— E eu não posso criar meu filho tendo uma vagabunda como mãe dele.

Segurei com força o telefone, sentindo uma onda de terror crescer dentro de mim. Andrew sequer levantara a voz. Uma vagabunda como mãe dele. Frio, técnico, como se ele também tivesse pensado em adúltera, traidora e narcisista antes de selecionar o termo mais apropriado. Tentei controlar minha voz mas escutei-a tremer.

— Por favor, Andrew. É sobre você, eu e Charlie que estamos falando. Gosto tanto de vocês dois que você nem imagina. O que fiz com Lawrence... sinto muitíssimo.

— Por que você fez isso?

— Não teve qualquer importância, nunca. Foi apenas sexo.

A mentira saiu da minha boca com tanta facilidade que percebi porque a frase era tão popular.

— Apenas sexo? É o que se diz, não é, hoje em dia? Sexo tornou-se uma daquelas palavras antes das quais se pode dizer apenas. Existe mais alguma coisa que você gostaria de minimizar agora, Sarah? Apenas infidelidade? Apenas traição? Apenas partir a merda do meu coração?

— Pare com isso, por favor, pare! O que quer eu faça? O que quer que eu faça para consertar essa situação?

Andrew respondeu que não sabia. Andrew chorou ao telefone. Duas coisas que ele nunca fizera antes. Não saber e chorar. Ao ouvir Andrew chorar em meio aos estalidos da linha telefônica, comecei a chorar também. Quando nós dois paramos de chorar, fez-se um silêncio. E esse silêncio tinha um novo aspecto: a consciência de que ainda restara algo por que chorar, afinal. Essa percepção pairou pela linha telefônica. Hesitante, como uma vida esperando para ser escrita.

— Por favor, Andrew. Talvez nós dois precisemos de uma mudança de cenário. De um novo começo.

Uma pausa. Ele limpou a garganta.

— É. Está bem.

— Precisamos nos afastar de tudo isto aqui. De Londres, de nossos empregos e até de Charlie. Podemos deixá-lo com meus pais por uns dias. Precisamos de umas férias.

Andrew gemeu.

— Ai, Jesus. De férias?

— É, Andrew. Por favor.

— Deus do céu. Está bem, então. Onde?

No dia seguinte, liguei para ele outra vez.

— Ganhei uns brindes, Andrew: passagens em aberto e estada em Ibeno, uma praia na Nigéria. Podemos embarcar na sexta-feira.

— Nesta sexta-feira?

— Você pode enviar sua coluna antes de irmos e vai estar de volta em tempo para a próxima.

— Mas ir para a África?

— É uma praia, Andrew. Está chovendo aqui e lá está fazendo sol. Vamos para lá, vamos apanhar um pouco de sol.

— Mas para a Nigéria? Por que não Ibiza, ou as ilhas Canárias?

— Deixe de ser chato, Andrew. De qualquer forma, é só um feriado na praia. Vamos lá, não pode ser tão ruim assim!

Tempos difíceis. Quando chegam, permanecem sobre a cabeça da gente como um cúmulo-nimbo. Foi assim com Andrew e eu depois que voltamos da África. O choque, depois a recriminação, em seguida os dois anos terríveis da depressão cada vez mais profunda de Andrew e a continuação do relacionamento com Lawrence, que eu nunca cheguei de fato a interromper.

Acho que também estive deprimida durante todo aquele tempo. A pessoa viaja para um lado e para outro tentando sair da sombra da nuvem e nada dá certo, e então um dia percebe que vinha carregando o tempo escuro consigo. Era o que eu estava explicando a Abelhinha naquela tarde em que ela foi comigo buscar Batman na creche. À mesa da cozinha, nós duas sentadas tomando chá.

— Sabe, Abelhinha, estive pensando no que você falou, sobre ficar aqui. Sobre nós duas nos ajudarmos. Acho que você tem razão. Acho que ambas precisamos seguir em frente.

Abelhinha assentiu. Embaixo da mesa, Batman estava brincando com um boneco do Batman. Pelo jeito, o Batman menor estava empenhado numa batalha desesperada contra uma tigela com restos de flocos de milho. Comecei a explicar a Abelhinha como iria ajudá-la.

— A primeira coisa que vou fazer é localizar sua assistente social — ah, Charlie, comida não é brinquedo — localizar sua assistente social e descobrir onde seus documentos ficaram guardados. Depois, podemos — por favor, Charlie, pare de espalhar esses cereais por todo lado, não me faça ter de repetir — podemos tentar legalizar sua situação, descobrir se é possível apelar e assim por diante. Pesquisei isso tudo na internet e aparentemente — Charlie! Por favor! Se eu tiver de apanhar essa colher mais uma vez vou tirar o boneco do Batman de você — aparentemente, se conseguirmos um visto de residência temporária, posso providenciar para que você faça uma Prova de Cidadania Britânica, que é uma coisa bem simples, na verdade — Charlie! Pelo amor de Deus! Muito bem, agora chega. Saia daqui. Agora! Fora da cozinha, e só volte quando decidir se comportar — é uma coisa simples sobre os reis e rainhas e a guerra civil inglesa e tudo o mais, e posso ajudá-la a se preparar para a prova e então — oh, Charlie, ah, meu Deus, desculpe, não queria fazer você chorar. Desculpe, Batman, desculpe. Venha aqui.

Batman se afastou de meus braços. O lábio tremeu, o rosto ficou vermelho e ele se pôs a berrar, entregando-se por completo à tristeza, daquela maneira que só as crianças pequenas e os super-heróis sabem fazer — daquela maneira dos que sabem que a infelicidade é um buraco sem fundo, que é insaciável — daquela maneira honesta. Abelhinha afagou a cabeça de Batman e ele enterrou o rosto mascarado na perna dela. Vi a bat-capinha sacudir com os soluços.

— Oh, Deus do céu, Abelhinha — disse eu —, desculpe, estou péssima hoje.

Abelhinha sorriu.

— Tudo bem, Sarah, tudo bem.

A torneira da pia da cozinha estava pingando. Para fazer alguma coisa, levantei-me e a apertei, mas os pingos continuaram. Não compreendi por que aquilo me aborreceu tanto.

— Ah, Abelhinha — falei —, temos de dar um jeito na vida, nós duas. Não podemos mais ser tão passivas.

Mais tarde, bateram à porta da frente. Procurei me recompor, atravessei a casa e abri a porta para Lawrence, de terno e gravata, bolsa de viagem pendurada no ombro. Vi alívio no rosto dele, o sorriso involuntário, ao dar comigo.

— Estava com medo de não achar sua casa.

— Não tenho muita certeza se você achou.

O sorriso desapareceu.

— Pensei que fosse gostar.

— Acabei de enterrar meu marido. Não posso fazer isso. E a sua mulher?

Lawrence deu de ombros.

— Disse a Linda que ia fazer um curso de gerência — respondeu ele. — Em Birmingham. Três dias. Sobre liderança.

— Acha que ela acreditou em você?

— Só achei que você talvez precisasse de um pouco de apoio.

— Obrigada. Já tenho.

Ele espiou por cima de meu ombro para Abelhinha, parada no vestíbulo.

— É ela, não é?

— Ela vai ficar aqui quanto tempo quiser.

Lawrence baixou a voz.

— É imigrante legal?

— Estou me lixando para isso. E você?

— Trabalho para o Ministério do Interior, Sarah. Posso perder meu emprego se eu souber que você está hospedando uma ilegal e não fizer nada a respeito. De fato, se eu tiver uma sombra de dúvida, posso ser despedido caso ponha um pé que seja além dessa porta.

— Ora, então... hum... não ponha.

Lawrence corou, deu um passo atrás e passou a mão pelo cabelo.

— Isso também não é fácil para mim, Sarah. Não me agrada a maneira como gosto de você. Seria ótimo se eu amasse minha mulher e seria genial se eu não trabalhasse para as forças das trevas. Quem me dera ser idealista como você. Mas não sou assim, Sarah. Não posso me dar o luxo de agir como se eu fosse alguém. Não sou ninguém. Até meu pretexto foi medíocre. Três dias em Birmingham — Birmingham, porra! Num curso para aprender uma coisa que todo mundo acha que jamais vou aprender. É tão plausível que chega a ser trágico, não acha? Foi o que pensei no mesmo instante em que estava inventando a desculpa. Não estou com vergonha do meu adultério, Sarah. Estou com vergonha dessa merda de desculpa que inventei.

Sorri.

— Agora eu sei por que gosto de você. Ninguém pode acusá-lo de ser pretensioso, não é mesmo?

Lawrence inflou as bochechas e soprou o ar pela boca, com cara triste.

— Não à plena luz das evidências — disse.

Hesitei. Ele estendeu a mão e segurou a minha. Fechei os olhos e senti minha determinação esvair-se de dentro de mim para a fria maciez da mão dele. Dei um passo atrás para dentro de casa. Quase cambaleei, na verdade.

— Então você está me deixando entrar?

— Não se acostume — respondi.

Lawrence abriu um sorriso largo mas hesitou na soleira da porta. Olhou para Abelhinha. Ela se aproximou e postou-se bem atrás de meu ombro.

— Não se preocupe comigo — disse ela. — Oficialmente, você nem pode me ver. Você está em Birmingham e eu estou na Nigéria.

Lawrence deu um sorrisinho rápido.

— Eu me pergunto qual de nós dois vai ser apanhado primeiro.

Atravessamos o vestíbulo e fomos para a sala de estar. Charlie estava fazendo seu carro de bombeiros bater de frente na lateral da caminhonete de uma família indefesa. (No mundo de Charlie, acho eu, os serviços de

emergência estão nas mãos dos vilões.) Ele levantou a cabeça quando entramos.

— Batman, esse é o Lawrence. Lawrence é amigo da mamãe.

Batman levantou-se, dirigiu-se para Lawrence e o encarou. Seus bat-sentidos devem ter-lhe dito alguma coisa.

— Você vai ser meu novo papai? — perguntou.

— Não, não, não — disse eu.

Charlie parecia confuso. Lawrence ajoelhou-se para que seu rosto ficasse no mesmo nível do de Charlie.

— Não, Batman, sou apenas um amigo da mamãe.

Batman inclinou a cabeça para um lado. As orelhas de seu bat-capuz tombaram.

— Cê é bandido ou mocinho? — perguntou ele, bem devagar.

Lawrence riu e se levantou.

— Sinceramente, Batman? Acho que sou um daqueles espectadores inocentes que você vê ao fundo nas histórias em quadrinhos. Só um homem numa cena de multidão.

— Mas cê é bandido ou mocinho?

— Ele é mocinho, claro — disse eu. — Ora, Charlie, acha que eu deixaria entrar aqui em casa alguém que não fosse mocinho?

Batman cruzou os braços e apertou os lábios. Ninguém falou. De fora, vieram os sons noturnos habituais de vozes de mães chamando crianças normais que brincavam nos jardins para entrarem para o chá.

Mais tarde, depois de pôr Charlie na cama, preparei uma ceia com Lawrence e Abelhinha sentados à mesa da cozinha. Remexendo no fundo do armário para pegar um refil de pimenta, encontrei a metade de um pacote dos biscoitos de Amaretto que Andrew adorava. Cheirei-os às escondidas, levando o pacote ao nariz, de costas para Lawrence e Abelhinha. O odor enjoativo e pungente de damasco e amêndoa me fez pensar na maneira como Andrew costumava perambular pela casa em suas noites de insônia. Quando voltava para a cama de madrugada, seu hálito

tinha aquele cheiro. Perto do fim, as únicas coisas que mantinham meu marido em pé eram seis biscoitos de Amaretto e um comprimido de Cipralex por dia.

Segurei os biscoitos de Andrew. Pensei em jogá-los fora e descobri que não conseguia. Como o luto é traiçoeiro, pensei. Cá estou eu, pesarosa de ter de jogar fora algo que dava um pouco de conforto a Andrew enquanto preparo uma ceia para Lawrence. De repente, senti-me uma horrível traidora. É exatamente por isso que não se deve deixar o amante entrar em nossa casa, pensei.

Quando a ceia ficou pronta — uma omelete de cogumelos, ligeiramente queimada enquanto eu estava pensando em Andrew —, sentei-me para comer com Lawrence e Abelhinha. Foi péssimo — eles não conversavam um com o outro, e reparei que não tinham falado nada durante o tempo todo em que eu preparei a refeição. Comemos em silêncio, apenas com o ruído dos talheres. Finalmente Abelhinha suspirou, esfregou os olhos e subiu para dormir na cama que eu fizera para ela no quarto de hóspedes.

Enfiei com estrépito os pratos na lava-louças e joguei a frigideira dentro da pia.

— O que é? O que foi que eu fiz?

— Você podia ter se esforçado um pouco — eu disse.

— Sim, está bem. Pensei que fosse estar sozinho com você hoje. Não é fácil se acomodar a uma situação destas.

— Ela é minha hóspede, Lawrence. O mínimo que você pode fazer é ser educado.

— Só acho que você não sabe em que está se metendo, Sarah. Não é saudável para você ter essa menina hospedada aqui. Toda vez que olhar para ela, vai se lembrar do que aconteceu.

— Passei dois anos negando o que aconteceu naquela praia. Ignorando, deixando que me envenenasse o espírito. Foi o que Andrew também fez e que o acabou matando. Não vou deixar que isso aconteça

comigo ou com Charlie. Vou legalizar Abelhinha, acertar tudo, e então vou poder tocar minha vida.

— Sim, mas e se você não conseguir legalizar tudo? Sabe qual é o desfecho mais provável para essa menina, não sabe? Vão deportá-la.

— Tenho certeza de que não vão chegar a esse ponto.

— Sarah, temos um departamento inteiro trabalhando para garantir que cheguem a esse ponto. Oficialmente, há bastante segurança na Nigéria, e ela não tem família aqui, de acordo com o que ela própria afirma. Razões de sobra para não a deixarem ficar.

— Não posso não tentar.

— Você vai ser vencida pela burocracia e então ela vai ser mandada embora de qualquer maneira. Você vai sofrer. Isso vai fazer mal a você. E é a última coisa de que precisa neste momento. Você está precisando é de influências positivas em sua vida. Você tem um filho que agora vai ter de criar sozinha. Precisa de gente que lhe dê energia, não que a consuma.

— Você, por exemplo, não é?

Lawrence encarou-me e deslocou o peso do corpo para a frente.

— Quero ser importante para você, Sarah. Desejei isso desde o momento em que você entrou em minha vida com seu bloco de repórter, no qual você não escreveu nem uma única palavra, e com seu gravador, que você nem ao menos ligou. E nunca decepcionei você, não é? Apesar da minha mulher e apesar de seu marido e apesar de praticamente todo mundo. Nós nos divertimos juntos, Sarah. Não é o que você quer?

Suspirei.

— Acho que não é mais uma questão de se divertir.

— E você está me vendo fugir? A questão é fazermos o que é melhor para você. Não vou parar só porque tudo agora ficou sério. Mas você tem de optar. Não poderei ajudá-la se todas as suas preocupações estiverem voltadas para aquela menina.

Senti o sangue me fugir do rosto. Falei com toda a calma e tão baixo quanto pude.

— Me diga que não está me pedindo para escolher entre você e ela.

— De jeito nenhum, não estou pedindo a você para fazer isso. Mas o que estou dizendo é que você vai ter de escolher entre a sua vida e a vida dela. Em algum momento, você vai ter de começar a pensar num futuro para você e Charlie. Caridade é uma coisa linda, Sarah, mas ela tem um limite.

Esmurrei a mesa com minha mão mutilada, os dedos espalhados.

— Cortei fora o meu dedo por aquela menina, Lawrence. Quer fazer o favor de me dizer qual é o limite para uma coisa que começou assim? Você realmente quer que eu faça uma escolha dessas? Cortei a droga do meu dedo. Acha que eu não seria capaz de também cortar você da minha vida?

Silêncio. Lawrence se levantou. O pé da cadeira dele arrastou no chão.

— Desculpe — ele disse. — Eu não deveria ter vindo.

— Pois é. Talvez não.

Fiquei sentada à mesa da cozinha escutando Lawrence tirar seu casaco do gancho do vestíbulo e apanhar sua bolsa de viagem. Ele já estava no meio do caminho da entrada quando cheguei à porta.

— Lawrence?

Ele se virou.

— Para onde você vai? Não pode voltar para casa.

— É. Não tinha pensado bem nisso.

— Você deveria estar em Birmingham.

Ele deu de ombros.

— Vou arranjar um hotel. Vai ser bom para mim. Vou ler um livro sobre liderança. Pode ser que aprenda realmente alguma coisa.

— Ah, Lawrence, venha cá.

Estendi os braços para ele. Apertei meu rosto contra o seu pescoço e abracei-o enquanto ele permanecia imóvel. Respirei o cheiro dele e lembrei todas aquelas tardes em hotéis, nós dois embriagados um com o outro.

— Você é mesmo um perdedor — eu disse.

— Estou me sentindo um completo idiota. Planejei tudo tão direitinho… consegui o tempo de folga no trabalho, inventei a história para Linda. Até comprei brinquedos para os garotos, para o caso de esquecer quando voltasse para casa. Planejei tudo. Pensei que fosse ser uma ótima surpresa para você e aí… deu nisso. Mas foi uma surpresa, pelo menos, não foi?

Acariciei o rosto dele.

— Desculpe. Desculpe ter sido ríspida com você. Obrigada por ter vindo me ver. Por favor, não vá para um quarto de hotel ficar sentado lá sozinho, não aguento isso. Por favor, fique aqui.

— O quê? Agora?

— É. Por favor.

— Não sei se é uma boa ideia, Sarah. Talvez eu esteja precisando me afastar um pouco e pensar no que significamos um para o outro. O que você acabou de dizer, sobre me cortar…

— Cale a boca, seu malandro safado. Pare com isso antes que eu mude de ideia.

Lawrence quase sorriu. Entrelacei meus dedos atrás da nuca dele.

— O que eu não disse foi que, se tivesse de cortar você da minha vida, iria doer mais do que cortar um dedo.

Ele me olhou fixamente durante um bom tempo e então disse:

— Oh, Sarah.

Subimos, e só depois de começarmos é que atinei para o fato de estarmos fazendo sexo na cama que eu dividira com Andrew. Eu estava concentrada em Lawrence, enterrando meu rosto no pelo macio do seu peito, tirando a roupa dele, quando algo aconteceu — uma alça do meu sutiã ficou presa, a fivela do cinto de Lawrence travou por um segundo — não me lembro o que foi, mas de qualquer maneira algo interrompeu o fluxo, e percebi que Lawrence estava deitado no lado de Andrew da cama, que a pele dele pressionava o lugar onde a de Andrew tinha pressionado, que a concavidade das costas de Lawrence, lisa e quente com o suor,

arqueava-se ligeiramente em cima da depressão que Andrew fizera no colchão. Hesitei — fiquei paralisada. Lawrence pressentiu isso, imagino, e continuou como se nada tivesse acontecido. Girou o corpo para cima do meu. Senti uma enorme gratidão por ele, por nos fazer atravessar aquele momento sem pensar. Deixei-me dissolver na untuosidade de sua pele, na delicadeza de seus movimentos, na sua leveza. Lawrence era alto, mas era esguio. Não havia aquela compressão esmagadora da minha pelve, aquele aperto no ar de meus pulmões, o peso opressor do sexo com Andrew que me fazia gemer igualmente de resignação e de prazer. Era do que eu mais gostava ao fazer sexo com Lawrence — a sua maravilhosa, vertiginosa leveza. Mas havia algo errado naquela noite. Talvez fosse a presença de Andrew, tão forte no quarto. Os livros e papéis dele ainda estavam por toda parte — entulhando as estantes, espalhados pelos cantos, no assoalho — e, quando pensei em Andrew, pensei em Abelhinha. Lawrence estava fazendo amor comigo e uma parte de mim pensava: Ah!, enquanto outra parte pensava: Amanhã cedo preciso telefonar para o Departamento de Fronteiras e Imigração e começar a tentar localizar os documentos dela, e depois vou ter de procurar um advogado para ela, e dar início a um pedido de apelação, e...

Vi que não conseguiria me entregar a Lawrence — não daquela maneira decidida e desembaraçada de antes. De repente, Lawrence me pareceu leve demais. Seus dedos mal roçavam minha pele, como se não estivessem se ocupando de meu corpo, mas simplesmente traçando linhas em alguma poeira fina e invisível na qual a África me envolvera. E quando senti o peso dele sobre mim foi como se estivesse fazendo amor com uma nuvem de verão, ou com uma borboleta de inverno — alguma criatura, enfim, desprovida de vigor suficiente para subjugar a gravidade em torno de si e tornar-se o centro do momento.

— O que houve, Sarah?

Percebi que estava deitada absolutamente rígida.

— Ah, meu Deus, desculpe.

Lawrence parou e deitou-se de costas ao meu lado. Segurei seu pênis, mas já o senti começar a amolecer.

— Por favor — disse ele. — Pare.

Soltei-o e segurei a mão dele, mas ele a tirou.

— Não compreendo você, Sarah, não compreendo mesmo.

— Desculpe. É por causa do Andrew. Ainda é cedo demais.

— Ele nunca nos perturbou enquanto estava vivo.

Pensei nisso. Na escuridão lá fora, um jato voava baixo decolando de Heathrow e um par de corujas emitia chamados desesperados acima do ronco do avião, gritos estridentes contra o queixume das turbinas.

— Você tem razão. Não é o Andrew.

— O que é, então?

— Não sei. Amo você, Lawrence, amo de verdade. É só porque tenho muito o que fazer.

— Por Abelhinha?

— É. Não consigo relaxar. Não consigo parar de repassar tudo várias vezes seguidas em minha cabeça.

Lawrence suspirou.

— Mas e quanto a nós? — indagou ele. — Acha que vai encontrar tempo para nós outra vez um dia desses?

— Ah, claro que vou. Você e eu temos tempo de sobra, não temos? Ainda vamos estar aqui em seis semanas, seis meses, seis anos. Temos tempo para resolver tudo isso. Temos tempo para combinar como estar juntos, agora que Andrew se foi. Mas Abelhinha não dispõe de tanto tempo. Você mesmo disse isso. Se eu não resolver as coisas para ela, vão encontrá-la e deportá-la. E ela irá embora, caso encerrado. E que tipo de futuro nós vamos ter então? Não vou conseguir olhar para você sem pensar que deveria ter feito mais para salvá-la. É esse o futuro que você quer para nós?

— Deus do céu, por que você não pode ser como as outras pessoas e simplesmente não dar a mínima?

— Loura, belas pernas, gosta de música e cinema, procura homem de recursos para amizade e talvez mais alguma coisa?

— Está bem. Gosto que você não seja uma delas. Mas não quero perder você para uma garota refugiada que não tem a menor chance de ficar aqui, de qualquer jeito.

— Oh, Lawrence, você não vai me perder. Mas é possível que tenha de me dividir com ela por uns tempos.

Lawrence riu.

— O que foi? — perguntei.

— Ora, é sempre assim, não é? Esses imigrantes, eles chegam aqui, tomam as nossas mulheres...

Lawrence estava rindo, mas havia uma reserva em seus olhos, uma opacidade que me fez ter dúvidas se ele realmente achava graça na própria piada. Era estranho sentir aquela incerteza com relação a ele. Com franqueza, ele nunca me parecera complicado antes, de modo nenhum. Mas também, percebi, eu nunca o envolvera em algo complicado até então. Talvez fosse meu o problema. Obriguei-me a relaxar e sorri de volta. Dei-lhe um beijo na testa.

— Obrigada. Obrigada por não tornar as coisas mais difíceis do que já são.

Lawrence encarou-me, e seu rosto estava magro e triste contra a claridade alaranjada da luz da rua filtrada através das cortinas de seda amarela. A palpitação em meu estômago me surpreendeu, e notei que os pelos dos meus braços se eriçavam.

— Sarah — replicou ele —, francamente, acho que você não sabe quanto isso é difícil.

SETE

SARAH ME CONTOU POR que começou seu caso com Lawrence. Não foi difícil de compreender. Todos nós estamos tentando ser livres neste mundo. Liberdade para mim vai ser o dia em que eu não tiver mais medo de os homens virem me matar. Liberdade para Sarah é um longo futuro em que ela vai poder viver a vida que escolher. Não acho que ela seja fraca nem tola por viver a vida que Deus lhe deu. Um cão é um cão e um lobo é um lobo — isso é um provérbio em meu país.

Para ser sincera, não dizemos isso em meu país. Por que teríamos um provérbio que fala de lobos? Temos duzentos provérbios sobre macacos, trezentos sobre mandioca. Somos sábios com as coisas que conhecemos. Mas já reparei que, no seu país, posso falar o que quiser contanto que acrescente: Isso é um provérbio em meu país. As pessoas balançam a cabeça e ficam muito sérias. É um bom truque. Liberdade para Sarah é um longo futuro em que ela vai poder viver a vida que escolher. Um cão é um cão e um lobo é um lobo e uma abelha é uma abelha. Liberdade para uma garota como eu é chegar viva ao fim de cada dia.

O futuro é outra coisa que eu teria de explicar às moças da minha terra. O futuro é o maior produto de exportação de meu país. Sai tão depressa pelos nossos portos marítimos que a maioria do nosso povo nunca o viu nem sabe como é.

No meu país, o futuro existe em pepitas de ouro escondidas na rocha ou é colhido em reservas escuras no fundo da terra. Nosso futuro se esconde da luz, mas o povo de vocês chega lá com um grande talento para adivinhar onde está. Dessa forma, de fração em fração, nosso futuro se torna o seu futuro. Admiro sua feitiçaria pela sutileza e pela variedade. A cada geração, o processo de extração é diferente. É verdade que somos ingênuos. Em minha aldeia, por exemplo, fomos pegos de surpresa ao descobrirmos que o futuro poderia ser bombeado para dentro de barris de 42 galões e embarcado para uma refinaria. Aconteceu enquanto estávamos preparando a refeição da noite, enquanto a fumaça azulada da lenha se misturava com o vapor denso das panelas de mandioca ao sol dourado do entardecer. Foi tão repentino, que as mulheres tiveram que nos agarrar, nós, as crianças, e correr conosco para dentro da selva. Ficamos escondidas lá escutando os gritos dos homens que tinham ficado para lutar — e, enquanto isso, na refinaria, por um processo de destilação, o futuro de minha aldeia era separado em suas frações. A fração mais pesada, a sabedoria de nossos avós, foi usada para asfaltar as estradas de vocês. As frações medianas, as economias cuidadosas de nossas mães, as moedinhas que elas guardavam depois da época da colheita, essas foram usadas para abastecer seus carros. E a fração mais leve de todas — os nossos sonhos fantásticos de crianças nas horas mais sossegadas das noites de lua cheia —, bem, esses saíram em forma de gás, que vocês engarrafaram e estocaram para o inverno. Dessa maneira, nossos sonhos vão manter vocês aquecidos. Agora que são parte do seu futuro, não acuso vocês de usá-los. Vocês provavelmente não fazem a menor ideia de onde eles vieram.

Vocês não são pessoas más. Vocês não enxergam o presente e nós não enxergamos o futuro. No centro de detenção de imigrantes, eu costumava achar graça quando os funcionários me explicavam: Vocês africanos têm de vir para cá só porque não são capazes de ter um bom governo lá na sua terra. E eu dizia a eles que perto de minha aldeia existia um rio largo e profundo com cavernas escuras sob as margens, onde os peixes eram

descorados e cegos. Não havia luz nas cavernas deles, de modo que depois de milhares de gerações a espécie deles desaprendeu o truque de enxergar. Entendeu o que quero dizer?, eu perguntava aos funcionários do centro de detenção. Sem luz, como se pode manter a visão? Sem um futuro, como conservar a visão do governo? Poderíamos tentar quanto quiséssemos em nosso mundo. Poderíamos ter um Ministro da Hora do Almoço muito diligente. Poderíamos ter um excelente Primeiro-ministro da Parte Mais Calma do Final da Tarde. Mas quando chega o crepúsculo — está vendo? — nosso mundo desaparece. Não se pode enxergar além do dia porque vocês levaram o amanhã. E porque vocês têm o amanhã diante de seus olhos, não enxergam o que está sendo feito hoje.

Os funcionários do centro de detenção riam de mim, e sacudiam a cabeça, e voltavam a ler seus jornais. Às vezes me deixavam ler depois deles. Eu gostava de ler seus jornais porque era vital para mim aprender a falar sua língua da maneira como vocês falam. Quando seus jornais escrevem sobre o lugar de onde vim, eles o chamam de mundo em desenvolvimento. Vocês não diriam em desenvolvimento se não acreditassem que nos deixaram um futuro no qual pudéssemos nos desenvolver. É por isso que sei que vocês não são pessoas más.

Na realidade, o que vocês nos deixaram mesmo foram seus objetos abandonados. Quando vocês pensam em meu continente, talvez pensem na vida selvagem — nos leões, nas hienas e nos macacos. Quando penso nele, penso em todas as máquinas quebradas, nas coisas gastas, estragadas, despedaçadas e rachadas. Sim, nós temos leões. Eles estão dormindo nos tetos de contêineres enferrujados. Também temos hienas. Elas estão partindo os crânios dos homens lentos demais para fugir de seus próprios soldados. E os macacos? Os macacos estão lá longe, na extremidade da aldeia, brincando em cima de uma montanha de computadores velhos que vocês mandaram para ajudar em nossa escola — a escola que não tem eletricidade.

Do meu país vocês tiraram o futuro e para meu país vocês mandaram os objetos de seu passado. Não temos a semente, temos a casca. Não temos o espírito, temos o crânio. Sim, o crânio. É nisso que eu pensaria se tivesse de dar um nome melhor para meu mundo. Se o Primeiro-ministro da Parte Mais Calma do Final da Tarde me telefonasse um dia e dissesse: Abelhinha, coube a você a grande honra de dar um nome ao seu antigo e muito amado continente, então eu diria... Senhor, nosso mundo será chamado de Gólgota, o lugar da morte.

Teria sido um bom nome para a minha aldeia, mesmo antes de os homens virem queimar nossas cabanas e perfurar o petróleo. Teria sido um bom nome para a clareira em torno da árvore chamada limba na qual nós, crianças, nos balançávamos no velho pneu careca, e pulávamos nos assentos do Peugeot quebrado de meu pai e do Mercedes quebrado de meu tio, com as molas saltando para fora do couro, e cantávamos músicas de igreja de um livro de hinos sem capa e com as páginas coladas com fita adesiva. Gólgota foi o lugar onde cresci, onde até os missionários fecharam com tábuas as portas e as janelas de sua missão e nos deixaram com os livros santos, que não valiam a despesa de ser despachados de volta para seu país. Em nossa aldeia, na única Bíblia existente faltavam todas as páginas depois do versículo 46 do capítulo 27 de Mateus, de modo que a conclusão de nossa religião, o máximo que qualquer um de nós sabia era: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?

Era assim que vivíamos, felizes e sem esperança. Eu era muito nova então, e não sentia falta de ter um futuro porque não sabia que tinha direito a um. Tudo o que sabíamos do resto do mundo era o seu filme velho, muito velho. Sobre homens que estavam com muita pressa, às vezes em aviões a jato, às vezes em motocicletas e às vezes de cabeça para baixo.

Quanto a notícias, só tínhamos a TV Gólgota, cuja programação era feita por nós mesmas. Havia apenas a moldura de madeira que um dia contornara a tela de um aparelho, e a moldura ficava apoiada na poeira vermelha embaixo da limba, e minha irmã Nkiruka costumava pôr a cabeça

atrás da moldura para fazer as cenas. Esse é um bom truque. Sei agora que deveríamos ter chamado aquilo de reality show.

Minha irmã costumava ajeitar o laço do vestido e colocar com capricho uma flor no cabelo, depois sorria através da tela e dizia: Olá, estas são as notícias da BBC, hoje vai nevar sorvete do céu, e ninguém vai mais precisar andar até o rio para buscar água porque os engenheiros virão da cidade para instalar uma bomba no meio da aldeia. E nós, as outras crianças, sentadas em semicírculo diante do aparelho de TV, assistíamos à Nkiruka dando as notícias. Adorávamos essas frações mais leves dos sonhos dela. Na sombra agradável da tarde, soltávamos exclamações encantadas e dizíamos: Uau!

Uma das coisas boas do mundo dos excluídos é que você pode conversar com a televisão. Nós, crianças, costumávamos gritar para Nkiruka:

— Essa neve de sorvete, a que horas vai ser?

— De noitinha, é claro, quando o dia está mais fresco.

— Como é que sabe disso, Madame Apresentadora da Televisão?

— Porque o dia tem de estar bem fresco, se não o sorvete derrete, é claro. Vocês, crianças, não sabem nada, não é?

E nós nos sentávamos outra vez e balançávamos a cabeça uns para os outros, concordando — evidentemente, o dia precisaria primeiro estar bastante fresco.

Pode-se fazer o mesmo truque com a televisão em seu país, porém é mais difícil porque os aparelhos de televisão não escutam. Na manhã seguinte à primeira noite que Lawrence passou na casa de Sarah, foi Charlie quem quis ligar a televisão. Ouvi-o acordar enquanto Sarah e Lawrence ainda dormiam, de modo que fui ao quarto dele. E disse:

— *Bom dia, irmãozinho, quer seu café da manhã?*

Ele disse:

— *Não, eu num quero café, quero ver TELEVISÃO.*

Então, eu disse:

— *Sua mãe deixa você ver televisão antes do café?*

Charlie olhou para mim com um ar muito paciente, como um professor que já respondeu três vezes à mesma pergunta, mas você esqueceu o que ele disse.

— *Mamãe está dormindo — ele explicou.*

Portanto, ligamos a televisão. Ficamos olhando as imagens sem som. Era o noticiário matinal da BBC, e estavam mostrando o primeiro-ministro fazendo um discurso. Charlie inclinou a cabeça de lado para assistir. As orelhas de seu capuz de Batman se deitaram.

— Esse é o Coringa, não é? — perguntou ele.

— Não, Charlie. Esse é o primeiro-ministro.

— Ele é bandido ou mocinho?

Pensei com meus botões.

— Metade das pessoas pensa que ele é bandido e a outra metade pensa que é mocinho.

Charlie deu uma risadinha.

— Isso é besteira — disse ele.

— Isso é democracia — disse eu. — Se vocês não a tivessem, iriam querer ter.

Vimos os lábios do primeiro-ministro se mexendo.

— O que ele está dizendo? — perguntou Charlie.

— Está dizendo que vai fazer nevar sorvete.

Charlie girou depressa o corpo para olhar para mim.

— QUANDO? — perguntou ele.

— Mais ou menos às três da tarde de amanhã se o tempo estiver fresco o suficiente. Também está dizendo que os jovens que estão fugindo de problemas em outros países vão ter permissão para ficar aqui, contanto que trabalhem duro e não se metam em confusão.

Charlie assentiu com um gesto da cabeça.

— Acho que o primeiro-ministu é mocinho.

— Por que ele vai tratar bem os refugiados?

Charlie sacudiu a cabeça.

— Não, por causa da neve de sorvete — disse ele.

Ouviu-se uma risada junto à porta. Virei-me e dei com Lawrence parado lá, de roupão e descalço. Não sei por quanto tempo estivera nos escutando.

— Muito bem — disse ele —, já sabemos como comprar o voto desse garoto.

Olhei para o chão. Fiquei encabulada por Lawrence estar ali.

— Ah, não se envergonhe — disse ele. — Você é ótima com Charlie. Venha, vamos tomar café.

— Está bem — respondi. — Batman, você quer tomar café?

Charlie olhou fixo para Lawrence e fez que não com a cabeça, então troquei os canais até achar um de que Charlie gostasse e fui para a cozinha.

— Sarah ainda está dormindo — disse Lawrence. — Acho que ela precisa descansar. Chá ou café?

— Chá, obrigada.

Lawrence pôs água para ferver na chaleira e fez chá para nós dois. Pousou meu chá com cuidado na mesa à minha frente e virou a alça da caneca para a minha mão. Sentou-se do outro lado da mesa e sorriu. O sol estava iluminando a cozinha. Um sol de um amarelo intenso — uma luz quente, mas não uma luz exibicionista. Ela não queria a glória de iluminar o ambiente. Fazia cada objeto parecer que brilhava com uma luz própria. Lawrence, a mesa com sua toalha limpa de algodão azul, a caneca laranja dele e a minha amarela — tudo brilhando por dentro. A luz fez com que eu me sentisse muito alegre. Pensei comigo: Esse é um bom truque.

Mas Lawrence estava sério.

— Olhe — disse ele —, acho que você e eu precisamos fazer planos para o seu próprio bem. Vou ser muito claro. Acho que você deveria se entregar à polícia. Não acho certo você expor Sarah à tensão de abrigar você, ancorar você.

Eu sorri.

— Ela não está me abrigando. Não sou um navio numa tempestade.

— Não tem graça.

— Mas ninguém está procurando por mim. Por que eu deveria ir à polícia?

— Não acho que seja certo você estar aqui. Não acho que seja bom para Sarah neste momento.

Soprei meu chá. O vapor subiu no ar parado da cozinha e brilhou.

— Acha que você é bom para Sarah neste momento, Lawrence?

— Acho, acho, sim.

— Ela é uma boa pessoa. Salvou minha vida.

Lawrence sorriu.

— Conheço Sarah muito bem — disse ele. — Ela já me contou a história toda.

— Então você precisa acreditar que só estou ficando aqui para ajudá-la.

— Não estou convencido de que você seja o tipo ajuda de que ela precisa.

— Sou o tipo de ajuda que vai tomar conta do filho dela como se ele fosse meu irmão. Sou o tipo de ajuda que vai limpar a casa dela e lavar a roupa dela e cantar para ela quando ela estiver triste. Que tipo de ajuda é você, Lawrence? Talvez você seja o tipo de ajuda que só aparece quando quer ter relações sexuais.

Lawrence sorriu de novo.

— Não vou considerar isso como uma ofensa — ele disse. — Você é uma daquelas mulheres que têm ideias engraçadas sobre os homens.

— Sou uma daquelas mulheres que já viram os homens fazerem coisas que não são engraçadas.

— Ora, faça-me o favor. Estamos na Europa. Somos um pouco mais civilizados aqui.

— Diferentes de nós, você acha?

— Se prefere interpretar assim.

Balancei a cabeça.

— Um cão é um cão e um lobo é um lobo.

— É o que dizem em seu país?

Sorri.

Lawrence franziu a testa.

— Não entendo você — ele disse. — Acho que não tem noção de como sua situação é complicada. Se tivesse, não estaria sorrindo.

Dei de ombros.

— Se eu não pudesse sorrir, acho que minha situação seria ainda mais complicada.

Tomamos o chá, ele observando-me e eu observando-o. Ele tinha olhos verdes, verdes como os olhos da moça do sári amarelo, no dia em que nos soltaram do centro de detenção. Ele me olhava sem pestanejar.

— O que você vai fazer? — perguntei. — O que você vai fazer se eu não for à polícia?

— Se eu vou denunciar você, é isso que quer saber?

Assenti. Lawrence tamborilou os dedos nos lados de sua caneca de chá.

— Vou fazer o que for melhor para Sarah — ele respondeu.

O medo disparou dentro de mim, foi direto para a minha barriga. Vi os dedos de Lawrence batucando. A pele dele era branca como um ovo de ave marinha, e igualmente delicada. As duas mãos seguravam sua caneca de chá. Tinha dedos compridos e lisos, e eles rodeavam a caneca de porcelana laranja como se ela fosse um animal pequeno que pudesse fazer alguma bobagem caso escapasse.

— Você é um homem cuidadoso, Lawrence.

— Tento ser.

— E por quê?

Lawrence riu para dentro, de boca fechada.

— Olhe para mim. Não sou nada brilhante. Não sou bonito de chamar atenção. Só o que se pode realmente dizer sobre a minha pessoa é que tenho um metro e oitenta e cinco de altura e não sou completamente burro. A vida não oferece a um homem como eu muitas tábuas de salvação, portanto tenho de tentar me agarrar às que tenho.

— Como Sarah?

— Amo Sarah. Você não pode imaginar o que ela significa para mim. A não ser por ela, minha vida é uma verdadeira merda. Trabalho para a burocracia mais horrorosa e desumana que há, meu trabalho não tem qualquer sentido e meu chefe me faz ter vontade de me matar, sem exagero. Chego em casa e as crianças estão choramingando, e Linda fica tagarelando sem parar sobre nada. O tempo que passo com Sarah é o único em que sinto que estou fazendo alguma coisa que escolhi. É o único tempo em que me sinto eu mesmo. Mesmo agora, aqui falando com você. Aliás, não é esquisito, eu e você estarmos juntos conversando numa cozinha inglesa comum? É incrível. Isto está a milhões de quilômetros de distância de qualquer coisa que pudesse acontecer em minha vida, e é tudo por causa de Sarah.

— Você está preocupado porque acha que vou tirar Sarah de você. É por isso que não me quer aqui. Não tem nada a ver com o que é bom para ela.

— O que me preocupa é Sarah poder fazer alguma bobagem para ajudar você. Perder o foco, mudar a vida dela mais do que o necessário neste exato momento.

— E você está preocupado que ela esqueça você por completo nessa vida nova.

— É, está bem, concordo, é, sim. Mas você não pode imaginar o que aconteceria comigo se eu perdesse Sarah. Eu desabaria. Cairia na bebida. Bum. Eu ficaria acabado. Isso me apavora, mesmo que você provavelmente ache tudo isso patético.

Dei um gole no chá. Provei-o com muito cuidado. Sacudi a cabeça.

— Não é patético. No meu mundo, a morte vem correndo atrás da gente. No seu, começa cochichando em seu ouvido para destruir você. Sei disso porque ela começou a cochichar para mim quando eu estava no centro de detenção. A morte é a morte, todos nós temos medo dela.

Lawrence girou a caneca de chá nas mãos várias vezes seguidas.

— É da morte mesmo que você está fugindo? De verdade, sinceramente? Uma porção de gente que vem para cá está à procura de uma vida confortável.

— Se me deportarem para a Nigéria, vou ser presa. Se descobrirem quem sou eu e o que eu presenciei, então os políticos vão encontrar um jeito de mandar me matar. Ou, se eu tiver sorte, vão me colocar na prisão. Muita gente que viu o que as companhias de petróleo fazem vai para a prisão por um tempo enorme. Acontecem coisas ruins numa prisão nigeriana. Se as pessoas algum dia conseguem sair, não têm vontade de falar.

Lawrence sacudiu a cabeça devagar e olhou para dentro de sua caneca de chá.

— Pois é, você está me contando tudo isso mas nada me parece muito provável. Você vai ficar ótima, basta olhar para você, tenho certeza de que vai dar um jeito. Não seria nada demais eu entregar você à polícia. Bastaria sair, ir até lá e pronto. E aí teria minha vida de volta, fácil.

— E quanto à minha vida?

— Não é meu problema. Não posso ser responsável por todas as desgraças do mundo.

— Mesmo se a sua vida me matar?

— Escute aqui, o que quer que vá acontecer com você vai acabar acontecendo de qualquer maneira, não importa o que eu faça ou deixe de fazer. Aqui não é seu país. Virão buscar você, tenho certeza. Virão buscar vocês todos no final.

— Você poderia me esconder.

— Ah, é, como esconderam a Anne Frank no sótão. E não adiantou nada para ela.

— Quem é Anne Frank?

Lawrence fechou os olhos, cruzou as mãos atrás do pescoço e suspirou.

— Outra garota que não era problema meu.

Senti um ódio explodindo dentro de mim, tão furioso que senti meus globos oculares doerem. Bati com a mão na mesa e os olhos dele se abriram de chofre e se arregalaram.

— Sarah odiaria você se falasse de mim para a polícia!

— Sarah não iria saber. Já vi como o pessoal da imigração trabalha. Eles vêm buscar as pessoas à noite. Você não teria tempo de contar a Sarah. Não conseguiria dizer nem uma palavra.

Levantei-me.

— Eu encontraria um jeito. Encontraria um jeito de contar a ela o que você fez. E encontraria um jeito de contar a Linda também. Destruiria suas duas vidas, Lawrence. Sua vida de família e sua vida secreta.

Lawrence pareceu surpreso. Levantou-se e pôs-se a andar de um lado para outro pela cozinha. Correu os dedos pelo cabelo.

— É — disse. — Acho que você seria mesmo capaz de fazer isso.

— Faria. Não imagine que eu perdoaria você, Lawrence. Eu faria tudo para ter certeza de que prejudiquei você.

Lawrence olhou para o jardim lá fora.

— Ah — ele disse.

Esperei. Depois de um bom tempo, ele falou.

— Que engraçado. Passei a noite inteira acordado pensando em como agir com relação a você. Pensei no que seria melhor para Sarah e no que seria melhor para mim. Francamente, nem me passou pela cabeça o que você faria. Acho que eu deveria ter pensado nisso também. É que não imaginava que você seria assim tão esperta. Quando Sarah me falou a seu respeito, imaginei, não sei... não alguém como você, de qualquer forma.

— Estou em seu país há dois anos. Aprendi sua língua e suas regras. Agora sou mais parecida com você do que comigo.

Lawrence riu para dentro outra vez.

— Não acho você nem um pouco parecida comigo — disse.

Sentou-se de novo à mesa da cozinha e segurou a cabeça nas mãos.

— Sou um merda — disse. — Sou um perdedor, e você me deixou de mãos atadas.

Levantou os olhos para mim.

— Não vai contar nada a Linda, não é?

Tinha uma expressão exausta. Suspirei e me sentei do outro lado da mesa.

— Nós dois deveríamos procurar ser amigos, Lawrence.

— De que jeito?

— Você e eu não somos assim tão diferentes quanto você pensa.

Lawrence deu uma risada.

— Acabei de admitir que entregaria você às feras se pudesse. Você é a menina refugiada corajosa e eu sou o canalha egoísta. Nossos papéis estão muito bem-definidos, não acha?

Sacudi a cabeça, negando.

— Sou egoísta também, sabe.

— Não, você não é.

— Agora você está pensando que sou uma doçura de menina, não é? Na sua cabeça, você ainda acha que eu não existo realmente. Não lhe ocorre que eu possa ser tão esperta quanto uma pessoa branca. Tão egoísta quanto uma pessoa branca.

Percebi que ficara tão irritada, que estava gritando. Lawrence apenas riu de mim.

— Egoísta? Você? Comeu o último biscoito da lata? Usou o resto da pasta de dentes de Sarah?

— Fiz o marido de Sarah se enforcar — eu disse.

Lawrence olhou fixamente para mim.

— O quê?

Engoli mais chá, porém já estava frio e pousei a caneca em cima da mesa outra vez. A luz na cozinha também estava esfriando. Vi o brilho

desaparecer de todos os objetos ao redor e senti o frio fluir para meus ossos. Toda a minha raiva se esvaiu.

— Lawrence?

— Sim?

— Talvez seja melhor que eu vá embora para algum outro lugar.

— Pare, espere aí. O que foi que acabou de me contar?

— Talvez você tenha razão. Talvez seja melhor para Sarah, para Charlie e para você que eu não fique aqui. Eu posso fugir. Sou boa em fugir, Lawrence.

— Cale a boca — disse Lawrence em voz baixa. Ele agarrou meu pulso.

— Me largue! Está me machucando!

— Então me conte o que foi que você fez.

— Não quero contar a você. Agora estou assustada.

— Eu também. Fale.

Segurei-me na beirada da mesa, respirei fundo e soltei o ar dos pulmões para controlar o medo.

— Sarah disse que foi estranho eu aparecer no dia do enterro de Andrew.

— E daí?

— Não foi coincidência.

Lawrence levantou-se depressa e levou as mãos à nuca. Dirigiu-se à janela da cozinha e ficou olhando para fora um tempo enorme. Depois se virou para mim.

— O que aconteceu? — ele murmurou.

— Não sei se devo contar a você. Não deveria ter dito nada. Eu estava com raiva.

— Conte.

Baixei os olhos para o dorso de minhas mãos. Percebi que desejava realmente contar a alguém, e sabia que nunca poderia contar a Sarah. Levantei a cabeça e olhei para ele.

— Telefonei para Andrew na manhã em que me soltaram do centro de detenção de imigrantes. Disse a ele que estava vindo para cá.

— Só isso?

— Depois vim a pé do centro de detenção até aqui. Levei dois dias para chegar. Me escondi no jardim. — Apontei para fora da janela. — Lá, atrás daquele arbusto onde está o gato. Então, esperei. Não sabia o que queria fazer. Acho que queria dizer obrigada a Sarah por me salvar, mas também queria punir Andrew por deixar minha irmã ser morta. E não sabia como fazer nem uma coisa nem outra, de modo que esperei. Esperei por dois dias e duas noites, e não tinha nada para comer, então saía do esconderijo quando escurecia e comia as sementes do comedouro dos passarinhos e bebia a água da torneira do lado de fora da casa. Durante o dia, espiava pelas janelas e escutava o que eles diziam quando saíam para o jardim. Vi como Andrew falava com Sarah e Charlie. Ele era terrível, estava sempre de mau humor. Não brincava com Charlie. Quando Sarah falava, ele se limitava a dar de ombros ou gritava com ela. Mas quando estava sozinho continuava a dar de ombros e a gritar. Ficava parado no fundo do jardim e falava sozinho, às vezes gritava consigo mesmo ou batia na cabeça com o punho de lado, assim. Chorava um bocado. Às vezes, caía de joelhos no jardim e chorava uma hora inteira. Foi quando notei que ele estava cheio de maus espíritos.

— Ele estava clinicamente deprimido. Foi muito difícil para Sarah.

— Acho que foi muito difícil para ele também. Eu o observei durante muito tempo. Certa vez, quando ele estava chorando, eu o olhei tanto, que esqueci de me esconder, e ele levantou a cabeça e me viu. E pensei: Ah, não, agora é que vai ser. Mas Andrew não veio na minha direção. Olhou fixamente para mim e disse: Oh, Jesus, você não é real, você não está aí, saia da droga da minha cabeça. Então ele fechou os olhos muito fechados e os esfregou, e enquanto estava fazendo isso eu me escondi outra vez atrás do arbusto. Quando ele reabriu os olhos, olhou de novo para o ponto onde eu estivera, mas não me viu mais. E aí voltou a falar sozinho.

— Ele pensou que você fosse uma alucinação? Coitado.

— Foi, mas não senti pena dele no início. Só depois. No terceiro dia, ele saiu para o jardim novamente quando Sarah estava trabalhando e Charlie fora para a creche. Ele estava bêbado, acho. As palavras que falava saíam devagar e distorcidas.

— Devia ser por causa da medicação que ele tomava — disse Lawrence. Seu rosto estava, agora, muito pálido, e ele olhava fixamente para mim com olhos muito brilhantes. — Continue — disse ele.

— Era ainda de manhã bem cedo. Andrew começou a gritar: Saia daí, saia daí, o que é que você quer? Eu não respondi. Por favor, ele dizia. Sei que você é um fantasma. O que quer para ir embora? Saí de dentro do arbusto de louro e ele deu um passo atrás. Não sou um fantasma, eu disse. Ele começou a bater em si mesmo no lado da cabeça. E disse: Você não é real, você está em minha cabeça, você não está aí. Fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Enquanto estava com os olhos fechados, eu me aproximei dele, o bastante para que me tocasse. Quando ele abriu os olhos e viu como eu estava perto, deu um berro e correu para a casa. Então, fiquei com pena dele. Fui atrás dele dentro de casa. Escute aqui, por favor, disse eu, não sou um fantasma. Vim para cá porque não conheço mais ninguém. E ele pediu: Toque em mim, prove que não é um fantasma. E cheguei mais perto e pousei minha mão na mão dele. Ao sentir minha mão, ele fechou os olhos por um tempo, depois os reabriu. Subi a escada e ele subiu na minha frente. Subiu de costas, gritando: Saia daqui, saia daqui! Correu para o seu quarto de trabalho, para o seu escritório, e fechou a porta. E fiquei do lado de fora, e gritei para ele: Não tenha medo de mim! Sou apenas um ser humano! Fez-se silêncio durante muito tempo, então fui embora.

As mãos de Lawrence tremiam. Havia ondulações na superfície do chá dentro da caneca dele.

— Voltei um pouco mais tarde. Andrew estava de pé em cima de uma cadeira no meio do quarto. Ele tinha amarrado um fio elétrico na viga de madeira do teto. E amarrou a outra ponta no pescoço. Nós nos

entreolhamos. Então ele sussurrou para mim: Foi há muito tempo, certo? Muito longe daqui. Por que não ficou lá? E respondi: Sinto muito, mas não é seguro ficar lá. E ele disse: Sei que você morreu naquele lugar. Sei que está só na minha cabeça. E ficou olhando para mim por muito tempo. Os olhos dele estavam vermelhos, lançava olhares rápidos pelo quarto. Andei para perto, mas ele começou a gritar: Se chegar mais perto eu pulo desta cadeira. Então, parei. E perguntei: Por que você está fazendo isso? Ele respondeu numa voz muito baixa: Porque vi a pessoa que sou. E eu repliquei: Mas você é uma pessoa boa, Andrew. Você se preocupa com o destino do mundo. Li seus artigos no The Times quando eu estava aprendendo inglês. Andrew sacudiu a cabeça e disse: Palavras não são nada. A pessoa que eu sou foi a que você viu naquela praia. Ele sabe colocar as vírgulas num texto, mas não foi capaz de cortar um dedo para salvar você. Então, sorri para ele e disse: Não faz mal. Olhe, estou aqui, estou viva. E ele pensou nisso um bocado de tempo. E perguntou: O que aconteceu com a moça que estava com você? E eu disse: Ela está ótima. Só não pôde vir comigo para cá, só isso. Ele olhou dentro dos meus olhos então. Olhou, olhou, até eu não conseguir mais sustentar o olhar dele e ter de fitar o chão. E então ele disse: Mentirosa. E fechou os olhos e deu um passo para fora da cadeira. Os ruídos que fez com a garganta foram iguais aos que a minha irmã fez enquanto a matavam.

Lawrence segurou-se na bancada da cozinha.

— Merda — disse ele.

— Tentei ajudá-lo, mas ele era muito pesado. Não consegui levantar o corpo dele. Tentei até ficar exausta e chorar, mas não conseguia tirar o peso do fio elétrico. Empurrei a cadeira para baixo dos pés dele, mas ele a chutou para longe. Depois de muito tempo ele parou de lutar, mas ainda estava vivo. Seus olhos me observavam. Ele girava pendurado no fio. Girava muito devagar, e, cada vez que seu corpo virava de frente para mim, os olhos dele me acompanhavam enquanto podiam me alcançar. Os olhos estavam esbugalhados, o rosto arroxeado, mas ele me observava. Pensei comigo: tenho de ajudá-lo. Pensei: tenho de chamar os vizinhos ou ligar para uma

ambulância. Desci as escadas correndo para buscar ajuda. Mas aí pensei: se eu pedir ajuda, as autoridades vão saber que estou aqui. E se as autoridades souberem que estou aqui, vão me deportar ou talvez fazer pior. Porque, preste atenção, Lawrence, depois que nos deixaram sair do centro de detenção de imigrantes, uma das moças com quem eu estava também se enforcou. Fugi daquele lugar, mas a polícia deve saber que eu estava lá. Dois enforcamentos, percebe? A polícia ficaria desconfiada. Pensaria que eu tive alguma coisa a ver com aquilo. Não podia deixar que me encontrassem desse jeito. Então, saí correndo do escritório de Andrew e segurei minha cabeça nas mãos e tentei pensar no que fazer, se eu deveria desistir da minha vida para salvar a de Andrew. E primeiro pensei: Claro que devo salvá-lo, custe o que custar, porque ele é um ser humano. Depois pensei: Claro que devo me salvar, porque também sou um ser humano. Então, depois de estar parada ali cinco minutos pensando essas coisas, dei-me conta de que era tarde demais e de que eu tinha me salvado. E daí fui até a geladeira e comi, porque estava com muita fome. E voltei a me esconder no fundo do jardim, de onde só saí no dia do enterro.

Minhas mãos tremiam. Lawrence respirou fundo. As mãos dele também tremiam.

— Puxa vida, isso é sério — ele disse. — Muito, muito sério.

— Entendeu, agora? Entendeu por que quero tanto ajudar Sarah? Por que quero ajudar Charlie? Fiz a escolha errada, Lawrence. Deixei Andrew morrer. Agora preciso fazer tudo o que puder para acomodar as coisas.

Lawrence andava de um lado para outro da cozinha. Segurava o roupão fechado em torno do corpo e seus dedos retorciam o pano. Parou e olhou para mim.

— Sarah sabe alguma coisa sobre isso?

Sacudi a cabeça, negando.

— Estou com medo de contar a ela. Acho que se contar ela vai me fazer ir embora daqui e então não vou poder ajudá-la, e não vai haver nenhuma maneira de compensar o erro que cometi. E se eu não puder

compensar esse erro, não sei o que vou fazer. Não posso fugir outra vez. Não tenho para onde ir. Descobri a pessoa que sou e não gosto dela. Sou igual a Andrew. Igual a você. Tentei me salvar. Diga, por favor, onde fica o amparo para isso.

Lawrence me olhava detidamente.

— O que você fez é um crime — disse ele. — Agora não tenho escolha. Preciso ir à polícia.

Comecei a chorar.

— Por favor, não vá à polícia. Eles vão me levar embora. Só quero ajudar Sarah. Você não quer ajudar Sarah?

— Amo Sarah, portanto não me venha com essa conversa de ajudá-la. Acha mesmo que a ajudou vindo para cá?

A essa altura, eu chorava de soluçar.

— Por favor, pare, por favor — eu pedi.

As lágrimas desciam pelo meu rosto. Lawrence bateu com a mão na mesa.

— Merda! — exclamou.

— Desculpe, Lawrence, desculpe.

Lawrence levou a palma da mão à testa.

— Ah, sua desgraçada — ele disse —, não posso ir à polícia, não é? Não posso deixar Sarah descobrir. A cabeça dela já está bastante ferrada com essa história toda. Se souber que você estava com Andrew quando ele morreu, aí mesmo é que perde o juízo de vez. E seria o fim do nosso relacionamento, sei que seria. Não posso ir à polícia porque Linda vai descobrir. Sairia em todos os jornais. Mas nem quero pensar como vai ser, estar com Sarah sabendo disso e ela, não. E a polícia! Porra! Se eu não for à polícia, serei tão culpado quanto você. E se vazar a informação e eles perceberem que eu sabia de tudo o tempo todo? Sou quem estava dormindo com a mulher do morto, puta merda. Tenho um motivo. Poderia ir para a prisão. Se não pegar esse telefone e ligar neste minuto para a polícia, posso

ir para a prisão por sua causa, Abelhinha. Está entendendo? Posso ir para a prisão por sua causa e nem ao menos sei o seu nome verdadeiro.

Pousei minhas duas mãos em cima da mão de Lawrence e o encarei. Não o enxergava, só via a forma clara do seu corpo contra a luz, obscurecida pelas lágrimas.

— Por favor, preciso ficar aqui. Tenho de compensar o que fiz. Por favor, Lawrence. Não vou contar a ninguém sobre você e Sarah, e você não vai contar nada sobre mim. Estou pedindo a você para me salvar. Para salvar a minha vida.

Lawrence tentou tirar a mão mas não deixei. Encostei minha testa no braço dele.

— Por favor — supliquei —, podemos ser amigos, podemos salvar um ao outro.

— Oh, meu Deus — ele disse baixinho —, quisera que você não tivesse me contado nada disso.

— Você me fez contar, Lawrence, sinto muito. Sei o que estou lhe pedindo. Sei que vai ser penoso para você não contar a verdade a Sarah. É como se eu pedisse a você para cortar um dedo por mim.

Lawrence puxou a mão que estava debaixo das minhas mãos. E afastou-a por completo. Sentada à mesa, fechei os olhos e senti a pele da minha testa coçar no pedaço que eu apoiara no braço dele. A cozinha estava silenciosa, e esperei. Não sei quanto tempo esperei. Esperei até minhas lágrimas secarem e o terror dentro de mim ir todo embora e só restar um sofrimento silencioso e embotado, que fazia minha cabeça e o fundo de meus olhos doerem. Não havia nenhum pensamento em minha cabeça. Estava só esperando.

Então senti as mãos de Lawrence nas minhas duas faces. Segurou meu rosto nas mãos. Eu não sabia se devia empurrá-las ou pôr as minhas mãos sobre as dele. Ficamos assim um pouquinho e as mãos de Lawrence tremiam no meu rosto. Ele levantou meu rosto para que eu o olhasse nos olhos.

— Gostaria de poder fazer você desaparecer — ele disse. — Mas não sou ninguém. Sou apenas um funcionário público. Não vou contar à polícia sobre você. Não vou contar se você ficar calada. Mas se contar a alguém, quem quer que seja, seja quando for, sobre mim e Sarah, ou se você falar sobre o que aconteceu com Andrew, boto você num avião direto para a Nigéria, juro.

Respirei fundo, bem fundo, uma vez.

— Obrigada — murmurei.

A voz de Sarah veio lá de cima.

— Quem disse que você podia ver televisão, Batman?

Lawrence tirou as mãos do meu rosto e foi fazer mais chá. Sarah entrou na cozinha. Bocejava, os olhos apertados contra a claridade do sol. Charlie veio junto, de mão dada com ela.

— É melhor explicar logo as regras a vocês — disse Sarah —, já que são novos por aqui. Os super-heróis, principalmente os cavaleiros das sombras, não têm permissão para assistir à televisão antes do café da manhã. Não é assim, Batman?

Charlie deu um grande sorriso para ela e sacudiu a cabeça.

— Certo — disse Sarah. — Bat-cereais ou bat-torrada?

— Bat-torrada — respondeu Charlie.

Sarah encaminhou-se para a torradeira e pôs duas fatias de pão dentro. Lawrence e eu a observávamos. Sarah se virou.

— Está tudo bem aqui? — perguntou. E, olhando para mim: — Você andou chorando?

— Não foi nada — respondi. — Sempre choro de manhã.

Sarah franziu a testa para Lawrence.

— Espero que você tenha cuidado dela.

— Claro — disse Lawrence. — Abelhinha e eu estávamos procurando nos conhecer melhor.

Sarah fez um gesto positivo com a cabeça.

— Ótimo — disse. — Porque temos realmente de fazer as coisas aqui darem certo. Vocês dois sabem disso, não sabem?

Olhou para cada um de nós e depois bocejou outra vez, alongou os braços.

— Vamos começar de novo — acrescentou.

Lawrence e eu nos entreolhamos.

— Agora — disse Sarah — vou levar Charlie para a creche e depois podemos começar a procurar os documentos de Abelhinha. Primeiro, vamos arranjar um advogado para você. Conheço um bom que às vezes usamos na revista.

Sarah sorriu e aproximou-se de Lawrence.

— Quanto a você — disse —, vou encontrar um tempinho para lhe agradecer por ter vindo de Birmingham.

Estendeu a mão na direção do rosto de Lawrence, mas acho que lembrou que Charlie estava presente e preferiu apenas roçar a mão no ombro dele. Fui para o quarto ao lado ver o noticiário sem som.

A apresentadora parecia muito com minha irmã. Meu coração transbordava de coisas por dizer. Mas em seu país não se conversa com a televisão.

OITO

LEMBRO O DIA EXATO em que a Inglaterra caiu bem em mim, quando seus contornos aderiram às curvas do meu próprio corpo, quando suas inclinações passaram a ser as minhas. Era menina, e foi num passeio de bicicleta pelas veredas de Surrey, pedalando de vestido de algodão através dos campos cheios de calor, corados de papoulas, descendo em ponto morto numa brusca descida que acabou num fresco santuário arborizado, onde um riacho passava entre uma pedra e uma ponte de tijolos. Parei, os freios rangendo no esforço de arrancar do tempo um momento de calma; deixei a bicicleta cair no perfume pungente de uma almofada de cerefólio e menta selvagem e escorreguei pelo barranco para dentro da água clara e fria, minhas sandálias levantando do leito do riacho uma ligeira flor marrom de barro, os pequeninos vairões disparando para o negro poço de sombra debaixo da ponte. Enfiei o rosto na água, o tempo completamente suspenso, e bebi em meio ao choque gelado. E quando levantei a cabeça vi uma raposa. Ela apanhava sol num ponto mais afastado da margem, me observando através de uma cortina de plumas de cevada. Olhei para ela e seus olhos de âmbar sustentaram meu olhar. O momento, o

país: percebi que combinávamos, como se fôssemos uma coisa só. Encontrei um trecho macio de capim e centáurea ao lado do campo de cevada e deitei-me, o rosto perto do cheiro de terra úmida das raízes dos talos do capim, escutando o zumbido das moscas de verão. Chorei, não sei por quê.

Na manhã seguinte à noite que Lawrence passou na minha casa, deixei Charlie na creche e voltei para ver o que poderia fazer para ajudar Abelhinha. Encontrei-a no andar de cima, vendo televisão com o som abaixado. Parecia muito triste.

— O que houve? — perguntei.

Abelhinha deu de ombros.

— Está tudo bem com Lawrence?

Ela desviou o olhar.

— O que foi então?

Nada.

— Talvez você esteja com saudades de casa. Eu sabia que isso aconteceria. Está sentindo falta do seu país?

Virou-se para mim com uma expressão muito solene no olhar.

— Sarah — explicou —, acho que não saí do meu país. Acho que meu país viajou comigo.

Virou-se outra vez para a televisão. Tudo bem, pensei. Vai haver tempo de sobra para conversarmos sobre o assunto.

Arrumei a cozinha enquanto Lawrence tomava um banho de chuveiro. Preparei um café para mim e notei que, pela primeira vez desde a morte de Andrew, eu apanhara somente uma xícara em vez das duas que vinha apanhando instintivamente. Mexi o leite, a colherzinha tilintou na porcelana e vi que estava perdendo o hábito de ser a mulher de Andrew. Que estranho, pensei. Sorri e dei-me conta de que me sentia forte o bastante para dar um pulo na revista.

No meu horário habitual, o trem ia sempre abarrotado de riscas de giz e bolsas de laptops, mas já eram dez e meia da manhã e estava quase vazio. O rapaz à minha frente fitava o teto do vagão. Usava uma camisa da seleção

inglesa e calças jeans, brancas de pó de reboco. Tatuadas no lado interno do braço, numa fonte gótica, estavam as palavras: ESSE É O TEMPO DOS HERÓES. Meu olhar parou na tatuagem — no orgulho que expressava em caráter permanente, na ortografia errada. Quando levantei a cabeça, o rapaz também me observava, os olhos cor de âmbar calmos e imperturbáveis. Enrubesci e desviei o olhar para fora da janela, para os jardins dos fundos das casas geminadas que só ia vendo de relance.

O trem freou quando nos aproximamos de Waterloo. Havia a sensação de estar entre dois mundos. As sapatas do freio rangeram contra as rodas de metal do trem e me senti com oito anos outra vez. Lá estava eu, convergindo para a minha revista em cima de trilhos firmes. Logo chegaria à estação e teria de provar que podia saltar daquele vagão e voltar para meu trabalho de gente grande. Quando o trem parou, virei-me para dizer alguma coisa ao rapaz de olhos de âmbar, mas ele já se levantara e desaparecera no meio do campo de cevada, sob a sombra protetora dos bosques.

Entrei na redação às onze e meia. O ambiente ficou silencioso. Todas as moças olharam para mim. Sorri e bati palmas.

— Vamos lá, voltem ao trabalho! — disse eu. — Quando cem mil profissionais urbanas do grupo ABC[2] entre dezoito e trinta e cinco anos se desconcentrarem, nós faremos o mesmo, mas não antes.

Na extremidade do andar sem divisórias, Clarissa estava sentada à minha escrivaninha. Levantou-se quando me encaminhei para lá e contornou a mesa, parando na frente dela. Seu brilho labial era cor de ameixa cintilante. Segurou minhas mãos nas suas.

— Oh, Sarah. Coitada de você. Como está indo?

Usava um vestido chemise cor de berinjela com um cinto preto macio de couro de peixe e botas pretas lustrosas até o joelho. Percebi que eu estava com o mesmo jeans que vestira para levar Batman para a creche.

— Muito bem, estou ótima — respondi.

Clarissa me olhou de alto a baixo e franziu a testa.

---

[2] Classificação demográfica usada no Reino Unido que se tornou um padrão para pesquisa de mercado. O grupo a que Sarah se refere corresponde à classe média britânica.(N. da T.)

— Mesmo? — perguntou.

— Mesmo.

— Ah. Bom, que ótimo.

Lancei um olhar para a minha mesa. O laptop de Clarissa ocupava o centro, ao lado de sua bolsa Kelly. Meus papéis tinham sido empurrados para a ponta.

— Achamos que você não viria — disse Clarissa. — Não se incomoda por eu ter usurpado seu trono, não é, querida?

Notei que ela conectara seu Blackberry no meu carregador.

— Não, claro que não.

— Achei que você gostaria que começássemos logo a preparar o número de julho.

Estava consciente dos olhos nos observando de todos os pontos do escritório. Dei um sorriso.

— Isso — respondi. — Ótimo. E o que temos até agora?

— Para este número? Você não gostaria de se sentar primeiro? Deixe que lhe traga um café, você deve estar se sentindo péssima.

— Meu marido morreu, Clarissa. Eu ainda estou viva. Tenho um filho para cuidar e uma hipoteca para pagar. Preferia ir direto ao ponto.

Clarissa recuou.

— Está bem — disse. — Temos algumas coisas muito interessantes. É o mês de Henley, não é? Então estamos fazendo uma lista ironizando o-que-não-vestir na regata, o que é um ótimo pretexto para umas fotos de lindos remadores, bien évidemment. Para a seção de moda, estamos fazendo a matéria chamada “Acabe com o seu Namorado”. Viu o que fizemos? Vai ter garotas com chicotes mostrando os dentes e fazendo caras de malvadas para rapazes usando apenas Duckie Brown, basicamente. E para a seção de “Vida Real” há duas opções. Ou escolhemos a matéria chamada “A Bela e o Bolso”, sobre uma mulher com duas filhas feias e dinheiro suficiente para pagar a cirurgia plástica de apenas uma delas. Argh — é — eu sei... Ou — minha preferida — temos uma matéria chamada “Boas Vibrações” que,

acredite, é esclarecedora. Porque, Sarah, os brinquedinhos eróticos que é possível comprar pela internet hoje em dia, puxa vida, são soluções para desejos que eu não tinha a menor ideia de que existissem.

Fechei os olhos e escutei o zumbido das luzes fluorescentes, o ronronar das máquinas de fax e a fluente tagarelice das meninas da redação ao telefone com as grifes de moda. Tudo de repente parecia insano, como usar um diminuto biquíni verde numa guerra na África. Bufei lentamente e abri os olhos.

— Então, qual das matérias você quer editar? — perguntou Clarissa. — Dilema da plástica estética ou cornucópia sexual?

Andei até a janela e encostei a testa na vidraça, de um lado, de outro.

— Sarah, por favor, não faça isso. Fico nervosa quando você faz isso.

— Estou pensando.

— Eu sei, querida. É por isso que fico nervosa, porque sei o que você está pensando. Temos essa discussão todo mês. Mas precisamos publicar as matérias que as pessoas leem. Você sabe.

Dei de ombros.

— Meu filho está convencido de que vai perder todos os seus poderes se tirar a roupa de Batman.

— E o que você quer dizer com isso?

— Que podemos nos enganar. Que nossas convicções podem estar erradas.

— Você acha que eu estou?

— Não sei mais o que pensar, Clar. Sobre a revista, quero dizer. Tudo de repente parece meio irreal.

— Claro que sim, coitada de você. Nem sei por que veio hoje aqui. É cedo demais para isso.

Concordei.

— Foi o que Lawrence também disse.

— Você deveria escutá-lo.

— E escuto. É uma sorte para mim ter alguém como ele, com certeza. Não sei o que eu teria feito sem ele.

Clarissa aproximou-se e parou ao meu lado junto da janela.

— Você tem falado muito com ele desde que Andrew morreu?

— Ele está na minha casa — disse eu. — Apareceu lá ontem à noite.

— E dormiu lá? Ele é casado, não é?

— Ora, deixe disso, ele já era casado antes de Andrew morrer.

Clarissa estremeceu.

— Eu sei. É que é meio aflitivo, só isso.

— É mesmo?

Clarissa soprou uma mecha de cabelo que lhe caía sobre os olhos.

— Inesperado, acho que foi o que quis dizer.

— Bem, a ideia não foi minha, se quer saber.

— Nesse caso, mantendo a minha palavra original: aflitivo.

Agora estávamos as duas com a testa encostada na vidraça, olhando o tráfego lá embaixo.

— Na realidade, vim aqui para falar de trabalho — disse eu depois de um tempo.

— Ótimo.

— Quero que voltemos ao tipo de matéria que publicávamos quando estávamos fazendo um nome. Vamos, uma vez pelo menos, pôr um assunto da vida real de verdade na seção "Vida Real", é só isso o que estou dizendo. Não vou deixar você me fazer mudar de ideia desta vez.

— Mas o que, então? Que tipo de assunto?

— Quero uma matéria sobre os refugiados no Reino Unido. Não se preocupe, podemos fazer isso no estilo da revista. Podemos falar de mulheres refugiadas, se preferir.

Clarissa revirou os olhos.

— Mas algo me diz que você não se refere a mulheres refugiadas com brinquedos eróticos.

Sorri.

— E se eu disser que não? — perguntou Clarissa.

— Não sei. Suponho que, na prática, eu poderia despedir você.

Clarissa pensou um momento.

— Por que refugiados? — perguntou. — Será pelo fato de termos descartado a matéria sobre a mulher de Bagdá no número de junho?

— Só acho que é uma pauta que não vai envelhecer tão cedo. Em maio, em junho, seja quando for.

— Ótimo — disse Clarissa. E acrescentou: — Você realmente me despediria, querida?

— Não sei. Você realmente diria não?

— Não sei.

Ficamos ali um bom tempo. Na rua abaixo de nós, um rapaz com cara de italiano passava de bicicleta pelos carros parados no engarrafamento. Vinte e poucos anos, sem camisa e bronzeado, de bermuda de náilon branco.

— Nota cinco — disse Clarissa.

— Num máximo de dez?

— Num máximo de cinco, querida.

Dei uma risada.

— Às vezes acho que eu trocaria de vida com você de muito bom grado, Clar.

Clarissa virou-se para mim. Reparei na marca muito leve de base de maquiagem deixada na vidraça no lugar onde ela apoiara a testa. A manchinha pairava como uma nuvem clara cor de carne acima do pináculo da torre branca da Christ Church Spitalfields.

— Oh, Sarah — disse Clarissa. — Nós já estamos juntas há tempo demais para uma deixar a outra na mão... Você é a chefe. É claro que vou fazer uma matéria sobre refugiados se você quiser mesmo. Mas acho que não está entendendo que as pessoas vão abandonar a leitura logo no começo. Não é um assunto que afete a vida de alguém, o problema é esse.

Senti uma vertigem e me afastei da vidraça.

— É só você achar um bom ângulo para abordá-lo — disse eu, trêmula.

— Você está abalada por seu luto, Sarah, não está pensando com clareza. Ainda não está preparada para voltar ao trabalho.

— Você quer tomar meu lugar, é isso, Clar?

Ela enrubesceu.

— Você não disse isso — rebateu ela.

Sentei-me na ponta da mesa e massageei minhas têmporas com os polegares.

— Não, não disse. Meu Deus. Desculpe. De qualquer forma, talvez fosse melhor mesmo você ocupar o meu lugar. Estou perdendo o faro, realmente estou. Não vejo mais sentido em nada disto.

Clarissa suspirou.

— Não quero o seu lugar, Sarah.

Acenou com suas unhas compridas para a redação.

— Elas ainda estão loucas para isso, Sarah. Talvez você devesse dar o lugar para uma delas e sair de cena.

— Acha mesmo que elas merecem?

— Nós merecíamos, na idade delas?

— Não sei. Só me lembro de quanto eu queria isso aqui. Não parecia emocionante, naquela época? Eu pensava que poderia abraçar o mundo, de verdade. Tornar atraentes os assuntos da vida real. Provocar, lembra? E o nome da nossa revista, Clar. Lembra por que o escolhemos? Nixie, veja só... Pretendíamos atrair as leitoras com sexo e então mergulhá-las em assuntos importantes. Não queríamos deixar ninguém nos ensinar como dirigir uma revista. Nós é que iríamos ensinar os outros, lembra? O que aconteceu com tanto querer?

— O que aconteceu, Sarah, foi que conseguimos algumas das coisas que tanto queríamos.

Sorri e sentei-me à minha mesa. Repassei na tela do computador de Clarissa as páginas diagramadas da futura edição.

— Estão bastante boas, na verdade — comentei.

— Claro que estão, querida, venho fazendo exatamente a mesma matéria todo mês há dez anos. Cirurgia estética e brinquedos eróticos são assuntos que faço de olhos fechados.

Recostei em minha cadeira e fechei os olhos. Clarissa pousou a mão no meu ombro.

— Agora, falando sério, Sarah?

— Humm?

— Por favor, dê a si mesma um dia para pensar a respeito, está bem? Sobre a matéria dos refugiados. Você não está em condições neste momento, depois de tudo o que aconteceu. Por que não tira o dia de amanhã de folga só para ter certeza, e, caso você tenha, é claro que vou meter a mão na massa para você. Mas, se não não tiver certeza, não vamos jogar nossas carreiras fora por causa disso agora, certo, querida?

Abri os olhos.

— Certo — respondi. — Vou tirar um dia de folga.

Clarissa deixou pender o corpo, aliviada.

— Obrigada, boneca. Porque não é tão ruim assim o que fazemos, acredite. Ninguém morre quando escrevemos sobre moda.

Lancei um olhar para a redação e vi as meninas me espiando: especulativas, excitadas, predatórias.

Tomei outro trem quase vazio de volta para Kingston e cheguei em casa às duas da tarde. O tempo estava quente e nublado, havia uma imobilidade pesada no ar. Precisávamos de um pouco de chuva para mudar aquilo.

Lawrence estava na cozinha quando entrei. Botei a chaleira no fogo.

— Onde está Abelhinha?

— No jardim.

Olhei para fora e a vi, deitada na grama no fundo do jardim, ao lado do arbusto de louro.

— Acha que ela está bem?

Ele apenas deu de ombros.

— O que foi? Vocês dois não se entenderam realmente, não é?

— Não é isso — replicou Lawrence.

— Mas existe uma tensão, não é? Estou sentindo.

Reparei que eu agitara tanto o saquinho de chá, que ele se rompera. Esvaziei a caneca na pia e recomecei tudo.

Lawrence postou-se atrás de mim e abraçou minha cintura.

— Você é que parece tensa — disse ele. — É por causa do trabalho?

Inclinei a cabeça para trás em cima do ombro dele e suspirei.

— O trabalho foi um horror — respondi. — Durou quarenta minutos. Estou me perguntando se não deveria pedir demissão.

Ele deu um suspiro junto à minha nuca.

— Eu sabia — disse ele. — Sabia que alguma coisa assim iria acontecer.

Olhei para Abelhinha, deitada de costas, contemplando o céu cada vez mais cinzento.

— Lembra como era ter a idade dela? Ou a do Charlie? Lembra quando a gente achava que poderia realmente fazer alguma coisa para melhorar o mundo?

— Está falando com o homem errado. Trabalho para o governo, não é? Fazer realmente alguma coisa é um equívoco que somos treinados para evitar.

— Pare com isso, Lawrence, estou falando sério.

— Se eu algum dia achei que poderia mudar o mundo? É essa a sua pergunta?

— É.

— Um pouco, talvez. Assim que entrei para o serviço público, acho que era bastante idealista.

— Quando foi que mudou?

— Quando percebi que não iríamos mudar o mundo. Não mesmo, caso isso envolvesse implementar sistemas de computação. Por volta da hora do almoço do primeiro dia.

Sorri e aproximei minha boca da orelha de Lawrence.

— Bem, você mudou meu mundo — eu disse.

Lawrence engoliu em seco.

— Pois é — disse ele. — Imagino que sim.

Atrás de nós, a máquina de gelo deixou cair mais um cubo. Ficamos ali um pouco, olhando para Abelhinha lá fora.

— Olhe só para ela — eu disse. — Estou tão assustada. Acha que vou conseguir salvá-la?

Lawrence encolheu os ombros.

— Pode ser. E, não leve a mal, mas e daí? Vai salvá-la e ainda vai existir uma multidão de meninas iguais a ela. Um enxame inteiro de Abelhinhas vindo para cá em busca de alimento.

— Ou para polinizar — observei.

— Acho que é uma ingenuidade — opinou Lawrence.

— Minha editora-chefe concordaria com você.

Lawrence massageou meus ombros e fechei os olhos.

— O que está te incomodando? — perguntou ele.

— Tenho a impressão de que não consigo usar a revista para fazer diferença — expliquei. — Mas essa foi a concepção original da revista. Pretendíamos que fosse instigante. Não que se tornasse mais uma revistinha de moda.

— E o que está atrapalhando?

— Toda vez que publicamos algo profundo e significativo, a circulação cai.

— Isso significa que a vida das pessoas já é bastante dura. Talvez não queiram ser lembradas de que a vida de todo mundo também é uma merda.

— Imagino que sim. Talvez Andrew tivesse razão, afinal. Talvez eu precise crescer e arranjar um emprego de gente grande.

Lawrence me abraçou.

— Ou talvez você precise relaxar um pouco e só aproveitar o que já tem.

Olhei para o jardim. O céu ficara mais escuro. Parecia que a chuva não iria demorar.

— Abelhinha me fez mudar, Lawrence. Não posso olhar para ela sem pensar em como minha vida é vazia.

— Sarah, o que você está dizendo é uma grande bobagem. Vemos os problemas do mundo todo dia na televisão. Não me diga que é a primeira vez que você percebe que esses problemas são reais. Não me diga que essas pessoas não trocariam a vida delas pela sua caso pudessem. A vida delas está arruinada. Por causa disso, você tem de arruinar a sua vida também? Isso não vai ajudá-las.

— Bem, não estou ajudando ninguém agora, estou?

— O que mais você poderia fazer? Você decepou um dedo para salvar aquela menina. E agora a está abrigando. Casa, comida, advogado... nada disso sai barato. Você está gastando em ajuda o ótimo salário que ganha.

— Dez por cento. É só o que dou a ela. Um dedo em dez. Dez libras em cada cem. Dez por cento não chegam a ser um grande engajamento.

— Reavalie isso. Dez por cento é um percentual expressivo. Com dez por cento você compra um mundo estável onde tocar a vida. Aqui, em segurança, no Ocidente. Esta é que é a maneira certa de pensar. Se todo mundo doasse dez por cento, não precisaríamos dar asilo a ninguém.

— Você ainda quer que eu a mande embora, não é?

Lawrence me virou de modo que eu ficasse de frente para ele. Havia algo em seus olhos que parecia quase pânico, e que naquele momento me perturbou por razões com que eu não consegui atinar.

— Não — afirmou ele. — De jeito nenhum. Fique com ela aqui e cuide dela. Mas por favor, por favor, não jogue fora sua própria vida. Gosto demais de você para isso. Gosto demais de nós dois.

— Ah, não sei, não sei mesmo. — Suspirei. — Sinto falta de Andrew.

Lawrence tirou as mãos de minha cintura e deu um passo atrás.

— Oh, não foi isso — eu disse. — Saiu tudo errado. Só quis dizer que ele era muito bom para tratar das coisas comuns. Direto, sem rodeios, sabe? Ele me diria: Deixe de ser boba, Sarah. É claro que você não vai largar seu trabalho. E eu me sentiria péssima por causa da maneira como ele havia falado comigo, mas não largaria meu trabalho e, no fim, chegaria à conclusão de que ele tinha razão, o que seria ainda pior de certa forma. Mas sinto falta dele, Lawrence. É engraçado como a gente pode sentir falta de alguém desse jeito.

Lawrence se encostou no lado oposto da bancada da cozinha, observando-me.

— Então o que quer que eu faça? — disse ele. — Que comece a subir nas tamancas, como Andrew fazia?

Sorri e disse:

— Ah, venha cá.

Abracei-o e inalei o cheiro suave, limpo, da pele dele.

— Estou sendo impossível outra vez, não estou?

— Não, você sofreu uma perda. Vai levar algum tempo para tudo se encaixar de novo. É bom que você esteja fazendo um balanço da sua vida, sem dúvida, mas acho que não deveria fazer nada de maneira precipitada, entende? Se ainda tiver vontade de abandonar seu trabalho daqui a seis meses, então o faça, com certeza. Mas agora seu trabalho está lhe pagando para fazer algo que vale a pena. É possível fazer coisas boas numa situação desfavorável. Deus sabe que eu deveria saber disso.

Pisquei para conter as lágrimas.

— Contemporizar, não é? Não é triste, a gente crescer? Começamos como meu Charlie. Pensando que podemos matar todos os bandidos e salvar o mundo. Depois ficamos um pouco mais velhos, talvez da idade de Abelhinha, e percebemos que uma parcela da maldade do mundo está dentro de nós, que talvez sejamos parte dessa maldade. E então ficamos ainda mais velhos, e mais à vontade, e começamos a nos perguntar se aquela

maldade que vimos em nós é realmente tão má assim, afinal. E começamos a falar em dez por cento.

— Talvez isso seja apenas desenvolver-se como pessoa, Sarah.

Suspirei e olhei para Abelhinha no jardim.

— Bem — disse eu —, talvez este seja um mundo em desenvolvimento.

NOVE

SARAH TINHA AQUELA decisão muito importante para tomar no trabalho, então resolveu tirar um dia de folga. De manhã, anunciou para mim, Lawrence e Charlie: Vamos lá, vamos sair para uma aventura. Eu estava feliz porque Sarah estava rindo. Fiquei contente também porque fazia muitos anos que eu não saía para aventura nenhuma.

O que é uma aventura? Depende de onde você sai. Menininhas em seu país se escondem no espaço entre a máquina de lavar roupa e a geladeira e fazem de conta que estão na selva, com cobras verdes e macacos ao redor. Minha irmã e eu costumávamos nos esconder num espaço na selva, com cobras verdes e macacos ao redor, e fingir que tínhamos uma máquina de lavar roupa e uma geladeira. Vocês vivem num mundo de máquinas e sonham com o que tem carne e osso. Nós sonhamos com máquinas porque vemos o que os que têm carne e osso fazem conosco.

Quando Nkiruka e eu éramos crianças, havia um lugar aonde íamos na selva perto de nossa aldeia, um lugar secreto. A última vez em que saímos naquela aventura minha irmã mais velha tinha dez anos e eu, oito. Já éramos grandes demais para a brincadeira e nós duas sabíamos, mas combinamos sonhar nosso sonho uma última vez para fixá-lo na memória antes de acordarmos dele para sempre.

Nós nos esgueiramos da aldeia na hora mais calma da noite. Foi um ano antes do início do problema com o petróleo e quatro anos antes de minha irmã começar a sorrir para rapazes mais velhos, de modo que você pode ver que era uma época tranquila para nossa aldeia. Não havia sentinelas vigiando a estrada onde terminavam as casas e nós saímos sem que ninguém nos perguntasse aonde estávamos indo. Não saímos imediatamente, porém. Primeiro tivemos de esperar que o resto da aldeia fosse dormir. Levou mais tempo do que de costume porque a lua estava cheia, e tão clara que reluzia nos telhados de metal e cintilava na tigela de água que eu e minha irmã tínhamos em nosso quarto para lavar o rosto. A lua deixava inquietos os velhos e os cães, e passaram-se longas horas de latidos e resmungos antes que o silêncio chegasse às últimas casas.

Nkiruka e eu espiamos pela janela até a lua crescer e chegar a um tamanho extraordinário, tão grande que enchia a janela inteira. Conseguíamos avistar o rosto do homem da lua tão perto, que dava para ver a loucura nos olhos dele. O luar fazia tudo brilhar tanto que parecia dia, e não um dia comum qualquer mas um dia desconcertante, um dia extraordinário, igual a um sexto dedo num gato ou uma mensagem secreta que você encontra escondida entre as páginas de um livro que leu muitas vezes antes e nunca achou. A lua brilhava na árvore limba, reluzia no velho Peugeot quebrado, cintilava no fantasma do Mercedes. Tudo brilhava com aquela pálida claridade sombria. Foi então que Nkiruka e eu repentinamente saímos na noite.

Os animais e os pássaros comportavam-se de modo estranho. Os macacos não guinchavam e os pássaros noturnos estavam calados. Andamos em meio a um silêncio que, não estou brincando, era como se as pequeninas nuvens prateadas que deslizavam pela face da lua se debruçassem para a terra e sussurrassem: Shhiu. Quando Nkiruka se virou para mim, seus olhos estavam assustados e excitados ao mesmo tempo. Nós nos demos as mãos e atravessamos as plantações de mandioca por um quilômetro e meio até o ponto onde a selva começava. Conforme passávamos, os caminhos de terra

vermelha entre as fileiras de mandioca brilhavam ao luar como os ossos das costelas de gigantes. Quando alcançamos a selva, tudo estava escuro e silencioso.

Não falamos nada. Apenas entramos na mata antes que ficássemos amedrontadas demais. Andamos um tempo enorme, e a trilha foi se estreitando, e as folhas e os galhos fecharam-se cada vez mais sobre nós até nos obrigarem a caminhar uma atrás da outra. E os galhos começaram a se fechar sobre a trilha e tivemos que nos agachar. Logo não podíamos prosseguir. Então, Nkiruka disse:

— Este não é o caminho certo, temos de voltar.

Quando nos viramos, percebemos que não estávamos em caminho nenhum, porque os galhos e as plantas ainda estavam muito cerrados ao nosso redor. Ainda caminhamos um pouco, porém logo concluímos que tínhamos errado a trilha e estávamos perdidas.

Dentro da selva estava tão escuro que não enxergávamos nossas próprias mãos, e nos mantínhamos muito próximas uma da outra para não nos separarmos. Escutávamos os ruídos dos animais da floresta mexendo-se na vegetação rasteira, e, claro, eram animais muito pequenos, só ratos, musaranhos, porcos-do-mato, mas no escuro tornavam-se imensos para nós, tão grandes quanto nosso medo e crescendo junto com ele. Não sentimos vontade de fingir que tínhamos uma geladeira nem uma máquina de lavar roupa. Numa noite como aquela, eletrodomésticos não ajudariam nada.

Desatei a chorar porque a escuridão era completa e eu achava que não acabaria nunca. Mas Nkiruka me abraçou bem forte, e me embalou, e cochichou para mim:

— Não fique triste, irmãzinha. Diga, qual é o meu nome?

Em meio aos meus soluços, eu disse:

— Seu nome é Nkiruka.

E minha irmã esfregou minha cabeça e disse:

— Sim, é isso mesmo. Meu nome significa “o futuro é brilhante”. Viu? Acha que nossa mãe e nosso pai me dariam esse nome se não fosse verdade? Enquanto estiver comigo, irmãzinha, a escuridão não vai durar para sempre.

Parei de chorar então e adormeci com a cabeça no ombro de minha irmã.

Acordei antes de Nkiruka. Fazia frio, amanhecia. Os pássaros da mata estavam acordando e havia uma tênue claridade em torno de nós, uma luz esparsa verde-acinzentada. Por todo lado, no chão, havia samambaias baixas e trepadeiras rasteiras, e as folhas delas pingavam orvalho. Levantei-me e dei uns passos para a frente porque achei que a luz estava mais forte naquela direção. Puxei um galho para um lado e foi quando o vi. Havia um jipe muito velho no meio da vegetação. Os pneus tinham apodrecido e se desmanchado, e trepadeiras e samambaias cresciam através dos aros de suas rodas. Os assentos de plástico preto estavam em frangalhos, através deles as molas curtas enferrujadas se projetavam. Cogumelos cresciam nas portas. O jipe estava virado para o lado oposto de onde eu vinha, e me aproximei.

Vi que a selva e o jipe tinham se misturado, de modo que não se podia dizer onde uma terminava e o outro começava — se a selva crescera do jipe ou o jipe crescera da selva. Os estribos estavam cobertos pelas folhas apodrecidas de muitas estações, e todo o metal adquirira a mesma coloração escura das folhas caídas e da terra. Deitado nos assentos dianteiros, havia o esqueleto de um homem. A princípio não o vi porque o esqueleto estava vestido com uma roupa da mesma cor das folhas, mas o tecido estava tão rasgado e esfarrapado que os ossos brancos brilhavam através dele à primeira luz da manhã. Parecia que o esqueleto se cansara de dirigir e estendera-se nos dois bancos da frente para dormir. O crânio repousava em cima do painel, um pouco afastado do resto do esqueleto. Mirava um pequeno trecho de céu claro bem acima de nós, por uma abertura no dossel da floresta. Sei disso porque o crânio usava óculos de sol e o sol se refletia em uma das lentes. Um caracol arrastara-se de um lado a outro dessa lente e comera todo o musgo verde e a sujeira que a cobriam, e era no rastro

reluzente dessa criatura que o céu se refletia. O caracol agora se encontrava no meio de uma das hastes dos óculos. Aproximei-me para olhar. Os óculos tinham uma armação fina dourada. No canto da lente que refletia o céu, o caracol passara por cima do lugar onde estava escrito Ray-ban. Imaginei que fosse aquele o nome do homem, porque eu era criança, ainda não tinha sido engolida pelos meus problemas e ainda não compreendia que poderiam existir razões para que alguém usasse um nome que não era o seu.

Contemplei o crânio de Ray Ban durante muito tempo, observando meu próprio rosto refletido nas lentes. Vi minha imagem fixada na paisagem de meu país: uma garota com árvores altas e escuras e uma pequena mancha de sol. Olhei por muito tempo, e nem o crânio nem eu desviamos a cabeça, e compreendi que seria sempre assim comigo.

Depois, voltei para onde deixara minha irmã. Os galhos se fecharam atrás de mim. Não compreendi por que o jipe estava ali. Não sabia que tinha havido uma guerra em meu país quase trinta anos antes. A guerra, as estradas, as condições — tudo o que levara o jipe àquele lugar tinha sido engolido pela vegetação. Eu tinha oito anos e achei que o jipe brotara do solo, como as samambaias e as árvores altas que nos rodeavam. Achei que brotara naturalmente do solo vermelho de meu país, tão nativo quanto a mandioca. E sabia que não queria que minha irmã o visse.

Voltei para o lugar onde minha irmã ainda dormia. Acariciei o rosto dela.

Acorde, eu disse. *A luz voltou. Agora podemos encontrar o caminho de casa.*

Nkiruka sorriu para mim e sentou-se. Esfregou o sono de seus olhos.

Pronto, ela falou. *Não disse a você que a escuridão não duraria para sempre?*

— Está tudo bem? — perguntou Sarah.

Pestanejei e corri o olhar pela cozinha à minha volta. Nas paredes brancas e limpas e na mesa da cozinha, vi as trepadeiras da selva encolhendo-se outra vez para os cantos mais escuros do ambiente.

— Parece que você estava a milhas daqui.

— Desculpe — eu disse. — Ainda não acabei de acordar.

Sarah sorriu.

— Eu estava dizendo para sairmos para uma aventura.

Charlie levantou os olhos para ela.

— Vamo pra Gotham City? — perguntou ele.

Sarah deu uma risada.

— Nós vamos para. Não, Batman, vamos somente ao parque.

Charlie deixou-se cair no chão.

— Não quero ir ao parque.

Ajoelhei-me ao lado dele.

— Batman — eu disse —, existem árvores no parque, e uma porção de galhos velhos no chão.

— E daí?

— E daí que podemos construir Gotham City com esses galhos.

Charlie coçou a cabeça. Atrás de uma de suas bat-orelhas.

— Com meu bat-guindaste?

— E seus superpoderes.

Charlie abriu um sorriso.

— Quero ir ao parque AGORA! — declarou ele.

— Vamos embora então, meu heroizinho — disse Sarah. — Vamos entrar no bat-móvel.

No carro, Lawrence foi sentado na frente com Sarah e eu fui atrás com Charlie. Passamos pelos portões de Richmond Park e subimos uma colina íngreme. Dos dois lados da rua estreita, um capim verde e alto ondulava à brisa, e veados levantavam a cabeça para nos olhar. Sarah parou num estacionamento, ao lado de uma caminhonete de sorvete.

— Não, Batman — disse Sarah. — Antes que você peça, a resposta é agora não.

Charlie pendurou-se na mão dela enquanto andávamos, olhando para trás, para a caminhonete de sorvete. O parque não estava muito cheio e

seguimos por um caminho de terra até uma área fechada chamada Isabella Plantation. Lá dentro havia uma floresta formada por grandes arbustos, cujas copas se emaranham e se enroscam.

— Lindos rododendros — disse Sarah.

Debaixo dos galhos lisos e retorcidos, havia uma sombra fresca e densa. Ao ar livre fazia calor. Paramos num gramado bem-cuidado, perto de um laguinho onde nadavam patos. Sarah abriu um cobertor à sombra de uma árvore de cujo tronco uma casca vermelha se desprendia e junto à qual havia uma placa de latão identificando-a. Em Isabella Plantation não havia vento. A superfície do lago tinha uma aparência oleosa, sem nenhuma ondulação. O céu se refletia nela. A água e o céu se estendiam até se encontrarem, e a linha onde se tocavam era enevoada e incerta. Havia peixes grandes nadando no lago, mas não vinham à superfície. Só se avistavam os torvelinhos na água onde eles haviam estado. Olhei para Sarah, ela me devolveu o olhar e descobrimos que não conseguíamos sorrir.

— Desculpe — ela disse. — Isto faz você lembrar a praia, não é?

— Não faz mal — respondi. — É só água.

Sentamos no cobertor. Na sombra estava fresco e tranquilo. Espalhadas por todo o gramado, famílias chegavam e se instalavam para desfrutar o dia. Uma dessas famílias me chamou a atenção. Havia um pai, a mãe e uma menininha, e o pai fazia truques com uma moeda para a filha rir. Ele atirou uma moeda para o ar com dois dedos e a vi girar no céu muito azul, com o sol se refletindo nela e o rosto da Rainha da Inglaterra — cujos lábios se mexiam e diziam: Ó, céus, parece que estamos caindo — e vir parar direitinho na mão do homem, e essa mão se fechou em torno da moeda, e a cor dessa mão era muito escura, mais escura ainda do que a da minha pele. E a filha dele ria e tentava abrir os dedos da mão do pai, e a pele dela era muito mais clara do que a dele — da cor dos gravetos que Charlie estava catando, correndo ali por perto. E a mãe também ria, ajudando a filha a abrir a mão do pai, e a pele da mãe era clara como a de Sarah.

Eu nem tentaria explicar isso às moças da minha aldeia porque elas não acreditariam. Se contasse a elas que aqui neste lugar existem crianças nascidas de pais negros e brancos, que se dão as mãos no parque e riem juntos, elas sacudiriam a cabeça e diriam: *Madame Já-fui-lá está inventando suas histórias outra vez.*

No entanto, olhei em torno e reparei que havia outras famílias assim. A maioria era de brancas mas algumas eram negras, e tanto quanto as negras havia as mistas. Sorri quando vi aquilo. E pensei com meus botões: Abelhinha, não há eles neste lugar. Essas pessoas felizes, essas pessoas misturadas que são uma coisa e ao mesmo tempo outra coisa, essas pessoas são você. Ninguém vai sentir sua falta e ninguém está procurando-a. Então, o que a impede de entrar simplesmente neste país misturado e fazer parte dele? Pensei comigo: Abelhinha, talvez seja isso mesmo o que você deveria fazer.

Charlie puxava minha mão. Queria construir Gotham City imediatamente, então fomos juntos para perto da selva de rododendros. Vários gravetos de madeira lisa e clara tinham caído ali. Trabalhamos durante muito tempo. Construímos torres e pontes. Construímos estradas, ferrovias e escolas. Depois construímos um hospital para super-heróis feridos e um hospital para animais feridos porque Charlie disse que sua cidade precisava dessas coisas. Charlie estava muito concentrado na sua atividade. Eu disse a ele:

— Quer tirar sua roupa de Batman?

Mas ele negou, sacudindo a cabeça.

— Estou preocupada com você. Vai ficar exausto com este calor. Diga, não está sentindo calor com essa roupa?

— Tô, mas se eu tirar a roupa então não sou o Batman.

— Você precisa ser o Batman o tempo todo?

Charlie concordou.

— É, porque se eu não sou o Batman o tempo todo então meu papai morre.

Charlie baixou a cabeça e olhou para o chão. Segurava um graveto nas mãos, com tanta força que eu enxergava os ossinhos brancos das juntas dos dedos dele através da pele.

— Charlie, você acha que seu papai morreu porque você não era o Batman?

Charlie levantou os olhos. Pelos furos escuros de sua bat-máscara, eu vi as lágrimas em seus olhos.

— Eu tava na minha creche — ele explicou. — Foi quando os bandidos pegaram meu papai.

O lábio dele tremeu. Puxei-o para mim e abracei-o enquanto chorava. Espiei por cima do ombro dele os frios túneis negros que apareciam em formas indistintas entre o emaranhado das raízes dos rododendros. Olhei para algo negro, mas tudo o que vi foi o corpo de Andrew girando devagar pendurado no fio elétrico, com os olhos me observando cada vez que completava uma volta. O olhar dele era como aqueles túneis negros: sem-fim.

— Escute aqui, Charlie — eu disse. — Seu papai não morreu porque você não estava lá. Não é culpa sua, entendeu? Você é um bom menino, Charlie. Não é culpa sua de jeito nenhum.

Charlie soltou-se dos meus braços e olhou para mim.

— Por que meu papai morreu?

Refleti um pouco sobre aquilo.

— Ele foi levado pelos bandidos, Charlie. Mas não são o tipo de bandido que o Batman pode enfrentar. São uns bandidos que seu pai tinha de enfrentar dentro do coração dele, e que eu tenho de enfrentar dentro do meu. São bandidos internos.

Charlie assentiu.

— E tem um montão?

— De quê?

— Desses bandidos internos?

Olhei para os túneis escuros e senti um arrepio.

— Acho que todo mundo tem alguns — eu disse.

— Vamos ganhar deles?

Concordei.

— Claro.

— E eles não vão me pegar, não é?

Sorri.

— Não, Charlie, acho que esses bandidos nunca vão pegar você.

— E nem você eles também não vão pegar, não é?

Suspirei.

— Charlie, não há bandidos no parque. Estamos aproveitando um dia de descanso aqui. Talvez você pudesse dar uma folga para o Batman.

Charlie apontou seu graveto para mim e franziu a testa, como se aquilo fosse um ardil de seus inimigos.

— Batman é sempre Batman — afirmou ele.

Ri e voltamos a construir casas com gravetos. Coloquei um graveto comprido e muito branco em cima de uma pilha que Charlie dizia ser um estacionamento de bat-móvel com muitos andares.

— Às vezes eu gostaria de dar uma folga para a Abelhinha — falei.

Charlie levantou os olhos para mim e uma gota de suor caiu de dentro de sua bat-máscara.

— Por quê?

— Bom, sabe, foi difícil me tornar Abelhinha. Tive de passar por uma porção de coisas. Fui mantida na detenção e tive de me treinar para pensar de uma certa maneira, para ser forte, para falar a sua língua do jeito como vocês falam. Até hoje é um esforço ser assim. Porque por dentro, sabe, sou apenas uma menina do campo. Gostaria de ser uma menina de aldeia de novo e fazer as coisas que as meninas do campo fazem. Gostaria de dar risadas e sorrir para os meninos mais velhos. Gostaria de fazer bobagens quando a lua está cheia. E mais do que tudo, sabe, gostaria de usar meu nome verdadeiro.

Charlie parou com sua pá no ar.

— Mas Abelhinha é seu nome verdadeiro — ele disse.

Sacudi a cabeça.

— Humm-humm. Abelhinha é só meu nome de super-heroína. Tenho um nome verdadeiro também, como você tem Charlie.

— Qual é seu nome de verdade? — perguntou ele.

— Só conto se você tirar essa roupa de Batman.

Charlie franziu a testa.

— Não, porque eu vou ter de ficar com minha roupa de Batman para sempre.

Sorri.

— Certo, Batman. Quem sabe uma outra vez.

Charlie começou a construir um muro entre a selva e os subúrbios de Gotham City.

— Hummm — dizia ele.

Daí a pouco, Lawrence se aproximou de nós.

— Pode deixar ele comigo — ele disse. — Vá ver se consegue fazer Sarah tomar juízo, está bem?

— Por quê, o que houve?

Lawrence levantou as mãos com as palmas para cima e soprou ar para o alto, o que fez seu cabelo voar.

— Vá até lá falar com ela, sim? — pediu ele.

Andei para o cobertor sob a sombra. Sarah estava sentada com os braços em torno dos joelhos.

— Sinceramente, que homem insuportável! — exclamou quando me viu.

— Lawrence?

— De vez em quando fico em dúvida se não estaria melhor sem ele. Ah, esqueça, claro que estaria pior. Mas, me responda francamente: será que não tenho o direito de falar de Andrew?

— Vocês estavam brigando?

Sarah suspirou.

— Tenho a impressão de que Lawrence ainda está incomodado com sua presença. Isso o deixa nervoso.

— O que você disse sobre Andrew?

— Contei a ele que ontem à noite estava arrumando o escritório de Andrew. Sabe como é, examinando as pastas dele. Só queria saber que contas tenho de pagar agora, verificar se não devemos dinheiro em algum de nossos cartões, esse tipo de coisa.

Ela virou-se para mim.

— O fato é que Andrew nunca parou de pensar no que aconteceu na praia. Pensei que ele havia tirado isso da cabeça, mas não tirou. Estava pesquisando o assunto. Deve haver mais de vinte pastas sobre isso no escritório dele. Material sobre a Nigéria. Sobre as guerras do petróleo, sobre as atrocidades. E... bem, eu não fazia ideia de quanta gente como você veio parar no Reino Unido depois do que aconteceu em suas aldeias. Andrew tinha uma pasta inteira cheia de documentos sobre asilo político e detenção.

— Você leu o que está dentro dessa pasta?

Sarah mordeu o lábio.

— Não muito. Ele pôs tanta coisa ali que é leitura para um mês. E prendeu anotações suas em cada documento. Um trabalho muito meticuloso. Típico do Andrew. Já era muito tarde e não dava para ler tudo aquilo. Quanto tempo disse que a mantiveram presa naquele lugar, Abelhinha?

— Dois anos.

— Pode me contar como era?

— É melhor você não saber. Não foi por culpa sua que fiquei lá.

— Mas conte assim mesmo. Por favor...

Suspirei, porque a lembrança daquele lugar me deixava com o coração pesado outra vez.

— A primeira coisa é que a gente tinha de escrever a nossa história. Entregavam um formulário rosa para que a pessoa escrevesse o que acontecera com ela. Só assim ela podia pedir asilo. Você tinha de colocar

sua vida inteira numa folha de papel. Havia uma linha preta contornando a beirada do papel, a margem, e se você escrevesse fora da linha seu pedido não seria válido. Só havia espaço para você escrever as coisas mais tristes que tinham lhe acontecido. Essa era a pior parte. Pois se você não pode ler as coisas bonitas que aconteceram na vida de alguém, por que se importaria com suas tristezas? É por isso que as pessoas não gostam dos refugiados, entende? Porque só conhecem as partes trágicas de nossas vidas, e portanto acham que somos pessoas trágicas. Como eu era uma das únicas que sabia escrever em inglês, escrevi os pedidos de todas as outras. Tive de escutar a história de cada uma delas e depois espremer sua vida inteira dentro daquela linha preta, até as de mulheres que eram maiores do que uma folha de papel, sabe? E, depois disso, todo mundo ficava esperando ser chamado. Não recebíamos nenhuma informação. Era a pior coisa. Ninguém ali cometera nenhum crime mas não sabíamos se seríamos soltos no dia seguinte, na próxima semana ou nunca mais. Havia até crianças lá, e elas não lembravam como era a vida antes da unidade. Havia barras de ferro nas janelas. Deixavam-nos fazer exercícios ao ar livre durante trinta minutos por dia, a não ser quando estava chovendo no horário do exercício. Se você tivesse uma dor de cabeça, podia pedir um paracetamol mas precisava fazer a solicitação com 24 horas de antecedência. Tinha que preencher um formulário especial. E havia um outro se você quisesse um absorvente higiênico. Certa vez, houve uma inspeção no centro de detenção. Quatro meses depois, encontramos o relatório do inspetor. Estava preso num quadro que dizia INFORMAÇÕES LEGAIS, no final de um corredor que ninguém usava porque dava para a saída e a saída era trancada. Uma das outras moças encontrou o quadro de avisos quando procurava uma janela para ver o lado de fora. O relatório dizia: Consideramos exagerados os procedimentos humilhantes. Não vemos como alguém pode abusar dos pedidos de absorventes higiênicos.

Sarah lançou um olhar lá adiante, onde Lawrence e Charlie estavam rindo e chutando gravetos um no outro. Quando voltou a falar, abaixou a voz.

— Imagino que Andrew estivesse planejando escrever um livro — ela disse. — Acho que era por isso que estava coletando todo aquele material. A pesquisa ia muito além de um artigo ou algo assim.

— E você disse isso a Lawrence?

Sarah assentiu.

— Eu disse que achava que talvez devesse dar continuidade ao trabalho de Andrew. Sabe, ler todas as anotações dele. Descobrir mais coisas sobre as unidades. Talvez até, não sei, escrever o livro eu mesma.

— Foi por isso que ele ficou irritado?

— Ele ficou uma fera. — Sarah suspirou. — Acho que ele está com ciúmes de Andrew.

Balancei a cabeça devagar e perguntei:

— Tem certeza de que é com Lawrence que você quer ficar?

Ela me lançou um olhar penetrante.

— Sei o que vai me dizer. Vai me dizer que ele se preocupa mais consigo mesmo do que comigo. Vai me dizer para tomar cuidado com ele. E eu lhe digo que é assim que os homens são mas que você é muito moça ainda para saber, e então nós duas também vamos discutir e aí é que vou me sentir mais infeliz, portanto não diga nada, está bem?

Sacudi a cabeça.

— É mais do que isso, Sarah.

— Não quero ouvir. Escolhi Lawrence. Tenho trinta e dois anos, Abelhinha. Se eu quiser dar uma vida estável a Charlie, preciso começar a manter minhas opções. Não preservei Andrew e agora sei que deveria. Ele era um bom homem — você sabe disso e eu também sei —, e eu deveria ter me dedicado mais ao nosso relacionamento, embora não fosse perfeito. Mas agora existe Lawrence. E ele também não é perfeito, entende? Mas não posso continuar batendo em retirada. — Sarah respirou fundo, meio

trêmula. — Tem uma hora em que a gente precisa dar meia-volta e encarar a realidade.

Dobrei os joelhos junto ao peito e observei Lawrence brincando com Charlie. Eles estavam andando pelas ruas de Gotham City como se fossem gigantes, caminhando com passos pesados entre as torres altas, e Charlie ria e gritava.

Suspirei.

— Lawrence já conquistou o Charlie — eu disse.

— É isso — disse Sarah. — Obrigada por se esforçar. Você é uma boa garota, Abelhinha.

— Se soubesse tudo o que eu fiz, não me acharia boazinha.

Sarah sorriu.

— Vou conhecer você melhor, suponho, se escrever esse livro de Andrew.

Coloquei as mãos no alto da cabeça. Olhei os túneis escuros debaixo da floresta de rododendros. Pensei em fugir e me esconder. Nos arbustos do parque. Na noite de lua cheia da selva. Debaixo das tábuas de madeira de um bote emborcado. Para sempre. Fechei os olhos bastante apertados e tive vontade de gritar, mas não saiu nenhum som.

— Você está bem? — perguntou Sarah.

— Sim, estou ótima. Só estou cansada, só isso.

— Certo — disse Sarah. — Escute, vou até o carro telefonar para o escritório. Aqui não tem sinal.

Voltei para onde Charlie e Lawrence estavam brincando. Os dois jogavam gravetos nos arbustos. Quando me aproximei, Charlie continuou a jogar seus gravetos mas Lawrence parou e virou-se para mim.

— Então, fez com que ela desistisse?

— Desistisse de quê?

— Do livro. Ela estava com umas ideias de terminar um livro que Andrew andava escrevendo. Não lhe contou?

— Contou. Mas não a fiz desistir do livro e muito menos de você.

Lawrence abriu um sorriso largo.

— Boa garota. Viu só? Vamos nos dar bem afinal. Ela ainda está aborrecida? Por que não veio até aqui com você?

— Ela foi dar um telefonema.

— Tudo bem.

Ficamos ali parados olhando um para o outro um tempo enorme.

— Você ainda acha que sou um patife, não acha?

— Não importa o que eu penso. Sarah gosta de você. Mas eu gostaria que vocês parassem de me dizer que sou uma boa menina. Vocês dois. A gente diz isso a um cachorro quando ele traz um graveto de volta.

Lawrence me olhava, e senti uma grande tristeza porque havia um vazio no olhar dele. Voltei minha atenção para a água do lago onde os patos nadavam. Vi o reflexo azul do céu na água. Fiquei olhando muito tempo porque compreendi que estava olhando nos olhos da morte outra vez, e a morte não desviava o olhar, nem eu conseguia desviar o meu.

Então vieram os latidos dos cães. Sobressaltei-me, meus olhos seguiram o som e por um segundo senti alívio porque avistei os cães na outra ponta do gramado onde estávamos, e eram apenas cães domésticos gordos passeando com seu dono. Então vi Sarah, descendo ligeiro pelo caminho na nossa direção. Os braços balançavam ao lado do corpo e numa das mãos ela segurava o telefone celular. Parou perto de nós, respirou fundo e sorriu. Estendeu as mãos para nós dois mas então hesitou. Correu os olhos em volta do lugar onde estávamos parados.

— Hum, onde está Charlie? — perguntou.

Falou com muita calma, depois repetiu mais alto, dessa vez olhando para nós.

Esquadrinhei todo o amplo gramado. Numa direção estavam os dois cães amarelos, os que tinham latido. O dono jogava gravetos no lago para eles. Na outra direção, havia a selva densa de rododendros. Os túneis escuros entre os galhos pareciam estar vazios.

— Charlie! — Sarah gritou. — Charlie! Oh, meu Deus. CHARLIE!

Girei para todos os lados sob o sol quente. Corremos para cima e para baixo. Chamamos o nome dele. Chamamos uma porção de vezes. Charlie sumira.

— Ah, meu Deus! — exclamava Sarah. — Alguém o levou! Ah, meu Deus! CHARLIE!

Saí correndo para a selva de rododendros, rastejei para dentro de sua sombra fresca e lembrei a escuridão sob as copas das árvores da floresta na noite em que entrei na selva com Nkiruka. Enquanto Sarah gritava por seu filho, arregalei meus olhos no negrume desses túneis e olhei dentro deles. Olhei por um tempo enorme. Vi que os pesadelos de todos os nossos mundos tinham-se misturado de alguma forma, de tal modo que não se distinguia mais onde um começava e o outro terminava — se a selva crescera do jipe ou se o jipe crescera da selva.

DEZ

DEIXEI CHARLIE BRINCANDO feliz da vida com Lawrence e Abelhinha. Só no meio do caminho para o estacionamento é que meu telefone deu sinal. Subi para um ponto mais alto do caminho de terra, olhei para baixo de um céu nublado e vi duas barras de sinal. Meu estômago deu voltas e pensei: Certo, vou fazer isto agora, antes que me acalme e mude de ideia. Liguei para o dono da revista e disse a ele que não queria mais ser a editora-chefe.

— *Está bem* — o dono da revista disse.

— *Não sei se me escutou direito* — eu disse. — *Aconteceu uma coisa extraordinária em minha vida e eu realmente preciso acompanhar isso. Portanto, tenho de sair do emprego.*

— *Eu escutei você, sim* — respondeu ele. — *Está bem, vou arranjar outra pessoa.*

E desligou. E eu disse somente:

— *Ah.*

Parei um minuto, em estado de choque, depois só me restou sorrir.

O sol estava ótimo. Fechei os olhos e deixei a brisa arejar para longe os vestígios dos últimos anos. Um telefonema: era simples assim. As pessoas se perguntam de que maneira algum dia poderão mudar suas vidas, mas isso na realidade é incrivelmente fácil.

Eu já estava pensando em como iria levar adiante o livro de Andrew. O truque, é claro, seria mantê-lo impessoal. Perguntei a mim mesma se isso não teria sido um problema para Andrew. A primeira coisa que nos ensinam na escola de jornalismo é: não se coloque no texto.

Mas e se o texto é nossa própria história? Comecei a compreender como Andrew devia ter se angustiado com isso. E a imaginar se não teria sido por isso que ele se mantinha tão calado.

Querido Andrew, pensei. Como é possível que eu me sinta mais próxima de você agora do que no dia em que nos casamos? Acabei de dizer a Abelhinha que não queria ouvir o que ela tinha a dizer porque sei que preciso ficar com Lawrence, mas ao mesmo tempo cá estou eu falando com você em minha cabeça. É a língua ambígua do luto outra vez, Andrew, que cochicha numa orelha: volte para o que você mais amava antes, e, na outra orelha, cochicha: siga em frente.

Meu telefone tocou e meus olhos se abriram de chofre. Era Clarissa.

— Sarah? Vieram me dizer que você se demitiu. Ficou maluca?

— Eu disse a você que estava pensando nisso.

— Sarah, eu passo um bocado de tempo pensando em ir para a cama com os jogadores de futebol da primeira divisão.

— Talvez você devesse experimentar.

— Ou talvez você devesse vir para o escritório agora mesmo para dizer aos patrões que sente muito, que está passando por uma fase de luto neste momento e que, por favor — muito por favor — será que pode ter seu emprego de volta?

— Mas não quero esse emprego. Quero ser uma jornalista outra vez. Quero fazer diferença no mundo.

— Todos querem fazer diferença, Sarah, mas há tempo e há hora. Sabe o que está fazendo, sinceramente: desse jeito está jogando seus brinquedos para fora do carrinho? Só uma crise de idade. Não é muito diferente do homem de meia-idade que compra um carro vermelho e transa com a baby-sitter.

Refleti sobre aquilo. A brisa parecia mais fria. Meu braço estava arrepiado.

— Sarah?

— Ah, Clarissa, você tem razão, estou confusa. Acha que acabei de arruinar minha vida?

— Só quero que você pense no assunto. Vai fazer isso, Sarah?

— Vou.

— E vai me ligar?

— Vou. Clarissa?

— Sim, querida?

— Obrigada.

Desliguei e voltei devagar pelo caminho. Atrás de mim, o capim agreste subia a encosta até um grupo de carvalhos, silvestres e destruídos por raios, e na frente estendia-se Isabella Plantation, cercada de suas grades de ferro batido, submissa, viçosa e confinada. Quando chega a hora de escolher de fato, é difícil saber o que se quer da vida.

Tive a sensação de ter andado muito. Quando avistei Lawrence e Abelhinha, apertei o passo para estar com eles. Pareciam tão desamparados, de pé ali, cada um olhando para um lado, sem se falar. Pensei: puxa, que idiota que eu fui. Sempre me vi como uma mulher muito prática, flexível. Pensei imediatamente: se der meia-volta agora e andar até o lugar onde consegui o sinal, posso telefonar para o meu patrão e dizer que cometi um engano. Não apenas um errinho pequeno mas um grande, fundamental, que afeta toda a vida. Durante uma semana inteira de licença, esqueci por completo, sabe, que eu era uma moça sensata de Surrey. Foi algo no sorriso de Abelhinha, e na energia que ela tem, que me fez de certa forma me apaixonar por ela. E o amor nos idiotiza. Durante uma semana inteira, realmente achei que eu fosse uma pessoa melhor, alguém que podia fazer uma diferença. Escapou-me completamente que eu era uma mulher madura, prática e de luto, totalmente concentrada no trabalho. Inexplicavelmente, esqueci que ninguém é herói, que todo mundo é tão

imperfeito, não é estranho? E agora, por favor, será que posso ter de volta minha vida de antes?

De um ponto mais distante do gramado, veio o som de cachorros latindo trazido pela brisa. Abelhinha levantou a cabeça e me viu. Fui direto para onde ela e Lawrence estavam.

Estendi as mãos para ambos mas então reparei que Charlie não estava mais com eles.

— Hum, onde está Charlie?

É penoso pensar nisso, mesmo agora. Olhei tudo em volta, claro que sim. Corri de um lado para outro. Comecei a gritar o nome de Charlie. Contornei o gramado, examinando a penumbra sob a cerca de rododendros, esquadrinhando o leito dos caniços na margem do lago. Berrei até ficar rouca. Meu filho não estava em lugar nenhum. Um pânico dolorido tomou conta de mim. As áreas sofisticadas de minha mente se fecharam, as partes que poderiam ser capazes de pensar. Imagino que o suprimento de sangue delas tenha sido sumariamente interrompido e desviado para os olhos, as pernas, os pulmões. Eu olhava, eu corria, eu gritava. E o tempo todo crescia em meu coração a certeza indizível de que alguém levara Charlie.

Corri por um dos caminhos e encontrei uma família fazendo piquenique, instalada numa clareira. A mãe — cabelo comprido ruivo com as pontas bastante maltratadas — estava sentada de pernas cruzadas e descalça num cobertor xadrez, rodeada por cascas e pedaços de tangerina satsuma. Lia a BBC Music Magazine, aberta em cima do cobertor e presa com um dos pés para evitar que as páginas voassem. Havia um anel fino de prata em seu segundo dedo do pé. Ao lado dela no cobertor, duas meninas de cabelos flamejantes e vestidos de algodão listrado azul estavam comendo fatias de queijo Kraft direto do pacote. O marido, louro e robusto, estava de pé a pouca distância falando no celular. Lanzarote é só uma armadilha para turistas hoje em dia, dizia ele. Você deveria ir para algum outro lugar menos concorrido, como a Croácia, ou Marrakesh. Seu dinheiro rende mais lá, de

qualquer maneira. Penetrei mais adiante na clareira, olhando tudo em torno. A mãe levantou o olhar para mim.

— Está tudo bem? — perguntou ela de lá.

— Perdi meu filho — expliquei.

Ela me olhou com ar inexpressivo. Sorri com ar idiota. Não sabia o que fazer com meu rosto. Minha cabeça e meu corpo estavam preparados para lutar com pedófilos e lobos. Diante daquelas pessoas comuns, esparramadas em seus cobertores de piquenique e formando aquela cena absurdamente agradável, minha aflição parecia desesperada e vulgar. Meu condicionamento social lutava contra meu pânico. Fiquei envergonhada. Por instinto, sabia também que precisava falar com calma com aquela mulher, no registro dela, se quisesse me comunicar com clareza e transmitir a informação necessária sem desperdiçar tempo. Fiz um grande esforço — o mesmo que talvez viesse fazendo a minha vida inteira — para encontrar o ponto de equilíbrio correto entre as boas maneiras e a histeria.

— Sinto muito — eu disse —, mas perdi meu filho.

A mulher se levantou e correu os olhos pela clareira. Eu não consegui compreender por que os movimentos dela eram tão lentos. Parecia que eu estava voando enquanto ela ocupava algum veículo mais viscoso.

— Ele tem mais ou menos essa altura — expliquei. — Está vestido de Batman.

— Sinto muito — disse ela em câmera lenta. — Não vi nada.

Cada palavra levava uma eternidade para se formar. Tive a sensação de estar esperando a mulher talhar a frase em pedra. Já estava quase saindo da clareira antes que ela terminasse de falar. Atrás de mim, escutei o marido dizendo: Você sempre pode escolher o pacote mais barato e só usar os voos. E depois procurar um lugar melhor para ficar quando já estiver lá.

Corri por um labirinto de trilhas pequenas e sombrias entre os rododendros gritando o nome de Charlie. Engatinhei por túneis escuros entre os galhos, movendo-me totalmente ao acaso. Meus antebraços sangravam com os arranhões, mas eu não sentia dor. Não sei por quanto

tempo corri. Talvez por cinco minutos, ou talvez pelo tempo que um ser divino leva para criar um universo, fazer a humanidade à sua imagem mas não encontrar consolo nisso, depois presenciar horrorizado a morte lenta e cinzenta daquilo, sabendo estar ainda totalmente sozinho e desconsolado. De alguma forma, voltei ao local onde Charlie construíra sua cidade de gravetos. Destruí as estruturas gritando o nome dele. Procurei meu filho debaixo de pilhas de gravetos de quinze centímetros de altura. Espiei em pilhas de folhas mortas. Evidentemente que sabia que meu filho não estava debaixo delas. Sabia, mesmo enquanto esgaravatava qualquer coisa que se projetasse. Encontrei um pacote velho de papel. A roda quebrada de um carrinho de bebê. Minhas unhas sangravam numa história mal-enterrada de passeios familiares ao ar livre.

Do outro lado do gramado, vi Abelhinha e Lawrence, que tinham voltado de suas buscas entre os rododendros. Corri para eles mas, quando estava no meio do gramado, lembro o último pensamento racional que me passou pela cabeça: ele não está no gramado nem nos arbustos, então deve estar no lago. Ao mesmo tempo em que pensava, sentia o segundo estágio da minha mente se desligando. O pânico simplesmente subiu do meu peito para me engolir. Desviei-me bruscamente da direção de Lawrence e Abelhinha e desci correndo para a beira do lago. Entrei nele até o joelho levantando água, depois até a cintura, os olhos vasculhando a água barrenta marrom, gritando o nome de Charlie para os nenúfares e para os patos-mandarins espantados.

Enxerguei alguma coisa debaixo da água, pousada na lama do fundo do lago. Submerso, vislumbrado entre os lírios e distorcido pelas ondulações da água, parecia um rosto pálido. Estendi a mão e o agarrei. Levantei-o para a claridade. Era a metade rachada de uma caveira de coelho. Enquanto o levantava, pingando água lamacenta, dei-me conta de que meu telefone estava na mão que segurava a caveira. Meu telefone se fora, em algum lugar — minha vida se fora, em algum lugar —, perdido nos arbustos ou no lago. Dentro da água segurando uma caveira, eu não sabia mais o que fazer.

Escutei um assobio e olhei rapidamente para baixo. Compreendi que o vento soprava através da órbita oca da caveira, e foi quando comecei a gritar de verdade.

Charlie O'Rourke. Quatro anos. Batman. O que passou pela minha cabeça? Os dentinhos brancos e perfeitos dele. O olhar de feroz concentração quando ele estava liquidando os bandidos. A maneira como ele me abraçou certa vez quando eu estava triste. A maneira como, desde a África, eu vinha correndo entre um mundo e outro — entre Andrew e Lawrence, entre Abelhinha e meu emprego —, correndo para todo lado exceto para o mundo ao qual eu pertencia. Por que nunca correra para Charlie? Gritei para mim mesma. Meu filho, meu menino lindo. Você se foi, se foi. Desapareceu como viveu, enquanto eu estava olhando para o outro lado. Para o meu próprio futuro egoísta. Contemplei os dias vazios à minha frente, e eles não tinham fim.

Então senti mãos nos meus ombros. Era Lawrence. Levou-me para fora do lago e me fez parar à margem. Eu tremia à brisa.

— Temos de ser sistemáticos agora — ele disse. — Sarah, você fica aqui e continua chamando por ele, para que ele saiba para onde voltar caso esteja perambulando por aí. Eu vou pedir a todo mundo dentro da Plantation para começar a procurar, e vou continuar procurando eu também. E você, Abelhinha, pegue meu telefone, vá para onde há sinal e ligue para a polícia. Depois espere no portão da Plantation pela polícia, para mostrar a eles onde estamos, quando chegarem.

Lawrence entregou seu telefone a Abelhinha e virou-se outra vez para mim.

— Sei que parece uma medida extrema, mas a polícia é boa nisso. Tenho certeza de que vamos encontrar Charlie antes que eles cheguem aqui, mas, caso não encontremos, quanto mais cedo os chamarmos, melhor.

— Está bem, vamos fazer isso — eu disse. — Agora.

Abelhinha ainda estava parada ali, segurando o telefone de Lawrence na mão, olhando fixo para Lawrence e eu com olhos arregalados e assustados. Eu não compreendia por que ela ainda não saíra correndo.

— Vá! — disse eu.

Ela continuou me fitando.

— A polícia… — balbuciou.

A compreensão bateu atordoadamente em minha cabeça. O número. Claro! Ela não sabe o número de emergência.

— O número é 999 — eu disse.

Ela não saiu do lugar. Eu não conseguia imaginar qual era o problema.

— A polícia, Sarah.

Olhei para ela. Os olhos dela imploravam. Parecia apavorada. Então, lentamente, seu rosto mudou. Tornou-se firme, decidido. Ela respirou fundo e sacudiu a cabeça para mim. Virou-se, devagar primeiro, depois muito depressa, e correu na direção do portão. Quando já estava no meio do caminho, Lawrence cobriu a boca com a mão.

— Oh, merda, a polícia — disse ele.

— O quê?

Ele sacudiu a cabeça.

— Nada, nada.

Lawrence disparou para o labirinto de caminhos entre os rododendros. Fui para o meio do gramado e comecei a berrar de novo por Charlie. Chamei, chamei, e os patos chapinhavam com cautela voltando para seus circuitos costumeiros no lago, e o vento me deixou tremendo de frio em meus jeans molhados. De início, chamei o nome de Charlie como um som para o qual ele pudesse voltar, mas à medida que minha voz começou a soar, percebi que outra linha fora ultrapassada e que eu estava gritando o nome apenas para escutá-lo, para garantir a continuidade de sua existência no mundo. Percebi que o nome era tudo o que eu possuía. Minha voz se transformou num sussurro. Eu soprava o nome de Charlie.

Quando Charlie apareceu, veio por si só. Saiu trotando do meio do emaranhado escuro de rododendros, sujo de terra, arrastando sua bat-capa. Corri para ele, tomei-o em meus braços e segurei-o. Apertei meu rosto em seu pescoço e inalei seu cheiro, o sal acre do seu suor e o odor penetrante do solo. Lágrimas desciam pelo meu rosto.

— Charlie — sussurrei. — Minha vida, minha vida inteira.

— Me larga, mamãe! Você está me apertando!

— Onde você estava?

Charlie estendeu as duas mãos para o lado, palmas para cima, e respondeu como se fosse simples.

— Na minha bat-caverna, ora.

— Mas, Charlie, você não escutou todos nós gritando? Não viu todo mundo procurando por você?

Charlie deu um largo sorriso por trás da bat-máscara.

— Eu tava escondido.

— Por quê? Por que não saiu do esconderijo? Não viu como nós todos estávamos preocupados?

Meu filho olhou para o chão, tristonho.

— Lawrence e Abelha tavam chateados e num tavam brincando comigo. E aí eu fui pra minha bat-caverna.

— Ah, Charlie, mamãe tem andado tão confusa. Tão boba e egoísta. Juro a você, Charlie, nunca mais vou ser boba assim. Você é tudo para mim, sabia? Nunca mais vou esquecer isso. Sabe quanto você é importante para a mamãe?

Charlie piscou para mim, percebendo uma oportunidade.

— Posso tomar um sorvete? — pediu.

Abracei meu filho. Senti seu hálito quente e sonolento em meu pescoço e, através do fino tecido cinzento de sua fantasia, senti a suave e insistente pressão dos ossos por baixo de sua pele.

ONZE

OS POLICIAIS CHEGARAM em quinze minutos. Eram três. Chegaram devagar, num carro prateado com faixas azuis e laranja pintadas nas laterais e uma comprida barra de luzes no teto. Vieram pela rua de terra direto para o portão da Isabella Plantation, onde eu estava. Desceram do carro e colocaram os chapéus. Usavam camisas brancas de mangas curtas e grossos coletes pretos com uma faixa em xadrez preto e branco. Os coletes tinham muitos bolsos, e neles havia cassetetes, rádios, algemas e outras coisas cujos nomes eu não podia adivinhar. Eu pensei; Charlie gostaria disso. Esses policiais têm mais equipamentos do que o Batman.

Se estivesse contando essa história para as moças lá de casa, teria de lhes explicar que os policiais do Reino Unido não carregam armas de fogo.

— Como assim? Andam sem revólver?

— É, sem revólver.

— Como é que pode eles carregarem esses equipamentos todos e esquecerem o mais importante? Como fazem para atirar nos bandidos?

— Eles não atiram nos bandidos. Se começam a atirar, geralmente se metem em confusão.

— Como assim? Que reino mais de pernas para o ar, onde as moças podem mostrar os peitos mas a polícia não pode mostrar os revólveres.

E eu teria de sacudir a cabeça concordando e dizer novamente a elas:

— Esse tipo de coisa me confundiu na maior parte do tempo que passei naquele país.

Os policiais bateram as portas do carro atrás de si: tunc. Estremeci. Se você é um refugiado, aprende a prestar atenção nas portas. Quando se abrem, quando são fechadas: o som que cada uma produz; de que lado delas se está.

Um dos policiais se aproximou enquanto os outros dois pararam com a cabeça inclinada para escutar os rádios presos ao colete. O policial que se aproximou, acho que esse não era muito mais velho do que eu. Era alto, com cabelo alaranjado debaixo do chapéu. Tentei sorrir para ele mas não consegui. Estava tão preocupada com Charlie que minha cabeça estava girando. Também estava com medo de que meu Inglês da Rainha me deixasse na mão. Tentei me acalmar.

Se esse policial começasse a desconfiar de mim, poderia chamar o pessoal da imigração. Então um deles clicaria um botão em seu computador e assinalaria um ponto na minha ficha e eu seria deportada. Estaria morta, mas ninguém teria disparado nenhuma bala. Entendi então por que a polícia não anda armada num país civilizado, eles matam você com um clique. O assassinato é feito à distância, no coração do reino, num prédio cheio de computadores e xícaras de café.

Olhei bem para o policial. Ele não tinha um rosto cruel. Também não tinha um rosto amável. Era jovem, pálido e ainda não tinha rugas. Ele não era nada. Era inocente; como um ovo. Se aquele policial abrisse a porta do carro da polícia e me fizesse entrar, para ele seria apenas o interior de um carro que estaria me indicando. Mas eu veria coisas lá dentro que ele não seria capaz de ver. Veria poeira vermelha nos assentos. Veria velhos talos secos de mandioca que o vento teria acumulado no interior, no lugar dos pés. Veria a caveira branca no painel e as plantas da selva crescendo através

das rachaduras enferrujadas no piso, depois irrompendo pelo para-brisa quebrado. Se aquela porta de carro se abrisse, eu sairia da Inglaterra diretamente para os conflitos do meu país. É isso o que as pessoas querem dizer quando repetem: O mundo ficou pequeno.

O policial me olhou com cuidado. Em seu colete, o rádio estava dizendo: “CHARLIE BRAVO, PROSSIGA.”

— Ele não se chama Charlie Bravo — corrigi. — O nome do menino é Charlie O’Rourke.

O policial me olhou com ar inexpressivo.

— A senhora foi a pessoa que fez o chamado de emergência?

Assenti.

— Vou levá-lo ao local onde tudo aconteceu — eu disse.

Comecei a andar no terreno.

— Apenas alguns dados antes, senhora — disse o policial. — Qual a sua relação com a pessoa desaparecida?

Parei e me virei.

— Não é importante — disse eu.

— É o procedimento de praxe, senhora.

— Charlie desapareceu — eu disse. — Por favor, não podemos perder tempo. Digo tudo ao senhor mais tarde.

— É uma área completamente cercada, senhora. Se a criança está lá dentro, não vai a lugar nenhum. Não faz mal obtermos alguns detalhes básicos.

O policial me olhou de alto a baixo.

— Estamos procurando por uma criança caucasiana do sexo masculino, correto?

— Como disse?

— Criança caucasiana do sexo masculino. Menino branco.

— Sim, é isso mesmo. A mãe dele está aí dentro.

— E a senhora é quem cuida da criança?

— Não. Não, não sou. Por favor, não vejo por que…

Ele deu um passo na minha direção e eu recuei, não consegui me controlar.

— A senhora parece muito nervosa por minha causa. Há alguma coisa que eu deveria saber?

Ele disse isso com muita calma, olhando nos meus olhos o tempo todo.

Aprumei o corpo para ficar o mais alta possível, fechei os olhos por um momento e, quando os reabri, olhei muito friamente para o policial e falei com a voz da Rainha Elizabeth Segunda.

— Como se atreve? — eu disse.

O policial deu meio passo atrás, como se eu tivesse batido nele. Baixou os olhos para o chão e enrubesceu.

— Desculpe, senhora — balbuciou.

Então olhou de novo para mim. Primeiro parecia encabulado, mas lentamente uma expressão de raiva tomou conta de seu rosto. Percebi que tinha passado da conta outra vez. Deixara o policial envergonhado, e essa é uma coisa que eu não precisaria explicar às moças do meu país nem às moças do seu: quando se deixa um homem envergonhado, ele se torna perigoso. O policial encarou-me por um bom tempo e comecei a sentir muito medo. Achei que não conseguiria esconder isso, de modo que tive de baixar a cabeça. Foi quando o policial se virou para um dos outros e disse:

— Fiquem com essa daqui e anotem os dados dela. Vou descer com Paul e localizar a mãe.

— Por favor, preciso lhes mostrar o caminho — pedi.

O policial lançou-me um sorriso frio.

— Somos bastante crescidos, sabemos encontrar o caminho sozinhos.

— Não compreendo por que precisa dos meus dados.

— Preciso dos seus dados, senhora, porque está bastante claro que a senhora não quer me fornecer seus dados. Em geral, esse é o momento em que eu decido que preciso deles. Nada de pessoal, senhora. Ficaria espantada se soubesse quantas vezes, nos casos de pessoas desaparecidas, o cidadão que faz a chamada é que é a chave do desaparecimento.

Acompanhei-o com o olhar enquanto atravessava o portão junto com o que se chamava Paul. O outro policial chegou perto de mim e encolheu os ombros.

— Com licença — disse. — Venha por aqui, senhora, por favor, e acomode-se no carro-patrulha para ficar mais confortável, vou somente anotar seus dados. Não vai levar nem um minuto e depois a senhora pode ir. Enquanto isso, se o menino estiver lá, meus colegas vão localizá-lo, posso lhe garantir.

Abriu a porta de trás do carro e me fez sentar. Deixou a porta aberta enquanto falava no seu rádio. Era magro, com pulsos claros e finos e uma barriguinha de chope, como o funcionário da unidade que estava de plantão no dia em que nos soltaram. O carro de polícia cheirava a náilon e a cigarro.

— Qual é seu nome, senhora? — perguntou o policial daí a pouco.

— Por que precisa saber?

— Escute, temos dois ou três casos de pessoas desaparecidas por semana e sempre chegamos com imparcialidade ao local. Estamos aqui para ajudar, e a situação pode estar muito clara em sua cabeça, mas, para nós, só podemos saber com o que estamos lidando depois de fazer algumas perguntas. Há sempre uma velha história por trás desses desaparecimentos. As famílias são esquisitas. Em geral, a gente faz umas perguntas e logo percebe direitinho por que a pessoa procurada sumiu do mapa, se é que me entende. — Abriu um sorriso. — Está tudo bem, a senhora não é suspeita, nem nada.

— Claro.

— Muito bem, então, se pudermos começar com seu nome…

Suspirei e me senti muito triste. Sabia que estava tudo acabado para mim. Não podia dar meu nome verdadeiro ao policial porque então descobririam o que eu era. Mas também não tinha um nome falso para dar a ele. Jennifer Smith, Alison Jones — nenhum desses nomes é real quando não se tem documentos que combinem com eles. Nada é verdade a menos que exista uma tela que diz que é, em algum lugar naquele prédio cheio de

computadores e xícaras de café localizado no coração do Reino Unido. Sentei bem ereta no banco traseiro do carro de polícia, respirei fundo e olhei para o policial direto nos olhos.

— Meu nome é Pequena Abelha.

— Soletre para mim, por favor.

— P-E-Q-U-E-N-A-A-B-E-L-H-A.

— Esse é seu nome ou seu sobrenome, senhora?

— É meu nome inteiro. É quem eu sou.

O policial suspirou, virou-se e falou no seu rádio.

— Charlie Bravo para controle — disse. — Enviem uma unidade, por favor. Tenho alguém aqui para sujar os dedos e fazer umas fotos.

Virou-se outra vez para mim e não estava mais sorrindo.

— Por favor, por favor — pedi —, me deixe ajudar a procurar o Charlie.

Ele sacudiu a cabeça, negando.

— Espere aqui.

E fechou a porta do carro. Fiquei sentada um tempo enorme. Sem o vento, fazia muito calor no banco de trás do carro. Esperei até outro grupo de policiais chegar e me levar. Puseram-me dentro de um furgão. Através da grade de metal do vidro traseiro, vi Isabella Plantation desaparecer.

Sarah e Lawrence foram me visitar naquela noite. Eu estava numa cela na delegacia de polícia de Kingston-upon-Thames. O guarda escancarou a porta sem bater e Sarah entrou. Sarah estava carregando Charlie. Ele dormia no colo dela com a cabeça apoiada em seu ombro. Fiquei tão feliz ao ver Charlie a salvo que chorei. Beijei o rosto de Charlie. Ele se remexeu dormindo e suspirou. Através dos furos da bat-máscara dele, vi que estava sorrindo enquanto dormia. O que me fez sorrir também.

Do lado de fora da cela, Lawrence estava discutindo com um policial.

— Isso é ridículo. Não podem deportá-la. Ela tem uma casa onde ficar. Tem uma pessoa responsável por ela.

— Não sou eu que determino o regulamento, senhor. O pessoal da imigração faz suas próprias leis.

— Mas você deve poder nos dar um pouco de tempo para apresentar uma defesa. Trabalho para o Ministério do Interior, posso entrar com um recurso.

— Se me permite dizer, senhor, caso eu trabalhasse para o Ministério do Interior e o tempo todo soubesse que essa moça é ilegal, eu ficaria de boca fechada.

— Só um dia, então. Vinte e quatro horas, por favor.

— Sinto muito, senhor.

— Oh, que merda, parece que estou falando com um robô.

— Sou de carne e osso como o senhor. A questão é que, como já disse, não sou eu que determino o regulamento.

Dentro de minha cela, Sarah chorava.

— Não entendi — disse ela. — Me desculpe, Abelhinha, mas eu não fazia ideia. Pensei que você estivesse apenas sendo cabeça-dura. Quando Lawrence mandou você chamar a polícia, nem pensei… eu não pensei… e agora… ah, meu Deus. Você sabia que isso poderia acontecer e obedeceu sem discutir nem pensar em você mesma.

Sorri.

— Valeu a pena — eu disse. — Valeu, para encontrar Charlie.

Sarah desviou o olhar.

— Não fique triste, Sarah. A polícia encontrou Charlie, não foi?

Ela se virou para mim devagar e me olhou com os olhos muito brilhantes.

— Foi, Abelhinha, houve uma grande busca e eles o encontraram. Tudo graças a você. Oh, Abelhinha, nunca encontrei pessoa mais generosa… nem mais corajosa… ah, meu Deus…

Ela aproximou o rosto da minha orelha.

— Não vou deixar fazerem isso com você — cochichou. — Vou encontrar uma saída. Não vou deixar mandarem você de volta para ser morta.

Fiz um grande esforço para sorrir.

Para sobreviver, a gente tem de ter boa aparência ou falar direito. Eu aprendi o Inglês da Rainha. Aprendi tudo o que podia aprender sobre a língua de vocês, mas acho que passei das medidas. Naquele momento, por exemplo, não achei as palavras certas. Segurei a mão esquerda de Sarah, levei-a aos lábios e beijei a junta lisa que era tudo o que tinha restado de seu dedo.

Naquela noite, escrevi uma carta para Sarah. O policial de plantão me deu lápis e papel e prometeu colocar a carta no correio para mim.

Querida Sarah,

Obrigada por ter salvado a minha vida. Não foi por nossa vontade que nossos mundos se encontraram. Por algum tempo, achei que tinham se juntado, mas foi só um sonho bonito. Não fique triste. Você merece que sua vida volte a ser descomplicada. Acho que virão logo me buscar. Nossos mundos são separados e agora nós também temos de nos separar.

Com carinho, Abelhinha.

Vieram me buscar às quatro da manhã. Três funcionários uniformizados da imigração, uma mulher e dois homens. Ouvi o som dos sapatos deles no linóleo do corredor. Ficara acordada a noite inteira esperando por eles. Ainda estava usando o vestido de verão que Sarah me dera, com a linda renda em torno do pescoço, e segurava minhas coisas na sacola plástica transparente. Levantei-me, e portanto estava esperando por eles quando escancararam a porta. Saímos da cela. A porta se fechou atrás de mim. Bum, a porta bateu, e acabou-se. Lá fora na rua estava chovendo. Colocaram-me no fundo de um furgão. A rua estava molhada e os faróis empurravam faixas de luz ao longo dela. Uma das janelas de trás estava meio aberta. A traseira do furgão tinha cheiro de vômito, mas o ar que

entrava pela janela cheirava a Londres. Em todas as ruas, as janelas dos apartamentos estavam silenciosas e cegas, com as cortinas fechadas. Desapareci e ninguém me viu ir embora. A funcionária da imigração me algemou nas costas do banco à minha frente.

— Não é necessário me algemar — eu disse. — Como eu poderia fugir daqui?

A mulher virou para trás e me olhou. Estava surpresa.

— Você fala inglês muito bem — disse ela. — A maioria das pessoas que trazemos não fala uma palavra.

— Achei que se aprendesse a falar como vocês eu poderia ficar.

A mulher sorriu.

— Não importa como se fala, não é mesmo? — disse ela. – Vocês sugam recursos. A questão é que vocês não são daqui.

O furgão dobrou a esquina no final da rua. Olhei através da grade de metal no vidro traseiro do furgão e vi duas fileiras de casas semigeminadas desaparecerem. Pensei em Charlie, dormindo profundamente debaixo de seu edredom, pensei em seu sorriso corajoso e meu coração doeu porque nunca mais o veria. Havia lágrimas em meus olhos.

— Mas, por favor, o que isso significa? — perguntei. — O que significa "ser daqui"?

A funcionária da imigração virou-se outra vez para olhar para mim.

— Ora, você tem de ser britânica, não é? Precisa ter nossos valores.

Desviei a cabeça e olhei para fora, para a chuva.

TRÊS DIAS DEPOIS, UM grupo diferente de funcionários tirou-me de outra cela e colocou-me num micro-ônibus com mais uma moça. Levaram-nos para o aeroporto de Heathrow. Passamos direto pela fila no terminal do aeroporto e eles nos deixaram numa sala pequena. Nós duas estávamos algemadas. Mandaram-nos sentar no chão — não havia cadeiras ali. Havia outras vinte pessoas na sala, homens e mulheres, e fazia muito calor lá dentro. Não havia ar fresco e era difícil respirar. Uma guarda estava

postada na entrada da sala. Trazia um cassetete e uma lata de spray de pimenta no cinto. Perguntei a ela: O que está acontecendo aqui?

A guarda sorriu. E disse:

— *O que está acontecendo aqui é que um grande número de máquinas voadoras a que chamamos de* AVIÕES *está decolando e aterrissando numa comprida longa reta de macadame alcatroado a que chamamos de* PISTA DE POUSO E DECOLAGEM, *porque este é um lugar a que chamamos de* AEROPORTO, *e logo um desses aviões vai sair para a* UMBONGOLÂNDIA, *de onde você veio, e você vai estar nele. Tá bem? Queira você ou não. Agora, mais alguém tem alguma pergunta?*

Esperamos muito tempo. Alguns foram levados para fora da sala. Um deles chorava. Outro, um homem magro, estava irritado. Tentou resistir à guarda mas ela lhe aplicou duas cassetadas no estômago. Depois disso ele ficou quieto.

Adormeci sentada. Quando acordei, vi um vestido roxo e longas pernas escuras à minha frente.

— Yevette! — exclamei.

A mulher se virou para me olhar, mas não era Yevette. Primeiro fiquei triste por não ver minha amiga, e depois compreendi que estava era feliz. Se não era Yevette, havia uma chance de Yevette ainda estar livre. Pensei nela andando pelas ruas de Londres, com suas sandálias de dedo roxas e as sobrancelhas pintadas a lápis, comprando quatrocentos gramas de bacalhau e rindo, Ua-ha-ha-ha! para o céu muito azul. E sorri.

A mulher que não era Yevette fez uma cara feia para mim.

— Você regula bem da cabeça? — perguntou. — Acha que estão nos mandando para uma viagem de férias?

Sorri outra vez.

— Acho — respondi. — De férias de uma vida.

Ela me deu as costas e não falou mais comigo, e quando a chamaram para se levantar e embarcar em seu voo, ela saiu andando sem criar caso e nem uma vez se virou para me olhar. Quando a vi ir embora, percebi a

realidade da minha situação e tive medo então, pela primeira vez. Tive medo de voltar. Chorei e vi minhas próprias lágrimas pingando no tapete marrom sujo.

Não nos deram nem comida nem água, e senti fraqueza. Depois de mais algumas horas, vieram me buscar. Eles me conduziram até o avião. Os outros passageiros, os passageiros pagantes, eles os fizeram recuar enquanto eu subia na frente a escada do avião. Todos me olhavam. Levaram-me para o fundo, para a última fileira de assentos antes dos banheiros. Puseram-me num lugar ao lado da janela e um guarda sentou-se ao meu lado, um homem grandalhão de cabeça raspada e um brinco de ouro. Vestia uma camiseta azul da Nike e calças pretas Adidas. Ele tirou minhas algemas e esfregou meus pulsos para fazer o sangue circular de novo em minhas mãos.

— Desculpe — disse o homem. — Detesto essa merda toda tanto quanto você.

— Então por que faz isso?

O homem encolheu os ombros e afivelou seu cinto de segurança.

— É um emprego, não é? — respondeu.

Puxou uma revista da bolsa no assento à sua frente e a abriu. Havia ali relógios masculinos para vender e também um avião de pelúcia que podia ser dado de presente a crianças.

— Devia fazer outro trabalho, se não gosta desse.

— Ninguém escolhe esse trabalho, benzinho. Não tenho qualificações, sabe como é? Costumava fazer uns bicos como operário, mas agora não dá mais para competir com os polacos. Os polacos trocam um dia inteiro de trabalho por um muito obrigado e um maço de cigarros. Por isso, cá estou eu, acompanhando garotas como você nas férias de sua vida. Um desperdício, pra falar a verdade, é ou não é? Aposto que você tem mais chances de conseguir um emprego do que eu. Você é que devia estar me acompanhando, não é? De volta para aquele lugar para onde estamos indo, sei lá como se chama.

— Nigéria.

— É, isso aí. Faz um calor danado lá, não é?

— Mais do que na Inglaterra.

— É, foi o que pensei. Nesses lugares geralmente faz calor, lá de onde vocês vêm.

Voltou a atenção para a revista e folheou-a um pouco. Cada vez que virava uma página, molhava o dedo na língua para o papel aderir. Havia tatuagens nas juntas de seus dedos, pequenos pontos azuis. Seu relógio era grande e dourado, mas o dourado estava gasto. Era parecido com um dos relógios da revista do avião. Ele virou mais umas páginas e levantou os olhos para mim outra vez.

— Você não é muito de falar, hein?

Dei de ombros.

— Tudo bem, não me importo — continuou. – Antes isso do que um bezerro desmamado.

— Bezerro desmamado?

— Alguns choram à beça. As pessoas que eu acompanho de volta. As mulheres não são as piores, acredite. Teve um cara, certa vez, a gente estava indo para o Zimbábue, que chorou sem parar durante seis horas. Lágrimas e catarro pra todo lado, que nem um bebê, juro, não estou brincando. Foi ficando meio embaraçoso depois de um tempo. Alguns passageiros, sabe, começaram a olhar, e tudo o mais. E eu pra ele: Ô, companheiro, se anima, isso não pode acontecer, mas não adiantava. Ele continuava a chorar e a falar sozinho numa língua esquisita. Alguns de vocês, tenho pena de ver irem embora, mas aquele, vou te contar, eu não via a hora de passar ele adiante. Mas o trabalho valeu a pena, no fim. Como só teria um voo de volta dali a três dias, me puseram no Sheraton. Assisti a Sky Sports durante três dias, cocei o saco e ainda ganhei uma diária e meia. Claro que quem ganha dinheiro mesmo são os grandes empresários. Aqueles para quem eu trabalho agora, uma firma holandesa, eles é que mandam. Dirigem os centros de detenção e cuidam das repatriações. E aí eles ganham de qualquer jeito, trancando vocês ou mandando vocês de volta. Beleza, não é?

— Beleza — eu disse.

O homem bateu com um dedo no lado da cabeça.

— Mas é assim que a gente tem de pensar atualmente, sabia? É a globalização.

O avião começou a se deslocar para a frente na pista e algumas telas de televisão desceram do teto. Começaram a passar um filme sobre segurança. Disseram o que deveríamos fazer caso a cabine se enchesse de fumaça, e também disseram onde nossos coletes salva-vidas estavam guardados caso pousássemos na água. Notei que não nos mostraram que posição adotar caso fôssemos deportados para um país onde provavelmente seríamos mortos por causa de acontecimentos que tínhamos presenciado. Disseram que havia mais informações no cartão de segurança que se encontrava na bolsa do assento à nossa frente.

Houve um ruído imenso e apavorante, tão alto que pensei: Eles nos enganaram. Pensei que iríamos viajar mas na realidade estamos sendo destruídos. Mas então houve uma forte aceleração e tudo começou a sacudir e a se inclinar num ângulo aterrorizante, e de repente toda a vibração acabou e o som diminuiu e meu estômago ficou revirado. O homem ao meu lado, meu guarda, olhou para mim e deu uma risada.

— Relaxe, benzinho, estamos voando.

Depois da decolagem, o comandante foi ao alto-falante. Disse que o tempo estava bom e ensolarado em Abuja.

Compreendi que, durante algumas horas, eu não estava no país de ninguém. Disse para mim mesma: Olhe só, Abelhinha — finalmente você está voando. Buzz, buzz. Comprimi meu nariz na janela do avião. Contemplei as florestas, os campos e as estradas com seus carrinhos minúsculos, todas aquelas vidas minúsculas e preciosas. Quanto a mim, sentia que minha vida já se acabara. De lá de cima, completamente sozinha no céu, eu via a curvatura do mundo.

E então ouvi uma voz, uma voz gentil e suave que me era familiar.

— Abelhinha? — disse a voz.

Virei-me da janela e dei com Sarah. Ela estava de pé no corredor, sorridente. Charlie segurava a mão dela e estava sorrindo também. Usava sua roupa de Batman e sorria largamente, como se tivesse acabado de matar todos os bandidos.

— Nós tá no céu, né? — disse ele.

— Não, querido — corrigiu Sarah. — Nós estamos no céu, não é?

Eu não compreendia o que estava vendo. Sarah estendeu o braço por cima do guarda e pousou sua mão na minha.

— Lawrence descobriu qual era o seu voo — explicou ela. — Ele até que conhece algumas pessoas bem úteis, afinal de contas. Não podíamos deixar você voltar sozinha, Abelhinha. Podíamos, Batman?

Charlie balançou a cabeça. Parecia muito sério agora.

— Não. Porque cê é nossa amiga.

O guarda, ele não sabia o que fazer.

— Já vi de tudo, agora não me falta mais nada — resmungou.

Enfim, ele se levantou e cedeu o lugar para Sarah e Charlie se sentarem ao meu lado. Os dois me abraçaram enquanto eu chorava, e os outros passageiros se viraram em seus assentos para assistir àquele milagre, e o avião voou com todos nós para o futuro a novecentos quilômetros por hora.

Daí a algum tempo, trouxeram-nos amendoins e Coca-Cola em lata. Charlie bebeu a sua depressa demais e a Coca-Cola saiu pelo nariz dele. Depois de limpá-lo, Sarah voltou-se para mim.

— Estranhei o fato de Andrew não ter deixado nenhum bilhete — disse ela —, mas depois refleti a respeito. Não era o estilo de Andrew. Ele não gostava realmente de escrever sobre si próprio.

Balancei a cabeça.

— Seja como for, ele me deixou uma coisa melhor do que um bilhete.

— O quê?

Sarah sorriu.

— Uma história.

EM ABUJA, QUANDO ABRIRAM as portas do avião, o calor e as lembranças entraram juntos. Atravessamos a pista em meio ao ar tremeluzente. No prédio do terminal, meu guarda entregou-me às autoridades.

— Bai-bai. Boa sorte, benzinho — disse ele, despedindo-se.

A polícia militar me esperava numa salinha, usando uniformes e óculos escuros de armação dourada. Não podiam me prender porque Sarah estava comigo. Não saiu do meu lado.

— Sou uma jornalista britânica, disse ela. Se fizerem alguma coisa com essa mulher, vou denunciá-los.

Os policiais militares ficaram inseguros, e então chamaram seu comandante. O comandante veio, de uniforme de camuflagem e boina vermelha, com cicatrizes tribais nas faces. Examinou meu documento de deportação, olhou para mim e para Sarah e Charlie. Ficou parado ali por um bom tempo, coçando a barriga e sacudindo a cabeça.

— Por que a criança está vestida dessa maneira? — indagou ele.

Sarah encarou-o e respondeu.

— O menino acredita que tem poderes especiais.

O comandante abriu um sorriso.

— Bem, pois eu sou um homem comum. Não vou prender nenhum de vocês neste momento.

Todos riram, mas a polícia militar seguiu nosso táxi quando saímos do aeroporto. Eu estava muito assustada, mas Sarah apertou minha mão.

— Não vou deixar você. Enquanto Charlie e eu estivermos aqui, você vai estar segura.

A polícia esperava do lado de fora de nosso hotel. Ficamos lá por duas semanas, e eles também.

DA JANELA DO QUARTO, tínhamos uma vista de Abuja. Prédios altos estendiam-se por quilômetros, altos e limpos, alguns revestidos de vidro prateado, que refletiam as avenidas longas e retas. Contemplei a

cidade com o pôr do sol fazendo os prédios afoguearem-se em vermelho e depois pela noite afora. Não consegui dormir.

Quando o sol nasceu, brilhou entre o horizonte e a base das nuvens. Faiscou na cúpula dourada da mesquita enquanto as quatro torres altas ainda estavam iluminadas por lâmpadas elétricas. Era lindo. Sarah saiu para a sacada do nosso quarto e deu comigo lá de pé, olhando.

— É a sua cidade — ela disse. — Está orgulhosa dela?

— Nem sabia que existia algo assim no meu país. Ainda estou tentando acreditar que é minha.

Fiquei lá a manhã inteira enquanto o dia ia se tornando cada vez mais quente e as ruas cada vez mais movimentadas, com carros, táxis, mototáxis e vendedores ambulantes e suas armações balouçantes com camisetas, lenços de pescoço e remédios.

Charlie ficou sentado dentro do quarto com o ar-condicionado ligado, assistindo a desenhos animados, e Sarah espalhou todos os papéis de Andrew numa mesa baixa e comprida. Em cima de cada pilha de papéis, colocamos um sapato, um abajur, ou um copo para que não voassem com o vento dos grandes ventiladores de mogno que giravam no teto. Sarah explicou como escreveria o livro para o qual Andrew viera pesquisando. Preciso levantar mais histórias como a sua — ela disse. — Acha que podemos fazer isso aqui? Sem viajar para o sul do país?

Não respondi. Passei os olhos por alguns papéis e depois saí para a sacada outra vez. Sarah veio também e parou ao meu lado.

— O que foi? — perguntou.

Com um movimento da cabeça, indiquei o carro da polícia militar esperando na rua lá embaixo. Dois homens estavam encostados nele, de uniformes verdes, boinas e óculos escuros. Um deles olhou para cima. Disse alguma coisa quando nos viu, e seu companheiro também levantou a cabeça para nos olhar. Fitaram longamente nossa sacada, então acenderam cigarros e sentaram-se no carro, um no banco da frente e outro no de trás, com as portas abertas e suas botas pesadas apoiadas no asfalto.

— Sabe que não é uma boa ideia levantar histórias — eu disse.

Sarah sacudiu a cabeça.

— Não concordo. Acho que é a única maneira de dar segurança a você.

— Como assim?

Sarah tirou os olhos da rua.

— Nosso problema é que você só tem sua própria história. Com uma história só, você é fraca. No entanto, assim que tivermos cem histórias, você estará forte. Se pudermos mostrar que aquilo que aconteceu em sua aldeia aconteceu em uma centena de aldeias, o poder vai estar do nosso lado. Precisamos levantar histórias de pessoas que passaram pelas mesmas coisas que você. Precisamos tornar isso inegável. Então, poderemos enviar as histórias para um advogado e informar às autoridades que, se alguma coisa acontecer com você, essas histórias irão direto para os meios de comunicação. Entendeu? Acho que era o que Andrew esperava fazer com o livro dele. Foi a forma que encontrou para salvar meninas como você.

Encolhi os ombros.

— E se as autoridades não tiverem medo dos meios de comunicação?

Sarah mexeu a cabeça devagar.

— É uma possibilidade — disse. — Não sei. O que você acha?

Olhei para as torres de Abuja lá fora. Os grandes prédios cintilavam levemente sob o calor, como se fossem ilusórios, como se pudessem ser acordados e esquecidos com um jato de água fria no rosto.

— Não sei — eu disse. — Não sei como são as coisas em meu país. Até os quatorze anos, meu país eram três campos de mandioca e uma limba. E, depois disso, morei no seu país. Portanto, não me pergunte como meu país funciona.

— Humm — fez Sarah. Esperou um minuto e então disse: — Sendo assim, o que você quer que façamos?

Olhei de novo para a cidade que avistávamos daquela sacada. Reparei pela primeira vez quanto espaço havia nela. Havia grandes vazios entre os

quarteirões. Pensei de início que esses quadrados verde-escuros fossem parques e jardins, mas agora via que eram apenas espaços vazios, esperando por algo a ser construído. Abuja era uma cidade inacabada. Aquilo foi muito interessante para mim, verificar que a capital de meu país tinha aqueles quadrados verdes de esperança estabelecidos dentro dela. Ver como meu país carregava seus sonhos numa sacola transparente.

Sorri para Sarah.

— Vamos sair e levantar histórias.

— Tem certeza?

— Quero participar da história do meu país. — E apontei para fora, para a cidade sob o calor. — Está vendo? Deixaram espaço para mim.

Sarah segurou minha mão com força.

— Está bem — disse ela.

— Mas Sarah…

— O que é?

— Há uma história que preciso contar a você primeiro.

Contei a Sarah o que tinha acontecido quando Andrew morreu. A história era difícil de ouvir e difícil de contar. Quando acabei, voltei para dentro do quarto do hotel e ela ficou sozinha na sacada. Sentei-me na cama com Charlie, e ele via desenhos animados enquanto eu via os ombros de Sarah sacudindo.

NO DIA SEGUINTE, COMEÇAMOS nosso trabalho. De manhã cedo, Sarah foi à rua e deu uma grande quantia em dinheiro aos policiais militares que esperavam fora do hotel. Depois disso, os olhos deles eram os olhos nos rostos das cédulas que Sarah lhes dava. Não enxergavam nada além do interior do porta-luvas do carro da polícia ou do forro dos bolsos de seus uniformes. A única regra que impunham era que estivéssemos de volta ao hotel toda tarde antes do pôr do sol.

Meu trabalho era localizar pessoas que normalmente teriam medo de falar com uma jornalista estrangeira mas que falavam com Sarah porque eu lhes jurava que ela era uma boa pessoa. Essas pessoas acreditavam no que eu

dizia porque minha história era semelhante às delas. Descobri que éramos muitos em meu país, gente que vira coisas que as companhias de petróleo desejavam que não tivessem sido vistas. Percorremos todo o sudoeste do meu país num velho Peugeot branco, exatamente igual ao que o meu pai tinha.

Eu ia no banco do passageiro e Sarah dirigia, com Charlie rindo no banco de trás. Escutávamos as músicas das estações de rádio locais com o volume bem alto. A poeira vermelha da estrada soprava por toda parte, até dentro do carro, e quando tirávamos a fantasia de Batman de Charlie para lhe dar banho ao fim do dia, sua pele branca tinha dois losangos vermelhos no lugar dos buracos da máscara.

De vez em quando eu sentia medo. Às vezes, quando chegávamos numa aldeia, a maneira como os homens olhavam para mim me lembrava como eu e minha irmã tínhamos sido caçadas. Eu me perguntava se as companhias de petróleo ainda estavam dispostas a pagar alguém que se dispusesse a fechar a minha boca para sempre. Eu tinha medo dos homens nas aldeias, mas Sarah apenas sorria. Relaxe, dizia. Lembre o que aconteceu no aeroporto. Nada vai acontecer com você enquanto eu estiver aqui.

E comecei mesmo a relaxar. Em cada aldeia, encontrava pessoas com histórias, que Sarah anotava. Era fácil. Começamos a ficar felizes. Achávamos que tínhamos feito o suficiente para nos salvar. Pensávamos: Este é um bom truque.

Certa noite, quando já estávamos em meu país havia duas semanas, sonhei com minha irmã Nkiruka. Ela saiu de dentro do mar. Primeiro, a superfície da água se agitou com o movimento de algo invisível e então, no intervalo entre duas ondas, vi o alto da cabeça dela com espuma branca dançando em volta. Depois, o rosto de minha irmã surgiu acima da água, ela andou lentamente para a praia na minha direção e parou ali, sorridente, vestindo a camisa havaiana que eu usava quando saí da unidade. Estava encharcada de água salgada. Minha irmã me chamou uma vez e esperou.

Quando Sarah acordou, fui falar com ela. Por favor, pedi, temos de ir até o mar. Preciso dizer adeus à minha irmã.

Sarah olhou-me longamente e assentiu. Não dissemos mais nada. Naquela manhã, Sarah deu muito mais dinheiro aos policiais do que antes. Seguimos de carro para o sul, para a cidade de Benin, aonde chegamos no fim da tarde. Passamos a noite em outro hotel exatamente igual e, na manhã seguinte, rumamos para o sul outra vez, em direção ao litoral. Saímos cedo, com o sol ainda baixo no céu e a luz que brilhava nas janelas do carro ainda morna e dourada. Charlie suspirava e batia com os calcanhares no banco traseiro.

— Já tá quase chegando? — perguntava.

Sarah sorria para ele pelo espelho retrovisor.

— Quase, querido — respondia.

A estrada terminava numa das vilas de pescadores que existem naquele local, e descemos do carro pisando na areia. Charlie deu risadas e correu para a praia para fazer castelos de areia. Sentei na areia ao lado de Sarah e contemplamos o oceano. Não havia outro som além do ruído das ondas quebrando. Afinal, Sarah virou-se para mim e disse:

— Estou orgulhosa por termos vindo até aqui.

Segurei a mão dela.

— Sabe, Sarah, desde que saí do meu país, sempre penso comigo mesma: Como explicaria essas coisas às moças lá da minha terra?

Sarah riu e estendeu as mãos para os dois lados da praia.

— E aí? — perguntou ela. — Como você explicaria isso às moças da sua terra? Porque precisaria explicar, não é mesmo?

Sacudi a cabeça.

— Eu não explicaria nada disso às moças da minha terra.

— Não?

— Não, Sarah. Porque hoje estou me despedindo de tudo isso. Somos nós as moças da minha terra agora. Você e eu. Para mim, não há mais para

onde voltar. Não preciso contar essa história para mais ninguém. Obrigada por me salvar, Sarah.

Vi então que Sarah estava chorando, e comecei a chorar também.

Quando o dia ficou mais quente, a praia se encheu de gente. Havia pescadores que entravam pelas ondas e atiravam redes largas e brilhantes diante deles, havia velhos que vinham se sentar e olhar o mar e mães que traziam seus filhos para brincar na água.

— Deveríamos ir perguntar a essas pessoas se alguém tem uma história para contar — sugeri.

Sarah sorriu e apontou para Charlie.

— É, mas isso pode esperar — disse. — Olhe só como ele está se divertindo.

Charlie corria e dava risadas e, vou lhes contar, umas dez crianças do lugar corriam junto com ele, e riam e gritavam, porque se existe uma coisa que não se vê com frequência nas praias do meu país é um super-herói branco de menos de um metro de altura com areia e sal em sua capa. Charlie ria com as outras crianças, correndo, brincando, uns atrás dos outros.

Fazia calor, e enfiei os dedos dos pés na areia mais fria.

— Sarah, quanto tempo acha que você vai ficar por aqui?

— Não sei. Quer tentar voltar comigo para a Inglaterra? Podemos tentar conseguir documentos para você desta vez.

Dei de ombros.

— Eles não querem pessoas como eu no seu país.

Sarah achou graça.

— Eu sou inglesa e quero pessoas como você lá. Com certeza, não sou a única.

— As pessoas vão dizer que você é ingênua.

Ela sorriu.

— Que digam. Deixe que digam o que acharem melhor.

E ficamos olhando o mar.

À tarde, soprou o vento do mar e adormeci por algum tempo, a metade do corpo à sombra das árvores no alto da praia. O sol aqueceu meu sangue até eu não conseguir manter os olhos abertos, o mar ressoava indo e vindo, indo e vindo, e minha respiração acompanhou o ritmo das ondas e comecei a sonhar. Sonhei que todos ficávamos juntos em meu país. Eu era feliz. Sonhei que era jornalista, que contava as histórias da minha terra, e morávamos todos na mesma casa — eu, Charlie e Sarah —, uma casa alta, ventilada, de três andares, em Abuja. Era uma casa muito bonita. O tipo de lugar com que eu jamais sequer teria sonhado no tempo em que nossa Bíblia terminava no vigésimo sétimo capítulo de são Mateus. Eu estava feliz naquela casa com que sonhei, e a cozinheira e a governanta sorriam para mim e me chamavam de "princesa". Toda manhã bem cedo o menino jardineiro me trazia uma rosa amarela perfumada para eu colocar no cabelo, uma rosa ainda com o orvalho da noite, trêmula em seu fino caule verde. Havia uma varanda de madeira trabalhada, pintada de branco, e um comprido jardim em curva com flores de cores vibrantes e sombras escuras. Eu viajava pelo meu país e escutava histórias de todos os tipos. Nem todas eram tristes. Eu encontrava muitas histórias bonitas. Havia horror, sim, mas havia alegria nelas também. Os sonhos do meu país não são diferentes dos sonhos do seu — são grandes como o coração humano.

Em meu sonho, Lawrence telefonava para Sarah perguntando quando ela voltaria para casa. Sarah lançava um olhar para a varanda, onde Charlie estava brincando com seus cubos de construção, e sorria ao dizer:

— Como assim, voltar para casa? Nós estamos em casa.

Foi o som das ondas batendo na praia que me acordou. Crash, como a gaveta de uma caixa registradora se abrindo de chofre e fazendo todas as moedas dentro dela se chocarem em seus compartimentos. As ondas batiam e voltavam, a gaveta da caixa registradora se abria e se fechava.

Há um momento, quando se desperta de um sonho sob o sol quente, um momento fora do tempo quando não sabemos quem somos. Primeiro, porque nos sentimos absolutamente livres, como se pudéssemos nos

transformar em qualquer coisa, poderíamos ser até dinheiro. Mas então sentimos no rosto um sopro quente e, acho que, não, não sou dinheiro, devo ser aquela brisa quente que sopra do mar. Parece que o peso que sentimos no corpo é o peso do sal no vento, e a sonolência gostosa que nos enfeitiça vem simplesmente do cansaço por empurrar dia e noite as ondas pelo oceano afora. Mas logo percebemos, que, não, eu não sou a brisa. Na verdade, sentimos a areia deslizando pela nossa pele nua. E por um instante somos a areia que a brisa sopra pela praia, só um grão de areia entre os bilhões de grãos que são soprados. Como é bom ser irrelevante. Como é agradável saber que não há nada a fazer. Como é doce simplesmente voltar a dormir, como faz a areia, até o vento resolver acordá-la outra vez. Mas então compreendemos que, não, não sou a areia, porque essa pele na qual a areia desliza, essa pele é a minha. Bem, então, sou uma criatura com pele — e daí? Não sou a primeira criatura a adormecer ao sol, escutando o ruído das ondas. Bilhões de peixes já escapuliram do mar assim, debatendo-se na areia branca ofuscante, e que diferença vai fazer um a mais? Mas o momento prossegue, e não sou um peixe morrendo — e nem estou de fato dormindo — e assim abro os olhos e olho para mim mesma e digo: Ah, então sou uma garota, uma garota africana. É o que sou e o que vou continuar sendo, e enquanto isso a mágica das formas mutantes dos sonhos volta, sussurrante, a se misturar ao rugido do oceano.

Sentei-me, pestanejei e olhei em torno. Uma mulher branca estava sentada ao meu lado na praia sob uma coisa chamada sombra, e lembrei que o nome da mulher branca era Sarah. Vi o rosto dela, com os olhos arregalados voltados para um ponto adiante na praia. Ela parecia — procurei pela palavra para definir a expressão dela em sua língua — ela parecia assustada.

— Ah, meu Deus — Sarah estava dizendo —, acho que precisamos sair daqui.

Sorri, sonolenta. Pois é, pois é, eu pensava. Estamos sempre precisando sair de algum lugar. Onde quer que seja isto aqui, há sempre um

bom motivo para sairmos. Essa é a história da minha vida. Sempre fugindo, fugindo, fugindo, sem um momento de paz. Às vezes, quando penso em minha mãe, meu pai e minha irmã mais velha Nkiruka, acho que vou fugir sempre até o dia em que me encontrar com os mortos.

Sarah agarrou minha mão e tentou me puxar para cima.

— Levante, Abelhinha — disse ela. — Há soldados chegando. Pela praia.

Inalei o cheiro quente e salgado da areia. Suspirei. Olhei para onde Sarah estava olhando. Havia seis soldados. Ainda estavam longe, na praia. O ar acima da areia estava tão quente que dissolvia as pernas dos homens numa oscilação intermitente, numa confusão verde de cores, de modo que os soldados pareciam estar flutuando na nossa direção numa nuvem feita de alguma substância encantada, livre como os pensamentos de uma garota que acorda de seus sonhos numa praia quente. Apertei meus olhos contra a claridade e vi a luz faiscar nos canos dos fuzis dos soldados. Esses fuzis eram mais nítidos do que os homens que os carregavam. Mantinham suas linhas firmes e retas, enquanto os homens atrás deles bruxuleavam. Assim, os fuzis cavalgavam seus homens como se eles fossem mulas, orgulhosos e reluzindo ao sol, sabendo que se um animal debaixo deles morresse eles simplesmente cavalgariam outro. Foi assim que o futuro veio ao meu encontro em meu país. O sol brilhava em seus rifles e também latejava em minha cabeça descoberta. Eu não conseguia pensar. Fazia muito calor e a tarde já havia começado há muito tempo.

— Por que teriam vindo atrás de nós aqui, Sarah?

— Sinto muito, Abelhinha. São aqueles policiais de Abuja, não são? Pensei que o dinheiro que dei a eles fosse suficiente para mantê-los alguns dias de olhos fechados. Mas alguém deve ter dado com a língua nos dentes. Devem ter nos visto em Sapele.

Eu sabia que era verdade, mas fingi que não era. Este é um bom truque. Chama-se: Salvar um minuto da parte mais calma do final da tarde enquanto há tempo.

— Talvez os soldados estejam só dando um passeio à beira-mar, Sarah. De qualquer maneira, esta praia é grande. Eles não vão saber quem somos.

Sarah pegou meu rosto e virou minha cabeça até me fazer olhar para ela.

— Olhe para mim – ela disse. — Olhe como sou branca, Abelhinha. Está vendo alguma outra mulher na praia desta cor?

— E daí?

— E daí que eles vão procurar por uma garota com uma mulher branca e um menino branco. Afaste-se de nós, está bem, Abelhinha? Vá para aquele ponto lá adiante, onde estão aquelas outras mulheres, e só olhe para trás depois que os soldados forem embora. Se eles nos levarem, Charlie e eu, não se preocupe. Não podem fazer nada conosco.

Charlie pendurou-se na perna de Sarah e levantou o rosto para ela.

— Mamãe, por que Abelhinha tem de ir para lá?

— É por pouco tempo, Charlie. Só até os soldados irem embora.

Charlie pôs as mãos nos quadris.

— Não quero que Abelhinha vai — disse ele.

— Ela tem de se esconder, querido. Só por uns minutos — explicou Sarah.

— Por quê? — insistiu Charlie.

Sarah fixou o olhar no mar, e a expressão do rosto dela era a mais triste que jamais vi. Respondeu a Charlie, mas virou-se para mim quando falou.

— Porque ainda não fizemos o suficiente para salvá-la. Pensei que tivéssemos feito, mas temos de fazer mais. E vamos fazer mais, querido. Vamos mesmo. Nunca vamos desistir de Abelhinha. Porque ela agora faz parte de nossa família. E enquanto ela não estiver feliz e em segurança, acho que nós também não estaremos.

Charlie agarrou-se à minha perna.

— Quero ir com ela — ele disse.

Sarah fez que não com a cabeça.

— Preciso que você fique aqui tomando conta de mim, Batman.

Charlie sacudiu a cabeça. Olhei para a praia, lá adiante. Os soldados estavam a uns oitocentos metros de distância. Vinham devagar, olhando à direita e à esquerda, examinando os rostos das pessoas na praia. Às vezes, paravam e só retomavam seu caminho depois que alguém lhes mostrava os documentos. Concordei, então, movimentando a cabeça levemente.

— Obrigada, Sarah.

Caminhei, descendo até a areia dura, onde as ondas quebravam. Olhei para o horizonte enevoado e acompanhei o azul e o anil intensos do oceano desde aquela linha distante até a praia, onde ele se desmanchava em ondas de espuma branca e lançava na areia seus últimos lençóis finos de água borbulhante e sibilante, até se desfazer no lugar onde estavam meus pés. Vi como ele acabava ali. A areia molhada sob meus pés me fez pensar em como fora quando os homens nos levaram embora, eu e Nkiruka, e comecei a ficar com medo. Agora estava completamente alerta. Ajoelhei-me onde as ondas quebravam e molhei com a água fria e salgada minha cabeça e meu rosto até conseguir pensar com clareza. Então saí andando depressa para o ponto na praia que Sarah me mostrara. O lugar ficava a dois ou três minutos de caminhada. Uma muralha de rocha cinzenta e escura saía de dentro da selva da altura das árvores e avançava pela areia até o mar, tornando-se mais baixa aos poucos mas ainda alcançando a altura de dois homens na extremidade, quando mergulhava na arrebentação. As ondas batiam de encontro a essa rocha e lançavam explosões de espuma branca para o céu de um azul-prateado. À sombra da rocha de repente fez frio, e minha pele arrepiou-se ao tocar a pedra escura. Havia algumas mulheres do local descansando ali à sombra, sentadas na areia dura com as costas apoiadas na rocha, enquanto as crianças brincavam em torno delas, pulando por cima das pernas das mães e correndo para o raso, rindo e desafiando-se umas às outras a entrar na espuma branca e rumorosa, onde as ondas grandes se chocavam contra a ponta da rocha.

Sentei-me junto com as outras mulheres e sorri para elas. Elas sorriram de volta e falaram na sua língua, mas não as compreendi. As mulheres cheiravam a suor e fumaça de lenha. Olhei para a praia lá longe, de onde eu viera. Os soldados estavam perto. As mulheres ao meu redor também observavam os soldados. Quando eles se aproximaram o suficiente para distinguir a cor da pele de Sarah, vi que começaram a andar mais depressa. Pararam diante de Sarah e de Charlie. Sarah aprumou bem o corpo e encarou os soldados com as mãos nos quadris. O líder dos soldados deu um passo à frente. Era alto e descontraído, com o fuzil pendurado no ombro e a mão coçando o cocuruto. Dava para ver que estava sorrindo. Ele disse algo e vi Sarah sacudir a cabeça. O chefe dos soldados então parou de sorrir. Gritou com Sarah. Ouvi o grito mas não consegui escutar o que ele disse. Sarah sacudiu a cabeça outra vez e colocou Charlie entre suas pernas. Ao redor de mim, as mulheres estavam de olhos grudados na cena dizendo: Uau, mas as crianças ainda brincavam na água e nem tinham notado o que acontecia mais adiante na praia.

O líder dos soldados tirou a arma do ombro e apontou-a para Sarah. Os outros soldados aproximaram-se dele e também tiraram as armas dos ombros. O líder gritou outra vez. Sarah apenas balançou a cabeça. O líder então puxou o cano da arma para trás e achei que ele fosse enfiá-lo no rosto de Sarah, mas nesse instante Charlie escapou e saiu correndo pela praia em direção à ponta rochosa onde estávamos sentadas. Corria com a cabeça abaixada e a capa de Batman flutuando atrás, e primeiro os soldados somente riram e o acompanharam com os olhos. Mas o líder dos soldados não estava rindo. Gritou algo para seus homens e um deles levantou o fuzil e posicionou-o para apontar para Charlie. As mulheres perto de mim soltaram exclamações de surpresa. Uma delas gritou. Foi um barulho louco, chocante. Primeiro pensei que fosse uma ave marinha bem ao meu lado e minha cabeça virou rápido para ver, mas quando voltei o rosto para onde Charlie corria, vi um jato de areia voando na areia dura junto dele. Não me dei conta imediatamente do que era, mas então ouvi o disparo de fuzil que

causara aquilo. E gritei também. O soldado estava movendo o cano do fuzil, mirando outra vez. Foi quando me levantei e comecei a correr para Charlie. Corri tanto que meus pulmões ardiam e eu gritava para os soldados: Não atirem, não atirem, SOU EU QUEM VOCÊS QUEREM, e corria com os olhos semicerrados e uma das mãos aberta na frente do rosto como se isso fosse me proteger da bala que viria na minha direção. Corria transida de medo, como um cão que se encolhe de um chicote, mas a bala não veio. O líder dos soldados gritou uma ordem e seu homem baixou o fuzil. Então todos os soldados ficaram lá parados, assistindo, com as mãos para baixo.

Charlie e eu, nós nos encontramos a meio caminho entre a ponta da pedra e os soldados. Ajoelhei-me e estendi os braços para ele. O rosto dele estava contorcido de pavor, e segurei-o enquanto ele chorava encostado em meu peito. Esperei que os soldados viessem e me pegassem, mas eles não vieram. O líder permaneceu parado lá olhando, e vi o jeito como ele pendurou o fuzil de volta no ombro e levantou a mão para coçar a cabeça outra vez. Vi Sarah com as mãos atrás da cabeça, puxando o cabelo e gritando que a soltassem enquanto um dos soldados a continha.

Charlie demorou a parar de chorar e depois levantou o rosto para mim. Afastei um pouco da máscara para ver o rosto dele, e ele sorriu para mim. Devolvi-lhe o sorriso naquele momento que o líder dos soldados me concedeu, aquele minuto de dignidade que me ofereceu, de um ser humano para outro, antes de mandar seus homens atravessarem o trecho de areia dura para me buscar. Lá estava, então, a parte mais calma do final da tarde. Sorri para Charlie e compreendi então que ele ficaria livre agora, mesmo que eu não ficasse. Desse modo, a vida que estava em mim encontraria seu destino dentro dele. Não era um sentimento triste. Senti meu coração alçar voo como uma borboleta e pensei: Sim, é isso, algo sobreviveu em mim, algo que não precisa mais fugir porque vale mais do que todo o dinheiro do mundo, e sua moeda corrente, seu verdadeiro destino, são os homens. E não apenas os homens deste país ou daquele país em especial, mas o secreto e irresistível coração dos homens. Sorri de volta para Charlie e soube que as

esperanças de todo este mundo humano podem caber dentro de uma única alma. Este é um bom truque. Chama-se globalização.

— Tudo vai dar certo, Charlie — eu disse.

Mas Charlie não estava escutando — já ria e esperneava e se debatia para ser posto no chão. Espiou por cima do meu ombro as crianças do local, que ainda brincavam na água rasa espumante em torno da ponta de rocha.

— Me solta! Me solta!

Fiz que não com a cabeça.

— Não, Charlie, está fazendo muito calor. Você não pode sair por aí correndo vestido com sua roupa desse jeito ou vai derreter, ouça o que estou dizendo, e aí não vai poder nos salvar dos bandidos para nos ajudar. Tire sua roupa de Batman agora mesmo, e então vai ser você mesmo e poder se refrescar no mar.

— Não!

— Por favor, Charlie, você precisa tirar. É para seu próprio bem.

Charlie sacudiu a cabeça. Coloquei-o na areia, ajoelhei a seu lado e cochichei em seu ouvido.

— Charlie, lembra quando prometi que, se tirasse sua fantasia, eu lhe contaria qual é o meu nome de verdade?

Charlie concordou.

— Você ainda quer saber qual é o meu nome de verdade?

Ele inclinou a cabeça para um lado, fazendo as duas orelhas de sua máscara tombarem. Depois inclinou-a para o outro lado. Finalmente olhou direto para mim.

— Qual é seu nome de verdade?

Sorri.

— Meu nome é Udo.

— UU-doo?!

— Isso mesmo. Udo quer dizer paz. Você sabe o que é paz, Charlie?

Ele fez que não.

— Paz é quando as pessoas podem contar umas às outras seus nomes de verdade.

Charlie abriu um sorriso largo. Olhei por cima do ombro dele. Os soldados agora vinham andando na nossa direção. Caminhavam devagar, com os fuzis nas mãos apontando para baixo, e, enquanto os soldados andavam, as ondas rolavam na praia e quebravam na areia, uma a uma, terminando sua jornada. As ondas rolavam, rolavam, rolavam, e a sua força não tinha fim, frias o suficiente para acordarem uma jovem de seus sonhos, sonoras o bastante para contarem e recontarem o futuro. Curvei a cabeça e beijei a testa de Charlie. Ele olhou para mim.

— Udo?

— Sim, Charlie.

— Eu qué tirá minha roupa de Batman agora.

Os soldados estavam quase chegando.

— Ande logo, então, Charlie.

Charlie tirou a máscara primeiro, e as outras crianças soltaram exclamações de espanto quando viram seu cabelo louro. A curiosidade delas prevaleceu sobre o medo dos soldados e correram com suas pernas magricelas para onde estávamos, e quando Charlie tirou o resto de sua fantasia e elas viram seu corpo branco e magricelo, disseram: Uau! porque uma criança assim nunca fora vista naquele lugar. Então Charlie deu uma risada, escapuliu dos meus braços e ficou de pé, e eu permaneci imóvel. Atrás de mim, senti o impacto macio das botas dos soldados na areia e, na minha frente, todas as crianças do lugar saíram correndo com Charlie para a água espumante junto à ponta da rocha. Senti a mão dura de um soldado em meu braço mas não me virei. Sorria e contemplava Charlie correndo com as crianças, abaixando a cabeça, os braços felizes girando como hélices, e chorei de alegria quando todas as crianças puseram-se a brincar juntas na espuma efervescente das ondas que quebravam entre mundos naquela ponta. Era lindo, e esta é uma palavra que eu não teria de explicar às meninas da minha terra, e que nem preciso explicar a vocês, porque agora

estamos todos falando a mesma língua. As ondas ainda arrebentavam na praia, furiosas e irresistíveis. Mas eu, eu vi todas aquelas crianças rindo, dançando e borrifando água salgada e luz do sol brilhante umas nas outras, e eu ri, eu ri, eu ri, até abafar o ruído do mar.